1953

MARÇO

N.430

EU SEI TUDO



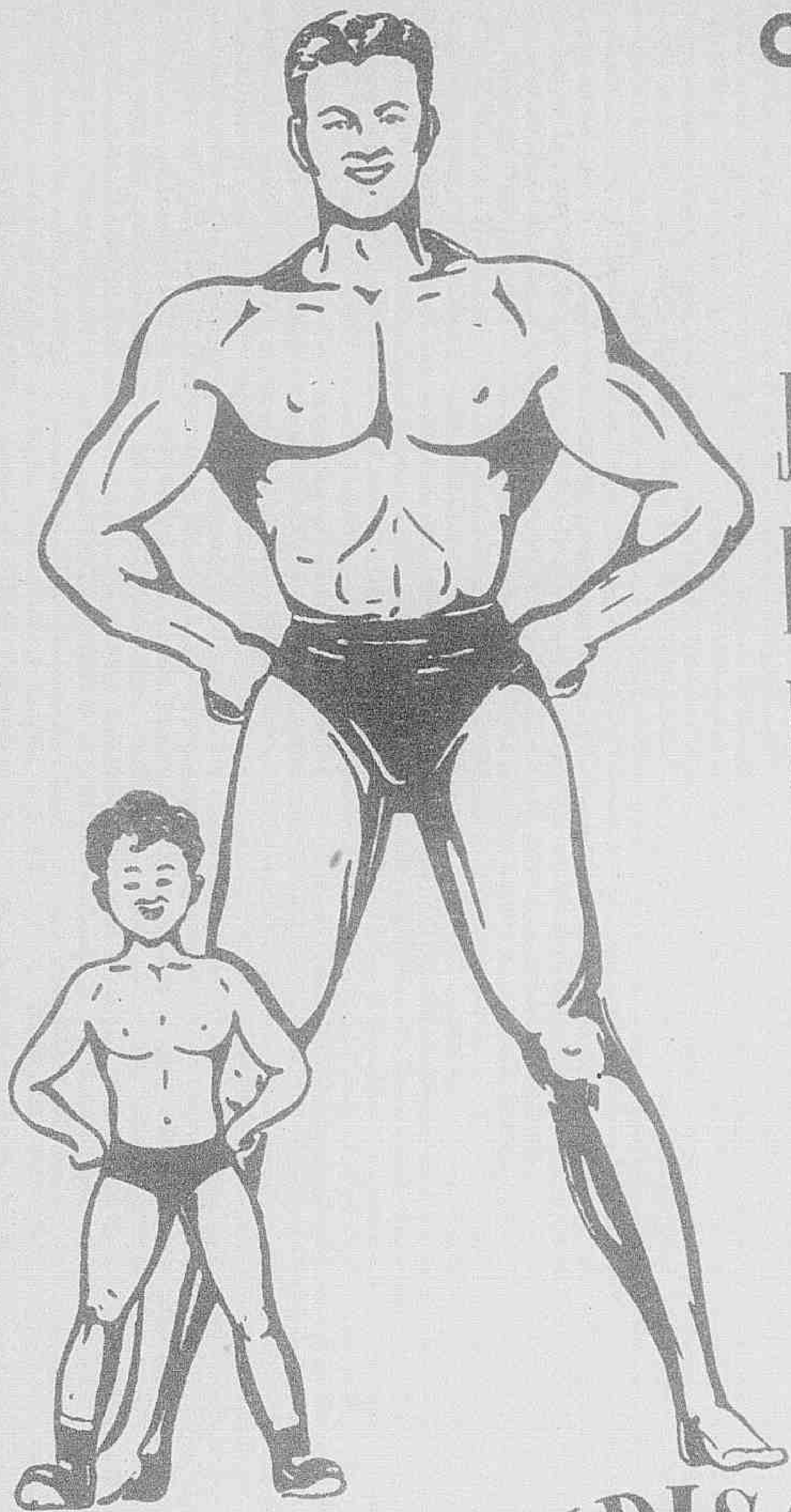


OS ENIGMAS DA "GRANDE PIRAMIDE" ★ 30 STALINS... DE LABORATÓRIO ★ PARA AS SUAS HORAS NEGRAS ★ APRENDAM A DORMIR

ARROZINA

O alimento ideal
dos bebês





JÁ ALIMENTOU
DUAS GERAÇÕES
DE CAMPEÕES



Encontra-se
ARROZINA
em tôdas as far-
mácias e dro-
garias do Brasil



Instituto Dietético Infantil S.L.

FÁBRICA: AV. ODILA, 1549 — Cx. Postal, 4334 — ESCRITÓRIO: R. MARIA PAULA, 136 — Fone, 33-4263
FILIAIS NAS PRINCIPAIS CIDADES DO BRASIL

FILIAIS:

RIO DE JANEIRO
Rua Juan Pablo Duarte, 42 — D. Federal

BAHIA — SERGIPE
Rua Carlos Gomes, 3-A — Salvador

PERNAMBUCO — PARAÍBA
Rua da Saudade, 323 — Recife

RIO GRANDE DO SUL
Rua Riachuelo, 959 — Pôrto Alegre

CEARÁ — PIAUÍ — MARANHÃO
Rua Pedro Pereira, 755 — Fortaleza

DEPÓSITOS E REPRESENTANTES NOS DEMAIS ESTADOS

MÓVEIS — TAPÊTES — CORTINAS



projeto da CASA NUNES para CURITIBA — Estado do Paraná

Tapêtes e passadeiras

de forração em côres lisas e com flores

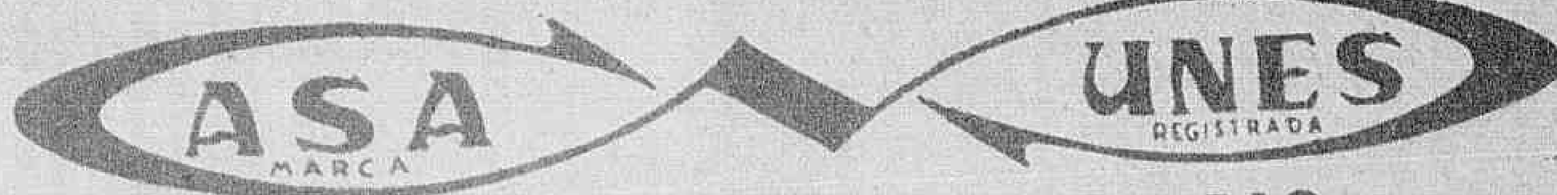


Grupos estofados

especialidade de nossas oficinas

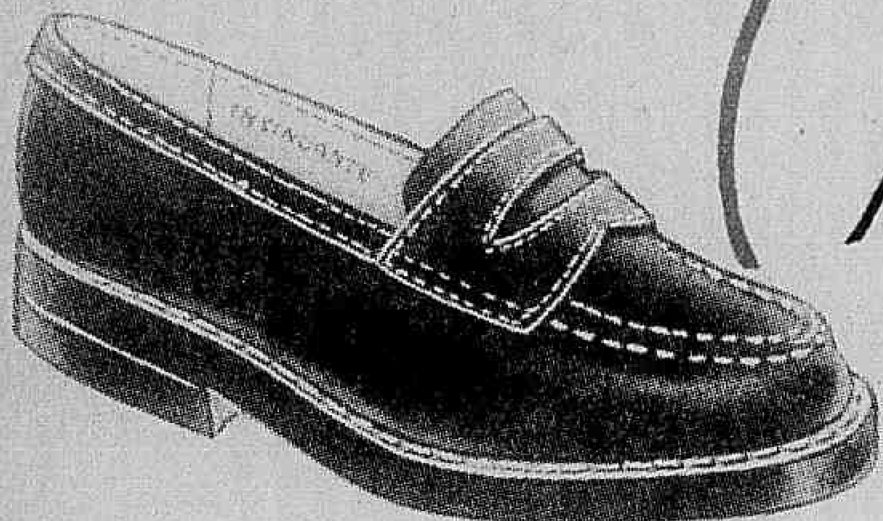
Tapêtes feitos à mão

de grande beleza e originalidade



65 rua da CARIOCA 67 -- RIO

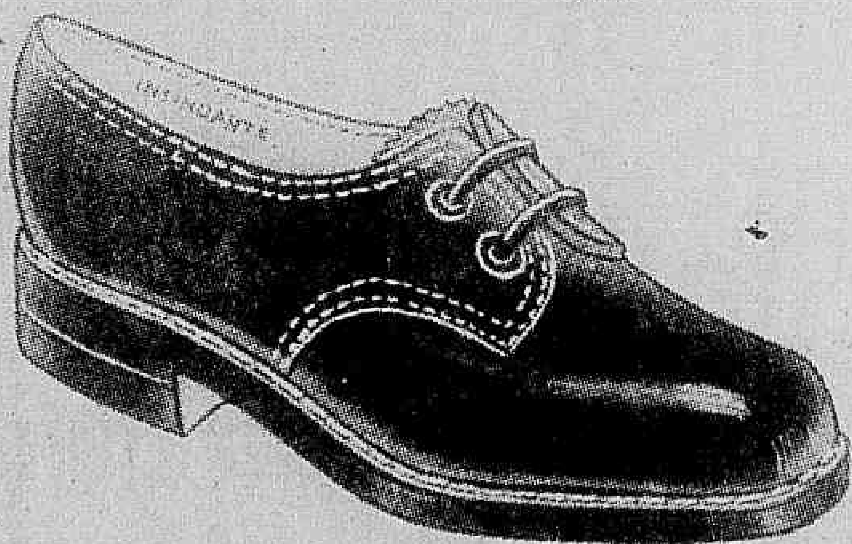
Mande os seus filhos á ESCOLA!



109



110



111



112

O ANALFABETO É UM ESCRAVO CÉGO QUE QUANTO MAIS OUVE FALAR EM LUZ, MAIOR LHE PARECE A ESCURIDÃO EM QUE VIVE.

109 28 a 32 Cr$ 140,00 — 33 a 39 Cr$ 150,00. Sapato colegial-esportivo, adotado pelas principais escolas do País. (ótimo Bezerro prêto ou marron). Saltos de Borracha.

110 22 a 27 Cr$ 100,00 — 28 a 32 — Cr$ 135,00 — 33 a 39 Cr$ 150,00. Sapato colegial-esportivo em vaqueta preta ou verniz. Saltos de Borracha.

111 28 a 32 Cr$ 135,00 — 33 a 39 Cr$ 150,00. Sapato cem por cento colegial, para moças, em superior vaqueta preta, c/Salto de Borracha. Um grande sapato!

112 28 a 32 Cr$ 135,00 — 33 a 36 Cr$ 145,00 — 37 a 44 Cr$ 150,00. Ótimo sapato para meninos, rapazes e cavalheiros, em superior vaqueta preta.

Remetemos para todo o Brasil. Porte 5 cruzeiros. Não fazemos reembôlso postal.

insinuante

é a maior e melhor sapataria da America Latina, é tambem uma galeria á sua disposição com agua geladinha sempre as suas ordens.

CARIOCA. 46-48
SETE SETEMBRO. 199-201

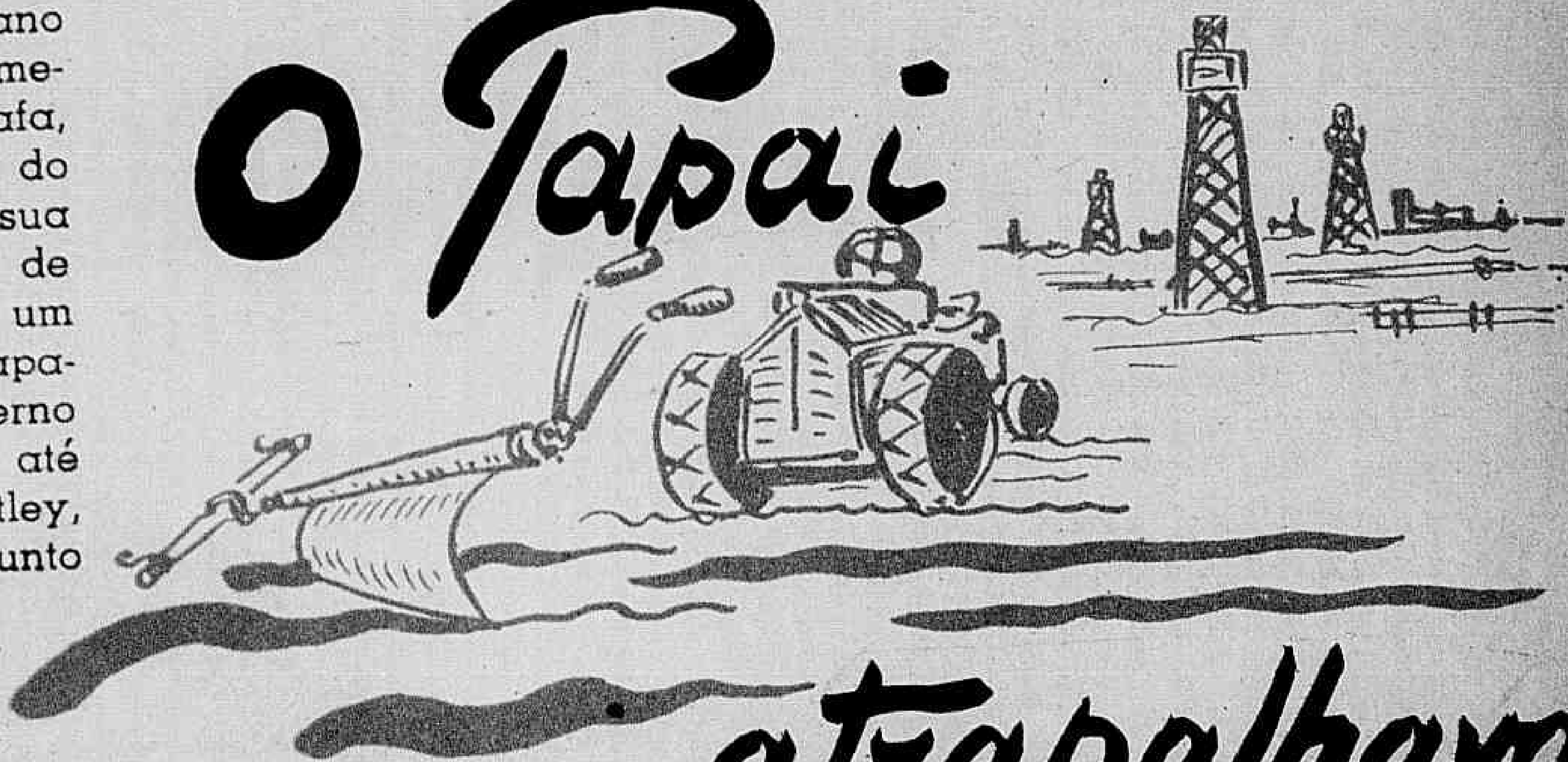
AT. SEMOR



MAGAZINE MENSAL ILUSTRADO — CIENTÍFICO, ARTÍSTICO, HISTÓRICO E LITERÁRIO, FUNDADO EM 1917

Propriedade da COMPANHIA EDITÔRA AMERICANA. Diretor: Gratuliano Brito. Redator-chefe: M. R. de Castro. Redação: Rua Visc. de Maranguape, 15, Rio de Janeiro. End. Tel.: "Revista". Tels.: Redação — 22-4447; Administração e Publicidade — 22-2550. Chefe de Publicidade: Severino Lopes Guimarães. Distribuição e Publicidade em São Paulo: Agência Zambardino, rua Capitão Salomão, 69, telefone: 34-1569. Representantes: — nos Estados Unidos da América do Norte: Aguiar Mendonça, 19 West, 44th. Street, New York City, N. Y. Em Portugal: Helena A. Lima, Av. Fontes de Melo, 43, 2dt, Lisboa. Na África Oriental Portuguêsa: S. Spano, Caixa Postal 434, Lourenço Marques. No Uruguai: Moratório & Cia., Constituyente, 1746, Montevidéu. Na Argentina: Inter-Prensa, Florida, 29, tel. 33, Av. 9109, Buenos Aires. Número avulso em todo o Brasil — Cr$ 5,00. Número atrasado — Cr$ 6,00. Assinatura anual: Registrada — Para o Brasil: Cr$ 60,00; para o estrangeiro: Cr$ 100,00.

O Papai atrapalhava



Por ROBERT CARSON

NUM belo fim de tarde, um jovem agricultor, Urbano Hart, parou de cortar os melhores trinta acres de alfafa, que já possuíra, desceu do trator e caminhou para a sua bonita e confortável casa de fazenda. Depois de tomar um banho e de engraxar os sapatos, vestiu o seu melhor terno azul-marinho. Pretendia ir até à próxima cidade de Huntley, a fim de tratar de um assunto de considerável importância e, para isso, preferiu o seu pequeno automóvel **sedan**, em vez de usar o veículo que costumava empregar em suas excursões, um pequeno caminhão de três toneladas, geralmente com as rodas enlameadas.

Não tardou a estar sentado na sala de sessões da Prefeitura, juntamente com meia dúzia de outros arrendatários dos terrenos do Grande Vale, debatendo acaloradamente a questão de vir a ser, essa terra montanhosa, cujo progresso e desenvolvimento tanto devia ao esfôrço de todos os que nela trabalhavam, aberta à exploração do petróleo. Urbano era contra êsse plano.

— Ali temos empregado os melhores de nossos esforços — disse êle, falando de uma das extremidades da mesa — Há coisas muito mais importantes do que ganhar mais dinheiro e mais depressa. Os terrenos do Grande Vale foram destinados, inicialmente, à agricultura e também a ser um lugar de recreio, onde se realizassem caçadas, pescarias, excursões campestres, etc. Um lugar, enfim, onde os nossos filhos pudessem ter uma vida sadia e primitiva, em contato com a natureza... Voto contra!

O prefeito de Huntley, que presidia a reunião, voltou para êle um rosto surpreendido e quase zangado. O mesmo fizeram os demais. Sentada ao lado de **Sua Excia.** estava uma criaturinha loura, pequenina, de olhos celestiais e um rostinho encantador. Tinha sôbre os cabelos dourados um petulante chapèuzinho vermelho, vestia um casaquinho da mesma côr, de linhas masculinas e sob êle uma camisa que, realmente, não parecia muito indicada para o sexo considerado "oposto".

Logo que o olhar de Urbano caiu **sôbre essa** figurinha deliciosa, êle pareceu perder momentâneamente o fôlego e mesmo a inspiração para continuar apoiando o argumento que estava decidido a defender **até ao amanhecer.**

O Prefeito tirou vantagem dêsse instante de silêncio, para dizer:

— Essa é a sua opinião, Urbano — e devo acrescentar que você sempre está **contra!** Mas, senhores, desejo apresentar, a todos os que

aqui se encontram Miss Nellie Lanson, filha única e muito querida do Sr. Jefferson Davis Lanson, único proprietário da Companhia de Exploração e Desenvolvimento Estrêla Solitária, e que deseja construir os poços de petróleo para nós.

Miss Lanson se ergueu, num movimento gracioso e, curvando-se sôbre a mesa, apertou a mão de cada um dos homens ali reunidos — fingindo esquecer, porém, de fazer o mesmo com Urbano. Declarou, a seguir, com um delicioso sotaque sulino, que seu pai havia sofrido um ligeiro ataque do coração e fôra obrigado a se hospitalizar em Del Rio, no Texas, tendo sido ela própria designada sua substituta. Afirmou que, sem sombra de dúvida, havia o ouro negro nos terrenos do Grande Vale, restando apenas o consentimento dos concessionários para que a região logo ganhasse em prosperidade e população.

Um senhor, vizinho de Urbano, comentou entre dentes que "achava a pequena **uma lindeza** e que considerava impróprio e quase vergonhoso desfeitear tão gentil proponente". Ouvindo-o, Urbano ficou rubro de indignação sob o seu forte queimado de sol.

O Prefeito, com Nellie agora sorrindo para êle com o seu jeitinho mais faceiro, explicava que, segundo os estatutos de incorporação da T.G.V., o voto negativo de um só dos associados era suficiente para derrotar a moção, mas que êle, pessoalmente, desejava que tudo se arranjasse no sentido de favorecer a exploração petrolífera.

— Eu continuarei votando contra! — declarou Urbano, mantendo o olhar bem desviado da perturbadora figurinha dominada pelo chapéuzinho vermelho.

— Neste caso — declarou o Prefeito — não procederemos hoje mesmo à votação. Vamos adiar, esperando melhor oportunidade.

Sentindo-se alvo do rancor geral, Urbano tratou de abandonar a mesa, encaminhando-se para a saída. Porém, apressando-se atrás dêle e seguido por Nellie, o Prefeito fêz as apresentações.

— Por que o senhor é contra o dinheiro, Sr. Hart? — perguntou Nellie — Já tem tudo o que desejava?

— Longe disso — respondeu Urbano — Mas tenho galinhas que me dão ovos, vacas que me dão o leite e a manteiga, e por isso tenho sempre a minha geladeira bem provida de bifes. Simplesmente prefiro o dinheiro ganho com êsse trabalho seguro e honesto ao que se conquista com aventuras . . .

— Bem . . . — respondeu a linda representante do petróleo — Não desejo discutir com o senhor. Mas, na verdade, o senhor representa um grande problema para mim . . . Sr. Hart. Posso chamá-lo de . . . Urbano? E, outra coisa: é contra as mulheres . . . como parece ser contra o dinheiro?

— Sim — gaguejou Urbano — Isto é: não!

— Urbano . . . — disse Nellie — Vamos até à sorveteria, para afogar as nossas desavenças num par de **milk-shakes.** Tenho a esperança de despertar a sua cupidez . . .

— Sim, sim . . . Vá com ela, rapaz . . . — animou o prefeito, piscando um ôlho — Com isso você nada perderá . . .

Um tanto acanhado, Urbano acompanhou Nellie até ao balcão de mármore. Entre sorvos através do canudo de palha, ela esmiuçou argumentos em favor da invasão da T.G.V. e enfeitando tudo com a história de sua própria vida.





Urbano ficou sabendo que ela era solteira, de vinte e dois anos, diplomada em geologia, e muito dedicada ao velho pai, que agora, mais que nunca, necessitava da sua ajuda. A mãe morrera muito moça, obrigando-a a tomar, desde cedo, a responsabilidade da casa e a cuidar do "velho". Ao final, Urbano ficou com a impressão de que, por uma razão qualquer, o velho Jefferson D. Lanson constituía um problema para a filha.

— Tudo isso está muito direito — concordou êle — Mas a T.G.V. deverá continuar destinada para aquilo mesmo que Deus decidiu que fôsse. E há muito petróleo em outras partes! Será possível que você não sinta qualquer entusiasmo pela vida do campo, tão pura e tão sadia?

— Oh, sim! — replicou Nellie — Nem o estou censurando por sua opinião. Aprecio, mesmo, o seu ponto de vista, Urbano. Mas meu pai está em dificuldades, e...

— Compreendo... Você é mesmo um amor de garôta, a despeito de...

Os olhos de Nellie ganharam repentino brilho:

— Você acha mesmo? Eu tinha a esperança de que você não achasse a minha atitude muito estranha... A minha vinda como representante de papai para tentar êsse investimento... Vestida assim como estou, e procurando conquistar amigos e homens influentes... Você não acha as minhas roupas muito... muito masculinas, hein?

— Apenas sei que você é muito agradável para se olhar, Nellie — confessou Urbano.

— E você é muito bonzinho — disse Nellie — Mas falemos, agora, um pouquinho, de você!

Não havia muito o que contar. Êle era um pequeno fazendeiro e estava colhendo boa alfafa. Não havia muito tempo estivera na Coréia, lutando sob a bandeira da ONU, e ficou muito satisfeito quando foi permitido voltar a fazer parte do grupo que trabalhava as terras do Grande Vale, onde pretendia ficar para sempre.

— Sou dêsses — explicou — que gosta de escolher um gênero de vida e nêle permanecer, tranqüilo, sem desejar mais nada!

— Urbano... — disse Nellie — O que acaba de contar é uma história fascinante. Também sou assim... Gosto de escolher o meu caminho e nêle permanecer. (A expressão do seu olhar se anuviou repentinamente, antes de prosseguir) ...Apenas... com o meu pai nessa situação...

Depois do "milk-shake", ambos trataram de prolongar

aquêle encontro, passeando sem rumo certo e palestrando a respeito de nada de particular. Foi com evidente relutância que se separaram à porta do hotel, quando Urbano, justamente, começava a perceber que Nellie despertara não a sua cobiça, mas a sua mais profunda afeição.

— Boa noite, Urbano — disse ela com uma vozinha trêmula — Êste nosso encontro teve para mim um efeito... elétrico! Quando vai convidar-me para outro passeio?

— Bem... Quem convidou, realmente, foi você... — disse Urbano com a sua deliciosa simplicidade.

— Sim, sim... Mas você acha que há de ser sempre eu quem convida? Aceitarei qualquer coisa para amanhã...

Num movimento brusco, impulsivo, beijou-o, antes de tornar a dizer:

"Boa noite, Urbano".

— Boa noite, Nellie! — respondeu Urbano, que, a seguir, perdeu dez minutos, procurando pelo caminhão, antes de lembrar que, desta vez, tinha usado o seu "sedan".

★

Na tarde seguinte, levou Nellie até a fazenda, para conhecer os seus Herefords e, a seguir, cavalgaram lado a lado pelos prados e encostas do Grande Vale. Êle próprio preparou um rápido churrasco, que comeram em campo aberto, no alto de uma encantadora colina. E durante todo êsse tempo Urbano rezava para que ela soubesse apreciar todo o encanto da natureza.

Nellie voltou para a casa da fazenda, corada, com o penteado quase desfeito, as mãos pouco asseadas, mas encantadora. Enfiou as mãos nas suas calças de **cow-boy** e olhou pensativamente para as botas ferradas. Urbano tinha lá a sua idéia sôbre o que estava preocupando Nellie. Mas nada disse.

Finalmente ela falou:

— Urbano... Êste nosso passeio foi um amor. Tudo estava maravilhoso. O churrasco, esplêndido... O acampamento, na colina, uma coisa deliciosa; a vida campestre pareceu-me...

— Você é uma grande feiticeira! — exclamou Urbano interrompendo-a.

— Você acha, hein?

— Sim! Essa coisa de estar a elogiar o que faço e o que tenho, obedece a um plano, não?

— Por que diz isso?



Segundos depois, Urbano compreendeu que tinha em seus braços — e beijava — a linda pequena do petróleo.

— Estou pronto a apostar em que você quer simplesmente conquistar o meu voto afirmativo para a próxima reunião dos condôminos do Grande Vale. E agora que já respondi à pergunta que me fêz, responda a esta que vou fazer: QUER CASAR COMIGO?

A seguinte noção que teve foi a de ter em seus braços a linda representante do petróleo. Beijavam-se, desejando-se boa noite — embora não se separassem...

— Você fêz de mim a mais feliz das mulheres em todo o mundo! — afirmou Nellie — Aceito a sua generosa oferta com o maior prazer e alegria maluca. Telegrafarei a boa notícia a "J. D.", tão logo volte à cidade! Êle, provàvelmente, saltará, gritando, para fora da tenda de oxigênio, e trará todo o seu **estado maior** para o casamento.

— Mas não vejo motivo assim para o pobre homem se matar!

Nelli parou diante dêle, engolindo com dificuldade a saliva, antes de poder dizer:

— Urbano... Não posso mentir para você. Meu pai não está doente... Nem sofre de qualquer perturbação. E, se você acha que isso faz alguma diferença, agora...

— Nada pode fazer qualquer diferença, agora! — declarou Urbano.

★

Na manhã seguinte Urbano foi até Huntley, entrando diretamente na joalharia "Bom Tom", onde comprou para Nellie um anel próprio para noivado. Um aro de platina com um bonito brilhante. Encontraram-se à hora do almôço, o anel foi colocado no dedo próprio, trocaram um carinhoso beijo e ela, imediatamente, informou que o "velho" tinha ficado satisfeitíssimo. Disse também que o Prefeito havia marcado a reunião dos condôminos para o dia seguinte.

— Oh, Urbano! — exclamou, romântica — Querido Urbano! Como você ganhou êste nome?

— Certamente... porque meu pais gostaram — explicou êle, paciente.

— E'! Mas agora — disse ela — você vai passar a ser... **Interurbano!** Pois claro! Vai viver da cidade para a fazenda, e vice-versa, correndo daqui para ali, só para poder ver a sua noivinha adorada. Mas, se o papai realizar o seu plano de petróleo, então sim, o Grande Vale passará a ser também coisa urbana! Espero que você não continue teimando por muito tempo. Há de admitir que isto representa progresso...

— Não vamos pensar nisso — pediu Urbano.

Mas, infortunadamente, não podia pensar noutra coisa. Êle poderia ser mais feliz, mas o arrasamento da T.G.V.' e perda da sua propriedade eram fatos fortes demais para que engolisse sem um protesto. E não apenas isso! Estava certo de haver impressionado as suas relações, que o consideravam um pilar de consistentes virtudes, embora ignorante (na opinião de alguns) e teimoso como um burrico. E, pensando, não podia deixar de sentir a mudança que nêle próprio se operara — o que o deixava preocupado.

Todos, por certo, ririam muito quando êle resolvesse confessar a mudança de sua opinião com referência à proposta de exploração do petróleo. Viriam bater-lhe nas costas e dizer:

"— Fêz muito bem, rapaz!" ou "E' sempre preferível casar com uma pequena rica". As ricas se apaixonam com mais facilidade e sinceridade do que as outras."

O Prefeito também demonstraria sua grande satisfação:

"— Você vai ver, rapaz, que é muito mais fácil e divertido cortar os cupãos das apólices, para os dividendos, do que cortar o feno!"

E Urbano pensava em tudo isso sem sorrir.

*

Essa luta interna chegou a um abrupto fim, por ocasião da segunda reunião dos associados. Desta vez, a bela representante do petróleo estava ao seu lado, em vez de preferir a companhia do Prefeito; e todos os presentes — segundo Urbano pôde sentir — viam isso com um sorriso de aprovação, ao mesmo tempo que não conseguiam esconder a piedade que sentiam pela fraqueza do rapaz.

Os debates foram simplesmente os de rotina: foi feita abertamente a proposta para a TGV ser aberta à exploração do petróleo, por conta da Companhia de Exploração e Desenvolvimento Estrêla Solitária. O Prefeito estava certo de que a votação seria unânime, mas Urbano, quase automàticamente, votou **contra!** Houve um curto silêncio. Repentinamente, todos entraram a falar ao mesmo tempo. Entre essas vozes furiosas destacou-se a da noiva de Urbano, mais alta e zangada que qualquer outra, censurando o que considerava: **Uma traição indigna! Um golpe baixo!"**

— Vamos lá pra fora! — propôs Urbano, com as faces vermelhas.

— Com muito prazer! — disse Nellie — Pode ir tirando o seu paletó!

— Reunião adiada! — exclamou o Prefeito.

— Você sabe que não sou um traidor! — afirmou Urbano, quando êle e Nellie ficaram fora do alcance dos ouvidos alheios — Nunca fui! O que não posso ser é um moleirão, que troca de

PEQUENAS CONFIDÊNCIAS

Em certas ocasiões, é melhor utilizar o tato do que a *isca*, em questão de pescaria. Disto fiquei convencido, alguns anos atrás. O chefe do escritório em que trabalhava, homem esportivo e democrata, me convidou para ir pescar, em sua companhia. Por *estranha coincidência*, eu era sempre o que fisgava o primeiro peixe, o que deixava o meu chefe de mau humor. Lògicamente, êsse fato não poderia ser favorável à minha carreira no escritório...



Foi assim que, pensando num modo de resolver o problema, tive uma idéia maravilhosa: cada vez que saísse a pescar com o chefe *não colocaria isca no anzol, enquanto êle não conseguisse fisgar algum peixe*. Não foi pequeno o número de vêzes em que regressávamos com *as mãos abanando*.

No entanto, isto me foi de grande valia, pois ao menos o bom humor do meu chefe não se perdia!

Juan J. Lowman
Albany, New York, E. U. A.

*

O General Harrison acabava de tomar posse do cargo de administrador da Estrada de Ferro Entre Rios-Nordeste Argentino. Era homem inteligente, vivo, muito rigoroso e intransigente em suas decisões. Certo dia, no meio da correspondência, chegou uma "guia de serviço" que, em linguagem ferroviária, equivale a dizer "encomenda sem frete", destinada pessoalmente ao general. O remetente era o chefe da estação de Arroyo Baru e, no rótulo da encomenda, lia-se: *"Um peru vivo"*.



O general chamou um de seus secretários, empregado antigo e conhecedor de tudo que se relacionava com funcionários de estrada de ferro. Êste explicou-lhe que o peru devia ser um presente do remetente, para congratular-se com o novo diretor da Estrada de Ferro.

"— Mande o peru para um hospital da cidade, com uma pequena nota, explicando que é êle um presente do chefe da estação de Arroyo Baru. Escreva a êste, informando-lhe do destino que demos à *encomenda*, dado que, sem dúvida, por engano, veio ela dirigida a mim. Advirta-lhe, no entanto, que, se tornar a equivocar-se, perderá o emprêgo! Mande também cobrar-lhe o frete correspondente ao transporte do animal, e publique o fato no Boletim Semanal do Departamento do Pessoal."

Sergio Garrón Gutiérrez
Concórdia, Argentina

opinião como quem troca de camisa! Nem acredito que você pudesse gostar de um homem que fôsse assim!

*

— Agora escute! — pediu Nellie, contendo-se — Vai saber o que ocorre com meu pai. Êle está em apuros com o Departamento de Rendas Internas. Andam atrás dêle, sem descanso, por causa dos negócios da Companhia Incorporadora... Dizem que êle não pagou os impostos devidos. E se êste negócio da TGV não fôr para a frente, êle estará perdido!

— E como pôde você apoiar um homem de negócios... tão complicados e até desonestos?

— Cuidado, Urbano! Você está falando do pai da sua noiva!

— Por que contou tudo isso sôbre seu pai? — exclamou Urbano, furioso — Não penso que êle valha todo êsse sacrifício! E por isso, Nellie, acho que você deve escolher entre êle e eu...

Com gesto firme ela retirou o anel do dedo e entregou ao noivo.

— Não pode haver outra alternativa para mim, Urbano! Isto é o fim, para nós dois...

*

Vinte e quatro horas depois Urbano ainda não conseguira recolocar os nervos no lugar. Estava mesmo preparado para ter um ataque de coração. Sòzinho — além do mais — na fazenda, mais e mais se enervava. Raivoso, desligou o aparelho elétrico de tirar leite das vacas e com os seus dedos poderosos fêz todo o serviço da máquina, numa pressa estranha, fatigando-se com uma satisfação de louco. Depois saltou para o seu trator e trabalhou cinco acres sem parar.

Nada disso, porém, serviu para acalmar os seus nervos e, repentinamente, compreendeu que os seus princípios e a T.G.V. — e o resto que pudesse aparecer, nada representavam, comparados com a companhia da deliciosa representante do petróleo.

Voltando a vestir o seu bonito terno azul-marinho, Urbano foi apanhar o anel que jogara no fundo de uma gaveta, subiu para o seu "sedan", dirigindo-se, pisado, para Huntley. Já era noite e assim, foi diretamente para o hotel.

Subiu as escadas, sem se anunciar, e foi bater à porta. Foi Nellie quem veio abrir. Por cima do ombro dela, Urbano pôde ver um rapaz de aspecto severo, de óculos, introduzindo papéis numa pequena pasta de couro. Isto o fêz ficar pálido sob o queimado do sol.

— Ahaaaaa! — exclamou êle — Então você é assim? Isto, sim, é a maior traição, a coisa mais hedionda e vergonhosa que já vi ou ouvi em tôda a minha vida!

Nellie, que soluçava, não pôde responder. Só depois, muito depois, êle se lembrou de que ela estava chorando, quando foi abrir a porta.

Cada vez mais zangado, continuou:

"— Não me importaria de fazer papel de **trouxa** em favor de seu pai... Mas não tolero que me faça representar papel de palhaço, diante de todos, namorando outro homem! Isto, não posso suportar, e estou mesmo disposto a dar um bom murro no nariz de alguém!

— Perdão... Não houve nada de mal, aqui... — tratou de dizer o homem a quem Urbano considerava um rival, evidentemente alarmado à vista dos ombros poderosos do inesperado visitante — Pertenço ao Departamento das Rendas Internas.

— E' isso, hein? — replicou Urbano, sem encontrar outra coisa que dizer.

— Êle nada tem comigo, Urbano! — disse Nellie, com voz queixosa — Veio apenas fazer um estudo dos cálculos feitos pela repartição federal e os documentos apresentados por meu pai...

— Hmm... Isto não me impressiona...

— Miss Lanson... — disse, nesse instante, o homem do Departamento de Rendas — Conforme eu lhe dizia... quando fomos interrompidos — não apenas acabo de assinar um Boletim, isentando a Cia. Estrêla Solitária de qualquer penalidade, como também, tendo verificado haver uma grande diferença a favor do Sr. Lanson — e da senhorita, como sócia dêle — desejo saber para onde o Departamento deverá enviar os cheques com as quantias correspondentes, em devolução? Para aqui mesmo ou para o Texas?

Profundo e prolongado silêncio reinou no salão do hotel. Urbano olhou para Nellie e Nellie olhou para Urbano. O funcionário federal, não obtendo resposta, encaminhou-se para a porta.

— O cheque poderá ser mandado para o Texas! — declarou Urbano, resoluto — Está certo, Nellie?

— Meu pai mentiu para mim, Urbano! — disse Nellie — Eu imaginava que êle estivesse atrapalhado com os seus negócios, porém êle apenas estava querendo usar-me como "arma secreta", para alcançar os seus objetivos...

*

Urbano tornou a colocar o anel no dedo de Nellie. Beijaram-se, então, várias vêzes, enquanto diziam **"Boa noite"**, sem a menor intenção de se separarem.

— Convida o velho para passar algum tempo lá na fazenda! — disse êle, magnânimo — Poderemos levá-lo conosco num daqueles deliciosos passeios pelos campos e matas da T.G.V. Êle poderá levar, querendo, a sua tenda de oxigênio.



No gráfico acima temos uma idéia do poder de destruição da bomba de hidrogênio, vendo a área que ela é capaz de devastar (oval maior) em comparação com a da bomba atômica de urânio (oval menor).

SERIA REALMENTE A BOMBA DE HIDROGÊNIO?

Por JOHN J. O'NEILL

A EXPLOSÃO SUBMARINA DA BOMBA ATÔMICA TERIA PRODUZIDO O MESMO EFEITO...

NÃO é possível afirmar, com segurança, que a explosão, levada a efeito em Eniwetok, pela Comissão de Energia Atômica, tenha sido de bomba atômica ou de hidrogênio, embora apresentasse certas características do que seria uma explosão da Bomba-H.

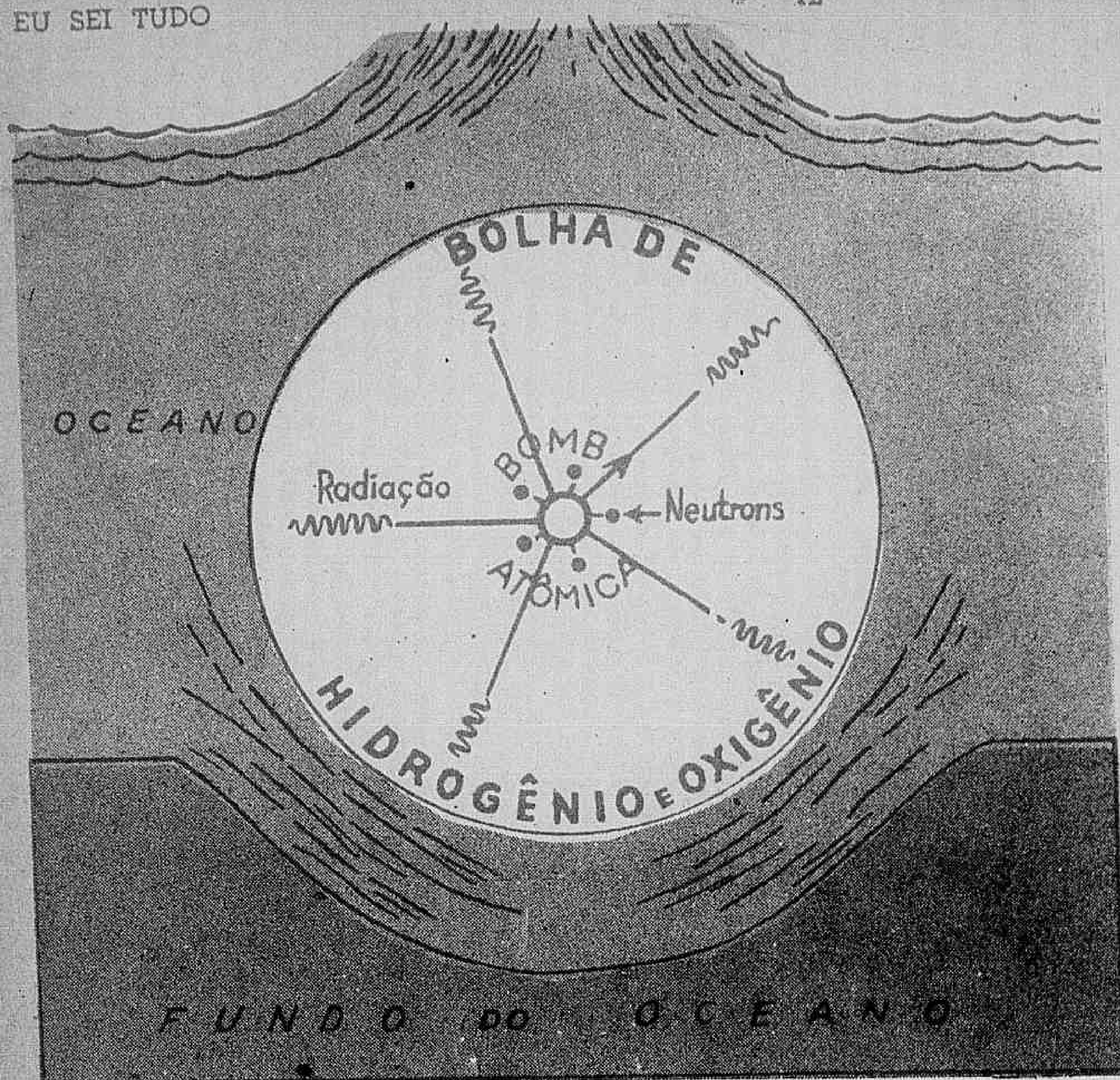
Não houve, até agora, qualquer evidência de ter sido fabricada e deflagrada, posteriormente, qualquer bomba de hidrogênio.

A comunicação da citada Comissão qualifica essa explosão como "uma experiência, contribuindo para a pesquisa do poder ofensivo termo-nuclear." E' preciso ressaltar que, da bomba atômica para a de hidrogênio, existe um vasto campo a percorrer. A palavra "termo-nuclear" é muito ambígua, de modo que poderia ser aplicada a qualquer gênero de explosão, provocada cientificamente.

Muitas das novas variedades de armas, baseadas na já antiga, e muito conhecida, bomba de urânio, são de maior importância para o exército dos Estados Unidos, que uma nova super-bomba. E' provável, daí, que os cientistas obtenham resultados muito mais satisfatórios e preciosos, pesquisando no Pentágono, que trabalhando no projeto da ainda misteriosa bomba de hidrogênio. Devemos deixar claro que, tôdas as notas aqui estampadas, não são oficiais, baseando-se apenas nos conhecimentos adquiridos pelo autor do artigo, em seu constante contato com os físicos nucleares, no último quarto de século. Podemos mesmo relembrar que o mesmo foi o primeiro a propor que a bomba de urânio fôsse utilizada como "deflagrador" de uma possível bomba de hidrogênio.

EXPLOSÃO SUBMARINA A GRANDE PROFUNDIDADE — Existe grande probabilidade de que a recente prova de Eniwetok tenha incluído a grandemente adiada explosão atômica **a profunda imersão,** originalmente destinada a ter lugar no **atoll** de Bikini, em 1946, e cancelada sem qualquer explicação. (Uma das bombas foi detonada no ar, e outra no mar, a pequena profundidade.)

Numa explosão atômica em águas profundas do oceano, a natureza se encarregaria de formar, instantâneamente, **um tipo de bomba de hidrogênio,** que, nos laboratórios da Comissão de Energia



COMENTÁRIO — Quando a bomba atômica explode sob a água, uma espécie de "bôlha" gigantesca é criada momentâneamente. A radiação dos átomos do urânio, em explosão, rompe a consistência da água, separando o hidrogênio do oxigênio e também as demais partículas componentes. Em seguida, os neutrons produzidos pela explosão bombardeiam o hidrogênio e a água que o cerca, produzindo o deutério, que constitui o "combustível" da bomba de hidrogênio. A enorme "bôlha", em vias de rebentar, provoca enorme pressão, que funde o deutério, da mesma forma que a "Bomba-H" produzida nos laboratórios, e tendo como resultado, um tipo de reação de extensão limitada, semelhante à reação provocada pela bomba de hidrogênio.

Atômica, necessitaria de vários anos para ser preparada. Duas explicações **não oficiais** circularam a respeito do cancelamento da prova de deflagração **a grande profundidade:**

1) o perigo da produção de uma onda gigantesca, semelhante a um maremoto, e que se espraiaria pelo Oceano Pacífico, assolando as cidades da costa;

2) o hidrogênio da água do mar poderia ser inflamado, causando uma catástrofe terrestre.

Êsses receios, entretanto, eram infundados.

Contudo, o hidrogênio é desintegrado e inflamado numa explosão ordinária de bomba atômica **sôbre** ou **sob** a água, e isto oferece uma base para a realização de uma experiência natural, com o princípio da bomba de hidrogênio.

O QUE ACONTECERIA — Numa explosão atômica submarina, a radiação de alta energia dissocia a água circundante, separando os átomos do hidrogênio e do oxigênio; êstes dois gases, como se sabe, são mùtuamente inflamáveis. A energia emitida (a temperaturas de bilhões de graus) pelo número relativamente pequeno de átomos da bomba atômica, seria absorvida pela água e armazenada por curto prazo, em seus gases dissociados. Essa energia desceria depois a temperaturas entre dez e três mil graus Farenheit, quando os gases se tornariam suficientemente frios para se recombinarem.

Não apenas a radiação de alta energia da deflagração da bomba desintegraria a água em hidrogênio e oxigênio, como também, na fase seguinte do ciclo da explosão, a bomba emitiria uma verdadeira chuva de neutrons.

Êsses neutrons bombardeando, instantâneamente, o hidrogênio e a água que os cercassem, produziriam o "combustível" da bomba de hidrogênio, o **deutério**, ou **hidrogênio pesado**, que consiste num átomo de hidrogênio, ao qual se agregou um neutron.

A Comissão de Energia Atômica está produzindo deutério, por meio de um processo vagaroso, que consiste no bombardeio da água pelos neutrons, durante largo espaço de tempo, no interior de um reator. Êste reator não é mais que uma bomba atômica, na qual a atividade está estabilizada a um grau muito fraco, situado muito abaixo da média de deflagração, grau êste que permite a obtenção de uma firme corrente de neutrons.

*

TEORIA DA BOMBA DE HIDROGÊNIO — Na teoria da bomba de hidrogênio, dois átomos de deutério se combinam formando um átomo de hélio, e produzindo energia de vinte milhões de volts, em eléctrons. Esta quantidade de energia é pequena, comparada com os duzentos milhões proporcionados pela explosão de um átomo de urânio; porém, maiores quantidades de deutério são requeridas para uma "Bomba-H", em contraste com as 25 libras de urânio, aproximadamente, necessárias à bomba atômica.

Na explosão submarina **a grande profundidade**, a radiação desintegra, primeiramente, a água (em hidrogênio e oxigênio) e, em seguida, os neutrons passam a bombardear o hidrogênio, formando o deutério. A energia total da explosão é armazenada no deutério, assim como no hidrogênio e no oxigênio, na "bôlha" que os envolve.

Com o colapso dessa "bôlha", seriam produzidas, teòricamente, pressões infinitas, e os átomos de deutério combinar-se-iam para formar o hélio e emitir a energia antes absorvida.

Embora presente uma quantidade ilimitada de hidrogênio, apenas uma fração da energia original da bomba é liberada, para formação do hélio, segundo o processo para a produção da bomba de hidrogênio, sendo o resto da mesma empregado, como energia química, na reunião do hidrogênio e oxigênio para recomposição da água original.

Na bomba de hidrogênio, conforme foi concebida extra-oficialmente, um tipo central de bomba de urânio é circundado por um vasto reservatório de deutério. A explosão do urânio produz — graças ao impacto dos neutrons emitido sôbre o deutério do reservatório — pressões suficientes para causar a união dos átomos de deutério, formando o hélio, e emitindo energia em proporção à quantidade de deutério presente.

Desde que a velocidade da luz é muito mais rápida do que qualquer partícula em movimento, a radiação da explosão do urânio alcança o deutério antes dos neutrons e, destruindo-o, transforma novamente êsse elemento em átomos inertes de hidrogênio e neutrons. O hidrogênio queimará com uma chama química ordinária, **mas não emitirá energia atômica.**

*

PROBLEMA A SER RESOLVIDO — Êste problema terá que ser resolvido antes de que a bomba de hidrogênio possa ser produzida como arma suprema. Se a solução não fôr achada, a projetada "Bomba-H", ao explodir, agirá mais como refrigerador da bomba de urânio em ignição, produzindo apenas uma chama de hidrogênio com poder destrutivo semelhante ao TNT, numa quantidade para a bomba do tipo "arrasa-quarteirão". Portanto, em lugar de constituir uma **super-bomba**, servia apenas como um "extintor" da bomba atômica.

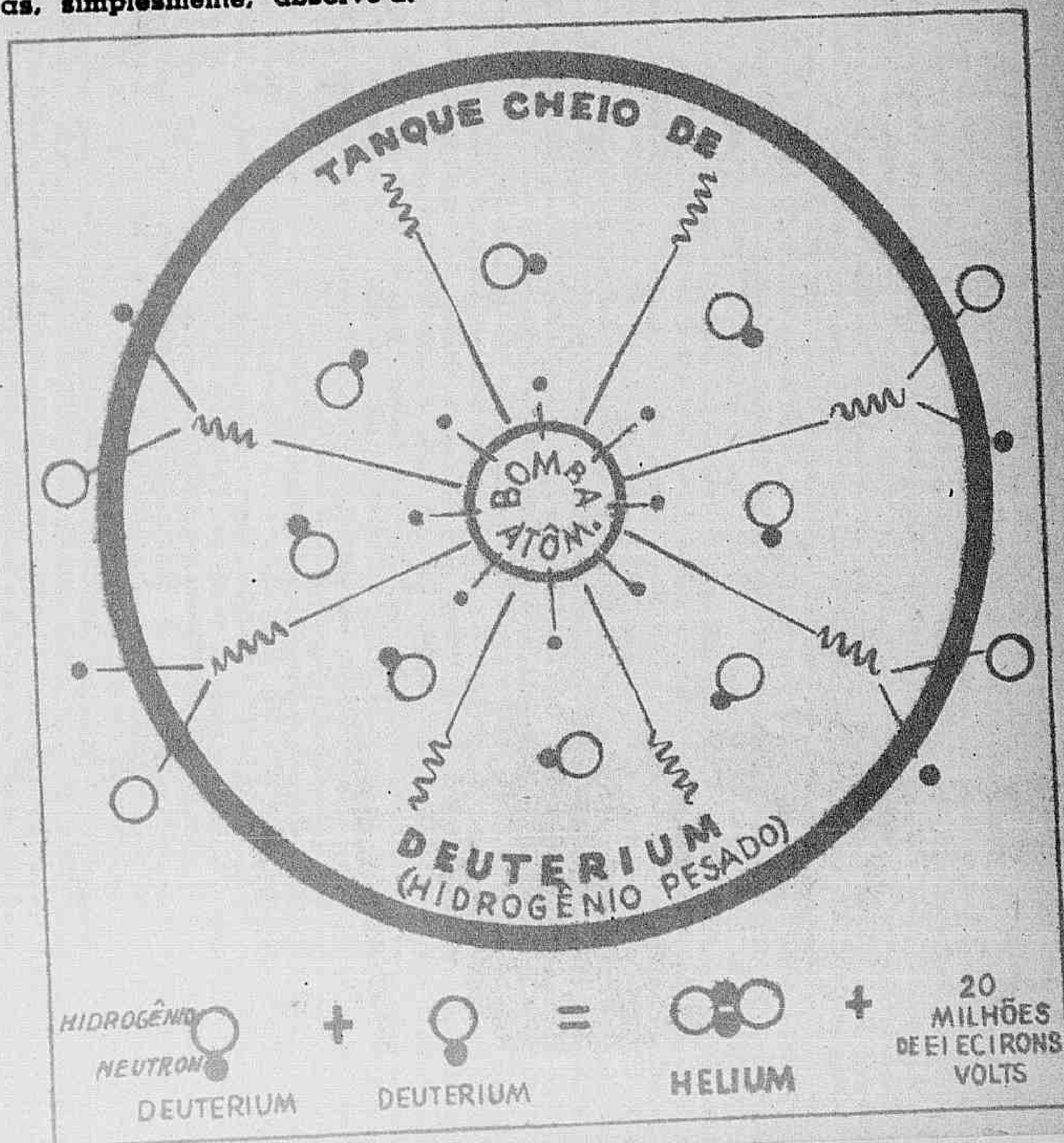
A utilização da bomba atômica como deflagrador da "Bomba-H" é comparável à pesquisa que se fizesse para a obtenção de certa chama suficientemente quente para fritar um ôvo, instantâneamente, proporcionando esta conclusão: antes de que se pudesse colocar o ôvo dentro da frigideira, esta se derreteria!

Em suma: **a bomba atômica pode destruir a de hidrogênio, antes de que esta última possa ser deflagrada!**

O hidrogênio não constitui, no entanto, o único elemento capaz de proporcionar a fabricação de bombas de "reação termo-nuclear". Existem fortes motivos para acreditarmos que a Comissão de Energia Atômica trabalha na obtenção de um tipo de bomba de hidrido de lítio, concentrada no interior da bomba de hidrogênio. Isto, para não mencionarmos as possibilidades de utilização de outros elementos.

Conclui o autor, afirmando que a citada Comissão não apresentou nenhuma declaração que justificasse pensar ter sido experimentada a verdadeira bomba de hidrogênio.

COMENTÁRIO — A bomba de hidrogênio (aqui concebida não oficialmente) poderá ser, em sua parte central, a própria bomba atômica, cercada por uma grande quantidade de deutério! **A pressão do bombardeio do deutério pelos neutrons, na explosão dessa bomba central, forçaria a reunião dos pares de átomos de deutério, formando os átomos de hélio e emitindo vinte milhões de volts-eléctrons de energia (como se vê na parte inferior do quadro). A radiação ou "luz negra", proveniente da explosão, movimentando-se mais ràpidamente que os neutros, alcançaria o deutério antes daqueles, destruindo-o e transformando-o em hidrogênio comum e neutrons. Êste processo não emite energia atômica, mas, simplesmente, absorve-a.**



EXCURSÕES... E AMOLAÇÕES RODOVIÁRIAS

Por DAVE GERARD



— Pare, João! Eu não tenho vergonha de indagar o caminho certo!



— Oh! Oh! Já passamos aqui há três horas! Erramos o caminho outra vez!



— Então o senhor chega a uma esquina onde há uma casa de tijolos, onde morou a minha sogra...



— E que tenho com isso? A estrada está impedida e o senhor não pode passar.



— Os que fazem desenhos na areia complicam ainda mais!



— Duas cabeças valem mais do que uma... para atrapalhar!



NOVO PROCESSO DE CONSTRUÇÃO

Experiências que estão sendo realizadas na universidade da Califórnia, por F. R. Shanley e W. J. Knapp, revelam a possibilidade de um novo processo de construção a preços baixos. O sistema em experiência não sòmente elimina as estruturas de ferro e cimento mas, em alguns casos, a pintura.

A novidade consiste no emprêgo de materiais de cerâmica submetidos, prèviamente, à tensão, isto é: fios de aço são introduzidos através de uma série de blocos de tijolos, prendendo-os estreitamente. Se os blocos são dispostos de maneira a eliminar a tensão, tornam-se muito mais fortes que as estruturas de aço, segundo têm demonstrado as experiências citadas.

A côr, naturalmente, poderá ser aplicada nos tijolos antes da construção, que tem, além disso, a vantagem de ser mais barata que as demais, sendo, além disso, imunes à ferrugem.

★

ESTERILIDADE

Há, nos Estados Unidos, um número maior de pessoas estéreis que de vítimas do câncer, da tuberculose, das moléstias cardíacas e da poliomielite.

Segundo declarações do Dr. Abneer L. Wesisman, secretário geral da "International Fertility Association", há cêrca de quinze milhões de norte-americanos estéreis e, pelo menos dez por cento do resto da população do mundo está nas mesmas condições de esterilidade.

O primeiro congresso mundial destinado a discutir o problema da esterilidade humana deverá reunir-se em maio dêste ano, em Nova York, tendo sido convocado pela North American Society for the Study of Fertility.

Exposição de Rosas



Por Q. PATRICK

O Tte. Thimoty Trant, do **Burqau de Homicídios**, da polícia de Nova York, decidira aproveitar o raro descanso de um feriado para mergulhar em doce e mole preguiça, confortàvelmente instalado no terraço da casa de campo de sua irmã, Freda, observando um pequenino avião escarlate vagabundeando no céu matinal e sem nuvens.

Às suas costas, no **living-room**, ouviu a voz de Freda, quando ela foi, finalmente, atender ao telefone que tocara insistentemente.

— Alô! Oh, como está, Sra. Weiderbacker... Uma atriz de variedades? Como deve ter sido terrível para a senhora... Não, não... Não a culpo por isso... Apenas lamento... E no dia da Exposição das Rosas!

Trant ficou sabendo que a Exposição de Rosas, promovida pelo clube local, seria inaugurada nessa tarde, na residência da Sra. Weiderbacker. Soube, ao mesmo tempo, que a Sra. Weiderbacker tinha sido encarregada da leitura do discurso de inauguração, como representante de Freda, já que a sua irmã, por ordem expressa do seu médico, era forçada a ficar em casa, **cozinhando** um forte resfriado de verão. Mas, porque motivo a rica e formidável Sra. Weiderbacker podia estar atrapalhada com uma atriz de teatro de variedades, era coisa que Trant não podia entender.

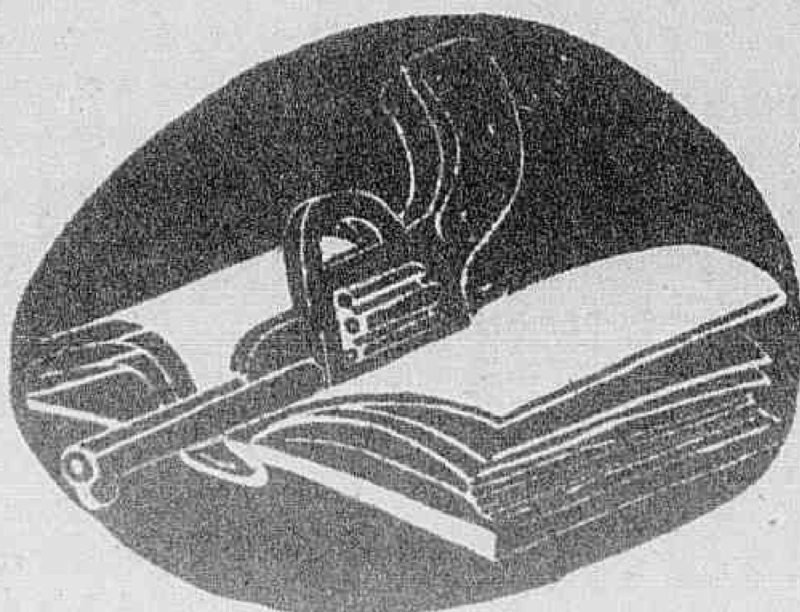
— Como disse, Sra. Weiderbacker? — a voz de Freda, ainda no telefone, subiu repentinamente de uma oitava — O discurso não chegou? Mas se joguei na caixa do correio, ontem, bem cedo! E' vergonhoso!... Hein? Oh, Daisy pode taquigrafar? Como é gentil!

Daisy... Daisy Groves. Trant a conhecia. Era a mais querida amiga de Freda, e espôsa de Gordon Groves, sobrinho da Sra. Weiderbacker e que com ela vivia há muito tempo, cuidando dos seus negócios.

Freda apareceu no terraço, e entrou a procurar febrilmente as fôlhas de papel carbono na caixa de papéis usados, por trás da espreguiçadeira onde o irmão se deixava ficar, como se tivesse perdido tôdas as fôrças.

— Veja só! O meu discurso não chegou até agora à casa da Sra. Weiderbacker. Felizmente, Daisy se ofereceu para taquigrafar, enquanto eu leio, pelo telefone. A seguir, passará tudo a máquina!

Tendo encontrado o que procurava, retornou ao telefone.



— Alô, Daisy? Então, querida, posso começar?

Trant ficou pensando e procurando explicar o que tinha que ver a Sra. Weiderbacker com uma atriz de variedades, enquanto sua irmã, depois de pigarrear, acertando a voz, começava a leitura do seu discurso: — "Prezadas associadas do Clube das Rosas..." e prosseguia numa alongada introdução, um tanto embaralhada, entrando em injustificado contato com a democracia, o progresso da cultura nacional, para logo a seguir enfeitar a oração com uma pitadinha de cultura literária, recomendando às suas ouvintes: — **"Não devemos esquecer jamais as palavras de Wendell Holmes..."**

Repentinamente, fazendo uma curta pausa, deixou escapar um angustiado e inesperado grito de horror:

— Não! Daisy, isso não e possível — Assassinada?

Profissionalmente emocionado, Trant saltou, pondo-se de pé, enquanto Freda surgia, correndo, do **living-room** para o terraço.

— Thimoty! A Sra. Weiderbacker acaba de ser assassinada... Foi encontrada na sala de música!

Poucos segundos depois, estavam ambos no automóvel de Trant, pois Freda esquecera o resfriado e a ordem médica, na excitação em que se encontrava.

— Aquêle sobrinho! — murmurou ela entre dentes — Sempre achei que era um indivíduo perigoso!

— Gordon Groves, o marido de Daisy?

Freda moveu a cabeça negativamente e indignada:

— Claro que não! Pobre Gordon... Está até acamado, com a perna quebrada. Refiro-me a Miles Groves, o outro sobrinho. Sempre foi um parasita... Há anos que é assim... Nunca fêz nada! E esta manhã surgiu em casa, acompanhado por uma criatura incrível, uma atriz de teatro de variedades, anunciando que com ela acabara de casar! Com uma calma de estarrecer! E esperava, com certeza, que a Sra. Weiderbacker a recebesse de braços abertos! E' o cúmulo!

Como Trant nada comentasse, prosseguiu:

"Parece que a cena não foi nada agradável. A Sra. Weiderbacker me contou tudo pelo telefone. Estava disposta a cortar-lhe a mesada e também a modificar o seu testamento. E agora... Oh! Pobre Sra. Weiderbacker!



Chloé, a atriz de teatros d variedades e o "sobrinh parasita" eram os mais su peitos entre os present

E assim foi como a atriz de variedades fêz sua aparição em cena. Cena bem dramática, segundo se anunciava.

Não tardaram a chegar à impressionante resi-dência da Sra. Weiderbacker, com seus três imen-sos andares. No vestíbulo, Daisy Groves, com o lindo rosto avermelhado e triste e as pálpebras inflamadas, correu para Freda. As duas amigas ficaram alguns instantes abraçadas. Nesse ins-tante chegou a polícia local e Trant se identificou, pondo-se imediatamente à disposição do alto e robusto inspetor.

Um mordomo, pálido e ansioso, levou os poli-ciais através do living-room para o salão de mú-sica. Fôra êle mesmo quem descobrira o corpo. Depois da Sra. Weiderbacker haver falado com Freda e deixar Daisy no **hall**, com o telefone, havia mandado o mordomo procurar, na caixa de ferramentas, o alicate especial para cortar talos de roseiras. Quando êle voltou com a ferramenta pedida, ao salão de música, poucos minutos de-pois, encontrou a sua patroa morta.

— Você ouviu o tiro? — perguntou o inspetor.

— Ouvi, realmente — confessou o mordomo — Mas pensei que fôsse o estouro da descarga de algum automóvel.

No instante em que o mordomo abriu os dois pesados batentes da enorme porta do salão de

música, Trant e o inspetor quase se sentiram sufocar pelo forte cheiro das rosas. De fato, em três mesas compridas e em prateleiras superpostas, as rosas cultivadas por tôdas as senhoras da localidade — e tôdas sócias do Clube das Rosas — estavam expostas em tôda a sua beleza e glória. No tapête, entre duas dessas mesas, grande, robusta e ainda altaneira e formidável, mesmo na morte, jazia a Sra. Weiderbacker com um filete escarlate riscando a sua blusa, à altura do coração.

O inspetor viu ainda outra coisa sôbre o tapête e, curvando-se, apanhou um revólver.

— A quem pertence esta arma?

— À Sra. Weiderbacker mesmo, senhor. Guardava-a, habitualmente, na gaveta da própria escrevaninha.

— Reúna todos os de casa.

— Mas... O Sr. Gordon está de cama, com uma perna engessada... e o Sr. Miles e... e a sua jovem espôsa continuam ausentes, passeando.

— Traga-os também, **de qualquer maneira...**



Trant manteve a rosa alguns instantes sob o nariz de Daisy...

Houve um grande movimento em tôda a casa, ouvindo-se ordens gritadas e repetidas. Trant, enquanto isso, ficou a olhar através da janela do tipo "francês", largamente aberta e pela qual qualquer pessoa teria podido penetrar no salão de música, partindo do jardim, sem ser percebida.

A seguir desceu o olhar, a fim de observar mais uma vez a Sra. Weiderbacker. Então, com uma expressão indecifrável, que bem podia ser de dúvida como de satisfação, colheu uma rosa amarela, particularmente bela e que fazia parte de um glorioso ramalhete, colocando-a na **botoeira** do seu jaquetão.

Todos estavam reunidos no **living-room** — o mordomo junto da porta, Gordon Groves, taciturno e ansioso, num sofá, a perna engessada escorada por almofadas. Daisy, calma e com o rosto muito pálido agora, mantinha-se junto de Freda, com um bloco de taquigrafia sob um braço. Sem a menor dúvida, os mais suspeitos, aos olhos de todos, eram o sobrinho "parasita" e a artista de "variedades".

Miles Groves, um rapaz simpático, muito alto e bem proporcionado, estava de pé, junto de uma pequena mesa, sôbre a qual descansara um lenço cheio de morangos, uns bem maduros, outros bem verdes. Ao seu lado, mais espetacular e perfumada que as rosas em exposição no salão de música, estava Chloe Carmichael, uma ruiva sensacional e que era a mais nova e discutida sobrinha da falecida Sra. Weiderbacker.

O inspetor ouvira tudo o que os presentes tinham a dizer e procurava, agora, interpretar os fatos. Desde logo havia afastado o mordomo do rol dos suspeitos, dado que o mesmo se encontrava há mais de trinta anos ao serviço da Sra. Weiderbacker. Daisy falava ao telefone, e Gordon se achava imobilizado em razão da perna engessada. Considerava, neste momento, a posição de Miles Gordon.

— Então a Sra. Weiderbacker não gostou lá muito da... sua espôsa? Ia cortar a sua mesada e, também, riscar o seu nome do testamento?

— Realmente... E' verdade — disse Miles.

— E... a quanto se elevava a sua mesada?

— O equivalente a 10 mil dólares anuais.

— E... quanto caberia ao senhor, em caso de morte da Sra. Weiderbacker?

— "Um têrço!"

Gordon se encarregara de responder do seu sofá. E acrescentou:

"— Eu receberia dois terços. De qualquer maneira, caberiam a Miles uns 500 mil dólares.

— Mas, apesar de tudo — afirmou Miles — não a matei! Esperava realmente que ela me pusesse para fora do testamento. E não estava assim tão aborrecido. Afinal, isso me causava até uma sensação de liberdade... Estava mesmo resolvido a começar vida nova.

O inspetor riu sem cerimônia. Porém Chloe Carmichael se intrometeu, decidida, para afirmar:

— O que êle disse é verdade! Pensava em conseguir um emprêgo. E não matou ninguém! Pois estava fora de casa, passeando comigo...

— Prove isto! — intimou o inspetor com ar de desafio zombeteiro — Prove que êle não veio cá, tendo penetrado pela janela e...

— Não fêz nada disso! — insistiu Chloe.

Pela primeira vez, o Tte. Trant falou, para perguntar, curiosamente:

— Onde colheu êsses morangos?

O "parasita" pareceu surpreendido com a pergunta:

— Oh! Encontrei-os... enquanto passeava. Titia era louca por morangos. Lembrei-me de trazer para ela, para provar que o ocorrido esta manhã não fôra motivo para rancores...

O inspetor riu mais uma vez e com o mesmo cinismo provocador.

Trant, porém, não lhe deu tempo para dizer qualquer inconveniência, falando antes dêle:

— E não terá visto alguém, durante o seu passeio?

— Ninguém, infelizmente. — disse Miles, realmente desolado — Vimos apenas... um avião... Um aviãozinho particular...

Trant estremeceu.

— Êsse avião passou sôbre a casa de minha irmã, dois minutos antes do crime ser descoberto.

— Sim — explicou o inspetor — Era o avião de Charlie Smith em sua excursão diária a Pougnkeepsie.

Trant se voltou para êle.

— O avião de que fala pode ser visto desta casa? — perguntou.

— Claro que não! Charlie sempre pássa sôbre Linkville — explicou.

— Linkville! — exclamou Chloe, quase num grito — Foi onde nós estivemos! Lembro-me, agora, de ter visto êsse nome numa tabuleta.

Trant se voltou vivamente para Mìles.

— Que côr tinha êsse avião?

— Verde — disse Miles.

— Não, não... Era ve.melho! — corrigiu Chloe

— Vermelho, sim!

O inspetor pareceu satisfeitíssimo:

— Sim... Por certo que era vermelho — disse êle — Pois se pertence ao vigia do corpo de bombeiros! Mas vejo que estou lidando com uma moça esperta...

Deteve-se para saborear o seu triunfo e a seguir explicou:

— Ela foi dar um passeio, viu o avião e contou o fato ao marido, **para que êle tivesse um álibi.** Mas esqueceu de indicar a côr do avião! Confere, Groves?

Porém no momento em que o inspetor avançava contra o suspeito, como se o quisesse prender, Trant falou, dirigindo-se a Miles:

— Sr. Groves... Quer, por favor, oferecer-me dez morangos maduros, dos que tem nesse lenço?

Positivamente assombrado com o que ouvia, Miles escolheu dez dos morangos e ofereceu-os na palma da mão. Alguns dos frutos eram rubros e maduros; outros, ao contrário, eram verdes e, naturalmente, não maduros.

O sorriso de Trant foi quase uma careta, pois procurou ocultar a sua imensa alegria.

— Logo que vi os morangos, imaginei que Miles Groves era incapaz de distinguir entre as côres verde e vermelha. Milhares de indivíduos têm êsse defeito visual — e quase sempre ignoram. O avião, para Miles, era verde mesmo. A meu ver, Sr. Groves, isto o isenta de tôda culpa. De fato, o senhor viu o aparelho dos Bombeiros!

E sem prestar atenção aos resmungos do inspetor, Trant se dirigiu a Gordon. Ao passar diante de Daisy e Freda, tirou — sem cerimônia — o bloco de papéis para estenografia, de sob o braço da primeira, detendo-se um instante, para lançar um olhar à primeira página, coberta de sinais característicos. "Prezadas consócias..." Leu ainda por alguns instantes, estudando aparentemente o estilo literário de sua irmã.

— Imagino, Sr. Groves... — Trant começou a falar, mantendo sempre os olhos voltados para o bloco de taquigrafia, mas a seguir, levantando a cabeça, olhou diretamente para o interpelado, antes de continuar:

"—... imagino que viver em companhia da Sra. Weiderbacker não devia ser coisa muito agradável — nem fácil. Ela era criatura mandona, desconfiada, sovina e talvez grosseira, eh? E como seria muito mais agradável possuir o seu próprio milhão! Além do mais, era realmente uma tentação matar a tia milionária... enquanto havia em casa alguém mais vulnerável às suspeitas..."

As feições de Gordon Groves se tornaram ameaçadoras, quase terríveis de se olhar.

— O senhor quer insinuar que eu...?

— Oh, não! Não o senhor — pessoalmente! Mas a sua espôsa... Ela matou a Sra. Weiderbacker! Tinha idênticos motivos para isso.

Voltou-se, ao falar, para cumprimentar Daisy.

— Muito engenhoso o seu plano, Sra. Groves.

— Thimoty! — gritou Freda, escandalizada e muito pálida — Como ousa acusar Daisy? Quando o crime ocorreu ela estava ao telefone, taquigrafando o meu ditado...

— Estava mesmo? — perguntou sorridente. D.pois, voltou a consultar as notas taquigrafadas e, voltando-se para o mordomo, perguntou:

— Quem recebeu a correspondência das mãos do carteiro, esta manhã?

— Mmm... Creio, senhor... Creio ter sido a Sra. Groves!

— Tinha que ser! — afirmou Trant, voltando-se para a sua irmã — O seu discurso, Freda, chegou realmente esta manhã, mas sugeriu todo o plano para o crime. De fato, Daisy recebeu o envelope contendo o discurso, copiou-o em taquigrafia, pretendendo depois que o mesmo não havia chegado, e oferecendo-se para apanhá-lo pelo telefone... "Um álibi perfeito e para o qual êste bloco serviria de prova evidente. O resto foi fácil. Enquanto você ditava, enfàticamente, ela pousou o fone, correu ao salão de música, matou a Sra. Weiderbacker com um tiro e voltou ao telefone, para concluir a comédia...

"Foi lamentável, para ela, que você acabasse concordando na alteração de todo o período referente à democracia. O mesmo estava na fôlha dactilografada, enviada pelo correio. Você não o pronunciou da mesma maneira, ao telefone, improvisando, na hora, segundo a conversa que comigo tivera... Mas aqui, neste bloco, **está exatamente conforme o texto enviado pelo correio!** E isto, justamente, perdeu a criminosa!

Daisy saltou do seu canto, pálida e com os lábios tremendo:

— E' mentira! Nunca me aproximei da sala de música!

— Está certa do que diz, Sra. Groves? Quando chegamos, há cêrca de duas horas, notei que tinha as faces vermelhas e empoladas, assim como as pálpebras. Imaginei que isso era devido a ter chorado muito... Mas foi só no princípio, porque depois pensei melhor...

Trant retirou da botoeira a bela rosa amarela, que sustentou algum tempo sob o nariz de Daisy. Quase imediatamente, a acusada espirrou com violência, enquanto os olhos começavam a ficar vermelhos, as pálpebras a empolar, e as faces aqueceram depressa.

— Justamente como em imaginava! — murmurou Trant — Não foi devido a chôro e sim a um processo alérgico!

Voltou-se, então, grave e pesaroso, para a sua irmã:

— Sinto muito, Freda — disse êle — Mas, da próxima vez, procure escolher melhor as suas amigas. Recomendo-lhe alguém de sangue menos frio... Lançou um rápido olhar para Chloe Carmichael parecendo satisfeito com êsse exame.

"— Uma atriz de variedades, por exemplo! — concluiu.

(História real, relatada por D. B. LEWIS)



O SALTO DO Diácono

A fiel e eterna Justiça escocesa ordenou que aquela madrugada de 1.º de outubro de 1788 fôsse a última que o Diácono Brodie visse raiar, pois seria enforcado logo após.

Apesar disso, foi com surprêsa que o carcereiro e os componentes do tradicional séquito dos condenados a morte encontraram Brodie a sorrir, em sua cela, aparentando uma calma irritante.

Levado ao patíbulo, subiu as escadas do mesmo com passo firme e resoluto, fazendo acirrada questão de dar, êle mesmo, as ordens ao carrasco, para que levasse avante a sua execução.

Segundo juraram as testemunhas, o Diácono, trajando uma alva camisola, do tipo que vemos no cinema, quando da execução de algum criminoso (passando-se a cena em épocas remotas), e já com o laço feito ao pescoço, deu, sorridente, a ordem ao carrasco para que abrisse o alçapão que o lançaria na eternidade...

Mas, a exemplo de um seu homônimo dos Estados Unidos, Steve Brodie, que, recentemente, praticou uma sensacional façanha, atirando-se da ponte de Brooklyn, como foi largamente noticiado na ocasião, o Brodie da Escócia (onde se passou esta história verídica) tomara precauções especiais para sobreviver ao seu "enforcamento"...

Para William Brodie, êste o seu nome de batismo, o título de "Diácono" não apresentava nenhuma significação religiosa. Significava, apenas, que êle trabalhava numa casa que confeccionava roupas para religiosos, sendo, portanto, um simples apelido. Acresce notar que êle era considerado um importante cidadão em Edimburgo, sendo membro do Conselho da Cidade.

Como muitos homens importantes, o Diácono manteve, durante muitos anos, uma vida dupla e, algum tempo depois, esta se tornou **tripla**, pois passou a sustentar, além do lar que construíra originalmente, **mais duas famílias**, tôdas contando mulher e filhos! E era "marido" carinhoso e "pai" dedicado... Êste talvez tenha sido o motivo pelo qual seu meio de vida não era suficiente para manter as três proles que **instituíra**...

E foi assim que, premido pela necessidade, o respeitável "Diácono" deu seu primeiro passo na direção do patíbulo, uma vez que, na Escócia daqueles dias, o roubo constituía um crime punível com a morte pelo enforcamento.

Podemos presumir, graças a tão saliente regra, que os roubos, naquela época, eram raramente efetuados. E, tão grande era a confiança que essa sanção inspirava, que os negociantes de Edimburgo costumavam pendurar as chaves de suas lojas, do lado de fora, quando cerravam as portas.

Desta forma, não foi difícil ao Diácono obter o molde da chave da loja de um seu conhecido, negociante de jóias. Algumas noites depois, a loja foi saqueada, levando o Diácono todo o dinheiro ali existente, além de grande número de jóias.

Durante algum tempo, o Diácono pôde sustentar "honestamente" cada um de seus "lares", antes de que tivesse nova e premente necessidade de dinheiro. Foi então obrigado a aumentar o seu raio de **ação**; assim tomou a seu serviço três "auxiliares", de nomes Brown, Ainslie e Smith.

Daí em diante, tudo passou a correr muito bem, obtendo o zeloso chefe de **famílias** ótimos proventos de suas atividades. Isto, naturalmente, até que resolveu dar o "grande golpe", que lhe possibilitaria aposentar-se na sua brilhante carreira de roubo organizado. E nosso ousado e inteligente personagem soube escolher: nada mais, nada menos, que a coletoria dos impostos, correspondendo, em nossa época, à Coletoria do Imposto sôbre a Renda.

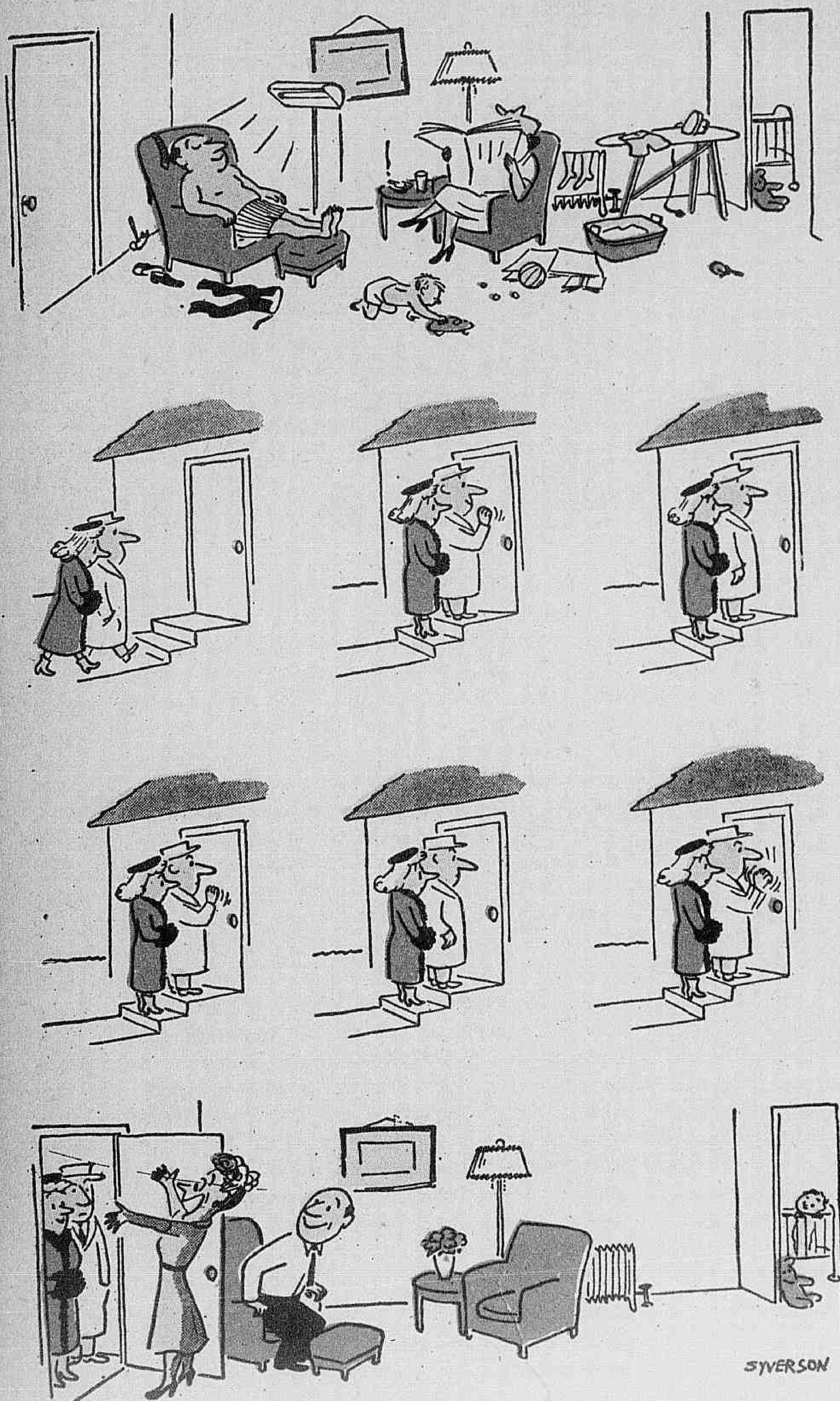
Naquela época, os impostos eram pagos em ouro, ficando o produto trancado, sem que fôsse necessária maior vigilância no depósito. A chave do mesmo, como era costume, ficava pendurada do lado de fora, durante o dia. Isso tentou ao

Diácono, que resolveu fazer uma "limpesa" em regra na coletoria.

Na noite do "trabalho", Ainslie ficou do lado de fora, para o caso de algo inesperado suceder; o "Diácono" ficou montando guarda à porta, enquanto Smith e Brown, entusiàsticamente, recolhiam os valores que se encontravam no depósito. Tudo foi feito em silêncio... até que o soar de passos indicou que o encarregado estava de volta.

Ainslie ficou tão surpreendido e temeroso que esqueceu de dar o sinal convencionado, no caso da aproximação de alguém, isto é, esqueceu de assobiar. Passando por êle, que se escondera nas sombras, o funcionário da coletoria quase esbarra com o "Diácono" Brodie, que, com um salto de espanto, deitou a correr pelas ruas desertas, na direção de sua residência habitual.

A Coletoria de Impostos anunciou uma recompensa de cento e cinqüenta libras e o perdão para qualquer pessoa, implicada ou não no roubo, que desejasse prestar informações a respeito. E isto foi o bastante para que Brown se interessasse em aumentar as suas "economias", ainda mais considerando-se que ficara tremendamente ofendido com a súbita deserção do "Diácono".



Assim, numa quarta-feira, dia primeiro de outubro do ano de 1788, o "Diácono" Brodie galgou resolutamente os degraus do patíbulo, encarregando-se de dar ordens ao carrasco para proceder à sua própria execução.

No entanto, decorridos alguns anos de tão brilhante demonstração de "sangue frio", correu a notícia de que o "Diácono" fôra visto **vivo**, passeando calmamente pelos **boulevards** de Paris, com duas lindas criaturas, uma em cada braço! Apressaram-se as autoridades escocesas a inspecionar o caixão em que fôra enterrado o "executado" e, com não pequena surprêsa, verificaram que estava vazio!

O que, até hoje, não pôde ser explicado foi se houve subôrno do carrasco e o **motivo** da rapidez com que se retirou o "cadáver" do patíbulo, para, logo em seguida, ser passado o atestado de óbito por um médico francês. Haveria, talvez, um tubo de prata no interior de sua garganta, assim permitindo que êle respirasse, enquanto a corda apertava incômodamente o seu precioso pescoço? Ou, quem sabe, teria êle colocado arames sob a roupa aos quais foi ligada a corda, a fim de quebrar a violência da queda quando o alçapão se abrisse?

Qualquer dêsses estratagemas pode constituir a resposta para o "salto" que o condenado deu, do patíbulo, na Escócia, para os "boulevards" de Paris.



Um dos quadros de Salvador Dali, o fundador do método de pintura denominado "crítico-paranoico".

SÃO LOUCOS OS PINTORES MODERNISTAS?

Por LEROY THORPE

CERTAMENTE, qualquer pessoa que já tenha visitado uma exposição de "pintura moderna", deve ter parado diante de algum quadro que lhe causasse a impressão de ter sido pintado por um louco.

Imagens encimadas por um céu purpúreo, sóis com raios azuis, mulheres com os olhos saltando fora das órbitas, linhas traçadas incompreensivelmente; mais além, uma tela ornamentada por círculos, retângulos, quadrados e fifuras geométricas destorcidas, semelhantes aos desenhos feitos por pessoas de faculdades mentais alteradas. Tudo isto causa, como reação, a pergunta freqüente:

— Que quis o autor expressar com essa aberração? Estaria êle em seu juízo perfeito quando pintou o quadro?"

O fato de alguns dos artistas que pintam essas telas grotescas (que mais se assemelham a pesadelos, com imagens confusas e irreais, e contendo, usualmente, algumas obcenidades) pedirem altos preços por sua "obra de arte", vem aumentar ainda mais a confusão entre os admiradores de exposições de pintura. E' muito comum ouvirmos, entre êstes, opiniões desencontradas, a respeito dos pintores: alguns consideram êsses artistas gênios sobrenaturais; outros, ao contrário, juram que são loucos, desmiolados, e chegam ao cúmulo de afirmar que pintaram os seus quadros, propositalmente, com requintes de insanidade, para assim chamar mais ainda a atenção do público.

Não é pequeno o número de eminentes críticos de arte e de psiquiatras que pensam da mesma forma que a última corrente de admiradores acima citada. Êstes críticos a psiquiatras se referem, particularmente, às escolas de arte super-modernista, que se têm desenvolvido e espalhado com intensidade quase histérica, com suas diversas correntes: o **futurismo**, o **vorticismo**, o **cubismo**, o **surrealismo** e outras mais, quase desconhecidas.

Essa questão de insanidade dos pintores da atualidade é muito importante. E' grande o nú-

UMA ARTE REVOLUCIONÁRIA, CARACTERIZADA POR VISÕES GROTESCAS, SEM UM SENSO DEFINIDO, QUE SE DESTACA DA PINTURA, FIXANDO-SE COMO UM RAMO NOVO, DE HORIZONTES INATINGÍVEIS, TERÁ ÊSSE ESTILO BASE FORMADA PELA INSANIDADE DOS SEUS IDEALIZADORES?

quenininos crâneos emergindo das cavidades de um crâneo maior, etc.

Ùltimamente, Dali tem recebido pedidos de várias proveniências para pintar quadros **que são comprados antes mesmo dêle os terminar.** Os preços pagos por suas telas são enormes, como, por exemplo, os vinte e cinco mil dólares pagos por uma senhora da alta sociedade, interessada na arte de Dali.

Fica-se completamente estonteado diante dos quadros dêsse expoente na arte de pintar, e chegamos mesmo a duvidar se o simpático Salvador Dali, de cabelos negros e nariz aquilino, tem as faculdades mentais alteradas, como geralmente se afirma. Merece ser citado o fato de que Sigmund Freud, quando ambos se encontraram, ficou fascinado por Dali, considerando o pintor um exemplar humano **a ser estudado,** não tendo, no entanto, demonstrado o mínimo interêsse por suas pinturas. O próprio Dali se referiu, por várias vêzes, à questão de sua pretensa insanidade mental, e chegou mesmo a escrever:

"— A única diferença entre a minha pessoa e um louco, é a de que eu não estou louco"! Isto importa em dizer que Dali não se considera um doente mental, mas apenas dotado de um tipo de mente **extremamente aguçado,** no que se refere à arte. No entanto, escreveu êle, também, algo que suscita uma certa dúvida a respeito de sua pessoa; afirmou **não se julgar capaz de prever "... o histérico e futuro curso de minha conduta, e, muito menos, a meta final para a qual me conduzem os meus atos..."**

Mais adiante examinaremos alguns fatos da vida pessoal de Dali, conforme o livro que publicou, intitulado **A vida secreta de Salvador Dali** — e que constitui uma das mais fantásticas auto-biografias jamais escritas.

Passemos agora a tratar de um dos mais primitivos ramos da pintura, que é o chamado "Dadaísmo", caracterizado pelos maiores excessos e tipos irracionais que podem ser concebidos pela mente de um artista normal ou insano.

Discorre David Gascoyne em seu livro "Um peque-



Pintura abstrata, feita por um internado de manicômio. Poderá o leitor estabelecer diferença entre esta e a altamente remunerada pintura moderna?

mero de artistas que expressam seus sentimentos por meio de imagens sobrenaturais, bizarras e destorcidas, e êsse número tende a aumentar ainda mais. Muitos dêles apresentam, mesmo, em suas vidas pregressas, períodos de insanidade mental ou de esgotamento conduzindo a freqüentes sintomas de perturbação mental.

A paixão por essa "arte" atual constitui fato plenamente comprovado, e não se resume apenas numa excitação passageira por parte dos componentes da **escola moderna.**

O maior ou mais notório dos pintores surrealistas é Salvador Dali, mundialmente famoso pela técnica que emprega em seus quadros, apresentando visões desencontradas, como que saídas de um pesadelo e tornadas concretas. Nesse conjunto de incoerências, aparecem, em primeiro plano, relógios semi-fundidos, pianos, violoncelos, tudo isto entremeado, aqui e ali, por pinceladas suaves; telefones embutidos em concha de ostras; uma donzela, vista de costas, apresentando uma "janela" em seu corpo, e pela qual se podem ver cenas disparatadas, tais como um ambiente de desolação, com árvores retorcidas e a terra enfumaçada, pe-



Auto-retrato de Van Gogh. Êle cortou a própria orelha, presenteando-a a certa mulher.

no exame do surrealismo:

"O **Dada** era uma forma espetacular de suicídio, uma espécie de manifestação de desespêro quase lunático... expressando apenas revolta; constituía um delírio!"

Muitos **dadaístas**, provávelmente, eram loucos, tendo outros elementos da corrente, agido de forma semelhante. A melhor definição para essa escola é a de que a mesma açambarcava tudo aquilo que a média dos admiradores da época considerava meritório, tanto na arte, como na literatura, e, ainda, no campo moral, além de outros. Como não podia deixar de ser, o **Dadaísmo** atraiu os excêntricos.

Qual a origem de um têrmo tão singular, para expressar um dos primeiros ramos da pintura moderna? Ei-la:

Esta palavra foi criada de um modo excêntrico. Conforme descreve Hans Arp, um dos mais destacados **dadaístas**, **"estava êle sentado, no dia 8 de fevereiro de 1916, no "Terrace Café", em Zurich, em companhia de Tristan Tzara** (outro fundador do **Dadaísmo**), **quando um pedaço de miolo de pão, atirado a esmo, foi alojar-se em sua narina esquerda** (I). **Isto foi o bastante para que lhe viesse à mente a idéia de batizar a nova arte . . . (!!)"**



O BOLERO DE RAVEL pintado por Salvador Dali para a Coleção Capehart.

Era necessário **um nome** para a "nova forma de arte". Tzara valeu-se de um dicionário e, sem olhar, deixou cair o dedo sôbre uma palavra qualquer; a palavra sorteada foi **dada**, que significa **pequira**, designando um cavalo pequeno. E assim nasceu o **"Dadaísmo"**.

Um dos primeiros **"Dadaístas**, Johannes Baeder, de Berlim, era um paranóico. Certa feita, subiu ao púlpito da Catedral de Berlim e anunciou que a salvação do mundo residia no **Dadaísmo**.

Dizia êle que possuía um programa pré-estabelecido, para a salvação do mundo. Seria aclamado como "Surdada (presidente da **Justiça Mundial)** e presidente **secreto** das **nações intertelúrgicas superdadaístas . . ."**

Infelizmente, Baeder era um tanto louco para ser levado a sério, e acabou sendo internado num sanatório. em virtude de sua aberração mental. Uma vez devolvido à sociedade, pintou um quadro intitulado: **"A produção do Surdada após a sua primeira libertação de um hospício"**.

Uma idéia do processo mental de Tzara, que inventou a palavra **Dadaísmo**, pode ser dada pela



Picasso pendura, êle próprio, os seus quadros. (Para ter certeza de que não ficarão de cabeça para baixo?,

"obra prima de poesia" que apresentamos abaixo. Aquêles que tiverem inclinação para o **Dadaísmo**, não terão dificuldades em traduzir e entender as "harmoniosas expressões" que Tzara utilizou. E, se, por acaso, não entenderem, e não quiserem dar-se por vencidos, recorram a um poliglota **dadaísta...**

in your insides there are smokinglamps
the swamp of blue honey
cat crouched in the gold of a flemish inn
boom boom
lots of sand yellow bicyclist
chateauneuf des papes
manhattan there are tubs of excrement before you
mbaze mbaze bazebase mleganga garob
you turn round rapidly inside me
kangaroos in the boat's entrails...

Êste "poema" dá uma excelente descrição da **essência** da arte **Dadaísta.**

Kurt Schwitters, outro **Dadaísta**, apresentou considerável evidência de excentricidade. Era um colecionador de objetos inúteis: sua residência vivia entulhada de fôlhas de manuscritos postos fora, pedaços de vidro, troncos de árvores, madeixas de cabelos, e tôda sorte de bugingangas que êle conseguia recolher aqui e acolá.

Amedo Modigliani, outro elemento dessa corrente, costumava passear pelas ruas e manter longas conversações com entidades invisíveis e pessoas imaginárias, sofrendo ainda de alucinações em que surgiam demônios e outros monstros que sua mente perturbada criava.

Era êle uma vítima do sadismo e da bebida; vivia do sustento que lhe davam as mulheres, e tinha verdadeira fascinação pelas infelizes freqüentadoras dos cafés de segunda ordem, tendo pintado muitas delas.

Para o obrigar a trabalhar em sua "arte", um comprador de quadros resolveu trancá-lo, certa vez, em um quarto, oferecendo-lhe uma garrafa de conhaque, diàriamente. Morreu aos 36 anos de idade, tuberculoso.

Outro dos "grandes pintores dadaístas", Kandinsky, teve suas obras comentadas por Thomas Craven, no livro **Arte Moderna**, da seguinte forma: **"Seu trabalho não constitui nem sequer boa espécie de cópia... — "O resto é um emaranhado de expressões ininteligíveis, e nada mais do que isto..." "Êle é uma vítima de combinações anormais..."**

O **dadaísta** Max Ernst era um pintor de pesadelos, que se apresentavam como soem ser os maus sonhos, com mulheres grotescas em posições ainda mais grotescas, combinadas com monstros de contornos difíceis de perceber.

Gaugin, um dos primeiros **impressionistas**, era um bêbedo e tinha acirrado ódio pela Humanidade. Dado a intensos ataques de melancolia, tentou extinguir sua vida tomando arsênico. Desejoso de que sua identidade não fôsse descoberta após a morte, deitou-se num enorme formigueiro, antes de ingerir o veneno, esperando que as formigas tornassem seu corpo irreconhecível. No entanto, a dose que tomou não foi suficiente para morrer, de modo que, salvando-se, Gaugin pôde viver ainda muitos anos.

Vincent Van Gogh foi outro pintor que se tornou famoso; alcoólatra crônico, unia-se às mais baixas mulheres que podia encontrar. Em seguida a uma visita que fêz a um bordel da cidade de Arles, na França, durante a qual uma das infelizes freqüentadoras expressou o desejo de obter uma de suas orelhas como presente de natal, Van Gogh, ao voltar para casa, cortou a própria orelha com uma navalha, e foi entregá-la pessoalmente, à solicitante.

Van Gogh era muito conhecido nessas rodas formadas por gente da pior espécie, pelas al-

cunhas de "Vermelhão de uma orelha só", ou "Vermelhão maluco". Internado num asilo, continuou a pintar, afirmando que — **"afinal, existem tantos pintores de uma forma ou de outra amalucados, que, aos pouquinhos, irei me consolando".**

As telas de Van Gogh constituem os atos mais naturais de todos os que praticava. Isto põe em relêvo que nem sempre um pintor louco produz quadros refletindo a sua insanidade mental. Muitos internados em manicômios pintam de um modo **conservador** e suave, embora, em certos momentos, possam mostrar-se dementes perigosos.

O fim de Van Gogh foi o suicídio, tendo desfechado um tiro no próprio estômago.

Em seguida ao **Dadaísmo**, surgiu o **Surrealismo**, que os próprios surrealistas descrevem como sendo **"uma espécie de pintura feita com o subconsciente."** Craven, no entanto, é mais categórico, ao chamar os pintores dessa corrente de **"artistas inférteis".**



Salvador Dali, num dos seus mais recentes retratos. A expressão (com o tipo de bigode, o jeito de cruzar os braços, a posição das mãos, etc.) não o recomenda muito — devemos confessar — como homem de juízo perfeito.

O surrealismo pode ser definido, simplesmente, como **uma pintura automática**, dando em conseqüência uma idéia de **um sonho confuso** ou de **um pesadelo.**

Pessoas, animais, e objetos são associados sem uma razão plausível e, freqüentemente, os surrealistas têm grande trabalho em explicar aos fãs os contornos e a significação de seus próprios quadros.

Voltemos agora a Salvador Dali, que merece um estudo todo especial, por ser o líder dos surrealistas.

Nasceu a 13 de maio de 1904, em Figueras, na Espanha. As anotações que se seguem são tiradas de sua **auto-biografia:**

Quando contava cinco anos, seguindo um súbito impulso ("como ocorre com a maioria de minhas idéias"), empurrou um garôto de menor idade que a sua, do alto de uma ponte, fazendo-o cair sôbre umas rochas que se encontravam alguns metros abaixo. Em conseqüência, a vítima de seu ato perverso sofreu sérios ferimentos, tendo que guardar o leito durante uma semana.

Dali notou que essa experiência produziu em seu âmago "um estado alucinatório delicioso", e não experimentou nenhum sentimento de culpa.

Ainda criança, gostava de sentar-se no tanque de lavar roupa, com uma coroa de papelão sôbre a cabeça. Aos 16 anos, atirou-se por uma escada em forma de caracol, sofrendo algumas fraturas. Nessa ocasião experimentou "uma ótima sensação".

Seu maior desejo, enquanto freqüentava a Escola de Belas Artes, em Madrid, era "constantemente, sistemàticamente, **e a qualquer preço**, fazer exatamente o contrário do que tôda gente fazia...." Foi expulso da citada escola, após informar aos professôres que o examinavam, de que **era "infinitamente mais inteligente" do que êles.**

Em certas épocas, bebeu muito, tendo também sofrido alucinações. Fêz a côrte a sua espôsa, Gala — que, na época, era casada com um outro surrealista, tendo êste facilitado o divórcio, a fim de que ela desposasse Dali — colocando flores em seu próprio cabelo, besuntando-se da cabeça aos pés com óleo de peixe, e pintando a si próprio com sangue.

Após seu casamento, pintou um quadro de sua espôsa com dois pedaços de carne crua nos ombros, **como símbolo de que fôra salva de qualquer ato de canibalismo da parte dêle:** assim, êle comeria a carne crua em lugar de devorá-la!

Em Londres, Dali fêz uma conferência a respeito de Surrealismo, envergando uma roupa de mergulhador. Certa vez, colocou um Buda de bronze, que havia decorado com pulgas mortas, no interior de um pão, chamando essa fantasia de "Miscelânea".

Outra de suas obras dêsse gênero foi o "Casaco Afrodisíaco", um "dinner-jacket" ao qual estavam presos 88 copos de licor; em cada copo havia um coquetel, "creme de menthe" — e uma só môsca morta!

Não existe o menor sinal de modéstia em Dali, que chama a si mesmo o inventor do "método crítico-paranóico" de pintura.

Reconhece-se contudo, que sua fôrça de imaginação é imensa e soberba; os críticos e demais artistas são unânimes em afirmar que Dali vive oprimido e fascinado pelos sintomas de insanidade mental, como a histeria, a insanidade completa, e outros estados mórbidos.

Uma das mais agudas análises feitas a respeito de Salvador Dali foi a realizada pelo Dr. Charles I. Glickberg, do Centro de Pesquisas de Brookly que escreveu no número de março de 1949, da revista **The Nineteenth Century and After:**

"Sua auto-biografia, a confissão sádico-masoquista de um tipo de mente convulsa, procura glorificar seu frenético exibicionismo, suas distorsões paranóicas e suas excentricidades psicopáticas. Sendo um indivíduo fantàsticamente egocêntrico, é dominado por um orgulho quase infantil. Sente-se, outrossim, orgulhoso de suas perversidades..."

Desde que o escritor acima citado não é um psiquiatra, não está em posição de emitir um parecer autorizado a respeito das condições mentais do grande pintor.

Vimos assim, examinando superficialmente êsses ramos que se entrelaçam com outros, na arte de pintar, que, em média, muitos pintores das escolas cultistas (e, bem assim, vários outros, que seguem linhas convencionais, em seu trabalho) possuem pequena, senão grande afetação das faculdades mentais. Não é demais afirmar, em conclusão, que o cultismo e as anomalias mentais seguem lado a lado, e que os pintores, em sua maioria, constituem indivíduos bastante **estranhos.**

TERROR

UM GRANDE BAILE PARA GENTE DO TÔDA UMA GRANDE ÁREA FLORESTAL. ATÉ AONDE CHEGARÁ A FANTASIA

Tudo se moderniza... Os espectros organizam festas e dirigem automóvel...



...enquanto os esqueletos empunham pandeiros e vão montados sôbre o radiador.



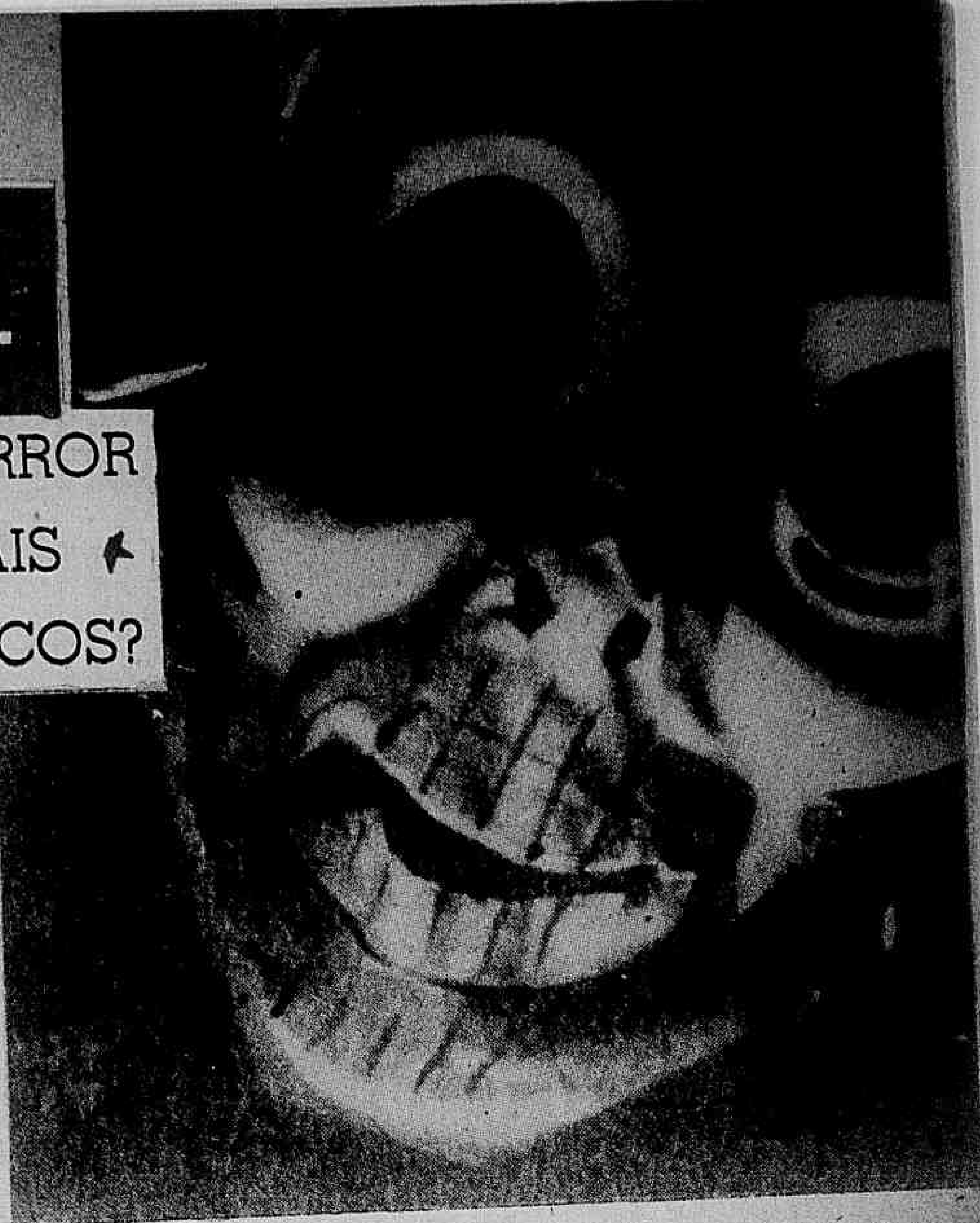


Um velho "maillot", artìsticamente ornado com um ôlho de vidro e uma orelha de pano e algodão, chega para transformar um rapaz simpático nesse monstro medonho, que fará desmaiar alguma linda convidada.

Não só entre nós, de ano para ano, por ocasião do Carnaval, as festas assumem aspectos cada vez mais inesperados e — por que não dizer? — condenáveis. Já aqui foram realizadas festas com títulos tais como "dos Carrascos", "dos Leprosos", "dos Cafagestes", etc. Nestas páginas damos aspectos de uma "festa" carnavalesca, realizada em plena floresta, numa casa considerada mal-assombrada. Foi uma noite terrível, segundo revelam as fotografias; e à qual com-

PARTY...

«OUTRO MUNDO» ENCHE DE HORROR ASSUSTANDO HOMENS E ANIMAIS ✦ DÊSSES INCONTENTÁVEIS MALUCOS?



Na principal janela da casa de campo, esta visão de pesadelo acolhia os convidados, deixando-os, logo de saída, com o sangue gelado!

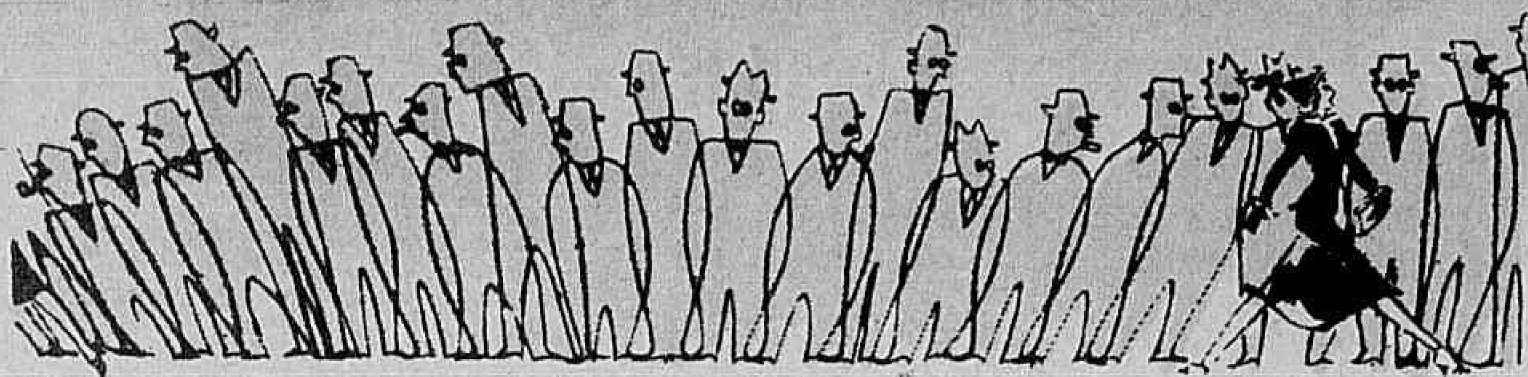




Esta, por exemplo, gritou aterrorizada, e sua reação é uma imagem magnífica de mêdo selvagem, embora sem razão. AO ALTO: Conduzida por um esqueleto, uma farândola macabra, iluminada por um enforcado fosforescente, enche a noite de gritos e lamentos de gelar o sangue nas veias.

pareceram os mais famosos "fantasmas" do folclore anglo-saxão (pois a festa se realizou em algum lugar dos Estados Unidos da América do Norte) e nada faltou para que fôsse "completa", nem mesmo os incessantes ruídos de correntes, arrastadas pelas "almas penadas", os gemidos misteriosos, os lençóis esvoaçantes, as caveiras... e o whisky para tôda essa legião do outro mundo.





O LADO RISONHO DA VIDA

Em Bedford, Inglaterra, um vigoroso "golfer", disputando uma prova decisiva e tendo que lançar a bola para um objetivo distante quase cem metros, desferiu tão formidável tacada com o "club", que enviou a bola pelo espaço... indo atingir um pequeno avião de turismo, um "teco-teco", que fazia evoluções sôbre o terreno, derrubando-o. Felizmente nada sofreu o pilôto. Ao fim de longo processo, foi reconhecida a nenhuma responsabilidade do jogador de "golf", que assim pôde continuar a desferir suas terríveis tacadas.



*

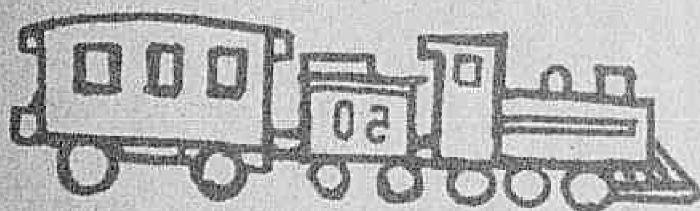
A Long Island Railroad, orgulhosamente, anunciou que provaria, nos seis meses seguintes, "que êsse era o meio de viajar mais eficiente e que a Diretoria se orgulharia da perfeição dos serviços prestados ao público!" Nesse período foram registrados 4 096 atrasos de trens.

*

Curioso anúncio de caráter "urgente" apareceu recentemente no jornalzinho de Phoenix, no Estado do Arizona. Dizia êle: "Cow-boy para rancho. Precisa-se de um que saiba tocar quitarra e jogar canastra. Nós ensinaremos como montar a cavalo."

*

Um vendedor comercial, dêsses que vão de porta em porta, vendendo escovas, aparelhos de rádio, etc., foi queixar-se à polícia de que em Detroit, no Michigan, a mulher que abrira a porta, ao seu toque de companhia, não apenas não lhe comprara qualquer artigo, como ainda vendeu-lhe a casa por 1 450 dólares. Mas não era, nem nunca fôra, a dona da casa!



*

Com elogiável honestidade, a Câmara de Comércio de Stanton, no Texas, mandou colocar um novo e grande cartaz à entrada dessa cidadezinha e destinado aos visitantes: "2 500 pessoas agradáveis e amáveis e umas poucas, antiquadas e casmurras, saúdam o forasteiro."

*

Em Berlim (ocidental, pois na zona oriental é proibido acontecer seja o que fôr...) uma jovem senhora bocejou com tanta vontade que abriu, abriu... a bôca até desarticular o maxilar. Mas não teve qualquer despesa hospitalar, porque quando chegou a ambulância, a paciente foi colocada tão "delicadamente" na padiola, que bateu com o rosto contra o ferro lateral... e imediatamente o maxilar voltou ao devido lugar!



*

Em Londres, uma matrona procurou Scotland Yard a fim de pedir providências urgentes contra determinado indivíduo que, à noite, infalìvelmente, ia postar-se diante do portão de sua residência e dali "aterrorizava o meu pobre cãozinho, latindo para êle como se fôsse um grande cão policial".

*

Determinado a fazer a própria defesa, num processo de violação do tráfego, um "chauffeur" de Paris foi prontamente multado em dois mil francos, quando perguntou à testemunha que o apontava como culpado:

— E que côr tinha a luz vermelha, quando eu passei?



*

Em San Francisco, a Sra. Ida Yee, pretendendo divorciar-se de John Yee, foi representada pelo advogado Samuel E. Yee (que não era nenhum parente seu), o qual apresentou como testemunha, Rosemary Yee (uma amiga) e terminou pedindo ao juiz permissão para voltar a usar o seu nome de solteira — Ida Yee!

PORQUE FRACASSAM CERTOS CASAMENTOS

Por HARDY BURT

As discussões podem surgir, de tempos a tempos, sem, entretanto, significar que o casal tem vida infeliz.

Eis aqui uma oportunidade, gentil leitora, de comparar você mesma e o seu cônjuge, com o Sr. e Sra. Silva, "cientificamente figurados". Êles não são ricos e vivem do que ganham — mas jamais demonstraram ciúmes e vivem muito felizes

RECENTEMENTE, em Indiana, um rapaz, aparentando ser estudante, formulou a uma jovem dona de casa, esta surpreendente pergunta:

— Que pensa a respeito da sua sogra?

Contràriamente ao que geralmente seria respondido, a jovem senhora, cândidamente, deu sua opinião a respeito de sua sogra. Posteriormente, a mesma senhora respondeu a uma série de outras perguntas, muitas delas de feição extremamente pessoal. E devemos salientar que ela não foi a única a responder a tais perguntas.

O rapaz com aparência de estudante fazia parte de um dos muitos planos de pesquisas, que prendem a atenção de eminentes cientistas dedicados a sondar os problemas sociais. Através de todo o mundo, milhares de casais têm revelado detalhes de sua vida privada a êsses estudiosos da vida social. As perguntas formuladas se estendem desde o montante da conta do casal, no banco, até à idade que tinham quando passaram a enfrentar as realidades da vida.



Os resultados dessas pesquisas enchem já hoje milhares de páginas, e os estudiosos buscam ainda a resposta para uma das questões mais importantes da atualidade: **Quais os motivos reais para o êxito ou fracasso no casamento moderno? Por que são alguns casais celestialmente felizes, ao passo que outros acorrem aos tribunais, visando divorciar-se?**

Os arquivos dos tribunais de divórcio falham no que se refere a uma resposta a êsse assunto de tão grande valor. Freqüentemente os pretextos alegados para o



— Não só o médico deve ser consultado sôbre a conveniência ou não de emagrecer... Consulte também o seu marido...

divórcio, no sentido de preencher os indispensáveis preceitos legais, são falsos, não deixando transparecer **os verdadeiros motivos psicológicos.**

No entanto, as pesquisas sociais continuam a ser realizadas, a fim de trazer à tona os motivos **reais** que proporcionam a felicidade ou a infelicidade de certos casamentos. De acôrdo, porém, com o material coligido, chegaram os estudiosos à conclusão animadora de que **é possível sonhar com o casamento cientìficamente perfeito!**

Figuraremos, em nosso artigo, um só casal para modêlo dos variados aspectos matrimoniais que abordaremos, nomeando-o de Sr. e Sra. Silva.

Estatìsticamente falando, ambos formam um **casal perfeito.** Diremos, ainda, que os dados conseguidos nas citadas pesquisas representam a grande maioria de idéias formuladas pelos casais interrogados, a respeito da felicidade matrimonial.

Comparem, pois, os leitores, sua vida **real** no matrimônio, com a do casal Silva, **cientìficamente perfeita**: é bastante que respondam sinceramente às perguntas que se seguem:

1 Ha quanto tempo estão casados o Sr. Silva e sua espôsa?

Conforme seria o ideal, êste casamento é cada vez mais firme, à medida que decorre o tempo. À semelhança do vinho, quanto maior o número de anos, mais delicioso êle se apresenta.

Nossos orientadores sociais descobriram, no entanto, a grande freqüência com que o vinho se torna avinagrado...

Existem, naturalmente, inúmeras exceções à regra geral. Nosso casal de pombinhos, porém, conta, atualmente, cinco anos de vida conjugal repleta de compreensão e felicidade.

Um antigo pesquisador do casamento moderno, o psiquiatra G. V. Hamilton, descobriu certas características do matrimônio, plenamente comprovadas posteriormente: há vinte anos, após observar a vida conjugal de grande número de casais, o citado cientista chegou, afinal, à conclusão de **que os primeiros cinco anos de casados constituem os mais felizes do matrimônio, ao passo que os cinco anos seguintes são os menos felizes.**

Decorridos os dez primeiros



Um conselho: procurem prolongar os hábitos do noivado, os passeios, a sós, por exemplo!

anos de casamento, o pêndulo da felicidade conjugal passa novamente a oscilar no sentido ascensional. Ressalte-se porém que, em média, durante tôda a vida conjugal, os cinco primeiros anos levam a palma em felicidade e alegria.

Alguns casais procuram tornar duradoura a harmonia encontrada nesses primeiros anos de vida matrimonial, conseguindo manter, pelos anos a mum. Qual será o segrêdo dêsses felizes sêres humanos?

Tendo submetido a questão a vários "entendidos" e "con-
a vários "entendidos" e "conselheiros", a respeito da vida conjugal, conseguimos as seguintes recomendações:

"O êxito de um casamento só pode ser conseguido mediante esfôrço. Muitos casais modernos colocam ilusòriamente seus matrimônios num plano de **sonhos românticos,** esperando que a felicidade surja automàticamente, quando a mesma só pode ser conseguida com uma boa dose de esfôrço e compreensão. Após alguns anos de vida conjugal, suas ilusões são completamente desvanecidas pelos atritos e contratempos que surgem na vida quotidiana.

"Os casais, cuja vida se encontra ainda em início, devem, pois, tornar seu casamento um laço sólido, procurando — à medida que o tempo passa — um **ajustamento e uma compreensão mútua,** a fim de vencer o grande número de obstáculos que freqüentemente se fazem presentes na vida conjugal.

2 Qual a idade do casal Silva?

Ambos estão beirando os trinta anos. Por meio de um cálculo simples, poderemos conhecer a sua idade. Em primeiro lugar, ambos estão no período dos cinco primeiros anos de casados. Em segundo lugar, seu casamento foi realizado após ultrapassarem os vinte anos de idade.

O estudo desenvolvido por Hamilton, um dos **pesquisadores** do matrimônio, de acôrdo com o modo de pensar de outros estudiosos, dá a concluir que um casamento apresenta maiores possibilidades de firmeza, **se os cônjuges tiverem mais de vinte anos quando o contraírem.** A esta mesma conclusão chegaram E. W. Burgess e L. S. Cottrell, Jr., no estudo que denominaram "Predizendo o êxito ou o fracasso no matrimônio". A ques-



A mulher que trabalha estraga um pouco a poesia do matrimônio. Que coisa mais absurda a mulher que salta do leito para trabalhar, enquanto o marido continua roncando, só porque a repartição dêle abre mais tarde que a dela...

tão da idade foi um dos fatôres que mais se fizeram sentir, nas pesquisas que êsses dois famosos sociologistas levaram a efeito, tendo afirmado ao fim de seus estudos: "E' fora de dúvida que o fracasso de grande número de casamentos é devido à pouca idade com que os cônjuges os contraem."

Além do mais, o casal Silva possui quase a mesma idade, contràriamente à opinião de que, o ideal é o marido ser alguns anos mais idoso que a espôsa. O mais recente estudo, que vem confirmar êste ponto, é o realizado por J. Locke, em tôrno de 929 pessoas casadas e divorciadas. O referido cientista, da Universidade do sul da Califórnia, observou que uma igualdade aproximada na idade é favorável ao ajustamento matrimonial.

3 Embora sendo um casal tìpicamente perfeito, surgem dissenções entre o Sr. e a Sra. Silva?

Não se deve pensar, em absoluto, que, por constituírem um matrimônio **cientìficamente perfeito,** os Silva não tenham, algumas vêzes, certos arrufos. **As rusgas fazem parte da essência do casamento.**

Um dos mais extensos e detalhados estudos, realizados em tôrno do matrimônio, é o levado a cabo pelo Professor Lewis M. Terman e denominado **"Fatôres psicológicos na felicidade conjugal".** Analisando um total de 792 casamentos, êsse estudo vem demonstrar que, até mesmo os casais mais bem ajustados não apresentam harmonia constante.

O casal Silva, por exemplo, pode ser encontrado a discutir freqüentemente, a respeito de suas respectivas famílias. A uma observação do Sr. Silva:

"— Sujeito esquisito êsse seu irmão! Parece um lutador de box!"

Logo retrucaria a sra. Silva:

"— E seu tio Wilson, não lembra, por acaso, um estivador?"

Isto não impede, todavia, que reine a harmonia no lar, desde que ambos apreciem o mesmo tipo de diversões, tenham preferências semelhantes. Uma boa dose de boa vontade, segundo o Professor Terman, constitui um dos pontos básicos na harmonia de um casal. As pequenas e momentâneas discordâncias que surgem nada mais são do que um reflexo da agitação interior, causada pelos contratempos diários a que estão sujeitas tôdas as pessoas do platêta.

4 Haverá inclinação, por parte do casal Silva, para o ciúme?

Não. Sempre se tem dito que **um pouquinho de ciúme é coisa comum no casamento,** e não prejudicial ao mesmo. No entanto, entre nossos focalizados, jamais se apresentam motivos para ciúme. Não é pequeno o número de vêzes em que podemos encontrar o casal Silva a dançar ou conversar com pessoas do sexo oposto, sem que isto redunde em ciúme ou desconfiança.

Se o Sr. Silva afirma que vai passar a noite em companhia de amigos, sua espôsa nem por um momento duvida de suas palavras. E o mesmo ocorre, quando a Sra. Silva chega ao lar um

O QUE CADA «CASAL DE POMBINHOS» DEVE SABER



À MEDIDA QUE PASSA O TEMPO, TORNA-SE O CASAMENTO MAIS E MAIS HARMONIOSO?

— Não, para a maioria dos casais.
(Vejam o item n.º 1)

QUAL A MELHOR IDADE PARA CASAR?

— Mais tarde do que pensam os leitores.
(Vejam o item n.º 2)



OS *CASAIS PERFEITOS* TÊM TAMBÉM SUAS RUSGAS?

— Podem crer que sim!
(Vejam o item n.º 3)

O CIÚME E' PERIGOSO?

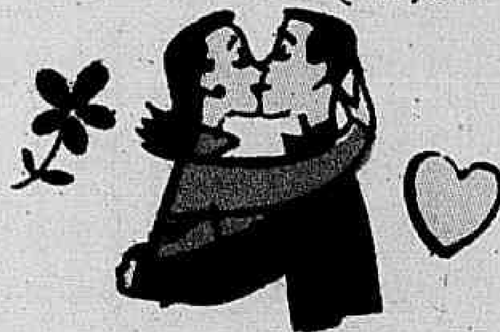
— Tanto quanto a bomba atômica.
(Vejam o item n.º 4)

DEVE A MULHER TRABALHAR FORA DO LAR?

— Não, se fôr possível evitar.
(Vejam o item n.º 5)

E' NECESSÁRIO POSSUIR MUITO DINHEIRO?

— O suficiente para poder levar uma existência digna.
(Vejam o item nº 6)



OS CASAIS FELIZES SÃO "ESPECIALMENTE" APAIXONADOS?

— **Não, necessàriamente!**
(Vejam o item n.º 7)



QUAL O GRAU DE EDUCAÇÃO NECESSÁRIO PARA UM "CASAL MODÊLO"?

— De preferência, educação superior.
(Vejam o item n.º 9)

QUANTOS FILHOS DEVE TER O CASAL PERFEITO?

— Não é necessário ter — embora seja preferível!
(Vejam o item n.º 10)

pouco tarde, após passar o dia fazendo compras, nas lojas do centro.

O estudo realizado pelo Professor Locke conduz, como os demais já efetuados, à conclusão de que a inexistência do ciúme constitui uma das condições primordiais no estreitamento dos laços matrimoniais. Pelos inquéritos levados a efeito, é possível afirmar que o casal **cientìficamente perfeito** não apresenta inclinação para relações românticas fora de sua vida marital.

5 Existe algum provento, por parte da Sra. Silva, fora de suas atividades no lar?

Já está plenamente demonstrado que a Sra. Silva deve ocupar-se ùnicamente com as atividades do lar, ficando a cargo do Sr. Silva ganhar o dinheiro necessário à manutenção da família. Os estudiosos do casamento são unânimes em afirmar que a mulher que exerça funções remuneradas, além das atividades normais de dona de casa, favorece a possibilidade de surgir a discórdia no lar. E qual o motivo dêsse resultado? O de que os maridos gostam de sentir-se como **o "chefe" da casa,** o que não quer significar "domínio"; em conseqüência dêsse fato, o trabalho remunerado da mulher não deixa de afetar, de algum modo, o "ego" do marido.

Devemos salientar, no entanto, que a questão em estudo não constitui uma regra rígida para o matrimônio, pois que, dadas as condições e o ritmo da vida moderna, é enorme o número de espôsas que acumulam os afazeres do lar com um trabalho remunerado, não advindo daí nenhum estremecimento das relações afetivas do casal.

6 Tem o casal Silva muito dinheiro?

Poderia ter. Mas, provàvelmente, não o tem.

Diremos que, como um grande número de cônjuges, levam êles uma vida financeira moderada, sem gastos exagerados ou privações desnecessárias. O Sr. Silva tem um emprêgo que possibilita uma ausência de débitos superiores aos da conta normal do armazém, ou do crédito com que compraram algumas roupas para o inverno.

Referentemente à vida econômica do casal, resta notar que os Silva possuem automóvel, telefone, além de cozinha e banheiro dotados dos aparelhos mais modernos. Uma das funções essenciais da Sra. Silva é a de efetuar um balanço mensal, verificando os gastos e prevendo as despesas a serem efetuadas; cabe-lhe também tratar dos pequenos depósitos periódicos, no Banco.

Uma das causas mais freqüentes para as discussões de um casal é a da vida econômica, que acarreta, às vêzes, sérios distúrbios na felicidade conjugal.

Embora seja altamente importante que o marido obtenha bons proventos, chegaram os pesquisadores à conclusão de que as mulheres, que casam visando obter uma situação monetária invejável, acabam por arrepender-se de seu ato, desde que seu temperamento não seja semelhante ao do "rico maridinho". O dinheiro não é, pois, uma garantia de felicidade no casamento. O que prepondera, são as pequenas condições de ajustamento pessoal de cada um dos membros do casal.

Na verdade, os dados estatísticos são contrários à existência de uma conta muito grande no banco. Um estudo, realizado entre 17 533 casais, veio revelar que, nos casamentos mais felizes, predominam os maridos com funções tais como as de professôres, funcionários de escritórios, fábricas, e outras, que não proporcionam salários muito elevados. A estabilidade regular, e as condições de vida do padrão médio, constituem uma das chaves mestras na conservação da harmonia conjugal.

7 O amor recíproco dos Silva é mais ardente do que o comum dos cônjuges?

Isto é algo que está sujeito a variações. Os Silva podem parecer, em certas épocas, um casal de ardentes namorados, ao passo que, em outras, se nos apresentam como um par de pessoas reservadas.

No estudo da vida conjugal, a questão de maior ou menor intensidade de relações não apresenta influência sôbre a harmonia do casal; sob êsse aspecto, o que mais interessa é a reciprocidade da atração amorosa.

Como foi revelado por Judson T. Landis e Mary G. Landis, no estudo a que chamaram de **"Como organizar um casamento feliz"**, dentre 544 casais, oitenta por cento classificaram seu casamento de **"muito feliz"**, graças à reciprocidade de desejo sexual. Ficou ainda demonstrado nessa pesquisa, que, nem o Sr. nem a Sra. Silva são extremamente modestos ou pouco freqüentes em suas relações de carinho.

E' ainda de notar, que o Sr. Silva pertence à categoria dos homens que, raramente, esquecem a data do aniversário da espôsa ou do aniversário de casamento. Uma das queixas mais freqüentes das espôsas é o "egoísmo" e a "falta de consideração" por parte dos maridos, que, **nem ao menos recordam as datas que devem ser mais caras ao casal.**

8 Quanto à questão de aparência, qual a impressão que causa o casal Silva?

Nem muito gordos, nem muito magros, eis a constituição física de nossos focalizados. De acôrdo com estudos realizados a respeito, verificou-se que, para um marido de estatura regular um pêso de 70 quilos, aproximadamente, é o suficiente para que leve uma vida salutar, perturbada apenas por ligeiras gripes e resfriados passageiros, tão comuns na viad de qualquer um. Quanto à espôsa, deve ter os seus 60 quilos de curvas bem dosadas. A partir daí, elevando-se ou baixando-se a escala, desde que haja uma certa correspondência entre o pêso do casal, rara é a possibilidade de advir alguma desinteligência no seio dos cônjuges.

9 E' muito elevada a educação do Sr. e da Sra. Silva?

De acôrdo com os estudos sociais, realizados em tôrno de mais êste ponto, no matrimônio, podemos afirmar que, sendo maior a dose de educação do casal, maior a possibilidade de incrementar a harmonia reinante entre os cônjuges. O motivo desta conclusão é o de que um casal que possua bom grau de cultura, está capacitado a enfrentar os problemas que se apresentem, direta-

mente com a mente, antes de deixar que as emoções comuns dominem as suas ações.

Em outras palavras, se, passeando na rua, o Silva lança um olhar pouco mais que ligeiro a uma atraente loura que com êles cruze, isto não constitui motivo para uma frase por parte da Sra. Silva. Pelo contrário, deve ela fazer uma observação graciosa, como "Bonita criatura, não acha, meu bem?"

10 Possui filhos o casal Silva?

A resposta poderá constituir surprêsa para os leitores, uma vez que as crianças estão universalmente associadas com a felicidade conjugal. No entanto, os Silva não possuem filhos. Isto não significa, porém, que queiram continuar desta forma, pois não poucas vêzes aventaram a idéia de estabelecer uma descendência.

Os estudiosos do matrimônio chegaram à conclusão de que os casais sem filhos (e que não os desejam) têm menores possibilidades de harmonia. E, embora as crianças não possam ser apontadas como causadoras de desinteligências, está cientìficamente provado que são mais perfeitos os casais que desejam filhos, mas que ainda não os possuem.

Portanto, o casal pode ser classificado dentro do grupo que deseja filhos, embora ainda não os tenha.

11 Onde construiu seu lar o casal Silva? Na cidade? No interior?

Embora seja proveniente de uma grande metrópole, o Sr. Silva tem sua residência numa pequena cidade. Isto porque, quanto maior a cidade na qual resida o casal, menores as possibilidades de sucesso no casamento. E, o que é mais interessante, possuem os Silva casa própria, com uma pequena hipoteca gravando a mesma.

Outro ponto que deve ser ressaltado: o "casal perfeito" ocupa um só quarto de dormir e, prefiram ou não camas separadas, a harmonia entre êles não depende dêsses pequenos detalhes.

Quanto à parte referente às obrigações civis para com a comunidade, o casal Silva está pronto a acorrer a qualquer chamado de voluntários para a defesa civil, e enfrenta os problemas que surgem para a comunidade com uma grande dose de entusiasmo, procurando sempre concorrer, com uma pequena parcela que seja, para o bem-estar geral.

Nossos focalizados são considerados ótimos anfitriões, e bem assim excelentes companheiros para festas de todo gênero. O Sr. Silva, em particular, tem grande prestígio entre os membros dos três clubes de que faz parte, graças à sua cordialidade e bom humor. A Sra. Silva também nada fica a dever ao espôso, em questão de sociabilidade. Faz parte de uma agremiação de mulheres, e está sempre pronta a auxiliar na preparação de quitutes, em questões de decoração, etc., quando da realização de alguma festa ou solenidade.

Conforme notaram os estudiosos da matéria, o **casal perfeito** não só aprecia a companhia de outras pessoas, como estas apreciam, por seu lado, a sua presença. Foi ainda verificado que a maioria dos casais, bem sucedidos no casamento, conta

O LÔBO DAS 17 HORAS E 15 MINUTOS

(ou «O conquistador logrado»)

Por DON TOBIN

















com grande número de amigos entre os componentes de seu próprio sexo.

12 Que dizer a respeito dos antecedentes do Sr. e Sra. Silva, antes de seu casamento?

Sem surprêsa, verifica-se que, tanto um quanto outro, vieram de famílias onde reinava a mesma felicidade que agora se observa no lar de nossos focalizados. Ambos foram filhos conscienciosos e disciplinados. Isto porque, embora tratados com severidade, algumas vêzes, eram, comumente, tratados com polidez, e suas opiniões eram levadas em consideração quando ocorria manifestarem-se a respeito de algum assunto a êles ligado. Desde cedo, foram bem esclarecidos nas questões relativas ao sexo, de forma que **os negros pensamentos**, que geralmente povoam a mente dos adolescentes mal orientados, não puderam perturbar a sua mentalidade em formação.

Os Silva foram namorados durante cêrca de ano e meio, e seu noivado se estendeu por seis meses . Sendo adeptos da mesma religião, freqüentaram, provàvelmente, a mesma igreja, desde o período em que o Sr. Silva passou a residir na cidade em que nasceu sua espôsa. Conseqüentemente, imbuídos das mesmas idéias religiosas, contam os Silva com maiores possibilidades de realizar um matrimônio feliz, que a maioria dos casais do mesmo tipo.

Burgess e Cottrell, estudiosos da matéria social, já citados em linhas anteriores, afirmam que as atividades religiosas, conforme atesta o comparecimento metódico à igreja, estão ìntimamente relacionadas com as probabilidades de existir na vida conjugal.

O casal Silva provém da mesma raça e da mesma nacionalidade. Não resta dúvida que, anteriormente ao casamento, notaram mùtuamente, que possuíam pequenas divergências de opinião, tôdas elas, no entanto, desprovidas de argumentos suficientemente fortes para impedir a sua união.

Falemos, agora, da Sra. Silva: uma criaturinha atraente, dotada de personalidade, sempre irradiando graça e alegria; não é necessàriamente bonita, porém não deixa de ter alguns encantos, os quais, aliados a uma grande simpatia, foram de molde a deixar o Sr. Silva "caído" por sua companheira. Segundo atestam estudos efetuados entre inúmeros rapazes, apenas dez por cento dêstes consideram condição primordial para uma vida futura, que a espôsa seja **realmente bela.**

Tanto os pais de um, quanto os de outro de nossos focalizados, concordaram, logo de início, em que se realizasse o matrimônio. E, o que é mais importante, a Sra. Silva casou com seu atual e "eterno" espôso, **pela simples razão de estar apaixonada pelo mesmo...**

Temos, pois, delineado, o perfil e os caracteres interiores do casal que os estudiosos de assuntos sociais consideram como **o tipo perfeito,** extraído de alguns milhares de casais semelhantes, espalhados por êste vasto mundo.

Naturalmente, a probabilidade de poder o casal formado pelos nossos leitores ultrapassar — nos pontos aqui explanados — o do **tipo padrão,** constituído pelos Silva, é a mesma de ganharmos a loteria do Grande Prêmio Brasil. Mas sabemos que isto não será impecilho para que todos nós procuremos estreitar, mais e mais, os laços que nos unem aos nossos respectivos cônjuges.

Afinal de contas, não casamos em virtude de estatísticas, mas sim, por julgarmos poder encontrar a felicidade nos braços daquela a quem escolhemos para companheira.



A «BOA RESPOSTA DO MÊS»

HÁ alguns anos, no "The Players", famoso clube com sede em Gramercy Square, Nova York, havia um sócio geralmente antipatizado pelos demais, pelo fato de estar sempre promovendo discussões inconvenientes, no bar, da sala de "poker" ou na de leitura. Era, em suma, um *indesejável.*

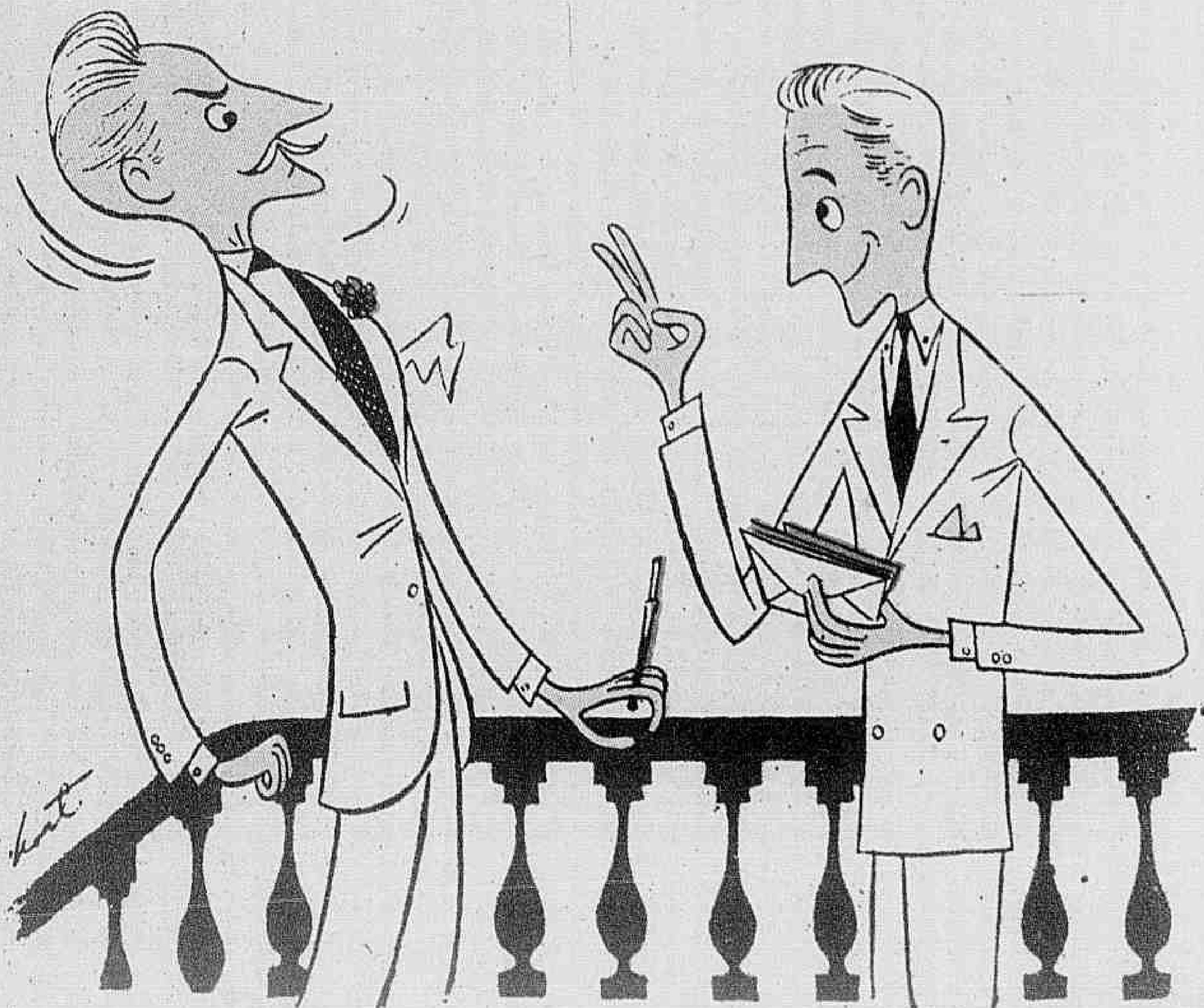
Uma tarde, Oliver Herford, aplaudido escritor norte-americano, estava lendo a sua correspondência na biblioteca do clube, quando, no bar, em baixo, explodiu violenta discussão e, momentos depois, o sócio pouco estimado surgiu no alto da escada. Vinha com a fisionomia carregada e o ar ofendido.

Vendo Herford, deteve-se e esbravejou, colérico:

— Nunca fui tão insultado em minha vida! Um malcriado, lá no bar, acaba de oferecer mil dólares em troca do meu pedido de demissão dêste clube!

Herford, muito calmo, desviou um instante a atenção da correspondência para dizer:

— Realmente, foi muito pouco! Eu ofereço dois mil!



A FÔRÇA DE UM JURAMENTO

PAUL FÈVAL

O que abria caminho, empregando os cotovelos cheios de remendos, tinha farto bigode, com as pontas retorcidas, levava um chapéu desabado, cujas abas lhe tapavam os olhos, um colete velho e sebento e uns calções cuja côr primitiva seria um problema difícil de resolver... A sua espada abolorecida, via-se sempre por baixo da capa, tão velha que mais parecia a do próprio D. César de Bázan. O nosso homem chegara de Madrid.

O outro aventureiro, humilde e encolhido, mostrava três pelos louros e eriçados por baixo do nariz. O chapéu, sem abas, parecia um barrete. Vestia um velho jibão — remendado de mil côres — meias que, embora cosidas, deixavam ver a carne por todos os lados e umas botas que tinham sido novas havia muitos anos. Era êste o seu traje que — verdade seja! — conviria mais a um escrivão do que a um mestre-de-armas. A espada batia-lhe suavemente nos tornozelos.

Depois de ter atravessado o pátio, chegaram ambos — quase ao mesmo tempo — à porta do vestíbulo principal e, examinando-se mùtuamente, ocorreu-lhes o mesmo pensamento:

— Aqui está um que, com certeza, não vem comprar a **Casa de Ouro!**

X

Dois fantasmas

Ambos tinham razão.

O seu aspecto era mais o de foragidos do que o de compradores, e quem os encontrasse num caminho solitário, logo os tomaria por ladrões ou qualquer coisa ainda pior.

Assim, tanto lhes chamou recìprocamente a atenção a estranha indumentária, que acabaram por se dirigir um ao outro, como se fôssem movidos pelo mesmo impulso.

— Diabo! — disse um dêles de repente — Parece-me que êste vadio é Passepoil!

— Cocardasse! — exclamou o normando com os olhos úmidos — E's tu?!

— Em carne e osso! Venha de lá um abraço!

RESUMO DA PARTE JÁ PUBLICADA

Estamos no vale do Luron, onde estão as muralhas do castelo de Caylus-Tarrides. Ali, em 1699, o marquês, viúvo, retirou-se com sua filha Aurora, a quem obrigou a viver uma vida de reclusão, conforme tinha sido a da sua própria espôsa, o que lhe valeu o sobrenome de Caylus-Ferrôlho. Pouco depois, Felipe de Lorena, duque de Nevers, um dos mais brilhantes jovens senhores da França, cansado da vida dissipada que levava em Paris, foi repousar em suas terras, no Jurancon e, recuperando as fôrças, foi caçar no vale do Luron, onde não tardou a se enamorar de Aurora, havendo quem murmurasse que aquêle amor "avançara muito" às escondidas do velho Caylus. Quatro anos depois, Nevers já não habitava mais no Jurançon, porém outro Felipe ali surgira: Felipe Polyxene de Mântua, príncipe de Gonzaga, com quem o marquês pretendia casar a filha. Gonzaga possuía dois grandes amigos. Uma era Felipe de Bourbon, duque de Chartres, sobrinho de Luís XIV, mais tarde duque de Orleans e Regente de França. O outro era Felipe de Lorena, duque de Nevers. Na côrte eram chamados "os 3 Felipes", devido à grande amizade que os unia. Eis por que o marquês o desejava para genro, pois, além de boas relações, Gonzaga era herdeiro de Nevers, por ser êste solteiro. E, mais ainda, ninguém esperava que Nevers vivesse muitos anos, com a vida que levava. Numa tarde de outono de 1699, numa estalagem não distante do Castelo, reúnem-se duas dezenas de espadachins, homens de origem duvidosa, cheios de ambição, mas bôlsa sempre vazia e que, por isso mesmo, viviam alugando a espada para "serviços inconfessáveis". Todos sabem o que vão fazer: atacar e matar Nevers, para dar a Gonzaga a fortuna de que tanto necessitava. O intermediário é Peyrolles, factotum do príncipe, covarde, embora boa espada também. Entre os "bravos" que vão fazer o serviço estão Cocardasse e Passepoil, dois inseparáveis amigos, que têm um só ídolo na vida: o jovem Cavalheiro Henrique de Lagardère, a quem ensinaram a pegar numa espada, e que hoje era insuperável com uma na mão! Pouco depois, estando os espadachins cercando um pequeno pagem, descoberto junto dos fossos do castelo, são interrompidos por um novo personagem que os deita a todos no chão. E' Lagardère, que vinha defender o menino, seu servidor. Todos baixam a cabeça e Lagardère relata, então, estar viajando para o exílio, após ter matado um nobre em duelo, mas que antes de deixar a França, precisa cruzar a espada com . . . Nevers!!! A notícia alvoroça a todos os espadachins que, a seguir, vislumbrando mais facilidade para o seu serviço, propõem ajudar Lagardère a liquidar Nevers. A revolta do cavalheiro é terrível e imediatamente enxota a todos êles do local, dizendo que os considerava indignos de usar uma espada e, depois, sabendo que ali estavam para massacrar Nevers, exproba-lhes o procedimento. Oito contra um! Depois que se retiram, Lagardère vê chegar dois homens. Um é Peyrolles e o outro o príncipe de Gonzaga. Chamam pelos capangas e julgando que Lagardère era um dêles explica ao companheiro que "tudo estava preparado", mas infelizmente não pudera obter as fôlhas do registro de casamento, pois as mesmas tinham sido arrancadas do registro da igreja. Depois de morto Nevers, e de desposar Aurora de Caylus, teria tôda a fortuna da sua vítima com a apresentação do registro de nascimento da menina, embora a esta desse um fim prematuro. Pouco depois retiram-se, a janela é aberta e Lagardère, fingindo ser Nevers, recebe de Aurora a filha e uma caixa contendo a fôlha do registro, arrancado ao registro da paróquia, para evitar que fôsse roubado por seus inimigos. Pouco depois surge Nevers e logo deseja duelar com Lagardère, sem notar que êste tem a criança nos braços. Porém o seu adversário tudo revela do que ocorreu e do que ainda está para ser consumado. E afirma que estará ao seu lado contra os assassinos. De fato, trava-se a batalha e, apesar de se defenderem como leões, Nevers é morto, pelas costas, por Gonzaga que, vendo as coisas mal paradas, assim agiu, como covarde que era. Mas nada podem contra Lagardère que, com a criança nos braços, abre caminho e consegue fugir, tendo ainda ferido Gonzaga numa das mãos. Passam os anos, morre Luís XIV e, sendo o futuro Luís XV muito criança, coube a regência a Felipe de Orleans. Obrigada pelo pai, Aurora desposara Gonzaga, que agora desfrutava da imensa fortuna de Nevers. Ambicioso, Gonzaga resolvera abrir um banco nos jardins do seu palácio, vendendo a pêso de ouro bancas menores aos que quisessem especular.

E Passepoil precipitou-se para os braços que o amigo lhe estendia, conservando-se assim, durante um bocado. A sua emoção era sincera e profunda.

— Dezenove anos separados!... — murmurou Passepoil, limpando os olhos com a manga.

— Querido amigo!... Dezenove anos sem nos vermos!... Ah! nesse tempo ainda éramos novos!

— Era a idade das loucuras amorosas... No entanto, o meu coração não envelheceu.

— E eu continuo a beber como dantes!

— Os anos não te tornaram bonito, Cocardasse!

— E a ti, Passepoil, lastimo ser obrigado a confessar que te fizeram mais feio.

Passepoil teve um sorriso de orgulhosa modéstia e murmurou:

— Não é essa a opinião das damas... Quanto a ti, ao ver-te, há pouco, disse para comigo: "Ali vai um gentil cavalheiro!..." Conservas a tua elegância de sempre!...

— Também eu, ao ver-te, pensei: "Aquêle é, com certeza, uma pessoa importante e muito gentil!..."

— Que queres?... O hábito de lidar com o belo sexo... As inclinações e os princípios nunca se perdem...

— Diz, amigo: onde te meteste depois daquele célebre negócio?...

—Qual?... O dos fossos de Caylus? — respondeu Passepoil, baixando a voz, quase sem querer — Não me fales nisso!... Vejo sempre diante de mim o olhar de Lagardère!

— Estava soberbo, naquela noite!

— Aquilo é que era uma espada!

— Oito mortos deixou êle no fôsso.

— Sem contar com os feridos!...

— Que chuva de estocadas! Era digno de se ver. Quando penso que devíamos tê-lo ajudado, sem fazer caso do dinheiro recebido de Peyrolles!... Se nos tivéssemos reunido a Lagardère o duque de Nevers não teria morrido e a nossa fortuna estava garantida!

— Sim... era o que devíamos ter feito — respondeu Passepoil, suspirando.

— O que está feito já não tem remédio! — disse Cocardasse — Contigo não sei o que sucedeu, eu, porém, não tive sorte nenhuma...

"Quando os voluntários de Carrigue carregaram sôbre nós, refugiei-me no castelo e tu desapareceste!

"Peyrolles, em lugar de cumprir a sua promessa, mandou-nos embora no dia seguinte, sob pretexto de que a nossa presença podia despertar suspeitas. Pagou-nos com a moeda que merecíamos. Passei a fronteira, perguntando por ti em tôda parte. Estive na Espanha, e ali a sorte foi variada; por fim regressei à pátria, mas com poucas economias.

"E tu?...

— Eu — respondeu o normando — também fui perseguido pelos voluntários de Carrigue. Pensei, tal qual como tu, em me refugiar na Espanha, mas pelo caminho encontrei um beneditino que me tomou ao seu serviço. Creio que o deixei sem dinheiro e sem bagagem... não estou bem certo! Passei à Alemanha... Aquilo é que é uma terra! Ah! Cocardasse amigo! Por que terei a desgraça de agradar tanto às mulheres?! Se não fôssem elas, podia ter comprado uma casinha de campo onde passaria os dias da velhice tranqüilamente... uma casa com jardim, horta e um moinho.

"Andei de cidade em cidade, de terra em terra e nunca tive sorte. Desesperado, regressei à Pátria, sem vintém.

"Querido mestre — acrescentou — só o amor à terra natal e a falta de dinheiro te obrigaram a voltar?

— E a ti?

Passepoil sacudiu a cabeça; Cocardasse baixou os olhos.

— E também outra coisa... — disse êste — Uma noite, ao voltar uma esquina, encontrei... Adivinha!...

— Já sei! Foi o mesmo encontro que me obrigou a sair de Bruxelas!

— Ao vê-lo, compreendi que o ar da Catalunha me fazia mal... Não é uma vergonha ceder sempre o caminho a Lagardère?

— Não sei se é vergonha, mas tenho a certeza de que, pelo menos, é prudência. Conheces a história dos nossos companheiros no caso Nevers?

— Sim... — respondeu o gascão — Êle o disse naquela noite: "Morrereis todos às minhas mãos!"

— E há de cumprir a sua palavra. No ataque éramos nove, incluindo o chefe dos bandoleiros.

— Nove boas espadas! — acrescentou Cocardasse, preocupado.

— Dos nove, Staupitz e Lorrain foram os primeiros a morrer, com uma estocada na testa, entre os olhos!

Passepoil levou um dos dedos ao sítio indicado. Instintivamente, Cocardasse fêz o mesmo, enquanto dizia:

— Os outros conseguiram ir para longe, pois Gonzaga só se esqueceu de nós...

"Pinto casou-se em Turim, o **Matador** tinha uma sala de armas na Escócia e Joel de Jugan comprara uma quinta na Bretanha... Todos viviam felizes e contentes, mas Pinto morreu em Turim e o **Matador** em Glasgow.

— Joel de Jugan, em Morlaix — continuou Passepoil.

— Sempre com a mesma estocada!... A terrível estocada de Nevers!

Guardaram um profundo silêncio.

— Mas ainda resta Faenza — acrescentou Cocardasse, enxugando a testa úmida, com a ponta da capa.

— E Saldanha — acrescentou Passepoil.

— Gonzaga protegeu-os. Faenza é fidalgo...

— E Saldanha barão, mas também há de chegar a sua hora...

— E a nossa também!

— E' verdade! — replicou Passepoil, estremecendo.

— Que havemos de fazer?... — disse Cocardasse, como homem que já havia tomado uma resolução — Quando êle me tiver deitado por terra, com aquêle terrível buraco entre os olhos — pois não me poderei defender — dir-lhe-ei como nos outros tempos: Dá-me a tua mão e perdoa, para que o velho Cocardasse morra contente!

Passepoil não pôde conter um gesto significativo.

— Também eu farei o possível para êle me perdoar, mas não tão tarde...

— Ao menos, por agora, podemos viver tranqüilos. Está desterrado de França e temos a certeza de que o não encontraremos em Paris.

— A certeza?!... — replicou o normando com ar de dúvida.

— Enfim, aqui é onde teremos menos probabilidades de o encontrar... Foi por isso que vim...

— E eu também...

— Disposto a recordar os meus serviços a Gonzaga.

— Tem obrigação de fazer qualquer coisa por nós.

— Ah! Nestes tempos que vão correndo, é necessário recorrer à arte... Uma estocada a fundo e temos a nossa fortuna feita!

E Cocardasse esfregou as mãos com regozijo.

Passepoil piscou um ôlho.

— Cala-te, que vem gente!

Depois acrescentou em voz baixa ao ouvido do amigo:

— A minha opinião é que ainda valemos muito! Verás que antes de uma hora o príncipe terá atribuído um bom preço aos nossos antigos serviços!

XI

O leilão

A sala onde os dois amigos conversavam estava situada no centro do edifício. As janelas davam para um pátio onde havia relva e algumas flores.

Mais feliz do que outros aposentos do palácio, invadidos por operários de todos os ofícios, ainda não lhe haviam tocado.

Era o salão nobre, e estava mobilado severamente. Em frente de uma chaminé de mármore negro e numa das frentes principais, erguia-se um grande estrado coberto com um rico docel da Turquia, dando ao salão o aspecto de um tribunal.

Ora graças à confusão que reinava no palácio de Nevers os dois aventureiros conseguiram chegar àquele local e, uma vez que nêle tinham penetrado, estavam mais sossegados do que em qualquer outro sítio.

— No entanto, ainda duas palavras acêrca de Lagardère — disse Cocardasse logo que o ruído de passos que os havia assustado se afastou — Quando o encontraste em Bruxelas, ia sòzinho?

— Não! — respondeu Passepoil — E quando tu o viste?

— Também não...

— Com quem ia?

— Com uma rapariga.

— Formosa?

— Lindíssima.

— E' estranho! Também ia acompanhado por uma rapariga muito bonita quando o encontrei na Flandres... Recordas-te dela?

— Era encantadora e ia vestida de cigana — respondeu Cocardasse — E a que viste?

— Parecia um anjo e ia ricamente vestida.

— Esquisito! — disse Cocardasse — Que idade teria?

— A idade que a menina devia ter...

— Também a outra... E ainda não dissemos tudo... Entre os que esperam a estocada de Lagardère encontra-se também Peyrolles e o Príncipe.

Naquele momento abriu-se a porta.

Entrou um criado com rica libré, seguido por dois operários. Ia tão distraído que não viu os espadachins, que se apressaram a esconder-se entre os cortinados de uma janela.

— Não se demorem com isso! — disse o criado — Preparem o trabalho de forma a ficar pronto para amanhã! Quatro pés quadrados para cada barraca.

Os dois operários principiaram a trabalhar. Enquanto um media, o outro marcava o espaço, pondo-lhe um número de ordem. O primeiro tinha o número 927.

— Que diabo estão êles a fazer? — perguntou o gascão ao companheiro, espreitando.

— Não sabes?... Cada espaço assinalado é o lugar onde se deve construir uma nova barraca de madeira e o número 927 indica que já existem cêrca de mil, em casa do príncipe.

— Mas para que servem?

— Para fazer ouro!

Cocardasse abriu desmesuradamente os olhos. Passepoil explicou-lhe a traços largos a concessão que Felipe de Orleans acabava de fazer ao seu amigo Gonzaga.



— Sim, querida... Sim, querida... Sim, querida...

— Como?! — exclamou o gascão — Então, cada uma das barracas valerá tanto como uma quinta no Beauce ou em Brie? Ah! meu amigo! Unamo-nos sòlidamente a êste digno príncipe!

Enquanto o medidor marcava, o criado dizia:

— Números 935, 936, 937. Meça com cuidado, homem, porque cada polegada vale ouro.

— O quê?... Aquêles papéis valem assim tanto?

— Valem tanto que daqui a pouco o ouro e a prata serão olhados com desprêzo.

— Vis metais! — observou o gascão gravemente — E' bem merecida a sua ruína!

— Número 941! — disse o criado.

— Sobejam dois pés e meio — comentou o operário, levantando-se.

— Que os aproveitem para um homem magro! — murmurou Cocardasse.

— Logo que termine a reunião, virão os carpinteiros construir as barracas para amanhã — explicou o criado.

— Uma reunião? Para quê? — perguntou Cocardasse.

— Tratemos de o averiguar. Quando se entra numa casa como esta e tendo as nossas intenções, precisamos de saber tudo.

Cocardasse, ao ouvir esta observação tão prudente, acariciou o queixo de Passepoil com a ternura de um pai carinhoso.

Os criados e os medidores retiraram-se. Nesse momento ouviu-se uma grande gritaria por detrás da porta do salão:

— E' para mim!... E' para mim!... Já tenho a minha inscrição! Que ninguém me tire a vez!

— Calma, meus senhores! — disse uma voz imperiosa.

— O senhor de Peyrolles! — exclamou Passepoil — Escondamo-nos bem!

E ocultaram-se melhor atrás das tapeçarias.

Era tempo. Peyrolles transpôs a porta naquele momento, seguido, ou melhor, empurrado por uma multidão compacta de solicitantes daquele precioso e escasso espaço.

— Vamos, senhores!... — disse brincando com o lenço guarnecido de rendas de Alençon — Afastem-se um pouco... Não são nada respeitadores...

E com o bastão, fazia retroceder os mais atrevidos. A seu lado seguiam dois secretários, com ricas librés.

— Portem-se com certa compostura!... — acrescentou, sacudindo o rapé que caíra na renda do **jabot.**

— Pedi um pouco de calma — continuou — porque represento o príncipe de Gouzaga e sou o seu intendente... mas apesar disso vejo tôda a gente de chapéu na cabeça...

A multidão descobriu-se.

— Perfeitamente. Agora, escutem-me!...

— Silêncio! Silêncio! — gritaram algumas vozes.

— Os aposentos desta galeria serão imediatamente construídos e serão entregues amanhã.

— Bravo!

— E' o último espaço que temos e êstes serão os últimos barracões que se alugarão. Quanto ao resto, já foram cedidos, excetuando, claro está, os aposentos de Monsenhor e da senhora duquesa.

Produziu-se então um barulho ensurdecedor. Todos queriam ser os favorecidos.

Cocardasse e o companheiro estenderam um pouco a cabeça para verem o que se passava.

Quando a gritaria estava no auge, a porta do fundo, situada por detrás do estrado, abriu-se de par em par.

— Gonzaga! — exclamou o gascão.

— O milionário! — acrescentou Passepoil.

E instintivamente ambos se descobriram.

Com efeito, surgiu Gonzaga no alto do estrado, acompanhado por dois jovens. Continuava interessante, embora andasse já pelos cinqüenta anos. O porte conservava a elegância da juventude e o rosto não tinha sequer uma ruga. A sua cabeleira sedosa caía para os lados, em brilhantes caracóis, negros como azeviche.

Os dois jovens que o acompanhavam eram Chaverny, seu primo por parte dos Nevers, e o filho mais novo de Navailles. Ambos levavam cabeleira postiça, segundo a moda da época.

O filho mais novo de Navailles tinha vinte e cinco anos e o marquês de Chaverny apenas vinte. Detiveram-se um momento para analisar as pessoas que ali se encontravam reunidas e em seguida soltaram uma gargalhada.

— Meus senhores! — disse Peyrolles, descobrindo-se. Ao menos haja respeito pelo senhor Príncipe!

A multidão, que estava disposta a tudo, tranqüilizou-se como por encanto. Os candidatos às barracas de Gonzaga inclinaram-se ao mesmo tempo.

Gonzaga saudou-os com a mão e disse:

— Avia-te, Peyrolles. Necessitamos dêste salão.

— Oh! Mas que caras! — exclamou Chaverny.

Peyrolles aproximou-se do amo.

— Estão muito excitados e pagarão o que quiserdes.

— Principia o leilão... isso sempre nos há de divertir! — disse Chaverny.

— Silêncio, louco! — exclamou Gonzaga!

A idéia, porém, não lhe pareceu má de todo e por isso acrescentou:

— Seja!... Façamos leilão! Que preço havemos de pedir?

— Quinhentas libras mensais por quatro pés quadrados! — alvitrou Navailles, julgando exceder-se.

— Mil libras por semana! — opinou Chaverny.

— Não... mil e quinhentas libras — concluiu Gonzaga — Principia, Peyrolles!

— Senhores — anunciou o intendente, voltando-se para a multidão — Como êstes são os últimos aposentos e os melhores, adjudicar-se-ão a quem mais der! Número 927, mil e quinhentas libras!

Ouviu-se um murmúrio, mas ninguém ergueu a voz.

— Primo! Vou animar os teus clientes! — disse Chaverny.

E adiantando-se um pouco, gritou:

— Duas mil libras!

Os pretendentes entreolharam-se com angústia.

— Duas mil e quinhentas libras! — acrescentou Navailles.

Os verdadeiros interessados estavam consternadíssimos.

— Três mil! — disse em voz débil um rico comerciante de lãs.

— Adjudicado! — respondeu Peyrolles apressadamente.

Gonzaga dirigiu-lhe um olhar terrível. Peyrolles era um espírito mesquinho. Tinha receio que a loucura passasse.

— Isto vai lindo! — disse Cocardasse para o amigo.

Passepoil escutava, retendo a respiração e de mãos postas.

— Número 928! — tornou a anunciar o intendente.

— Quatro mil libras — pronunciou Gonzaga desplicentemente.

— Mas se êste é igual ao anterior! — objetou uma velha.

— Fico com êle! — disse um boticário.

— Dou quatro mil e quinhentas — acrescentou um vendedor ambulante.

— Cinco mil!

— Seis mil!

— Adjudicado — respondeu Peyrolles — Número 929! ...

E a um olhar significativo de Gonzaga, acrescentou:

— Dez mil libras!

O leilão continuou. Apoderara-se de todos uma autêntica vertigem.

O número 929 foi disputado como se valesse uma fortuna e quando Gonzaga avaliou o número seguinte em quinze mil libras, ninguém se surpreendeu.

Um dos secretários de Peyrolles recebia o dinheiro e o outro tomava nota do nome dos compradores, num livro de registro.

Chaverny e Navailles já não riam; estavam assombrados.

— Que loucura esta! — dizia o marquês.

— E' preciso ver para crer! — respondeu Navailles.

E Gonzaga, com um sorriso de ironia:

— Ah! Meus amigos! A França é uma grande nação! Mas para concluir: tôdas as restantes a vinte mil libras.

— Uma bagatela! — exclamou Chaverny.

— Para mim! ... Para mim! — gritavam todos em côro.

E o ouro corria em abundância pelos degraus do estrado que servia de escritório.

Peyrolles e os seus acólitos não tinham mãos a medir e não sabiam a quem primeiro atender.

Alugaram-se os últimos barracas. Por fim, o número 942, o que tinha sòmente dois pés e meio, foi adjudicado por vinte e oito mil libras.

Então, Peyrolles, fechando o livro, exclamou:

— Está terminado o leilão!

Houve um momento de silêncio. Gonzaga chamou o intendente.

— E' preciso mandar sair esta gente! — disse-lhe.

Neste momento, porém, uma outra multidão surgiu à porta do vestíbulo: era composta por fidalgos e cortesãos. Ao verem a sala cheia, detiveram-se à entrada.

— Entrem, meus senhores! — disse Gonzaga — vamos mandar embora tôda esta gente!

— Entrem! Entrem! — acrescentou Chaverny — Êles até podem ceder-lhes as suas barracas com um lucro de cem por cento.

— Fariam mal... — observou Navailles — Bom-dia, Oriol!

Êste Oriol era arrematante de impostos. Entre os recém-chegados via-se também Albret e Taranne, dois financistas; o barão de Batz, um alemão que fôra a Paris divertir-se; o visconde de la Fare, Montaubert, Nocé, Gironne, todos êles parentes afastados de Nevers, ou procuradores, convocados por Gonzaga para uma solenidade: a reunião de que falara Peyrolles.

— E as vendas? — perguntou Oriol.

— Mal feitas — respondeu o príncipe, friamente.

— Ouviste?! — exclamou Passepoil lá do seu cantinho.

— Êle tem razão! — comentou Passepoil, que suava fortemente — Estas galinhas também podiam deixar aqui o resto das penas! ...

— O que?! — disse Oriol, a rir — Isso é impossível! O príncipe nunca faz maus negócios!

— Calcule! ... Aluguei as minhas últimas barracas a vinte e três mil libras...

— Por ano?

— Por semana!

Os recém-chegados olharam para as barracas e para os alugadores.

— Vinte e três mil libras! — repetiam, estupefatos.

— Mas isso é uma loucura?!

— E' um frenesi. E à medida que falta o espaço, aumenta a febre... Agora não tenho mais nada para alugar!



— Enfim arranjamos uma companhia de quem êle gostasse! ...

— Procure bem, primo!— Vamos, dê a êstes senhores o prazer dum pequeno leilão!

Ao ouvir a palavra "leilão" aquêles que ainda não tinham conseguido alugar nada aproximaram-se vivamente.

— Não há mais nada! — disse Gonzaga.

Depois, como quem se recorda, exclamou:

— Ah! Sim!... Ainda resta um sítio para alugar!

— Leiloeiro! — gritaram todos os compradores.

— E' o casinhoto do meu cão!

O grupo de cortesãos soltou uma gargalhada; porém, entre os comerciantes houve um movimento de expectativa.

— Julgam que estou a brincar? — perguntou o príncipe aos amigos — Aposto que me dão trinta mil libras pela casa do cão.

— Trinta mil libras! — repetiram, enquanto redobravam as gargalhadas.

De súbito, apareceu uma figura estranha diante de Chaverny e de Navailles, que riam mais do que os outros. Era um corcunda, de cabeleira emaranhada e crespa, extraordinàriamente ridículo, dizendo com voz esganiçada:

— Alugo a casa do cão por trinta mil libras!

XII

Generosidades

Apesar daquela tremenda loucura, o corcunda devia ser homem de espírito. Tinha o olhar vivo, nariz aquilino, a fronte aparecia por debaixo da grotesca e emaranhada cabeleira e o sorriso irônico dos seus lábios finos revelava refinada malícia. Era o protótipo do corcunda! Quanto à jibosidade era enorme e estava exatamente situada no meio das costas, como se lhe acariciasse a nuca. O homem tinha as pernas tortas, porém, não tão delgadas como geralmente são as dos corcundas. Vestia um fato prêto, de bom corte, com punhos e peitilho de musselina branca.

— Bravo! Sábio Ésopo! — exclamou Chaverny — Parece-me um especulador atrevido e bastante hábil!

— Atrevido... — respondeu Ésopo olhando-o fixamente — talvez. Quanto à habilidade... depois veremos!

A sua voz débil parecia a de uma criança.

— Bravo, Ésopo! Bravo! — exclamaram todos.

Cocardasse e Passepoil já não se admiravam de coisa alguma. No entanto, o gascão, que olhava curiosamente para o corcunda, perguntou em voz baixa ao companheiro:

— Conhecemos por acaso algum corcunda?

— Que eu me recorde, não.

— Iria jurar que já vi aquêles olhos!...

Gonzaga também olhava atentamente para o aleijado.

— Amigo — disse-lhe — sabes que o pagamento é imediato?

— Sei — respondeu Ésopo, nome pelo qual dali por diante todos o ficaram conhecendo.

Chaverny fôra o padrinho.

Ésopo tirou uma carteira de onde puxou por sessenta notas de quinhentas libras que colocou nas mãos do intendente.

Depois, pediu o recibo, que guardou no lugar de onde havia tirado o dinheiro e disse:

— Bom negócio, meus senhores, e até à vista!

Cumprimentou delicadamente Gonzaga e a sua comitiva.

Os nobres afastaram-se para o deixar passar.

Peyrolles e os seus principiaram a mandar sair do salão todos os alugadores.

— Senhores — disse Gonzaga — enquanto se arranja esta sala, agradeceria que me acompanhassem aos meus aposentos.

—Vamos!... Agora ou nunca! — exclamou Cocardasse — Chegou o momento oportuno.

— Não me atrevo! — respondeu tìmidamente Passepoil.

—Não há remédio!... Eu vou à frente!

E pegando no braço de Passepoil, adiantou-se até junto de Gonzaga, com o chapéu na mão.

— Diabo! — exclamou Chaverny ao vê-los — O nosso primo quis proporcionar-nos hoje um belo espetáculo!... Parece um dia de Carnaval! O corcunda não estava mal de todo, mas agora surge-nos a mais curiosa parelha de cômicos que me recordo ter visto!

Cocardasse olhou para êle de revés. Navailles e os restantes rodearam-nos, curiosos.

— Prudência! — murmurou Passepoil, ao ouvido do gascão.

— Homem! — resmungou o outro — Nunca vi fidalgos mais néscios do que êstes!

— Não há mais barracas para alugar — disse-lhes Chaverny, soltando uma gargalhada — Que desejam?

Por sorte, Passepoil e Cocardasse estavam perto de Gonzaga, que, ao vê-los, estremeceu.

— Ah! Que querem êstes valentes? — perguntou.

Cocardasse cumprimentou-o com gravidade. Passepoil inclinou-se e o primeiro, olhando para o grupo de engraçados, disse em voz clara:

— Êste cavalheiro e eu, antigos conhecidos de Monsenhor, vimos oferecer-lhe os nossos serviços.

— Ah! — pronunciou Gonzaga.

— Mas se Monsenhor se encontra ocupado neste momento, voltaremos quando quiser ter a bondade de nos indicar! — respondeu o gascão, inclinando-se.

— Peyrolles! — exclamou Gonzaga — Recordas-te dêstes valentes rapazes? Aloja-os e dá-lhes de comer e de beber!

E voltando-se para os dois espadachins, acrescentou:

— Aguardem as minhas ordens!

— Ah! Monsenhor! — exclamou Cocardasse.

— Generoso príncipe! — disse Passepoil.

— Vão! — ordenou Gonzaga.

Quando chegaram ao grupo dos engraçados, Cocardasse inclinou o chapéu para a orelha e com a ponta da espada levantou a parte posterior da capa. Passepoil imitou-o. E ambos, altivos, soberbos, de cabeça erguida e com a mão no punho da espada, dirigiram aos fidalgos olhares provocadores, enquanto atravessavam a sala seguindo Peyrolles.

Logo que êles desapareceram, Chaverny perguntou ao primo, sorrindo: — Desde quando te serves de semelhantes utensílios?...

Gonzaga não respondeu e lançou em redor um olhar sonhador.

Entretanto, os recém-chegados falavam em voz bastante alta, de forma a serem ouvidos pelo príncipe e tecendo-lhe um rosário de elogios.

Todos êles eram nobres, um pouco arruinados, financistas falhados e muito embora ainda nenhum tivesse cometido qualquer ação absolutamente condenável, não tinham, porém, a consciência muito tranqüila.

Todos êles — do primeiro ao último — tinham necessidade de Gonzaga... um, por uma coisa, outro por outra e o príncipe podia manejá-los a seu bel-prazer.

O único que conservava uma grande parte da sua independência era o jovem marquês de Chaverny, demasiado louco para especular e demasiado indiferente para se vender.

A continuação da narrativa mostrará o que Gonzaga queria dêles, porque, à primeira vista, colocado — como estava — no apogeu da riqueza e do poder, parecia não precisar de ninguém.

— Gonzaga, meu primo! — exclamou Chaverny com ar de piedade — por favor pede tréguas, ao contrário, esta aborrecida hosana durará até amanhã!

O príncipe pareceu despertar.

— Meus senhores — disse, sem responder diretamente ao marquês, porque não gostava de ironias — queiram ter a bondade de me seguir aos meus aposentos, porque é necessário deixar esta sala livre.

E, logo que todos se reuniram no gabinete do príncipe, principiou:

— Creio que sabem a razão por que os convoquei...

— Ouvi falar num conselho de família! — respondeu Navailles.

— Melhor do que isso, senhores. Vamos realizar uma reunião solene, um tribunal de família, onde Sua Alteza Real, o Regente, será representado pelos três dignitários do reino: o presidente Lomoingnon, o marechal de Villeroy e o vice-presidente d'Argenson.

— Diabo! — exclamou Chaverny — Trata-se, por acaso, da sucessão à coroa?

— Marquês — respondeu Gonzaga, sêcamente — estamos a falar de coisas sérias: poupai-nos das suas graças!

— Então, enquanto tratam de assuntos dêsses, primo, dê-me um livro com estampas para me entreter!

Gonzaga sorriu para o fazer calar.

— E de que se trata, príncipe? — perguntou o senhor de Montaubert.

— Trata-se de me provarem a vossa amizade, meus senhores — respondeu Gonzaga.

Todos se apressaram a dizer:

— Estamos inteiramente à vossa disposição.

O príncipe sorriu, saudando-os.

— Chamei-os, especialmente a Navailles, Gironne, Chaverny, Nocé, Montaubert, Choisy e Lavallade, devido ao vosso parentesco com Nevers; Oriol representa o nosso primo Chatillon e Teranne e Albret são mandatários dos de Châtellux.

— Então, se não é da sucessão de Bourbon, trata-se da de Nevers — interrompeu Chaverny.

— Trata-se dos bens de Nevers e de algumas outras coisas — respondeu o príncipe.

— E para que necessita dos bens de Nevers, primo, se ganha um milhão por hora?

Gonzaga não respondeu imediatamente.

— Trata-se de mim, apenas? — perguntou o príncipe com afetuosa amizade — Não preciso também pensar nos outros?!

Ao ouvirem-se estas palavras, houve um movimento de gratidão em tôda a assembléia: os circunstantes estavam comovidos e expressavam o seu reconhecimento.

— Não me agradeçam — interrompeu Gonzaga — mas por favor, Montaubert, abra-me essa janela. Não me sinto bem!

Todos se precipitaram. Gonzaga estava de fato muito pálido, enquanto gotas de suor lhe perolavam a fronte. Mergulhou o lenço no copo de água que lhe ofereceu Gironne e aplicou-o na testa.

Chaverny aproximara-se com verdadeiro interêsse.

— Isto não é nada! — explicou o príncipe — apenas um pouco de fadiga... Passei a noite em claro... estive de vela na câmara do rei...

— E que necessidade tem de se matar dessa maneira?! — exclamou Chaverny — Que mais lhe pode dar o rei?...

O príncipe apertou afetuosamente a mão de Chaverny.

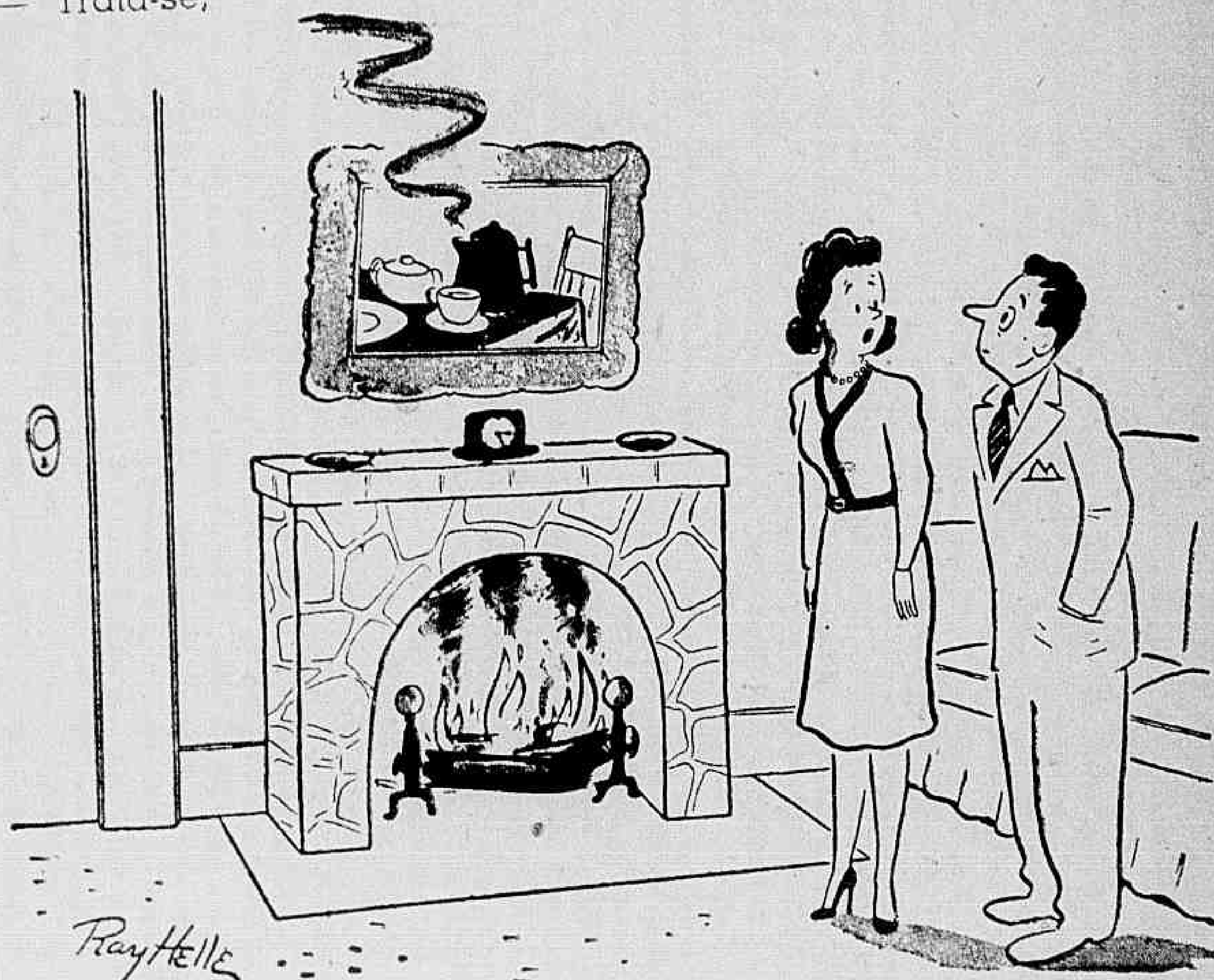
— Ingrato! São para mim os favores que solicito? — respondeu Gonzaga.

Os cortesãos do príncipe Gonzaga curvaram-se a seus pés.

— Ah! Meus senhores! O nosso rei é uma criança encantadora e sempre me pede notícias dos seus amigos — prosseguiu Gonzaga.

— Ah! Sim?... — perguntaram todos em côro.

— Quando o Regente descerrou as cortinas do leito, o rei Luís abriu os seus lindos olhos



— Isto só acontece quando acendemos a lareira.

sonolentos e pareceu-nos que a aurora brilhava no céu.

"O nosso jovem rei — prosseguiu o príncipe — deu a mão a Sua Alteza e ao ver-me, disse: "Bom-dia, príncipe! Uma tarde destas encontrei-vos na rua, rodeado pelos vossos amigos. E' preciso que me cedais o senhor de Gironne, que é um galhardo cavalheiro! . . .

"— O senhor de Nocé também me agrada: e quanto a Saldanha deve ser o raio da guerra" — acrescentou o príncipe, recordando as palavras do rei.

"Sua Majestade falou-me de Montaubert . . . de Choisy e de muitos outros.

"No palácio já se fala nos negócios das minas — continuou Gonzaga, dirigindo-se a Albret — "E Oriol? — perguntou ainda o rei — disseram-me que breve será mais do que eu!

— Que espírito esclarecido tem essa augusta criança! — exclamaram todos, admirados.

— Mas, afinal, tudo isso são apenas palavras de gratidão — continuou o príncipe, sorrindo — Eu tenho qualquer coisa melhor para lhes anunciar! . . . Amigo Albret, a sua concessão vai ser assinada!

— O que não consegue o Príncipe?! — exclamou Albret, entusiasmado.

— Oriol já pertence à nobreza! . . . Pode ir pensando nos emblemas a colocar no escudo.

O gordo Oriol ficou radiante.

— Já está concedida a sua pensão, Navailles — prosseguiu o príncipe — e quanto a si, Montaubert, tem a sua nomeação garantida.

"Gironne, quando estivermos sós, direi o que consegui a seu favor!"

E Gonzaga assim continuou durante algum tempo, distribuindo mercês que nada lhe custavam, até todos terem recebido qualquer coisa, inclusive o barão de Batz.

— Vem cá, marquês — disse o príncipe.

— Eu? — perguntou Chaverny.

— Sim, menino mimado! . . .

"As tuas terras de Chainelles foram confiscadas durante o reinado do defunto rei . . . quando foi publicado o édito de Nantes. E agora diz-me: essas terras rendiam muito?

— Vinte mil escudos! Por metade vendia eu a alma ao diabo!

— As tuas terras de Chaneilles foram-te restituídas!

— Isso é verdade?! — exclamou o marquês, assombrado.

— Sim . . . — afirmou Gonzaga.

— Oh! meu primo — disse então lentamente e em voz baixa o marquês de Chaverny — só te desejo felicidade, mas se um dia a desgraça te fôr bater à porta e a multidão dos aduladores abandonar-te . . . não insultes ninguém . . . é a regra geral! . . . Então, mesmo que eu fique sòzinho, ter-me-ás a teu lado!

XIII

Faenza e Saldanha

Terminara a concessão de mercês e, como se viu, o príncipe não perdera tempo enquanto Sua Majestade se levantava.

— Primo — disse Chaverny — apesar do grande favor que acabas de me fazer, ainda preciso de mais uma coisa.

— Que é?

— Um convite para a festa desta noite, no Palácio Real. Disseram-me que os convites já estavam todos distribuídos . . .

— Claro! . . . Vendiam-se esta manhã na rua Quincampoix, a dez luíses. Bois-Rosé deve ter ganho, de um momento para outro, umas quinhentas ou seiscentas mil libras! — exclamou Oriol.

— Eu vi vender um bilhete por cinqüenta luíses — acrescentou Albret.

— A mim, ofereceram-me um por sessenta — disse Taranne.

— Chegam a disputar-se . . . A esta hora já não têm preço!

— Sim . . . e a festa merece-o, meus senhores — disse Gonzaga — Todos quantos a ela assistirem têm assegurado um título de nobreza ou então um aumento de fortuna . . .

"Não creio que o propósito do Regente fôsse especular com os convites, no entanto, não me parece mal que Bois-Rosé faça um pequeno negócio com essas bagatelas . . . Enfim, sinais dos tempos! . . . Entretanto, é necessário dizer alguma coisa a respeito da festa . . .

Law fôra quem a imaginara e havia custeado. Conseguira que o Regente lhe cedesse os salões e os jardins do Palácio Real e os convites fizeram-se em seu nome, tendo fixado em três mil o seu número; Dubois aumentou a cifra para mais um têrço e Bois-Rosé, mestre de cerimônias, duplicou-o em proveito próprio!

E, como se vivia na época da febre do lucro, a opinião de Gonzaga era a de tôda a gente.

— Parece que ouvi dizer a Peyrolles — observou o príncipe puxando da carteira — que lhe ofereceram dois mil luíses por êste maço de convites que Sua Alteza houve por bem enviar-me . . . Eu, porém, reservei-os para os meus amigos.

Um "viva!" acolheu a declaração do príncipe. Êste tirou então da carteira um grosso maço de cartões côr-de-rosa, com artísticas vinhetas, que representavam a fortuna entre flores e amôres, com a cornucópia da abundância na mão. Procedeu-se à distribuição.

— Senhores — disse o príncipe — não se esqueçam que é preciso deixar dois convites para Faenza e Saldanha. Estou admirado de não terem chegado ainda! . . .

"Tive verdadeiro prazer — prosseguiu — em lhes prestar êste pequeno favor e agora não se esqueçam que, para onde quer que eu vá, devem ir também. Formam um batalhão sagrado que tem todo o interêsse em me seguir. Se assim procederem, prosperarão sem cessar! . . . Os acontecimentos que se avizinham serão enigmas, porém, não procurem desvendar a razão dos meus atos. Não peço: exijo! Não pretendam conhecer a minha finalidade. Recebam a ordem e cumpram-na apenas. Se o caminho é longo e difícil, não desanimem, uma vez que lhes afiançou, sob palavra de honra, que no fim da caminhada os espera a fortuna.

(Continua no próximo número)



BREVE REPOUSO — **Quadro de Jules Montigny (1890)**



SEMPRE DEVEMOS TENTAR

Por ALEC WAUGH
(Escritor e Globe-trott. inglês)

"Os grandes fracassos são bases profundas para os grandes êxitos."

FOI há cêrca de 60 anos que meu pai escreveu esta linha, num poema premiado entre vários trabalhos de alunos, em Oxford. Estas palavras significaram sempre muito mais, para mim, do que outra qualquer coisa que tenha lido. Porque foram uma constante lembrança de que um fracasso, na medida clássica — se assim podemos dizer — é um incentivo mais poderoso do que o proporcionado por um êxito qualquer.

Daquelas palavras surgiram então muitas imagens: os espartanos, morrendo nas Termópilas... Homens corajosos em vão tentando escalar o Everest... A gloriosa evacuação de Dunquerque...

São exemplos clássicos de homens lutando pelo impossível, para conseguir um mínimo de resultado. Constituem êles um nobre tributo para enaltecer a dignidade da raça humana; um maravilhoso incentivo à realização de outros elevados empenhos, mais valiosos do que os lauréis de um **triunfo** romano. As praças da velha Europa estão marcadas com as estátuas de generais, almirantes e estadistas, cujos títulos e feitos foram esquecidos. Em compensação, continuam bem vivos em nossa mente os nomes dêsses homens e mulheres que tentaram mais do que poderiam realizar, e que deixaram trabalhos inacabados para que os seus sucessores os completassem.

Em geral preferimos tentar emprêsas mais fáceis e que exijam menor esfôrço. Só raramente somos assaltados pelo desejo de tentar alguma coisa tão difícil que muito provàvelmente não chegaremos a realizar.

"Os grandes fracassos são bases profundas [para os grandes êxitos."

Estas palavras, nos momentos de hesitação, têm voltado à minha mente e acalentado o meu coração, **como um aviso, uma inspiração e um desafio.**

NÃO RESTAVAM DÚVIDAS DE QUE JULES ERA O MELHOR LADRÃO DE JÓIAS DE PARIS. MAS, DESTA VEZ, IRIA PROPORCIONAR UMA OPORTUNIDADE A ETIENNE, SEU GRANDE RIVAL. PERMITIRIA QUE ÊSTE SE APOSSASSE DAS COBIÇADAS PÉROLAS DE MADAME, POIS BEM SABIA QUE...

AS VIUVAS SÃO PERIGOSAS

Por EDWIN RUTT

JULES Garon refletia, muito aborrecido: — "Se não fôsse por seu excelente golpe de vista, o seu "olhar clínico", e, por que não dizer, por seu modo superior de julgar as coisas, estaria agora atrás das grades, pensando na armadilha que o gordo inspetor da **Sûreté** lhe havia armado.

Marcel Ribot — êste o nome do policial — utilizara-se de uma linda e atraente morena, "combinada", magnìficamente, com um colar d epérolas de alto valor.

Sentado numa das mesas mais discretas do café ao ar livre, Jules notou a presença da atraente Madame Dacreaux, a maior (embora menos valiosa) e melhor parte da **isca** de que se servira Marcel Ribot para o "fisgar". Inocente e graciosamente, ela sorvia um aperitivo. Jules acenou-lhe com a cabeça. Realmente, ela era uma esplêndida atriz. Com o seu modo suave de falar, a boquinha rubra sempre em proeminência, e um par de olhos azuis que fariam qualquer homem pensar numa lagoa adormecida, quase o havia arrastado ao "infortúnio". Êle, Jules Garon, um homem mundano, conhecedor dos segredos de Paris, considerado o mais eminente ladrão de jóias da França! Reconhecia que Ribot imaginara um excelente plano para o agarrar. Porém, agora, zombava antecipadamente do seu adversário, pois mostrara possuir a "classe" e a esperteza que só os grandes ladrões, como Rafles, podem ter.

O obeso Marcel Ribot, que — conforme era geralmente sabido por todos aquêles que viviam à margem da lei, na **cidade-luz** — deixava a sua confortável poltrona, na "Sûreté", somente em caso de extrema necessidade (pois aliava à sua imensa gordura, uma indolência pouco comum num ser humano), òbviamente ficara excitado, antevendo o magnífico "espécime" que passaria a fazer parte da sua coleção de malandros capturados. Assim, fôra imprudentemente ao ponto de deixar-se ver por Jules, a rondar o distrito de sua responsabilidade. Isto foi o bastante para que o "fino ladrão" farejasse qualquer coisa no ar, chegando à conclusão de que a portentosa Madame Dacreaux não era nada mais nada menos do que uma "isca", de que o policial se utilizava, para o prender. Várias vêzes, desde que se sentira atraído pelas pérolas da não menos desejável francesinha, quando forçara o primeiro encontro "casual" com a mesma, no saguão de um hotel, pudera reparar que o obeso policial aparecia **à vista**, ora passeando "despreocupadamente" pela calçada, ora trafegando "apressadamente" num carro de praça. A princípio, o elegante e simpático ladrão não conseguira imaginar qual o motivo importante que levava Ribot a deixar o escritório com tanta freqüência. Finalmente, acabara verificando que a **prêsa** que o policial farejava não era outra **senão êle mesmo!** Isto foi o bastante para que deixasse de lado, imediatamente, o plano que traçara a fim de apoderar-se das pérolas que tanto o fascinavam.

E agora, ali sentado, Jules esperava que Ribot aparecesse. Mal havia rememorado êsses acontecimentos, divisou o inspetor a caminhar do outro lado da rua. Era evidente que o intuito do velho policial era estar presente, no momento em que Jules fôsse prêso em flagrante, tentando roubar o colar; assim, aumentaria o seu "cartaz" nas fileiras da **Sûreté Générale.**

Quanto a **Madame, não era** (como queria aparentar) **a jovem viúva de um abastado vinhateiro do interior, que chegara a Paris, após o período de luto convencional, para divertir-se e esquecer um pouco a tristeza que dela se apossara, desde que seu "querido maridinho" havia falecido.** E nessas condições, é claro, o magnífico e sedutor colar de pérolas não lhe pertencia: fôra fornecido por Ribot, e a linda francesinha não passava de uma agente da **Sûreté!** E, finalmente, sempre que se encontravam, deviam estar sob a vigilância dos policiais, que aguardavam apenas a tentativa de Jules para se apossar do colar...

Sim. Tudo havia sido muito bem planejado, mas o pior, para Ribot, era que Jules não pretendia cair na armadilha que o obeso policial preparara com tanto espírito de imaginação. Em-



O Sr. Ribot, da "Sureté Générale", passeava as próprias banhas por tôda Paris, com ar preocupado.



Julguei que o senhor talvez já estivesse... saturado da nossa... amizade — disse a linda criatura.

bora lamentasse a perda de um colar tão sedutor, que lhe permitiria passar noitadas alegres nos cabarés de Paris, Jules preferia morrer de fome a ir bater com os costados na prisão. Além disso, outras vítimas e oportunidades apareceriam, sem oferecer o perigo que aquêle colar apresentava.

Uma voz musical interrompeu a seqüência de seus pensamentos:

— **Monsieur** está hoje muito quieto.

Jules levantou a cabeça. Diante dêle, a fisio-

nomia aberta num sorriso que quase fêz parar o seu coração, estava a morena de olhos celestiais, que escondiam admiràvelmente sua verdadeira e traiçoeira identidade!

Acostumado — como estava — a dizer frases bonitas às senhoras bonitas, pois, acima de tudo, Jules se considerava um cavalheiro, retrucou:

— Apenas um momento, pois a deslumbrante beleza de **Madame** quase me paralisa e emudece...

A linda criatura agradeceu o elogio com um delicado **Merci.** Falou, em seguida:

— Julguei que, talvez, Monsieur estivesse já saturado da nossa... bem, amizade... do nosso conhecimento...

Embora o seu primeiro impulso fôsse o de levantar-se e desaparecer para sempre da vista da "viùvinha", Jules resolveu aguardar mais algum tempo, antes de dar o fora. E, procurando dar um tom apaixonado às próprias palavras:

— Longe disso! Tanto assim que não posso resistir ao desejo de a convidar para jantar, esta noite. Digamos... no **Café Perroquet.** Combinado?

*

Livre, por algumas horas, de **Madame** Dacreaux, Jules se encaminhou para o Hotel Beauclaire, um dos refúgios das inúmeras pessoas "duvidosas" de Paris, e situado num dos locais menos recomendáveis da Cidade Luz. Ali residia seu ex-amigo e protegido, Etienne Duval, a quem ensinara tôdas as tramas e todos os truques utilizados no mundo dos ladrões. No entanto, julgando haver aprendido o suficiente, resolveu Duval, um belo dia, **fazer-se ao largo** e, embora continuassem a se ver, eram, agora, verdadeiros rivais. Enquanto para lá se dirigia, Jules recordava os "golpes" que Etienne, positivamente, lhe roubara: o bracelete de Mrs. Faunde, espôsa de um norte-americano riquíssimo, "rei" de qualquer coisa no mundo industrial; as esmeraldas da Condêssa de Middlemar; os rubis de uma certa Mrs. O'Hara... Tôdas essas jóias haviam sido roubadas por Etienne, antecipando-se à ação de Jules, e embora sabendo que êste estava interessado nelas.

Ao pensar nas derrotas que seu "amigo" lhe havia imposto, o elegante ladrão começou a mastigar impropérios: "Ingrato, cretino, **cochon**!" Conteve-se, no entanto, pensando na desforra que, mais dia, menos dia, lhe seria propiciada.

Finalmente, a oportunidade de ouro se apresentava! Com um só golpe, Jules ficaria livre do cêrco de Ribot e do seu aborrecido rival. Só lamentava não poder estar presente, no momento em que a polícia agarrasse Etienne!

Para Etienne, rapaz de olhar vivo e ousado, Jules estava fazendo o papel de um verdadeiro amigo, e sentia-se arrependido dos **roubos** que praticara, tirando as vítimas "das mãos" daquele que, agora, ali estava falando com um ar de tristeza. Jules explicava que acabara de receber um chamado de sua mãe, que se encontrava à morte, em Cherbourgo. Teria que embarcar imediatamente! Havia, no entanto, aquêle encontro, que marcara com Madame Dacreaux... Não foi muito difícil convencer Etienne das qualidades e atrativos de que a "viùvinha" era portadora. Embora sentisse não poder ficar em companhia de tão encantadora criatura, não desejava privá-la de uma companhia para as poucas noites que ainda permaneceria em Paris, antes de retornar ao interior, onde teria que se ver a braços com os negócios do falecido espôso. Assim, Jules escrever-lhe-ia um bilhete, do qual seria portador o felizardo Etienne, que seria também recomendado como **pessoa séria e honesta, positivamente à altura de acompanhar Madame nos últimos dias de férias que lhe restavam.**

Etienne, agradecido, declarou que a proposta parecia magnífica. Adorava mulheres bonitas e confiava plenamente no "ôlho clínico" de Jules. E completou:

—Não posso, no entanto, pretender tomar o lugar do "mestre" no coração da francesinha!

"Certamente que não, pedaço de asno" — pensou Jules com seus botões — **mas poderás cair no laço de Ribot; e veremos então quem sai ganhando...**

*

Jules foi passar alguns dias na Riviera, gastando quase todo o dinheiro que lhe restava. Divertiu-se bastante, embora lhe assaltasse constantemente a idéia de retornar e ir visitar o "velho amigo" Etienne **na prisão.**

Finalmente, sete dias depois, Jules estava de volta a Paris. E uma das primeiras pessoas que encontrou foi o obeso Ribot, que caminhava calmamente pela **Rue de la Paix.** Jules se alegrou por ver que, embora aparentando calma, o policial caminhava com os olhos postos no chão, como a pensar em fatos "muito tristes".

"E, como não havia de estar triste!" — pensava Jules com alegria — "se o plano que tão ardilosamente preparou fôra desfeito em pouco tempo, por **minha** sagacidade!"

"Enfim — matutava ainda o elegante Jules — êle deve se dar por muito feliz, por haver conseguido prender Etienne!"

Embora ansiasse por falar a Ribot, fingiu não ver o policial, indo sentar-se a uma mesa do primeiro café que encontrou. Pouco depois, Ribot vinha sentar-se na mesa ao lado.

— Ah! — exclamou, ao divisar Jules Garon — Há muito tempo que não o vejo... Andou veraneando?

A mentira foi tão grande, que o ladrão não se conteve:

— Ora! Deixe de conversa fiada! Há pouco

mais de uma semana, você vivia passeando pelos lugares em que eu me encontrava; e, agora mesmo, qual o seu intento, senão o de vigiar-me?

— Vigiá-lo? — respondeu Ribot sinceramente espantado — **Mon Dieu!** Não tenho pensado em você há meses! Desde que deixei a **Sûreté!**

— Desde... **quê?** — retrucou Jules, dando um pulo da cadeira.

— Creio ter falado bem claro! Quatro meses atrás, a conselho médico, tirei umas férias... que aliás, estão quase a terminar. E, durante todo êsse tempo, tenho andado por tôda Paris, a caminhar interminàvelmente, obediente ao que me prescreveu o doutor, pois achou êle que era êste o único modo de me fazer emagrecer, sem afetar o coração. Você, com certeza, aproveitou-se bastante da minha **ausência!...**

E, em seguida, após uma pausa:

"— Mas fique avisado! Devo voltar ao cargo na próxima semana! Trate de andar **nos eixos!**

Jules mal esperou que o policial terminasse de falar. Completamente desorientado pela notícia, atirou-se no interior do primeiro "taxi" que encontrou, e, enquanto êste rumava para o Hotel Beauclaire, o ladrão balbuciava palavras ininteligíveis, enquanto seu pensamento fixava ora as pérolas maravilhosas, que havia perdido, ora a encantadora viùvinha, ora o "amigo" Etienne, a quem quisera "ajudar"! Mas, possìvelmente, o lento e cuidadoso rival talvez não tivesse ainda conseguindo executar o **passo final**, na cena que o próprio Jules preparara.

Aflito, saltou do "taxi", dirigindo-se ao porteiro do hotel. Êste encarou o interlocutor com certo espanto, pois jamais o vira tão nervoso e mal informado.

— Então... ainda não soube da novidade?

— Que novidade?... Vamos, fale!

— Ora, meu amigo — respondeu, calmamente, o porteiro do hotel de má fama — há justamente três dias, Etienne Duval, que sempre foi um rapaz de sorte, deixou Paris, indo residir, definitivamente, numa cidade do interior, local em que reside a sua bela noiva, uma viúva que herdou do marido todo o negócio de vinhas que êste possuía. Consta que os dois deverão casar dentro de algumas semanas... Hei! Está sentindo alguma coisa? O senhor está pálido! Deseja um copo d'água?

★ ★

A JUSTIÇA NÃO SABE CONTAR

COMO RESOLVEM OS TRIBUNAIS DOS ESTADOS UNIDOS, AS QUESTÕES SURGIDAS ENTRE HERDEIROS, E OS PROBLEMAS LEGAIS DE TÔDA ESPÉCIE

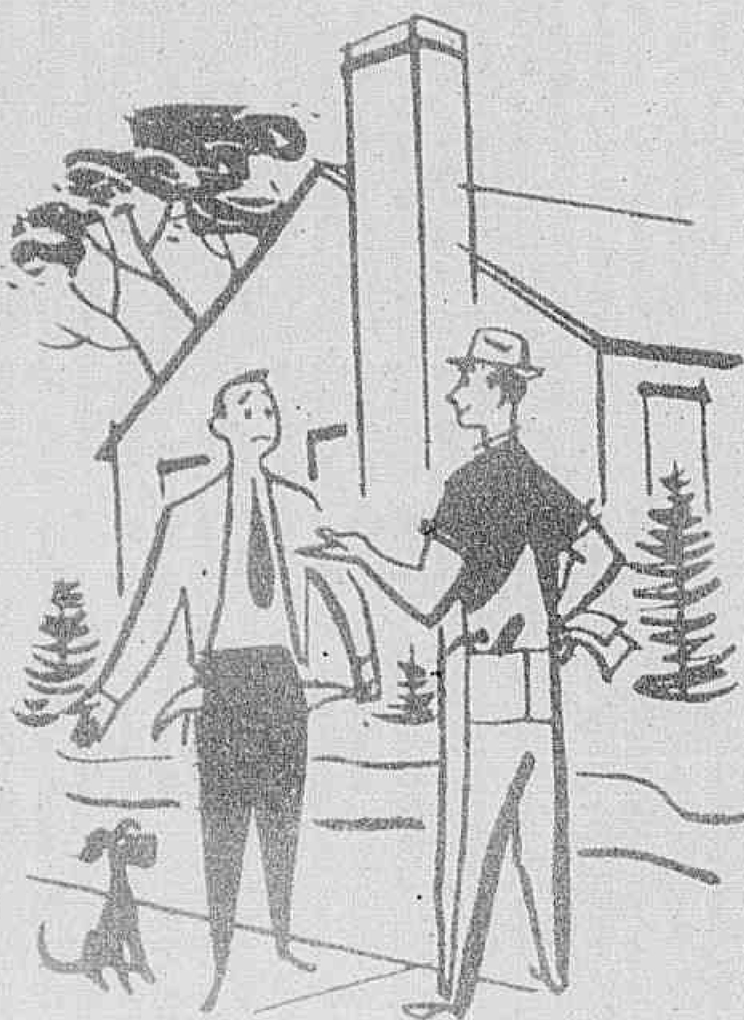
JOSÉ SCHORR

DE QUE FORMA o minuto dura apenas *alguns segundos*? Onde é que o *segundo* crime antecede o *primeiro*? Até mesmo Einstein ficaria surpreendido com algumas das aborrecidas *leis matemáticas* utilizadas nos tribunais dos Estados Unidos.

O SEGUNDO VEM PRIMEIRO — Se um indivíduo que comete dois crimes é condenado primeiramente pelo crime n.º 2, será êle considerado um segundo transgressor, quando o condenem pelo crime n.º 1? O Tribunal de Nova York, em seu acórdão, conclui, òbviamente, que não.

"O crime n.º 1 é *apenas* a sua primeira transgressão."

SOBRINHA CONTRA SOBRINHOS — Quando um tio deixa seu dinheiro para ser dividido igualmente "entre" seus 22 sobrinhos e *a sobrinha*, quanto deve esta receber da herança? A metade ou 1/23 do total?



"A sobrinha receberá a metade, porque o tio não explicou, no testamento, a parte que ela deveria receber. Compreende-se assim, implìcitamente, de acôrdo com o modo por que foi redigido, que à sobrinha caiba a metade da herança." — Assim concluiu a Suprema Côrte do Estado de Arkansas.

TEMPO REDUZIDO — De que forma o minuto corresponde apenas a *alguns segundos*?

"Na conversação comum — afirmou a Suprema Côrte do Estado de Nova York. — E' típico descrever, em conversa, o breve espaço de tempo — alguns segundos — licenciosamente, em *um minuto* ou, mesmo, em *alguns minutos*."

CUSTO APROXIMADO — Se o empreiteiro afirma que os consertos de sua casa custarão "uns dez contos", quanto custarão êles, precisamente?

"Mais!" — afirmou a Côrte Suprema de Maryland.

A CIÊNCIA ANALISA

OS SETE RUIDOS



O Dr. Davis, com um aparelho capaz de medir a intensidade de cada som.

AQUI ESTÃO, CATALOGADOS, OS FATÔRES QUE MAIS PREJUDICAM A QUIETUDE E A BOA PAZ NAS GRANDES CIDADES E ALGUNS FATOS QUE DESTRÓEM MUITOS MITOS A RESPEITO DÊSSES FATÔRES

Por HARDY BURT

QUAIS são os ruídos mais incômodos que os habitantes de uma cidade podem suportar durante o ano? Pode o barulho, verdadeiramente, prejudicar a saúde, interferir com o trabalho e abalar os nervos dos cidadãos?

Estas e outras perguntas foram analisadas e respondidas, em recente pesquisa científica, levada a efeito nos Estados Unidos, com o objetivo principal de beneficiar as fôrças armadas.

O Comité Nacional Pró-Redução dos ruídos de Nova York catalogou aquêles que mais importunam os habitantes de uma cidade, em ordem de **irritabilidade.** As conclusões dêsse Comité, baseadas em pesquisas científicas, classificam os **inimigos dos ouvidos do homem** da seguinte forma:

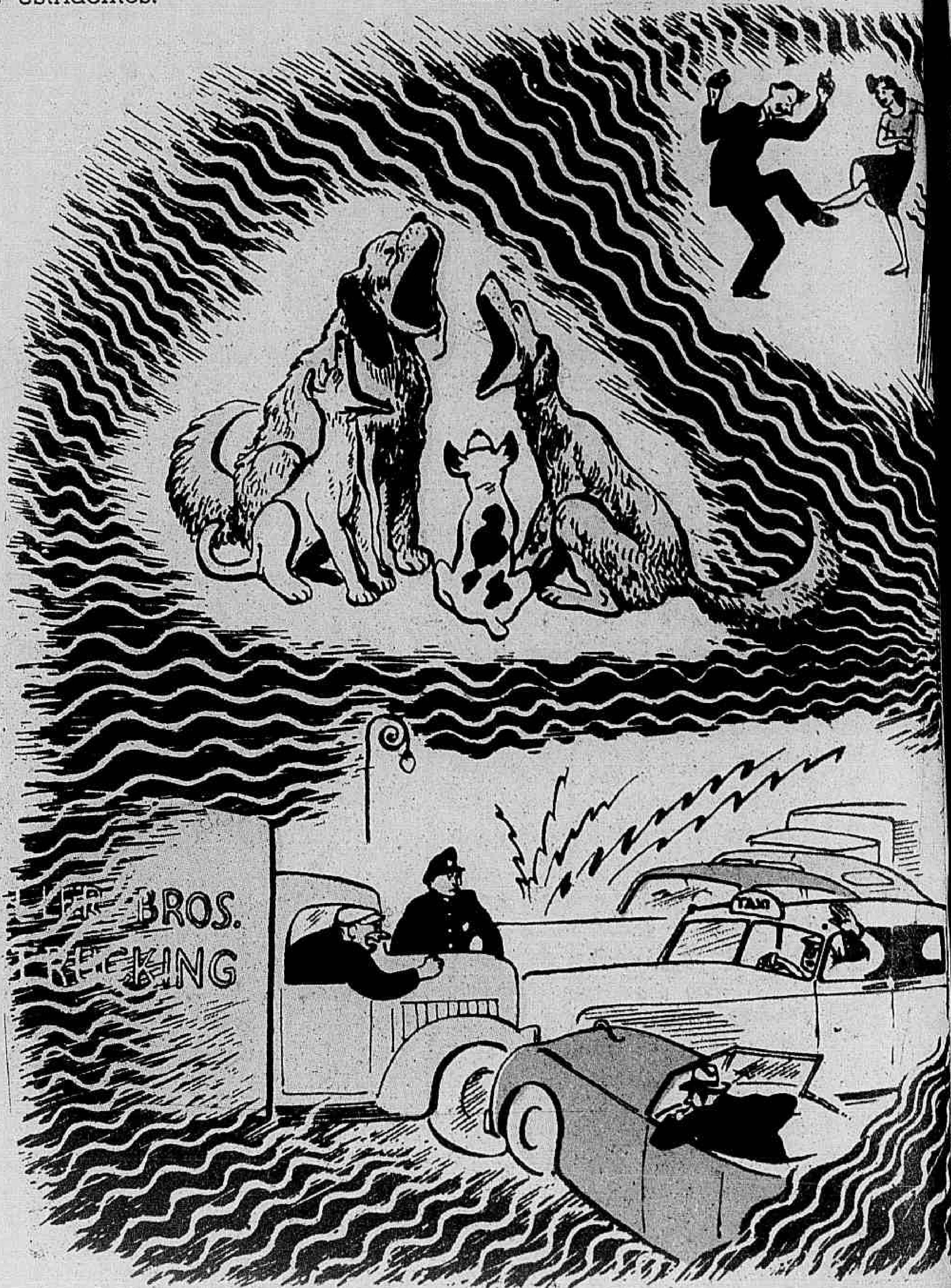
1) TRÁFEGO — Inclui em seu vasto campo as buzinas de todo tipo, as freiadas e derrapagens, as motocicletas, os veículos e máquinas a vapor, utilizados para consêrto de ruas, os automóveis que trafegam com os canos de descarga abertos. Incidentalmente, a buzina que apresenta um som harmonioso é muito menos irritante que aquela que soa de modo discordante e rouco.

2) TRENS, AVIÕES E BONDES — Os bondes e trens são veículos barulhentos, que muito contribuem para irritar os pobres cidadãos. As locomotivas Diesel, por sua vez, produzem maior estrondo que as antigas máquinas **a vapor.** E, sôbre o barulho que fazem os motores de aviões, que o diga algum dos leitores que resida ou trabalhe perto de um aeroporto...

3) RÁDIOS E ESTÚDIOS DE TV — O tumulto produzido pela voz estridente dos locutores, assim como pelas "baterias" e instrumentos de sôpro, é deveras irritante. A televisão ofende menos aos nossos ouvidos; isto porque, aparentemente, apresenta menor quantidade de sons e ruídos estridentes.

4) SINOS E ASSOBIOS — Ninguém dá muita importância aos produtores artificiais de ruídos, nos dias de Ano Novo e Carnaval. Mas, quando apenas **uma pessoa** produz êsses sons, logo é taxada de grosseira, tornando-se impopular.

5) MATERIAL EMPREGADO NAS CONSTRUÇÕES — Até agora, não foram inventadas máquinas para a mistura de pedra e cimento, escavadeiras, serras,



MAIS IRRITANTES DA METRÓPOLE...

e outros tipos, que executassem seu trabalho silenciosamente. Recentemente, foi terminada a construção de um arranha-céu, próximo ao edifício do Comité Pró-Redução dos Ruídos; é desnecessário dizer que, durante cêrca de dois anos, o pessoal do Comité teve que suportar todos os ruídos característicos de uma construção de edifício...

6) OS QUE ABUSAM DA GARGANTA — **Às vêzes**, tudo não passa de cantoria; de outras vêzes êsses indivíduos "alegres" estão apenas... **gritando!** Tanto pode ser uma festa... ou uma discussão! Também pode ser tudo isto **conjugado!**

7) UIVOS DE CÃES — Não são apenas os habitantes das cidades os que são atormentados pelos uivos caninos. Certo fazendeiro moveu ação contra um vizinho, possuidor de um cão, apresentando como **prova** dos prejuízos que tivera, ao ser impedido de dormir, **um disco em que fizera a gravação dos uivos do cão.**

Devemos destacar que, apesar do que geralmente se afirma, os ruídos e estrondos, que freqüentemente nos importunam, não apresentam outra característica senão a de nos roubar o sono ou a atenção. Êsse conjunto de sons impróprios não interfere, em geral, com a eficiência no trabalho, nem tampouco prejudica a saúde ou abala os nervos de uma pessoa.

Conforme afirma Hallowell Davis, diretor de pesquisas do Instituto Central dos Surdos, de St. Louis: — **"Tôdas as formas de doenças vagas, desde a alta pressão à inabilidade para efetuar cálculos matemáticos, têm sido atribuídas ao efeito prejudicial dos ruídos."**

"Agora — continua êle — novos e firmes conhecimentos foram adquiridos, através de experiências cuidadosamente controladas."

A mais interessante entre essas experiências foi a realizada pelo Dr. Karl Kryter, diretor do Laboratório de Pesquisas dos Recursos Humanos, situado na Base Aérea de Bolling, após haver sido inquirido pelo Centro de Pesquisas Navais dos Estados Unidos, sôbre se os estrondos e tumultos produzidos a bordo dos



navios afetava a eficiência dos seus tripulantes. Sua resposta foi um "não" categórico.

Do seu relatório constava o seguinte: — "Ruídos e sons cuja produção é esperada, não afetam a atividade psico-motora. Existe uma certa evidência de que **o ruído pode estimular uma pessoa**, em certos tipos de trabalho, nos quais a ação é melhor e mais fácil num ambiente ruidoso, que num meio calmo e silencioso. Tal é o caso dos jogadores de futebol, basquetebol e voleibol, que, animados pela "torcida", realizam jogadas muito melhores do que quando os fãs se mostram calados e não os incentivam."

"As pessoas geralmente expostas a ruídos intensos, em seu trabalho, tornam-se aparentemente indiferentes a êles."

Os norte-americanos, que estão muito interessados em determinar o grau de prejuízo causado por êsses ruídos, criaram uma unidade de som: o **decibel**. O **decibel** é a unidade utilizada para medir a amplitude do som. Um **decibel** é pobremente perceptível. O tumulto do tráfego das grandes cidades oscila nas cercanias de 75 **decibels**. Os 120 **decibels** produzidos pelos motores de um avião e pelas máquinas das grandes fábricas constituem o máximo de ruído que os ouvidos humanos podem aturar, sem ofensa grave. A freqüências superiores a 120 **decibels**, há o perigo de injúria física e de surdez.

Conforme afirmou o Dr. Kryter, "os ruídos cuja produção aguardamos não oferecem, em geral, prejuízo ao homem normal. Mas, que dizer a respeito dos ruídos repentinos e inesperados?

DOIS GRUPOS DE PROVAS — O psicologista Kendon R. Smith, trabalhando no Colégio Estadual de Pennsylvania, foi designado pela Fôrça Aérea dos Estados Unidos para efetuar estudos a respeito dos sons e estrondos inesperados.

Iniciando as suas pesquisas, o citado psicologista dividiu um total de 70 homens e mulheres em dois grupos, e apresentou aos mesmos uma série de testes iguais. O grupo que chamaremos de N.º 1 efetuou suas provas numa sala quieta e onde havia ausência quase completa de ruídos. Enquanto isso, o grupo N.º 2 foi bombardeado com estrondos, explosões, além da voz estridente de um locutor.

Quais poderiam ser os resultados dos "testes"? Não houve diferença muito significativa no apuro ou na produção total dos dois grupos. Conforme afirmou o psiquiatra, o efeito sôbre atuações mentais de pouca duração, submetidas a ruídos e estrondos os mais diversos, acarreta um aumento na quantidade e um decréscimo na qualidade da reação a essas provas; no entanto, êsses efeitos são pràticamente indiferentes.

Até mesmo os ultra-sônicos — ruídos de freqüência acima da média humana de audição — têm sido investigados, no sentido de verificar se podem afetar os indivíduos. Está bastante divulgado o processo ou faculdade que têm certos animais de perceber sons super-agudos, tais como os emitidos por um assobio especial, não audível pelo homem.

Hallowell Davis faz referência às náuseas, irritação e diminuição geral das aptidões físicas, que têm sido consideradas como causadas pelos **ultra-sons!** Diz êle que não devemos crer em tais afirmações, pois, para produzir efeito sôbre o homem, êsses sons teriam que ser tão intensos que, por exemplo, incendiassem o pêlo de um pequeno animal.

Também o timbre tem algo que ver com as qualidades de irritabilidade dos sons. Ruídos ásperos, e de alta freqüência, penetram mais sob a nossa pele do que os sons baixos e graves. Êste é o motivo pelo qual muita gente julga mais agradável ouvir um barítono do que um soprano.

No entanto, algumas provas, em que numerosos grupos de pessoas foram postos a ruídos intensos e de alta freqüência, durante longos períodos, demonstraram que apenas cinqüenta por cento das pessoas nelas utilizadas se sentiam mais irritadas do que o usual. Os pesquisadores concluem que "os sêres humanos são animais acentuadamente adaptáveis, e que se tornam, depressa, familiarizados com quase tôdas as espécies de ruídos.

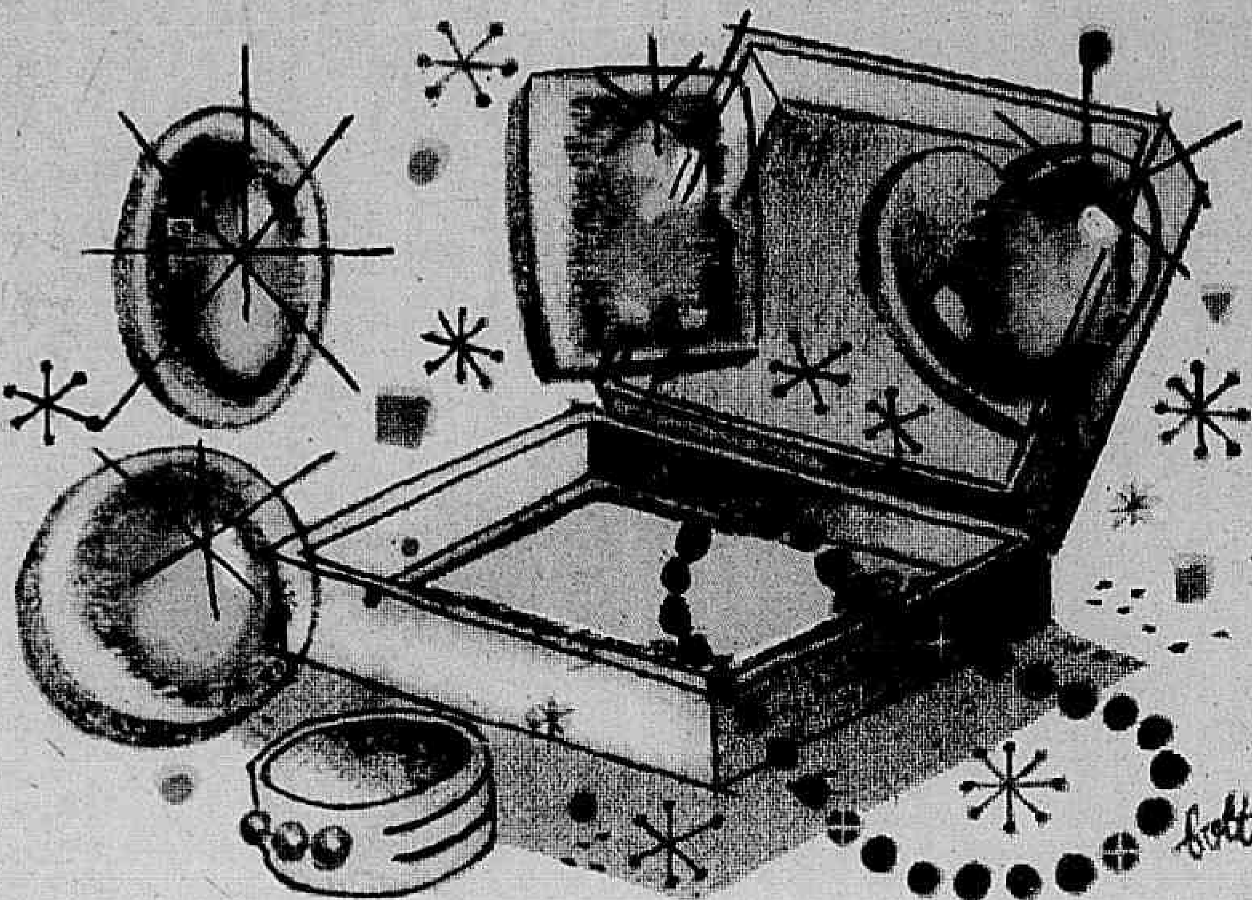
Tudo o que acima foi exposto é muito confortador para as pessoas que são regularmente despertadas às 5 horas da madrugada, por um dos sete tipos de ruídos que mais apoquentam os pobres mortais.

Para essas pessoas, existem dois rumos a tomar. Um dêles é a ação comum — muitos cidadãos têm organizado campanhas contra os ruídos perturbadores, algumas delas bem sucedidas. Deve haver um esfôrço, por parte de todos, tanto das autoridades quanto dos particulares, no sentido de reduzir ao mínimo os danosos resultados dêsses barulhos infernais. O outro rumo é o de adotar providências individuais, e talvez seja o mais prático: utilização de mechas de algodão nos ouvidos, etc.

O Exército dos Estados Unidos tem realizado experiências com êsses artifícios, algumas coroadas de êxito. Os tampões de algodão têm provado ser eficientes no impedir que os sons de **alta freqüência** nos afetem, embora não apresentem a mesma eficiência, em se tratando de sons **graves**. Existe, atualmente, grande quantidade de tapa-ouvidos nas casas comerciais; o melhor conselho, no entanto, é a obtenção de um **tapa-ouvidos** que se adapte aos órgãos auditivos de cada um. Para tanto, consultem um médico.

E, agora, a advertência final: confiem na Ciência! Os ruídos, que julgamos tão prejudiciais, não nos afetam tanto assim. O barulho ou o estrondo constante não é capaz, por si só, de nos levar à loucura!

O **Titânia**, diamante sintético, poderá reduzir a mil cruzeiros o valor do famoso **Orloff**! ★ De janeiro a julho do ano próximo findo, a Companhia "De Beers" — fundada em 1888 por Sir Cecil Rhodes — vendeu cêrca de sete e meio milhões de cruzeiros em diamantes ★ Como todos nós sabemos, o diamante não é mais que um carvão, porém um carvão que vale mil bilhões a tonelada — porque escasseia



ALARMA NO MUNDO DAS *Jóias*

DIAMANTES MAGNÍFICOS A 5 CRUZEIROS O QUILATE — E' compreensível que os donos do mercado de diamantes estejam alvoroçados ao saber que um sábio japonês, o químico Koemon Fumaki, acaba de fabricar uma gema sintética à qual deu o nome de **Titânia**. O Titânia, derivado de um novo metal, o **titanium**, tem brilho muito superior ao diamante e calcula-se que o seu preço de custo será de uns cinco cruzeiros o quilate (o quilate pesa dois decigramas).

Nessas condições, por menos de mil cruzeiros, qualquer pessoa poderia ter um diamante como o famoso Orloff (de cento e noventa e quatro quilates), roubado por um aventureiro francês ao templo de Brahma, na Índia, e que pertenceu a Catarina da Rússia.

Sem sombra de dúvida, o rei do diamante, Sir Ernest Oppenheimer, presidente da famosa "Diamond Corporation", já terá, a estas horas, enviado ao Japão pessoas de sua inteira confiança, encarregadas de observar de perto o Titânia... e o seu inventor. A "Diamond Corporation", que é o **trust** de diamantes mais poderoso do mundo inteiro, tem um objetivo principal: manter o preço do diamante, como outros têm por missão manter o preço do ouro.

Um homem houve que ousou enfrentar, durante doze anos, a Oppenheimer e ao seu **trust**: êsse homem foi o canadense Williamson, que, em 1940, descobriu no Tanganica — e explorou — uma jazida diamantífera extraordinàriamente rica. Oppenheimer se inquietou. A produção intensiva dessa nova jazida provocaria a baixa de preços no mercado mundial. Assim pensando, ofereceu um contrato magnífico a Williamson, que imediatamente pediu o triplo do oferecido. Ao mesmo tempo, o ardiloso canadense ameaçou Oppenheimer com um ato extremo: lançar todo o seu estoque de diamantes, em bloco, nos mercados de Amsterdão, Londres e Antuérpia! Só esta última ameaça chegou para que o mercado cedesse. Finalmente, em 1951, os dois antagonistas chegaram a um acôrdo.

OS DIAMANTES MAIS FAMOSOS — Não é a África do Sul que produz atualmente mais diamantes, mas sim a América do Sul, onde já foi encontrado mais de um milhão de quilates! Acontece, porém, que a África do Sul é o bêrço da "De Beers", da qual se originou a "Diamond Corporation". Os indianos já conheciam o diamante há mais de cinco mil anos. O famoso **Koh-I-Noor** (Montanha de Luz) passa por haver adornado a farda de guerra do famoso herói Karma. Êsse diamante, que, segundo dizem, em sua origem pesava setecentos e noventa e três quilates, foi talhado quatro vêzes, e já não pesa mais que cento e seis. Pertenceu ao Grão Mogol, foi oferecido à rainha Vitória e figura entre as jóias da coroa da Inglaterra. O Grão Mogol (duzentos e setenta e cinco quilates) adornou o pomo da espada de Carlos, "o Temerário", e a tiara pontifícia de Júlio II.

O maior diamante do mundo, o Cullinan, (o "Getúlio Vargas", como é sabido, foi partido em várias pedras) foi en-



O primeiro proprietário do famoso "Koh-I-Noor" foi o Grão Mogol, que, mais tarde, ofereceu o belíssimo diamante à rainha Vitória, da Inglaterra. Outro famoso diamante, com 275 quilates, é o chamado "Grão Mogol", em homenagem ao potentado asiático.



Na sala de recepções do Hotel Plaza, em Nova Iorque, foi realizada suntuosa festa em benefício da campanha contra o câncer infantil, e à qual compareceram as figuras mais brilhantes do alto mundo norte-americano. A festa teve o nome de "GRANDE GALA DAS JÓIAS". No clichê que acima reproduzimos, a espôsa do milionário Cornelius Vanderbilt, ostentando precioso colar antigo, cujo valor é de um milhão e trezentos mil dólares (aproximadamente quarenta milhões de cruzeiros), além de várias outras jóias belíssimas e de alto preço.



A senhora Topping, espôsa de John Reid Topping, presidente do comité organizador do baile, compareceu à festa ostentando no colo, nas orelhas e nos punhos, jóias preciosamente cinzeladas. Só o colar, formado por uma corrente de ouro e um único diamante (de 127 quilates) vale oitocentos e cinqüenta mil dólares (cêrca de 26 milhões de cruzeiros). O anel, que se vê na mão enluvada, é um diamante de 43 quilates, montado sôbre um simples aro de platina. Seu valor é de cento e vinte e cinco mil dólares (cêrca de quatro milhões de cruzeiros).

contrado no África do Sul pelo contra-mestre mineiro Fred Wells. Pesava, em bruto, três mil e vinte e quatro quilates, tendo sido oferecido ao rei Eduardo VII. Uma vez talhado, entretanto, foi dividido em dois magníficos diamantes, sendo um de quinhentos e dezesseis quilates e o outro de trezentos e nove.

São incontáveis os roubos de diamantes célebres. Durante os distúrbios da Revolução e principalmente nos dias tenebrosos de setembro de 1792, desapareceram os diamantes da coroa francesa. Entre estas jóias figuravam o famoso "Regente" e um Diamante Azul de 77 quilates.

DIAMANTES MALÉFICOS: O **SANSY** E O **HOPE**. SEU ÚLTIMO PROPRIETÁRIO ACABA DE SOFRER UM GRAVÍSSIMO ACIDENTE DE AUTOMÓVEL — O "Regente", que pesava originalmente 410 quilates, hoje pesa apenas 136. Foi encontrado em 1717, nas Índias, tendo sido comprado por Felipe de Orleans. Napoleão o mandou montar no pomo de sua espada para o dia da sua coroação, na igreja de Notre Dame, em Paris, pois, graças a uma carta anônima, o tesouro francês, que ficara perdido na Revolução, pôde ser recuperado em um fôsso da Avenida dos Campos Elíseos. Faltava, porém, o Diamante Azul! Êste último passou para o estrangeiro e, provàvelmente, foi partido em dois. Dêle, realmente, foi feito um diamante de 44 quilates, comprado pelo banqueiro Hope, de Amsterdão. O outro, menor, foi comprado pelo Duque de Brunswick.



A senhora Gaynor, que **mereceu um prêmio especial** *pela originalidade das jóias apresentadas, A principal consistia num "leque-máscara" totalmente coberto de brilhantes de diferentes tamanhos e desenhos em forma de flores, pássaros, etc. A gema que orna o pequeno tricórnio, os braceletes, o anel, e o leque representavam um valor superior a um milhão de dólares. Foi esta uma das mais extraordinárias paradas de jóias já apresentadas em qualquer parte do mundo. Um serviço especial de policiamento se tornou necessário durante tôda a duração da festa.*



O diadema da senhora Guest foi considerado um dos mais belos; seu valor supera duzentos mil dólares (cêrca de seis milhões de cruzeiros). Outra grande parada de jóias e pedras preciosas foi realizada, também em Nova York, mais recentemente, por ocasião da exposição das jóias pertencentes à senhora Ford, espôsa do célebre industrial norte-americano (e postas a venda pelos herdeiros). Entre essas, as mais preciosas eram: um colar com 278 pérolas rosadas; um bracelete com 27 esmeraldas e 222 diamantes; um colar de safiras e diamantes.

Desde que foi usado por Maria Antonieta, a infeliz rainha de França, o Diamante Hope nunca mais deixou de atrair a desgraça para os seus proprietários. Segundo se afirma, até hoje já provocou 38 dramas! Recentemente, foi comprado em leilão pela quantia justa de um milhão de dólares, pelo famoso joalheiro de Nova York, Harry Winston, que, depois disso, sofreu gravíssimo acidente de automóvel no qual quase perdeu a vida.

Outra pedra maléfica é o **Sansy**, de 53 quilates. Seus possuidores foram: Carlos, o Temerário, morto tràgicamente; Antônio, de Portugal, expulso de sua pátria; Henrique III, assassinado pelo monge Jacques Clement, e o rei Luís XVI, morto no patíbulo.

(E dizer que na Idade Média o diamante era considerado como um talismã contra a má sorte.)

OS DIAMANTES QUE CAEM DO CÉU — O diamante, até ao recente descobrimento realizado pelo doutor Fumaki, foi sempre o rei das jóias. E' um carvão puro, cristalizado, de origem mineral ou vegetal, podendo também ser de ambas as origens a um só tempo.

São conhecidas três variedades principais: o diamante incolor; o "bort", de superfície arredondada e que se presta mal, em razão de seus defeitos, para os trabalhos de joalharia; e, finalmente, o diamante negro ou "carbonado", com o qual as perfuradoras mecânicas atacam as rochas mais duras.

Nas Índias, no Brasil, em Bornéu e na África do



A desventurada rainha Maria Antonieta, que iniciou a série dos "infelizes" possuidores do famoso "Diamante Azul", desaparecido em 1792 e, mais tarde, convertido no maligno "Diamante Hope".

★

Sul é, principalmente, onde se encontra o diamante no solo. Ao sair da mina está recoberto por uma **ganga** (matéria inútil), sob a qual aparece a pedra cristalina de uma transparência perfeita, que alcançará o seu preço mais alto no caso de ser uma pedra incolor.

Às vêzes a pedra é amarelenta, amarelo limão, parda, clara ou escura, rosa, verde, azulada ou negra. A rosa é a mais procurada, depois da branca. O valor da negra, que pode ser tão grande como o volume da mão fechada, é relativamente mínimo.

Literalmente, o diamante **grita** a sua autenticidade: de fato, é bastante tocá-lo com um pedaço de cristal carbônico; se permanece mudo, é falso; se é autêntico, porduzirá um som agudo. A experiência, como vêem os leitores, é muito fácil de realizar. O Titània — quase somos capazes de jurar — não deverá **gritar** muito forte . . .

★

A rainha Alexandra, da Inglaterra, ostentando as mais belas e preciosas jóias da coroa britânica, as quais poderão perder todo o valor, caso o químico japonês, Koemon Fumaki, prossiga na fabricação da gema sintética.

Os diamantes também podem cair do céu. Realmente, foram encontrados em pedras meteóricas. O primeiro meteóro que continha um por cento de diamantes caiu na Rússia, em 1886, não distante de Nowonrei. Outros aerolitos diamantíferos foram descobertos no Desfiladeiro do Diabo, Arizona, nos Estados Unidos, e em Toluca, no México.

O químico Moissan, inventor do fôrno elétrico, foi o primeiro cientista que conseguiu fabricar o diamante sintético. Tal fato ocorreu em Paris, em 1893. Havia êle saturado ferro de carbono introduzindo-o em um fôrno com temperatura equivalente a três mil graus, assim obtendo grafite cristalizado artificialmente; porém êsses cristais eram microscópicos e sem qualquer interêsse para a joalharia.

Posteriormente, foram fabricados rubis, safiras e incontáveis quantidades de outras pedras sintéticas. Porém a indústria das pedras preciosas nunca estêve tão sèriamente ameaçada como depois do sensacional descobrimento do doutor Koemon Fumaki.

Na realidade, quando pensamos nas jóias que formam o "tesouro" de algumas nações de regime monárquico (Inglaterra, Holanda, Dinamarca, Suécia, Noruega, Luxemburgo e os fabulosos reinos do Próximo e Extremo Oriente) não podemos deixar de sonhar com as deslumbrantes pedrarias, que faíscam no peito, no colo, nos braços e na cabeça dos potentados. Quanto custou a conquista dessas gemas prodigiosas! No entanto, agora, em razão da habilidade de um químico japonês, êsses incalculáveis tesouros poderão passar a valer tanto ou pouco mais que o vidro colorido!





Quando o Etna começa a vomitar fumaça e lava, os camponeses dos arredores se preparam para fugir, pois nunca sabem se se trata de um alerta sem importância ou de outra catástrofe histórica...

Um perigo latente sob os nossos pés

EM anos já controlados pelos sábios dedicados ao estudo dos fenômenos sísmicos, o nosso planêta passa por um período de agitação, sendo assinalados terremotos de certa importância em determinadas regiões da Europa Central, e em tradicionais pontos da Ásia, da América Central, América do Sul, etc.

De fato, não há fenômeno natural que mais aterrorize aos homens que as tremendas comoções da frágil crosta do planêta em que vivemos, quando se agita como o mar e, deslocando-se em rápidos e retorcidos movimentos, abre-se em fendas ou eleva-se em colinas.

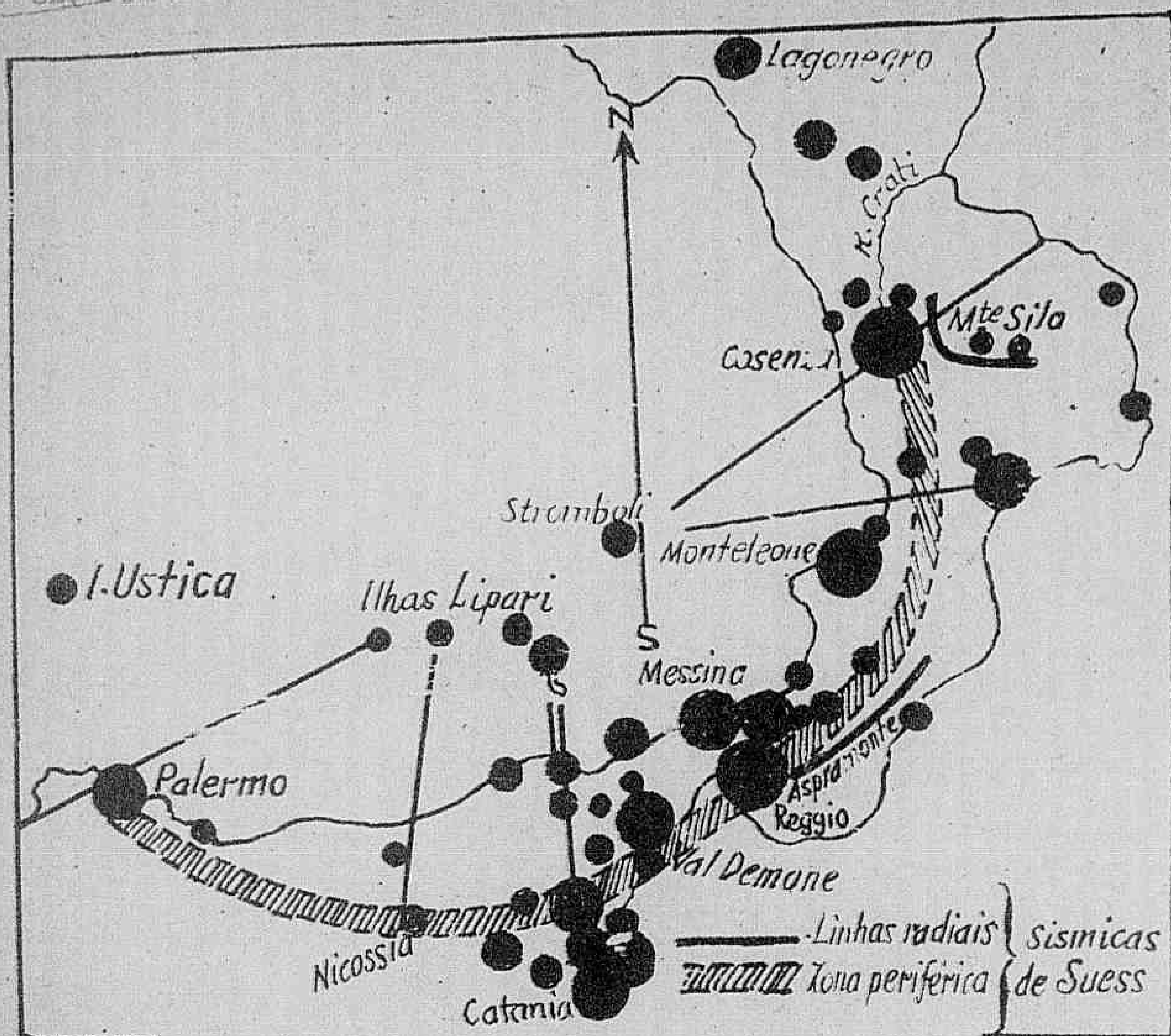
— **Não há calamidade** — dizia Sêneca — **da qual não consiga o homem se livrar: jamais o raio consumiu os povoados inteiros,** nem a peste, que despovoa as cidades, pôde alguma vez destruí-las; porém o açoite dos terremotos é o mais extenso e o mais inevitável, assim como o mais aniquilador de todos.



Catânia, a 50 quilômetros do Etna, está sempre sob o perigo de copiosa chuva de cinza, que, em 1900, cobriu a Sicília.

OS "CÍRCULOS DA MORTE" — A história dos terremotos nos revela que nem tôdas as regiões terrestres estão igualmente expostas às suas devastações. Sôbre a esfera terrestre poderíamos traçar, a modo de cinturões que a cingissem, dois círculos, que são chamados "círculos da morte", nos quais se manifestam, mais que em outras regiões, as convulsões da crosta terrestre.

Um dêsses cinturões percorre o bordo ocidental do continente ame-



COMO SÃO ESTUDADOS OS SISMOS — *Os sismógrafos da Sicília e da Calábria proporcionaram dados bastantes para o conhecimento de como se vai afundando o solo nessas regiões. Os pontos negros assinalam núcleos sísmicos.*

Crosta sólida

Raio da Terra

UMA FATIA DA TERRA — A espessura da crosta sólida, em relação com o raio da Terra, está bem representada no gráfico acima.

ricano, a península de Kamtchaca, o Japão, as Filipinas e a Nova Guiné; a outra parte das ilhas de Sonda, cruza o Himalaia, a Ásia Menor, o Adriático e se estende pelos Alpes e os Pirineus, para terminar no estreito de Gibraltar. Nesta zona sísmica estão compreendidas a região andalusa, na Espanha, e a costa setentrional do Marrocos.

Na Europa, o solo espanhol tem grande sismicidade, correspondendo o maior número dos fenômenos à chamada "fossa do Guadalquivir", vindo em segundo lugar a região da "fossa do Ebro". No Velho Continente, com referência a tremores de terra, a Espanha surge em terceiro lugar, embora não ocupe pôsto tão destacado quanto à intensidade dos terremotos e aos danos que os mesmos causam.

OS FENÔMENOS SÍSMICOS — E' muito raro que um sismo se manifeste com um só tremor. Não há muito tempo, na Europa, à primeira convulsão, tão rude para as províncias andalusas, seguiram-se outras que levaram os seus efeitos, pouco destruidores aliás, a diferentes regiões da França, Bélgica e outros países.

No terremoto das ilhas Hawaii, em 1860, foram registradas cêrca de duas mil sacudidelas!

Quanto às causas produtoras das convulsões terrestres, devemos buscá-las nas correntes de águas profundas, na crosta terrestre, que, dissolvendo os sais contidos nela, produzem as derrocadas das massas; nas reações químicas, que produzem grandes quantidades de energia, assim como em outras muitas manifestações da vida interior do planêta.

MADRID E OS TREMORES DE TERRA — A região onde se assenta a capital espanhola está isenta dos efeitos destruidores dos tremores de terra. Isto não quer dizer que ali não sejam sentidos, mas simplesmente que não produzem os danos irremediáveis que causam em outras regiões, porque — justamente — o seu solo forma um "almofadado" de areias e argila, que amortiza o embate das ondas sísmicas. Eis por que os sismógrafos da região estão localizados em Toledo. Por ocasião do grande terremoto de Lisboa, na primeira dezena dêste século, o Observatório de Madrid nada registrou! No entanto, em Lisboa, tão perto, o sismo foi catastrófico!

Em 1942 houve outro terremoto nada daninho, porém alarmante, em várias localidades andalusas, o qual foi apreciado em Madrid com menos intensidade ainda que o de Lisboa!

O de 1948, porém, já teve maior registro, devendo-se notar como aumentaram em número e dimensões os grandes edifícios da capital espanhola. Ora, nesses edifícios elevados foi onde mais sensível o sismo se fêz: móveis que se moveram, lâmpadas oscilantes, o pânico natural daqueles que ignoram o segrêdo do "almofadado" do solo madrilenho . . . — e nada mais, felizmente.

Há outras regiões européias muito mais perseguidas e castigadas. Sôbre a Sicília, por exemplo, pesa uma dupla desgraça: a dos terremotos e a do seu vulcão, o Etna, que ameaça incessante-



Foto tomada de avião, em plena noite, da fumaça de nova bôca de um vulcão, no México.

mente êsse rico vergel que é o solo siciliano.

Ainda agora, as profundas bôcas de trinta e sete crateras, que se abrem nas ladeiras do vulcão, começaram a arrojar lava fervente com tal rapidez, que já suspeitam os técnicos de que esta venha a ser uma das mais graves entre as ocorridas nos últimos vinte e cinco anos, embora ao fim de três dias a velocidade da lava fervente tenha decrescido, ao atingir um remanso na base do monte Fontana; porém sem apagar totalmente a impressão de que, vencido êsse obstáculo, nova pendente dê redobrado impulso às lavas, favorecendo a sua ação destruidora.

O vulcão, que se eleva às proximidades dos três mil e duzentos metros sôbre o mar, tem a forma clássica do cone coroado pela cratera; porém nesse cone grandes fendas se abriram, formando enormes barrancos, verdadeiros abismos de centenas de metros de profundidade. Nessas fendas, em sucessivas erupções, outros tantos vulcões cônicos se formaram, em número superior a setecentos, que dão àquelas ladeiras o mesmo



UM QUE JÁ NEM LIGA... — Um rapazola japonês observa a fenda recém-aberta numa das avenidas mais centrais de Yokohama, depois de um dos tremores, tão freqüentes nas ilhas japonêsas, tôdas elas de origem vulcânica.



OS QUE SUPORTAM OS TERREMOTOS ALEGREMENTE — Para os habitantes de certas zonas do México, os sismos são coisa corrente e já perderam todo o mêdo. Chegam até a achar graça nos ruídos e movimentos do solo, enquanto se envolvem em mantas e colchões.

aspecto desolado que nos oferece o solo lunar, segundo a narrativa dos que percorreram os sessenta quilômetros em que se desenvolve a estrada de ferro de **circunvalação étnea**, única em seu gênero — e viram alguma vez a imagem telescópica de nosso satélite.

O vulcão siciliano, como vulcão ativo que é, tem seus períodos de atividade, que hoje se sucedem, afortunadamente, com largos intervalos de calma, e que, em épocas remotas, se repetiam com grande freqüência. As erupções do Etna não oferecem a menor regularidade em sua produção, nem a vulcanologia logrou achar relação alguma entre estas erupções e as do Vesúvio ou as dos vulcões das ilhas Lipari.

O vulcão se acha em atividade desde os mais remotos tempos; assim puderam os mitólogos gregos localizar as forjas de Vulcano nas ardentes entranhas do Etna.

As erupções dêste vulcão, que deixaram trágica lembrança, foram numerosas. Em 1183 foi registrada uma prolongada e intensa erupção, que causou mais de quinze mil vítimas humanas. A ocorrida em 1669 abriu uma cratera de dezoito quilômetros de diâmetro, pela qual surgiu a maior corrente de lava de que se conserva notícia; foi tão grande que formou um imenso lago e envolveu em sua fúria a cidade de Catânia, causando mais de vinte e cinco mil vítimas. Na erupção de 1693, que coincidiu com um terremoto, pereceram cêrca de sessenta mil pessoas! As erupções observadas nos anos 1843, 1852, 1869 deixaram recordações dolorosas e inenarráveis, fazendo desaparecer algumas aldeias e vilas da campina siciliana. A do ano 1899 foi imponente subremaneira, tendo sido calculado que as dez crateras que se abriram nessa ocasião arrojaram quinhentos metros cúbicos de lava por minuto! As registradas nos anos de 1898, 1911, 1923 e 1929 foram igualmente terríveis, tanto por sua duração quanto por sua violência, causando dezenas de



TERREMOTO DEVASTADOR — San Francisco da Califórnia sofreu outro tremor de terra de proporções terríveis, em 10 de março de 1933. O aspecto das ruas naqueles dramáticos segundos pôde ser recolhido por um fotógrafo.

milhares de vítimas e acabrunhadores prejuízos materiais.

Porém é preciso assinalar que a Sicília está situada em plena zona vulcânica; numa dessas regiões que são conseqüência dos enormes deslocamentos dos materiais que formam a débil crosta do nosso planêta; enquanto massas imensas foram elevadas para servir de leito aos oceanos. Por isso, nas regiões do planêta em que as cordilheiras estão bordadas por mares profundos, a crosta da terra apresenta pontos fracos, situados justamente sôbre as linhas de deslocação. Nestas linhas se assentam os vulcões, cujas tremendas manifestações trazem ao espírito dos humanos a inquietação e a angústia.

Realmente, é um prodígio que êste globo, que nos suporta e nos sustenta, ainda exista, pese às centenas de vulcões que eriçam a sua crosta, aos afundamentos que nelas produzem os assaltos das águas, às constantes deslocações de terrenos, as decomposições químicas que se realizam nas jazidas de hulha, às bruscas variações de pressão nas massas pastosas que existem no interior do planêta, às diferentes e inumeráveis causas, que contribuem para modificar incessantemente, ao longo dos séculos, o aspecto da Terra...

Na região onde se eleva o Etna, o solo tem, naturalmente, uma fertilidade extraordinária, e o clima não pode ser mais benigno nem, portanto, mais agradável. Por isso, quando a erupção passa, quando a torrente de lava se detém, seus habitantes, dando clara prova de coragem e de apêgo ao terreno, voltam a edificar as suas casas derrubadas, tornam a cultivar os campos arrasados e, pouco a pouco — e graças à pródiga Naturêza — a região recupera o seu aspecto de vergel riquíssimo.

Mas enquanto o homem assim trabalha, o monstro prepara, de novo, seus recursos de destruição, para ameaçar a terra maravilhosa, que, em meio de tanta tragédia, nos oferece uma das mais belas paisagens do planêta.



UM QUE VEM DE MUITO LONGE... — O Jardim Zoológico de Nova York recebeu, por via aérea, da Nova Zelândia, um pequeno lagarto denominado "Tuatara", que existia há 75 ou 150 milhões de anos atrás, juntamente com os dinosauros, e já tinha, então, as mesmas características que tem hoje.



INDISCRETOS! — Alguns curiosos cientistas da Universidade de Cambridge estão fiscalizando a vida particular dos pombos-correio, utilizando um recurso original: colocam nas asas dos pombos uma diminuta máquina fotográfica para registrar as cenas da vida amorosa daquelas aves.



CHORAR LÁGRIMAS DE... DIAMANTES! — Sim... Madame vai passar a chorar diamantes e outras pedras preciosas, pois assim acaba de ditar a moda (para favorecer aos joalheiros). Aí está um exemplo: fixadas às faces por meio de uma cola especial e infalível, as três pedras preciosas, avaliadas em 150 contos, dão a impressão de lágrimas escorrendo pelo rostinho sorridente... Porque quem chora, realmente, é o marido, quando recebe a conta dessa nova extravagância de sua cara metade.



LUVAS DE LÃ PARA A "VELHA" — "Carole Ann", uma velha cadela "Pastôra", inglêsa, várias vêzes campeã, ainda figurou com destaque na última exposição no Welsh Hall, de Gray's Inn Road, Inglaterra. Entretanto, devido a sua avançada idade, Carole Ann teve que calçar luvas de lã, para proteger-se contra o frio então reinante.





OS GRANDES ERROS JUDICIÁRIOS — (VII)

OS Delalande eram ricos agricultores normandos, da região de Saint-Lô. Há mais de dois séculos vivia essa família na granja de Moon. Sôbre o largo e sólido portão da propriedade, todo de pedra e desafiando impunemente a passagem dos anos, estava gravada a data de 1652. Não era o **record** dessa velha Normândia, pois há outras construções mais antigas de cinqüenta e cem anos. Era, porém, uma antiguidade respeitável. Desde Antônio-Francisco Delalande, que se instalou em Moon em 1652, até Nicolau Delalande, que cultivava as terras ancestrais nesse ano de 1844, com seu tio Pierre Gilles, a mulher e a filha dêste, além de uma pastôra, conseguida por intermédio da Assistência Pública, Zoé Mabille, foram sempre os Delalande os proprietários e cultivadores dessas terras. Porém Nicolau continuava solteiro, não tendo assim assegurado a transmissão da velha herança para um descendente varão. Êsse era mesmo motivo de discussões cotidianas com seu pai, um homem de sessenta e sete anos, inválido após um acidente com o carro de feno, e que passava seus dias numa cadeira, as pernas envoltas em grossos cobertores, bebendo cálice sôbre cálice.

De fato, Nicolau tem apenas 25 anos. Não é, portanto, muito tarde para casar e organizar descendência. Terá simplesmente que escolher entre as moças da região, pois é bonito rapaz, talhado à maneira dos Vikings dos velhos tempos das invasões, com 1 metro e 84 de altura, ombros bem proporcionados, olhos claros e feições bem desenhadas. Sua fôrça hercúlea é comentada em dez léguas em redor. Além de tudo, rapaz simpático e nada mau. Talvez, mesmo, um tanto simplório. E terrìvelmente tímido com as moças! Não se lhe pode apontar qualquer **ligação** digna de ser mencionada. Apenas coisas superficiais e passageiras. Alguns rápidos namoros, entre os montes de feno, aventuras insignificantes, logo esquecidas por ambas as partes, na manhã seguinte, e às quais ninguém prestava atenção.

No entanto, a partir do dia em que Zoé Mabille ingressou na propriedade, numa noite de primavera de 1842, enviada pela Assistência Pública, para guardar as onze ou doze vacas da propriedade, além de duas cabras, Nicolau Delalande mudou um pouco. Não diremos que tivesse sofrido um grande choque ou que se mostrasse sonhador, mas de fato estava sempre lançando sôbre a pequena Zoé olhares que falavam com bastante eloqüência para que a pastorinha os entendesse... e se inquietasse.

Zoé tem 17 anos e não é assim tão inocente. Séria, sem dúvida, embora com certas restrições. Aos quinze anos e meio fica noiva de um seu irmão de leite, João Pacot, com o qual namora com certo escândalo. Há realmente promessa formal de casamento entre êles, mas João tem apenas vinte anos; seguirá no ano seguinte para o exército e não é possível tratar do enlace antes do seu retôrno. Zoé terá sido prudente? Só o futuro o dirá.

Nesse intervalo, a pastorinha age com muita sensatez e discrição, e a côrte mais ou menos discreta que lhe faz seu patrão não tem qualquer efeito sôbre o seu ânimo. Permanece indiferente e fria. Talvez se sentisse mesmo ofendida ou enfastiada. Principalmente quando o gigantesco Ni-

A GRANDE AVENTURA



O SILÊNCIO DE UMA EMPREGADINHA

colau, com sua candura desajeitada, lhe confia, com a respiração difícil:

— E você sabe, Zoé... Tenho boas intenções... Casarei com você, se me aceitar.

Boas intenções!

Grande tentação, por certo. João Pacot não tem vintém; trabalha como empregado braçal, numa propriedade em Pirraillet, pequenina aldeia a uma dezena de quilômetros de Moon. Tudo o que possui é um relógio de prata, que ganhou num concurso de "barra", pois ninguém mais hábil que êle para êsse jôgo. Nicolau, ao contrário, deve possuir bem uns cinqüenta mil francos em boas e gordas terras — e talvez outro tanto em escudos sonantes. Ser a Sra. Delalande!

Grande tentação, realmente, mas que Zoé repele com tôda a fôrça do seu sincero coração. Primeiramente, porque ama ao seu João, cujas mãos são mais macias e que sabe falar com maior carinho aos seus ouvidos. Em segundo lugar porque desconfia da sinceridade de Nicolau. Finalmente, porque receia, embora casada, a violência do rapaz.

Os Delalande sempre tiveram uma viva paixão pelo álcool. O pai, enfêrmo embora, bebe os seus trinta ou quarenta cálices por dia — e Nicolau não fica muito atrás!

— Não é possível ter duas paixões a um só tempo! — comenta severo o Sr. Cura — Enquanto beberes, mais vale não tomares espôsa! Renuncia ao álcool e então, sim, trata de casar.

Sermão sôbre cuja eficácia o abade Courtin não tem ilusões. Estamos na Normândia e o próprio abade é normando. Porém os bons conselhos nada custam...

Infelizmente, já a êsse tempo, o álcool havia transtornado o espírito de Nicolau. Se conserva seu formidável vigor, já começa a perder em certas horas o seu bom senso. Já lhe acontecera, certa vez, num terrível acesso de cólera, levantar o punho fechado sôbre a cabeça de sua própria mãe, morta dois anos depois, esmagada sob um carro de feno. Não há dúvida. Nenhuma mulher será feliz com êle!

Zoé opõe às insistentes propostas de seu jovem patrão uma recusa cada vez mais firme:

— Prefiro mil vêzes deixar esta casa! — disse-lhe ela, uma noite em que êle a perseguia mais impaciente.

Na verdade, Zoé era uma "tentação". Talvez um pouco baixa, mas, como se costuma dizer, "bem feita", com um rosto agradável, um narizinho ligeiramente rebitado, olhos negros, belos cabelos castanho-escuros, sorridente, ativa, dentes soberbos... Maravilhosa!

— Deixar-nos? — saltou Nicolau, mais penalizado que furioso — Sair desta casa? Não és feliz aqui? Não és bem tratada?

— Bem... demais! — confessa Zoé, tranqüilizada pelo tom do patrão.

— Então? Se quiseres ser boazinha, tôdas as terras passariam para o teu nome, com tôdas as benfeitorias... além do dinheiro que tenho e que é muito mais do que podes imaginar...

— Não desejo tanto assim — cortou Zoé, retirando-se para ir tratar das cabras.

Infelizmente, no início de 1843, João Pacot é chamado pela conscrição. Nicolau foi informado dêsse fato? Talvez, pois que mal o rapaz seguiu para prestar serviço militar, êle apertou o cêrco, não deixando a empregada tranqüila um só instante; e quando, outra vez, ela ameaçou deixar o emprêgo, êle replicou furioso:

— Não tentes fazer isso! Não Seria a tua desgraça!

DE ZOÉ MABILLE



IA CUSTANDO A VIDA DE UM HOMEM

NICOLAU DELALANDE CONFESSA — Em meados de março de 1884, Zoé Mabille desaparece! Desaparece em condições singularmente estranhas: tôdas as suas roupas, todos os seus pobres haveres e objetos de uso pessoal ficaram intatos no miserável quarto que ocupava, sob o teto da propriedade, junto do celeiro, onde era guardado o feno. Nada havia levado, nem sequer um par de tamancos, novos ainda, que comprara na feira de Saint-Lô, quinze dias antes, e ao qual parecia muito apreciar.

Era difícil, nessas condições, pensar que ela tivesse ido procurar emprêgo em outra propriedade ou mesmo na cidade. Teria, ao menos, guardado tudo numa das maletas de pele de carneiro, que guardava sob o leito e que ainda lá estavam. Mas não... O quarto conservava o seu aspecto habitual. Era de se jurar que Zoé estava no campo, com seus animais e que voltaria à noitinha, para repousar sôbre o seu colchão de palha sêca. Chegou mesmo a deixar sôbre o caixote, que lhe servia de mesinha de cabeceira, um belo almanaque popular, datando de uns quinze anos, onde ela encontra receitas caseiras para curar as cólicas e as tosses "de mau caráter", estancar sangue de cortes, emplastros para dôres lombares, picadas de insetos, etc. Ficara aberto na página que a mocinha lia na véspera de sua partida, antes de adormecer, à luz de uma medíocre lamparina de azeite.

Era natural que boatos alarmantes começassem logo a circular. Com muita prudência, é claro, pois os camponeses não são muito amigos de se imiscuir em complicações e têm um mêdo pânico da justiça. Três meses decorrem sem que alguém se lembre de prevenir a polícia, mas não sem que tivessem batido muito com a língua nos dentes, nas feiras e em plena estrada, sob o sol ou sob a chuva. Ao fim dêsses três meses, João Pacot, o noivo da bela Zoé, regressa à região — não desengajado, mas apenas licenciado, para tratamento de saúde, pois ainda lhe restam quatro meses. Fica surpreendido por não encontrar Zoé na propriedade dos Delalande. Não tendo recebido carta da noiva nos últimos meses, não se alarmara, sabendo que Zoé não era dada a escrever (embora o fizesse com certa desenvoltura). Mas desaparecer assim, sem dar qualquer explicação e sem que fôsse possível, em algum lugar, obter qualquer indicação, positivamente, não era natural. Sem desanimar, procura saber, interroga Nicolau e, sendo muito mais inteligente que o agricultor, consegue levá-lo a confessar a perseguição que movera contra a moça e a recusa desta, assim como as últimas cenas, mais violentas.

— Para mim — disse Nicolau — ela se afogou no **fundão.**

Um **fundão**, realmente profundo, com cem metros de comprimento, por cento e cinqüenta de largura, ficava não distante da propriedade.

Uma terrível suspeita assalta o espírito de Pacot. Zoé não se matou. Por certo que lhe teria enviado uma derradeira carta. Foi assassinada! E por quem mais, senão por Nicolau e os seus empregados?

A polícia é informada e a Justiça se põe em marcha. Logo ao primeiro interrogatório, Delalande e seu tio, Gilles, respondem tão tolamente que são imediatamente encarcerados. A espôsa de Gilles, e a filha de ambos, rapariga de dezenove anos, também são levadas para a prisão. Tudo isso com boa justificativa, porquanto a polícia descobre que Gilles tivera, 15 anos antes, uma condenação por agressão e ferimentos.

Ao fim de oito dias de prisão e de **"interrogatórios urgentes"**, duplo golpe teatral: Gilles enlouquece, tendo que ser internado; Nicolau, por sua vez, faz confissões completas!

— Sim. Fui eu! No dia 15 de março, eu havia bebido. Então cismei de ir procurar Zoé em seu quarto. Ela, porém, tratou de se entrincheirar. Na manhã seguinte anunciou que ia partir no fim do mês. Fiquei furioso. Ela riu, zombando do meu desespêro. Cego de raiva, dei-lhe um murro. Ela caiu. Meu tio apareceu nesse instante: — **"Deixa que eu acabo com ela!"** — falou — E, de fato, apertou-lhe o pescoço. Depois disso nós a carregamos e atiramos no **fundão.**

O fundão foi minuciosamente sondado. Nenhum cadáver! Teria o corpo desaparecido no lôdo? Nicolau mantém tôdas as suas declarações. Mais ainda: agrava tudo quanto já havia declarado.

— Na manhã seguinte ao crime, fui até ao **fundão** e retirei o corpo com uma grande vara; a seguir, deixei-o cair novamente...

— Por quê?

— **Para me convencer de que êle estava mesmo lá!** (Sic.)

Depois:

"— Devo dizer que Zoé respirava ainda, quando a atiramos à água."

Êste último detalhe parecia tão medonho que os policiais não insistiram. E Nicolau foi enviado para o tribunal da Mancha.

...PORÉM ELA VOLTOU! — Alguns dias antes da data do processo, o prontidão da delegacia de Trèvières, a uns cinqüenta quilômetros de Moon, recebia a visita de uma mocinha, sorridente, que lhe declarava:

— Disseram-me que eu estava morta. O senhor pode ver que não é verdade! E afirmo que não tenho nenhuma vontade de morrer!

— Como é o seu nome?

— Zoé Mabille.

—Impossível! Não apenas a senhorita está morta... como foi assassinada!

— Por quem? O senhor me assusta!

Mas ninguém pensou em sorrir. Todos comentavam que dentro de poucos dias a cabeça de Nicolau Delalande teria rolado para o cesto sinistro. Mas tudo se explica fàcilmente:

— O patrão — contou Zoé; pois era ela realmente — me perseguira a noite tôda. Tive que escorar a porta com todos os móveis que pude arrastar contra ela. Mas logo na manhã seguinte êle recomeçou. Estava completamente bêbedo... e mais audacioso, embora não muito sólido sôbre as pernas, felizmente. A certa altura, tive que lhe dar um forte empurrão. Êle cambaleou, tentou me agarrar, escorregou e depois caiu. Mas conseguira agarrar uma de minhas pernas e por isso também caí. Êle se levantou primeiro e me disse: "Agora vais ter o que mereces. Vou apanhar uma faca..." — Foi, de fato, à cozinha. Eu, quase morta de mêdo, tratei de fugir. Uma

charrette me recolheu, na estrada, levando-me a Saint-Jean-de-Daye, a uns dez quilômetros de Moon. Ali fiquei três dias, depois de contar uma história inventada à boa gente que me alojou. Dali, parti para Trèvières, onde a minha velha ama de leite me recebeu de braços abertos e onde fiquei desde então.

— Por que não se apresentou há mais tempo à polícia?

— Eu receava ter que me haver com meu antigo patrão, por ter deixado o emprêgo sem um aviso regular — e antes de haver terminado o mês... Além do mais, eu nada sabia da acusação que pesava contra Nicolau Delalande. Foi uma vizinha quem, ontem, ao anoitecer, foi contar em casa da minha ama que todos pensavam que eu estivesse morta. Só isso! E aconselhou-me a vir até cá, comunicar... e provar que estava viva...

Tudo parecia simples e claro, salvo um ponto. Nicolau confessara haver assassinado, com a ajuda do seu tio, a Zoé Mabille. Detalhara mesmo como haviam agido e como tinham feito desaparecer o cadáver! Mais ainda: **mantinha as suas declarações.**

— Continuará afirmando isso, mesmo se vir Zoé... viva? — perguntou o juiz.

— Zoé viva? Impossível!

Diante de Zoé Mabille, Nicolau passou a mão sôbre os próprios olhos, visìvelmente alucinado.

— És tu, realmente?

O desgraçado ainda duvidava!

Acabou, porém, por reconhecer que, sendo ébrio habitual, não podia saber o que havia feito ou deixado de fazer. Vira Zoé cair e lembrava-se de ter ido até à cozinha, com a intenção de apanhar a faca... O resto, apenas sonhara... não sem uma pontinha de esperteza, pois confessou ter acusado o tio **sòmente porque êste, tendo enlouquecido, não havia "qualquer perigo em lançar a maior culpa sôbre êle!"**

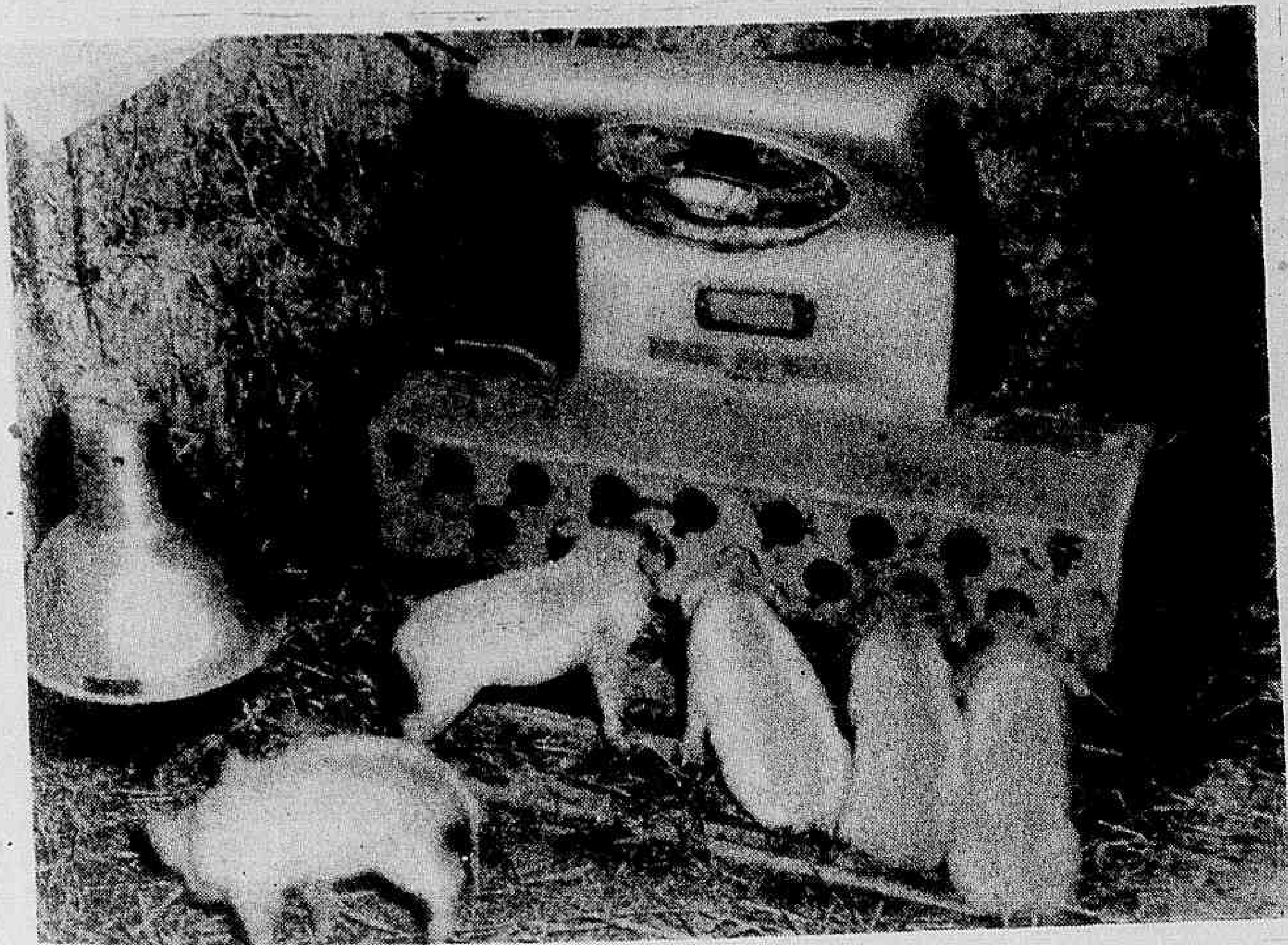
Processado por falso testemunho e ofensas à magistratura, safara-se com seis meses de prisão. Como por acaso, Pierre Gilles recuperou à razão, **tão logo soube que nenhuma acusação pesava mais contra êle.** Recebeu do sobrinho uma indenização de mil francos. Zoé Mabille recebeu o pagamento do seu salário atrasado, sendo-lhe ainda restituídos todos os seus pertences. Meses depois casava com Pacot.

* *



VETADO O CASAMENTO DO REI — O Principado de Mônaco, pequeno e pacífico país, sóe aparecer, de vez em quando, incorporado à atualidade por motivos que, em meio da avalanche informativa mundial, trazem um sabor todo especial. Agora, por exemplo, é o problema do casamento de Raniers III, o que põe em evidência o diminuto e famoso principado, ao ser conhecida a decisão do Consulado da Coroa, vetando o projeto do príncipe reinante de contrair matrimônio com a atriz cinematográfica francesa, Gisèle Pascal. Na gravura os enamorados.

* *



MÃE ARTIFICIAL — O importante nessa máquina é não só dar leite, mas também calor! Seu inventor quis dotá-la do "calor de mãe". E' triste pensar que o consiga, mas, afortunadamente — e por enquanto — trata-se apenas de leitõezinhos. Essa "mãe mecânica" está sendo utilizada em Stoke Mandville, condado de Buckingham.

Por que você ME MATOU?

MINHA VINGANÇA FOI PERFEITA... ENTRETANTO, APESAR DE NÃO SER SUPERSTICIOSO, ACABEI SENDO DERROTADO POR UM FANTASMA!

EU jamais teria sido apanhado, após "ajustar contas" com Blackie, da forma como o fiz, se não tivesse abandonado o desprêso que sempre votei às superstições dos marinheiros.

Minha consciência estava clara, e meu único propósito era executar o plano que tinha em mente, **sem ser visto.** Mesmo agora, não tenho dúvidas de que, quanto a êsse ponto, obtive êxito. Ninguém vira!

Mas devo começar pelo princípio, para melhor poder relatar a minha história. Tudo começou no dia em que Blackie Burns se engajou no navio-tanque **Aruban Night,** no qual eu já percorrera os mares durante seis meses. No momento em que nos encontramos, teve início nossa inimizade. E, sem querer ser tenebroso, uma inimizade entre dois homens, em pleno mar, pode apresentar características e conseqüências imprevisíveis.

Raramente é possível evitar uma briga, que pode apresentar características da maior violência: uma faca, ou um gancho que são empunhados, uma garrafa que se quebra de encontro à cabeça de um dos contendores... Pelo menos, em nossa luta, isto e mais alguma coisa aconteceu...

Tanto um quanto outro, éramos dois marinheiros experimentados e capazes. No entanto, Blackie se julgava superior a qualquer um. Vivia a vangloriar-se, dizendo que, brevemente, iria tirar licença para comandar barcos que alguém lhe quisesse confiar; e tinha a mania de criticar o trabalho dos companheiros, achando que êstes faziam tudo errado.

Naquele mesmo dia em que Blackie ingressou no serviço do **Aruban Night**, quis ensinar-me a passar uma linha nova através de blocos constituídos por três rodas de moitão. Fiz-lhe vez que não necessitava de seu concurso para executar meu trabalho; replicou, dizendo que o que eu fazia estava errado. Zanguei-me e mandei-o para o inferno. Foi então que me atirou uma palavra de baixo calão. Tivemos, então, a primeira briga, com conseqüências ligeiras: nariz dolorido, braços e pernas arranhados, e outras ligeiras escoriações.

A partir daí, tivemos discussões e brigas que se prolongaram por alguns dias, até que tocamos em um pôrto de nossa rota. A essa altura, eu estava plenamente convencido de que não suportaria mais a presença de Blackie no mesmo navio. Nesse dia, tivemos a luta mais séria, que, terminada, deixou-me de nariz quebrado e sem dois dentes. Foi então que resolvi vingar-me de um modo que o arrasasse para sempre. Sabia que teria uma oportunidade, mais cedo ou mais tarde.

O tempo estava péssimo. Encontrávamo-nos próximos ao Cabo Hateras. O mar, impelido pelo vento, invadia constantemente o navio, deixando os marinheiros encharcados e salgados pelos vagalhões que varriam tôdas as partes externas da embarcação.

Encontrava-me lendo uma novela policial, após o café, quando Blackie entrou, para a sua refeição. Eram duas horas da madrugada. No refeitório não havia outra pessoa além de nós dois. Nem uma palavra pronunciamos e, alguns minutos depois, Blackie saiu, dirigindo-se para o "deck" da pôpa.

Fui em seu encalço, silenciosamente. Meu único objetivo era vingar-me daquele que tornara minha vida um inferno. Rilhava os dentes de raiva, antegozando o prazer dos momentos que logo viriam. Aquela era minha grande oportunidade.

Quando parei, atrás dêle, virou-se, assustado, e perguntou:

"— Que quer você?"

"— Chegou a sua hora, Blackie! Você vai morrer!"

Olhou-me por um momento, atônito, e logo a seguir retrocedendo, com um ar de desdém, retrucou:

"— Cai fora, porco! Estou ocupado, para perder tempo com suas ameaças!"

Ao mesmo tempo, deu-me um empurrão, e recomeçou a andar. Foi então que puxei-o violentamente por um dos ombros, fazendo-o girar nos calcanhares, e dando-lhe, ao mesmo tempo, uma tremenda pancada na cabeça, de frente, com o rijo pedaço de madeira que trazia comigo.

Meu inimigo caiu como um saco, sôbre o chão de aço do "deck" encharcado pelo mar. Não perdi tempo. Agarrei-o pelos braços, suspendendo-o e, com bastante esfôrço, atirei-o às águas revôltas, tendo tido, nesse momento, a impressão de que êle, semi-consciente, contraía o rosto, numa expressão de horror, vendo-se cair naquele mar encapelado.

Em seguida, encaminhei-me ràpidamente para baixo, indo deitar-me. Estava certo de não ter sido visto. Normalmente, um homem sente quando está sendo observado. Sentia-me seguro, como única testemunha de meu próprio ato.

Quando despertei, para o serviço de vigia, às quatro horas, circulava a notícia de que Blackie havia desaparecido durante a tormenta, que agora estava quase amainada. A opinião geral era a de que um vagalhão mais forte o tivesse arrastado, sem que alguém notasse. O segundo pilôto recordou que estávamos bebericando à hora em que julgavam ter ocorrido o acidente.

Durante aquêle dia, muito se falou a respeito do ocorrido. Ao cair da tarde, porém, o caso já



pertencia ao passado, e a rotina concentrou todos os homens da tripulação em seus afazeres.

Minhas primeiras preocupações com relação às conseqüências do meu crime começaram quando, no dia seguinte, ouvi o segundo pilôto comentando com seu superior:

— Tenho o pressentimento de que Blackie continua a bordo!

Creio que, se fôsse dia, êles teriam visto o sangue subir a minhas faces com uma intensidade como jamais eu experimentara. Normalmente, teria achado graça em meu temor; mas, por alguma razão estranha, senti-me oprimido. Era como se aquilo representasse uma certa ameaça, por parte daquele que, a essas horas, deveria estar no fundo do oceano Atlântico, devorado pelos

peixes. Isto fêz com que me conservasse atento ao resto da conversa:

— De onde tirou você essa idéia? — perguntou o primeiro pilôto.

— Bem; não estou muito certo, mas creio ter visto Blackie andando pela coberta, há uma hora. Talvez esteja levando muito a sério essa questão de fantasmas e almas do outro mundo...

Ao ouvir isso, tive que me amparar à amurada, para não cair, pois minhas pernas bambearam. Sabia que era uma tolice o que êles diziam, mas não conseguia dominar o mêdo que de mim se apossara. Tentei controlar os próprios nervos e convencer-me de que poderiam estar apenas gracejando a respeito. Porém aquêle frio no estômago não desaparecia. Qualquer sombra me assustava e tinha a impressão de estar sendo vigiado por alguém; de minuto a minuto, olhava em redor e não divisava quem quer que fôsse; ao mesmo tempo, qualquer rumor, na **casa do leme,** assustava-me.

Quase ao fim de meu turno de vigia, quando já me preparava para ir saborear uma refeição, ouvi uma exclamação do pilôto, que se encontrava na ponte de comando. Ouvi nitidamente, quando êle falou:

"— Blackie, é você quem está aí em baixo?"

Naquele momento tive uma sensação de pavor indescritível. Era como se houvesse levado um sôco no estômago; tudo girava ao meu redor, e um zumbido crescente me atordoava.

Logo em seguida, o primeiro pilôto estava na casa do leme, situada ao lado de onde me encontrava. Falou então:

— Acho que o segundo pilôto tem razão! Seria capaz de jurar haver visto Blackie a caminhar pela **coberta!** Logo que raiar o dia mandarei revistar o navio, da proa até à pôpa! Ou algo de muito estranho está acontecendo, ou então Blackie enlouqueceu!

Naquele momento chegou o marinheiro que me substituía, e tratei de desaparecer dali. Começava a amanhecer e senti-me mais confortado com a luz do dia. No entanto, sentia-me desnorteado. Minha antiga decisão, de não fazer caso das superstições dos homens do mar, tinha ido por água abaixo.

*

Naquela noite, atravessamos um estreito e, ao voltar a meu pôsto de vigia, estávamos em águas do Caribe. O céu estava repleto de estrêlas, e sentia-me ligeiramente melhor, quanto ao temor que me invadia. No entanto, decorridos alguns minutos, o pilôto veio a mim e falou:

— Dê uma chegada até ao vigia da proa e veja o que há por lá. Não consigo comunicar-me com êle pelo telefone.

Contra a minha vontade, encaminhei-me para lá, respirando com dificuldade, e temendo desmaiar a cada momento. Quando atingi a proa, não vi qualquer companheiro. Olhando para baixo, divisei apenas uma lona branca, esquecida num dos "decks", como se fôsse o manto de um fantasma. Isto me assustou e tratei de retornar imediatamente; então, ao passar pela **coberta,** ouvi uma voz cavernosa que dizia:

"— Onde vai com tanta pressa?"

Fiquei petrificado! Não conseguia dar um passo, e não atinava com o local de onde partira a voz! Novamente, ouvi aquela entonação fantasmagórica a dizer:

"— Julgou que tivesse acabado comigo, hein? Mas, agora, chegou a hora de vingar-me!"

— Blackie... — gaguejei.

"— Por que tentou matar-me?" — tornou a falar.

— Por... porque eu o odiava! Perdoe-me! Não sabia o que estava fazendo, quando o agredi! Estava louco!

"— Êste é o seu fim, miserável! Ouviu bem?"

Foi então que consegui dominar-me e, readquirindo o contrôle sôbre minhas pernas, desandei a correr, na direção da casa do leme. Mas, algo invisível chocou-se com minhas pernas, e caí pesadamente ao chão. Soltei então um grito angustiado, como jamais ouvira, ou julgara ser capaz de emitir. Antes de que pudesse estar outra vez de pé, o capitão e o segundo pilôto estavam diante de mim, o primeiro empunhando um revólver, enquanto o pilôto recolhia uma corda que estivera estendida no local onde eu caíra.

— Foi você, então, quem matou Blackie! — falou o capitão.

— Suspeitei dêle desde o início — declarou o segundo pilôto — Blackie me havia dito temer uma vingança por parte dêste rato, por lhe haver quebrado o nariz numa briga.

Levantei-me e encarei o segundo pilôto, cheio de rancor. O mêdo que sentira até então havia desaparecido.

— Aquela história do fantasma de Blackie serviu para que você se revelasse! Caiu como um patinho! — continuou o pilôto.

— No entanto — falou o capitão — o que precipitou os acontecimentos foi a nossa idéia de falar com o megafone, coberto por um pano.

E, voltando-se para o pilôto:

— Que ponham êste assassino a ferros, e que seja substituído na ponte de vigia — finalizou.

E aqui estou, agora, aguardando que o navio chegue a Aruba, para ser entregue às autoridades. Reconheço que procedi como uma criança, com o mêdo infantil que me dominou. No entanto, isto serviu para robustecer a minha convicção, e nunca mais acreditarei na existência de fantasmas!

EXPLORANDO O BRASIL MERIDIÒNAL

(Continuação)

Começando com o auxílio do Sr. Silva Machado, que mais tarde tornou-se Barão de Antonina, Elliot explorou grandes regiões longínquas das Províncias de São Paulo (que então abrangia o que agora se chama Província do Paraná), Minas Gerais, Mato Grosso, Santa Catarina e Rio Grande do Sul, traçando mapas ligeiros de vários rios, anotando as posições aproximadas das cordilheiras de montanhas e as divisões gerais de florestas e prados.

Durante muitos anos, a sua vida foi de lutas contra o perigo, e de privações passadas nos imensos sertões desconhecidos e cercados, freqüentemente, por tribos de índios hostis. Tinha, entretanto, um companheiro que parece ter-se igualado a êle nas privações sofridas e na coragem. Êsse companheiro era um brasileiro, chamado Lopes, que ainda vivia e trabalhava.

Entre os inúmeros casos que o velho homem relatou nesta e em outras ocasiões, havia um que ilustrava perfeitamente a diferença entre o estado atual da região e o que ela havia sido na última geração. Disse-nos êle que, na **redução índia** (povoação de índios) estabelecida a menos de uma légua de São Jerônimo, havia muitos índios vivendo pacìficamente, dos quais, porém, em mais de uma ocasião teve de fugir, durante os primeiros tempos de sua exploração, para não ser morto. Por seu intermédio, principalmente, e por intermédio de Lopes, seu companheiro, como primeiros exploradores da região, não só os arredores de São Jerônimo, mas tôda a margem direita do Tibagi haviam se libertado dos selvagens hostis, que, ou foram expulsos ou obrigados a viver em paz com os novos colonizadores.

Tão interessante e distraído achei ouvir as peripécias e as aventuras de uma vida que eu gostaria de levar que, quando voltei mais tarde, dois meses mais ou menos depois, a São Jerônimo, ia tôdas as noites para a casa do velho e sentava-me com êle e a senhora (que era uma mulata de mau gênio, sua desventura de outros tempos), Frei Luís e outras pessoas da aldeia, em volta de uma fogueira grande, acesa no chão da cozinha, ouvindo intermináveis histórias de sua vida, chupando mate numa bombilha e fumando cigarros. O prazer dessas noites teria sido perfeito, não fôra aquela mulher malcriada, que parecia fazer muito pouco caso do marido, dando-lhe ordens como se fôra a um cachorro.

Uma história da vida animal na floresta, contada por Elliot — assemelhava-se tanto ao que nós poderíamos ter visto e é tão natural que eu peço licença para reproduzi-la.

"Uma noite — começou êle — eu e Lopes estávamos acampados na floresta, entre os rios Ivaí e Tibagi, de cócoras em volta ao fogo, queixando-nos da sorte por não termos tido nada para comer durante o dia, além de frutas e de mel, almejando uma melhor sorte no dia seguinte, quando ouvimos, repentinamente, a pouca distância um tumulto de animais grunhindo, gritando e batendo as prêsas. "Porcos" — dissemos em uníssono. — "Agora vamos ver se arranjamos o jantar." O luar estava claro e o ruído vinha de um pequeno descampado na floresta, como os que são encontrados entre os pinheirais. Pegando as espingardas que estavam ao nosso lado, caminhamos sorrateiramente em direção ao local do tumulto, que ainda ouvíamos, embora com menos intensidade do que a princípio, e logo chegamos à beira da pequena clareira. No alto de uma casa de cupim estava um jaguar, cercado por uma caterva de porcos, uns cinqüenta ou sessenta talvez, todos enfurecidos e tentando, infrutìferamente, chegar perto do inímigo. Não atiramos, esperando conseguir carne para o jantar sem precisar gastar um tiro, pois a munição estava escassa. Entretanto o jaguar, com a cauda levantada para o ar e com as quatro patas juntas, equilibrava-se na pontinha do monte — de barro — vigiando de todos os lados por causa dos porcos enfurecidos que o rodeavam. Compreendemos que aquêle estado de coisas não poderia continuar muito tempo: ou os porcos desistiriam daquele cêrco, por ser inútil, ou o jaguar, cansado daquela posição, tentaria uma escapada. O desfecho, entretanto, foi de uma maneira com que não contávamos. Num momento de distração, o jaguar deixou a cauda descer ao alcance dos seus sitiantes. Os porcos, num segundo, agarraram-na e puxaram o animal que, perdendo o equilíbrio, caiu no meio dêles, iniciando-se assim uma sangrenta batalha. De vez em quando podíamos ver o corpo amarelo do jaguar sobressair entre os porcos agitados, dando vigorosos e mortais golpes com as patas dianteiras, para a direita e para a esquerda; mas não se agüentava de pé, por muito tempo. Daí a instantes, o barulho começou a diminuir, sem que contudo o jaguar aparecesse. Esperamos mais algum tempo e notamos que os porcos começavam a dispersar e, quando não se ouvia mais nenhum barulho, fomos à clareira onde tivera lugar a luta. Não encontramos o jaguar, mas no chão estavam nada menos de quatorze porcos mortos ou moribundos. Nesse momento Lopes abaixou-se, apanhou um fragmento de alguma coisa e disse — "Aqui está o tigre". Era um pedaço de pele de jaguar. Havia sido completamente dilacerado pelos porcos e seu corpo devorado ou levado por êles. Apenas alguns pedaços de pele e de pêlo ficaram no campo de batalha. Das suas vítimas conseguimos carne para a nossa ceia, sem ter necessidade de gastar uma só bala."

Esta história estava correta em todos os seus pormenores, pois já havíamos visto de que natureza é o porco quando está excitado. Neste estado não conhece o mêdo e enfrenta o mais forte inimigo que não sair do seu caminho. Esta é uma

das cenas típicas de selvajaria da floresta, que, sem dúvida, se tem repetido muitas vêzes, com poucas variações, nestes sertões bravios e desertos.

Talvez, a meu ver, ainda mais interessantes do que estas histórias sensacionais, dadas às circunstâncias, fôssem as narrações mais simples das descobertas que êstes dois ousados exploradores fizeram, na parte da província em que eu ora viajava. Como já mencionei, São Jerônimo ficava situada num descampado, no meio de uma grande floresta que o circundava. Havia dois dêstes descampados: um chamado Campo de São Jerônimo e o outro Campo de Inhohô. Êste último tem o nome de um cacique Coroado, cuja tribo era dona dessas regiões na ocasião de sua descoberta. Todos os dois campos ficavam situados bem no alto da Serra dos Agudos que, como já disse antes, atravessa, quase em ângulo reto, o vale do Tibagi, e continua do outro lado com o nome de Serra d'Apucarana.

Dum ponto na vizinhança imediata de São Jerônimo, numa distância de cêrca de vinte e oito milhas, há um pico escarpado que se projeta desta serra e que logo atrai a atenção, pela clara rudeza de seu esbôço, quando comparado com outros adjacentes. Quando tôda a região entre o Tibagi e o Jataí ainda era desconhecida e desabitada — exceto pelos índios errantes — Elliot e Lopes, procurando o caminho do Ivaí para o Tibagi, subiram êste pico e, do seu cume, descobriram os dois campos de S. Jerônimo e Inhohô. Isto aconteceu no ano de 1840, em que a lei de posse regulava os direitos de propriedade de terra em todo o sertão do Brasil.

Esta lei, que em verdade não era lei, resultou em crimes terríveis e ultrajes de caráter agrário, pois só os que eram poderosos, ou que eram protegidos por amigos influentes, podiam se estabelecer em qualquer uma das regiões de terras mais favorecidas dos sertões. (*) Lopes e Elliot, entretanto, tinham um protetor influente na pessoa do Sr. Silva Machado (Barão de Antonina), em cujo nome, portanto, se apoderaram do campo recentemente descoberto e, pouco depois fundaram, ali mesmo, a aldeia de São Jerônimo.

Como recompensa por esta descoberta, o barão presenteou Elliot com uma casa e grande extensão de terra na nova povoação, sendo aí que êste senhor, prematuramente envelhecido e alquebrado pelas duras privações por que passara nos últimos quarenta anos, veio terminar os últimos dias de sua longa e árdua existência.

Causava tristeza ver um homem, que tanto havia feito e sofrido, morrer numa terra estrangeira, sem os devidos carinhos. Ainda mais, martirizado, como era, por uma espôsa rude, cujo mau gênio e língua viperina nem a presença de um estranho suavizava. O melhor presente que tive para lhe dar foi uma garrafa de conhaque "Grande Marque", uma das duas que eu vinha guardando para as contigências desconhecidas do futuro. Fui obrigado a entrar na casa dêle com a garrafa escondida, porque se a espôsa a visse, o velho certamente dêle beberia muito pouco.

Havia muitas coisas objetiva e subjetivamente interessantes na vizinhança desta pequena povoação sertaneja de São Jerônimo, e não era menos curiosa a existência dêsses dois descampados, situados no coração de uma região de florestas, a uma distância de quase cinqüenta milhas da campina mais próxima. Para o uso daqueles que se interessam por fragmentos de dados geológicos, reproduzi, no apêndice, um trecho de uma narrativa que lí no ano passado, diante da "Royal Geographical Society", em que mostrei como é explicado o fenômeno. Vale a pena notar a rapidez com que êsse oásis no deserto florestal foi conquistado e colonizado logo após a sua descoberta, apesar da distância em que estava situado das partes mais colonizadas da província. Isto é apenas mais uma prova do valor que se dá à combinação de terras pastoris e aráveis, que são encontradas nas fronteiras das campinas e em casos como o que acabo de mencionar.

Saímos de São Jerônimo no dia 16 e, na mesma noite, quando estávamos acampados na floresta, ocorreu um incidente um tanto alarmante, que poderia ter tido sérias conseqüências para um homem do nosso tempo.

Nosso acampamento, consistindo em três pequenas tendas, foi armado numa pequena clareira nas margens de um pequeno rio, chamado Três Barras. Durante o dia, na viagem, eu havia matado um porco do mato, o qual estava pendurado num galho de árvore que encostava em uma das tendas. Todos, com a exceção de um homem que, sòzinho, montava guarda perto do fogo, tinham se retirado para as tendas e dormiam a sono sôlto, quando o detonar de uma arma os fêz acordar e sair correndo para ver o que acontecia. Corri, de revólver em punho, preparado para atirar, fôsse fera, ou índio. O fogo estava brilhante e iluminava tôda a clareira. Uma das tendas não estava no lugar e, a alguns passos de distância, via-se um amontoado de lonas, com qualquer coisa mexendo em baixo. Viu-se que faltava um dos tropeiros. De repente, vimos abrir-se um rasgo nas lonas e por êle sair um jaguar, que desapareceu na floresta. Tudo isso foi tão rápido, e o nosso espanto tão grande, que nenhum de nós teve presença de espírito para dar um tiro no animal, quando fugia. O que antes havíamos visto, mexendo-se debaixo das lonas, continuou por mais algum tempo, até que o tropeiro desaparecido saiu daquele amontoado de pano, olhando para todos os lados cheio de pavor.

Logo tudo se explicou. Parece que o vigia vira o jaguar sair da floresta e entrar manhosamente na clareira, atraído, sem dúvida, pelo cheiro do porco a que me referi antes. O vigia deu-lhe um tiro de garrucha e o animal, assustando-se, fugiu, mas antes foi de encontro à tenda perto da qual se achava, derrubando-a e ficando, com o tropeiro, debaixo da mesma. Durante poucos segundos — tempo suficiente para nos considerarmos testemunhas do desfecho — o homem e a fera rolaram de um lado para outro, no chão, cada um dêles, provàvelmente, com mais mêdo, até que, por fim, como havíamos visto, o jaguar conseguiu abrir caminho rasgando a lona e desapa-

---

(*) A lei de "posse" foi abolida em 1850, quando foi considerada ilegal a *aquisição* de terras *desapropriadas*, a não ser quando fôsse *compra* do Estado. As únicas exceções seriam no caso de terras situadas dentro de uma zona de 10 léguas dos limites do império com países estrangeiros.

receu na floresta. Quando ficou encerrado êste caso, a vítima da brincadeira do jaguar recebeu uma boa vaia e durante o resto da viagem os companheiros fizeram uma grande caçoada dêle, por ter escolhido um jaguar para companheiro de tenda.

Já tarde da noite, no dia 18 de junho, chegamos a Jataí e nos hospedamos, para passar a noite, na casa confortável de Telêmaco, meu velho companheiro.

CAPÍTULO VII

A colônia de Jataí ★ O sistema fluvial do interior do Paraná ★ Frei Timóteo ★ Descendo o Tibagi E' salto, é salto! ★ Uma armadilha para caçar O Paranapanema

A colônia militar de Jataí (1), onde havíamos chegado agora, merece algumas palavras, não só pela sua importância no passado, como também pela sua utilidade no futuro. E' uma povoação relativamente nova, sendo estabelecida pelo Govêrno há trinta anos, medida essa que foi adotada em face dos relatórios e das recomendações dos dois exploradores, Elliot e Lopes. Sua posição topográfica é tal que, em certas eventualidades, torna importante e estratégico o lugar, pois está situado no ponto terminal da estrada (atualmente, que lástima! Não passa, na maior parte do seu percurso, de um caminho de burros) que liga o mais próximo pôrto marítimo, isto é, Antonina, com uma rêde ampla de rios navegáveis, que se dirigem para o norte, sul, e oeste, num percurso total de 1 290 milhas. Em certos trechos de alguns dêstes rios, podem navegar vapores de pequeno calado e, em outros, podem navegar canoas grandes.

Êste grande sistema fluvial, cuja reprodução se pode ver nas recentes descobertas feitas na África (2) Central, é, atualmente, quase completamente sem utilidade para o comércio, devido à falta de boa comunicação entre êle e a costa marítima. Durante a última grande guerra com o Paraguai, êle foi utilizado, em uma grande extensão, pelos brasileiros, para o transporte de munições de guerra às fronteiras dêsse país, que tem comunicação fluvial direta com Jataí, pelos rios Paranapanema e Paraná. Se fôsse construída uma boa estrada pelo vale do Tibagi, da cidade de Palmeira a Jataí, ou até à foz do rio, resultaria na abertura — para a civilização e o comércio — de uma área de região rica e saudável, com pelo menos 100 000 milhas quadradas de extensão, que é agora ocupada por umas seis colônias, espalhadas no meio dos grandes desertos de florestas desconhecidas que as cercam. (3)

Voltemos, entretanto, à Colônia de Jataí. Esta pequena povoação sertaneja era muito boa, se comparada com a maioria das outras da província. Seus habitantes brasileiros, que por delicadeza devem, acredito, ser chamados de agricultores, somavam menos de quinhentos. As terras das florestas circunjacentes são muito férteis, sendo, em grande parte, compostas de fragmentos de friáveis rochas vulcânicas. Uma casa ou outra tinha uma pequena plantação de cafèeiros; e, embora não fôssem adubados durante todo o ano, era necessário que se lhes colocasse escoras debaixo dos galhos, na época de frutificarem, para que resistissem ao pêso dêstes, que eram abundantes. Apesar das estradas ruins e das grandes distâncias, era considerado lucrativo o pequeno comércio, que se fazia com as cidades das planícies, de cachaça, açúcar e café. Para o consumo doméstico era plantado tudo que um brasileiro come habitualmente. Feijão, café, milho e arroz, eram os quatro produtos principais, além do açúcar já mencionado. Ricos como são os seus recursos agrícolas, o progresso da colônia, depois do estímulo temporário que lhe foi dado durante a guerra, é quase nulo. Devido à importância de sua posição como colônia militar, é, até um certo ponto, auxiliada pelo govêrno. Possui, em conjunção com a pequena aldeia de São Pedro d'Alcântara, no lado oposto do rio, nada menos de três funcionários do Govêrno, a saber: um diretor, um frade e um mestre-escola. Ao primeiro, de vez em quando, são enviadas somas em dinheiro para as despezas com o serviço público do lugar. (4)

O frade, chamado Frei Timóteo, é italiano de nascimento. Era senhor da pequena povoação à margem esquerda do rio, com seu aldeamento anexo de índios coroados, semi-selvagens. Seu dever era incutir conhecimentos gerais, arte e uma religião esclarecida nas mentes dêsses sêres, e transformá-los, de indivíduos inúteis e perigosos, em cidadãos úteis para o Estado. Como êsse monge exerceu as suas funções ligadas a êsse alto cargo, já falei noutro local. (5) O mestre-escola, Sr. Bittencourt, com quem mais tarde fiquei familiarizado, era um homem de feitio completamente diferente, enérgico e honesto, e ganhava o pequeno ordenado de um conto de réis por ano, aliás bem ganho. (6)

Telêmaco já havia preparado o necessário para uma viagem rio abaixo. Uma canoa grande, de quarenta e seis pés de comprimento e três de largura, feita de um único tronco de peroba, estava nos esperando. Compramos provisões e empre-

---

(1) Denominação dada por causa da árvore do mesmo nome. O Jataí (Hymenœa Courbaril) desenvolve muito, e produz um fruto polposo do tamanho de um caroço grande de feijão, com sementes, não tendo gôsto desagradável e sendo muito apreciado pelos índios e brasileiros, assim como pelos papagaios e pelos macacos. O jataí é muito comum nos vales do Ivaí e do Tibagi.

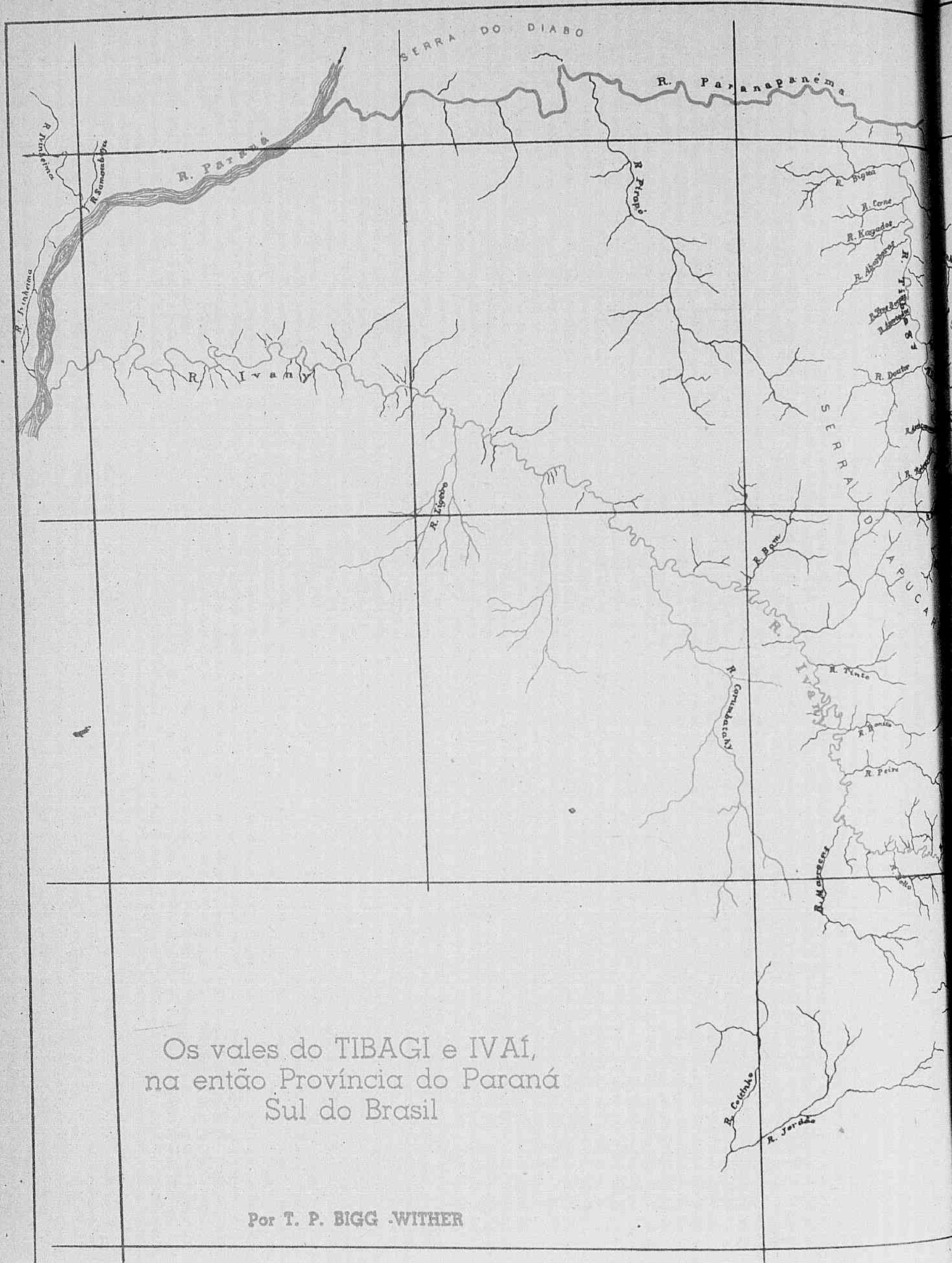
(2) Se dissermos que, nas campinas da província do Paraná fica a sua região dos lagos (embora os lagos sejam aqui representados especialmente por charcos), então a bacia do Paraná, com suas 1 300 milhas de caminho fluvial navegável, corresponderá à do Congo Africano, ficando o paralelo completo pela comparação das cataratas do baixo Paraná, com as do baixo Congo, as quais, nos dois rios, impedem a comunicação direta com o mar.

(3) Vide apêndice, Nota N.

(4) Na ocasião da minha visita, o funcionário, que foi mencionado primeiro, havia sido suspenso de suas funções, devido a apropriação indébita de dinheiro que lhe fôra enviado. Se é verdade ou não, neste caso particular, não há dúvida de que as vagas noções do que constitui honestidade, tão respeitada entre os funcionários inferiores, são um verdadeiro impecilho ao desenvolvimento pròpriamente dito da província do Paraná.

(5) Vide apêndice, Nota G.

(6) Na província do Paraná há uma lei que obriga a instrução primária, a qual promete produzir ótimos resultados.



Os vales do TIBAGI e IVAÍ,
na então Província do Paraná
Sul do Brasil

Por T. P. BIGG -WITHER

VENEZUELA
GUIANAS
RIO BRANCO
AMAPÁ
AMAZONAS
PARÁ
MARANHÃO
CEARÁ
PIAUÍ
PARAÍBA
PERNAMBUCO
ACRE
GUAPORÉ
BRASIL
GOIAZ
BAHIA
PERÚ
BOLIVIA
MATO GROSSO
MINAS GERAIS
SÃO PAULO
PONTA
PARANÁ
RIO GRANDE DO SUL
URUGUAI
OCEANO ATLANTICO

Mapa do Brasil com a indicação da zona explorada.

R. Lapó
R. Ribeirinha
R. Ribeira
R. Sabão
R. Capivary
R. Pitangui
R. Tibagy
R. Umbituva
R. Iguassú
R. Barigui
Ponta Grossa
CURITIBA
SERRA DO MAR OU "SERRA GERAL"

çamos homens para a viagem; e no segundo dia, após a minha chegada à colônia, estávamos em trânsito para o Paranapanema.

Nossa tripulação era composta de cinco índios caioás, de puro sangue, nascidos e criados entre os brasileiros, casados com brasileiras e aos quais a denominação de Bugres seria uma ofensa de morte. Meu companheiro, Telêmaco, que havia empregado êsses índios para mim, recomendou-os de preferência a qualquer outra espécie de brasileiro; e uma recomendação nunca foi tão bem justificada, pelos resultados obtidos.

A maneira como êles remavam a canoa era completamente diferente daquela com que estávamos habituados no Ivaí. Colocavam uma tábua estreita — projetando-se para fora — de cinco pés de largura, prêsas em distâncias regulares por meio de braquetas, em tôda a extensão das duas amuradas da canoa. Era de sôbre essas tábuas que os índios, dois de cada lado, remavam, enquanto o outro ficava de pé na pôpa, guiando a embarcação. Os quatro homens que trabalhavam na frente empunhavam resistentes varejões ou varas compridas, com ferro na ponta, chamados zingá, nesta região. Tinham vinte pés ou mais de comprimento, e eram feitas do galho verde da pindaíba, que é mais forte e mais resistente do que o freixo. Cada dois homens enfiam até ao fundo, simultâneamente, as duas varas munidas de ponteira de ferro e, voltados para o lado da pôpa, saem, correndo sôbre as tábuas prêsas às amuradas, enquanto a canoa vai deslizando, com o pêso do seu corpo, entre os varejões curvados. O pesado barco é assim impelido para a frente, continuando a deslizar por si, ainda mesmo contra a correnteza, enquanto os homens, chegando à pôpa, retornam, equilibrando-se sôbre as estreitas tábuas, com a habilidade que lhes é dada pela longa prática, ao ponto de partida, na proa, de onde repetem a operação anterior. Subindo uma forte corredeira, dois homens seguram a canoa enquanto os outros dois correm para a proa; êsses últimos, por seu turno, seguram até que aquêles voltam para perto dêles, ocasião em que todo os quatro juntos impelem a canoa para a frente, ganhando essa nova distância. E' desta forma que se pode transpor fortes corredeiras e até cataratas, contanto que elas ofereçam boa pegada para as varas, e que as ondas que batem na proa não sejam tão altas que alaguem a canoa. A condição essencial, para que um homem seja bom remador, resulta da prática adquirida em longos anos de trabalho, mas, mesmo nesses casos, há homens que não têm a devida calma. A tarefa do homem que funciona como timoneiro é ainda mais importante, especialmente quando a canoa está subindo uma corredeira, pois, nesse caso, o mais ligeiro desvio dado à pôpa, numa direção errada, pode resultar no escapulir dos varejões das mãos dos remadores, ou até mesmo atirá-los n'água, o que provoca uma virada da canoa.

Ao sairmos, os caioás pareciam estar um pouco fora de forma pois, por duas vêzes, um dos remadores caiu n'água. No segundo dia, entretanto, os homens recuperaram o estilo e acidentes desta natureza não mais se repetiram. Ao meio-dia mais ou menos, chegamos ao primeiro obstáculo sério que existia no rio, para baixo do Jataí. Antes disso, as obstruções encontradas, embora numerosas, haviam se limitado a meros desnivelamentos de longa extensão, com declives que apenas produziam corredeiras suaves.

Êste, entretanto, com o estrondo, que era ouvido de longe, das águas ao caírem, nos avisava da aproximação de perigo maior. Telêmaco, que nas últimas horas vinha recostado sob o tôldo de fôlhas de palmeira, armado na pôpa, fumando um interminável cigarro, levantou-se com o barulho da cachoeira. Os índios, que até então remavam displicentemente, não trocando uma única palavra, começaram, nesse momento, a discutir em altas vozes sôbre a iminência da catarata, e a tirar a roupa com rapidez. Percebendo o que se passava corri, com os instrumentos e os livros de apontamentos, para debaixo do tôldo, preparado para essas emergências.

Um dos índios, chamado Joaquim, trepara na ponta da proa e, equilibrando-se ali com o auxílio da longa zinga, examinava cuidadosamente as águas revôltas que já se avistavam, e para as quais éramos levados por uma impetuosa correnteza. Os três homens restantes, de pé nas tábuas da borda, com as zingas levantadas, esperaram o sinal do timoneiro para enfiá-las n'água e segurar a canoa, caso fôsse necessário. Olhando para trás, por cima do tôldo, vi que Telêmaco estava de posse do remo para governar a canoa, e que também esperava o sinal do homem da proa. A velocidade da canoa aumentava, puxada pela correnteza da catarata. As margens, distantes como estavam de cada lado — o rio tinha quase 500 jardas de largura — pareciam voar, porém Joaquim, de pé e imóvel na proa, olhava firmemente para a frente.

"— Será que vai?" "Poderemos passar?" "Sim!" "Não!"

São as diferentes exclamações dos outros índios, que já estão ficando nervosos. Mais um segundo, e será tarde para tentar parar a canoa, mesmo que se deseje.

"Deixa ir!" — grita Joaquim, da proa; nesse momento os homens se transformam. Com uma série de movimentos rápidos e hábeis com os remos, auxiliados pelo timoneiro que está atrás, a canoa se dirige para uma abertura em forma de funil que marca a entrada da catarata. Um segundo mais tarde, deslizávamos sôbre a sua superfície com espantosa velocidade e logo chegamos ao local onde as águas se revolviam iracundas, o qual se estendia por dois terços de milha, sem que elas diminuíssem de impetuosidade. Começaram então momentos de agitação que ultrapassaram a mais árdua caçada de anta. Os homens gritavam tanto que abafavam o barulho das águas em tumulto. As longas e pesadas zingas eram usadas ora de um lado da canoa, ora do outro e, nessa mudança, os homens as manejavam com incrível facilidade. Houve um momento em que a canoa furou uma onda tão grande que lavou os seus corpos nus, espalhando-se por sôbre o tôldo. Passamos, depois disso, à esquerda de uma ilhota comprida, contra a qual as marolas batiam como vagas do mar. Uma vez ou duas a nossa canoa bateu em rochas submersas, momentos em que cheguei a prender a

respiração. Mas o perigo passou e, no instante seguinte, descemos um salto de uns quatro pés e fomos, mais uma vez, levados pelo volume d'água que se despencava. Passaram-se dois minutos e o ruído das águas parece perder a sua intensidade. Atrás, a cena é dantesca e bastante caótica mas, para a frente, a água, embora ainda se avistasse, em alguns pontos, aglomerados de espuma branca indicando a presença de rochas, torna-se mais lisa. A enorme canoa que, com a pesada carga de uma tonelada ou mais de material e homens, estava, há um minuto apenas, jogando como uma casca de noz nas ondas da catarata, agora corre rápida e firmemente sôbre a superfície mansa do rio. De repente, Joaquim dá um grito aterrador e eu fico arrepiado de pavor. "E' salto! E' salto! estamos perdidos!" Fiquei de pé, por um instante, sôbre a carga. A uma distância à frente, que correspondia a três vêzes o comprimento da canoa, eu vi que o canal, pelo qual a nossa embarcação descia na vertiginosa velocidade de quinze milhas por hora, chegava abruptamente a um terminal. Não havia pedra ou rochedo impedindo o caminho, mas simplesmente uma linha, além da qual não se via nada. Joaquim havia seguido pelo canal errado! Com o primeiro grito de "Salto", Telêmaco, da pôpa, percebera que a única coisa que tínhamos a fazer era deixar a canoa continuar a deslizar e, se possível, aumentar ainda mais a sua velocidade, para que ela não caísse no abismo que se abria no pé do Salto, mas fôsse bater com a proa sôbre a crista da onda que se elevava, um pouco para a frente. Êle gritou para que os índios da proa fizessem tudo para conseguir êsse objetivo. Êles compreenderam e atenderam prontamente.

Em menos tempo do que é preciso para fazer essa descrição, a canoa estava à beira do abismo e avistamos a grande vaga estacionária no fundo. Os índios, nesse momento, largaram as zingas e saltaram da tábua da amurada, em que êles até então estiveram, com o propósito de manter o equilíbrio da embarcação. Durante a centésima parte de segundo, pudemos olhar o espaço; logo a seguir, a proa da grande canoa embica abruptamente para baixo, ouve-se o ribombar intenso das águas e, no momento seguinte, o barco sai no outro lado da onda, com as tábuas da amurada quase encostadas à superfície da água e quase a ponto de ir a pique. Dois índios estavam caídos, machucados e meio tontos, sôbre a carga, para onde foram arremessados pela fôrça da onda; os outros dois já estavam tirando a água que entrara, como uma avalanche, na canoa. Procurei ajudá-los nessa tarefa e em poucos minutos estava garantida a segurança da embarcação. Remamos então para a margem, a fim de verificar o preço de nossa salvação. Ficamos satisfeitos ao constatarmos apenas algumas escoriações sofridas pelos dois índios, e a falta de algumas panelas, que foram levadas pelas águas. O restante da carga levara apenas um esplêndido banho.

Nenhum de nós tivera esperança de salvar mais do que a vida. Se houvesse entrado mais uma polegada de água na canoa, ela teria, certamente, soçobrado. A coragem e a presença de espírito dos índios, em obstruir a passagem da grande massa d'água, foi, sem dúvida, o que nos salvou. O volume d'água total que cai nesse salto é de cêrca de vinte e nove pés, numa distância de pouco mais de uma milha; o salto, no fundo, tinha um caimento de oito pés. Havia outro canal, por meio do qual êste salto podia ter sido evitado; era apenas um pouco mais extenso. Porém o índio Joaquim, que estava encarregado dadireção a tomar, não viu êsse canal, e só descobriu o seu engano quando já nada mais podia fazer.

Logo depois dessa ocorrência, ao reiniciarmos a nossa viagem, passamos por uma pequena ilha, conhecida como ilha das Araras, da qual levantou, das árvores e do chão, um bando de muitas centenas de araras, azul e escarlate, que ali estavam comendo terra. Observamos que, na margem, existia uma pequena choça, construída pelos índios coroados, com o propósito de capturar essas lindas aves, cuja carne êles muito apreciam, além de enfeitarem, com as penas, as suas vestimentas de festas. Uma choça para êste fim é construída de varas de bambu, cobertas com fôlhas de palmeiras. E' do menor tamanho possível, com o espaço suficiente para um homem ficar no seu interior; os lados são tapados cuidadosamente, a fim de conservar o caçador oculto das aves. As araras, no princípio, desconfiam destas choças. Com o decorrer de um ou dois dias, entretanto, elas se acostumam com a nova construção, começando a pousar na sua cobertura, usando-a como lugar conveniente para repouso perto do comedouro. O caçador, daí em diante, vem de madrugada e se esconde no interior da palhoça. Com a luz do dia as araras saem da floresta em grandes bandos, algumas pousando sôbre a cobertura da palhoça e ignorando o inimigo que está no seu interior. Um puxão repentino, um grito abrupto e desaparece uma entre as traiçoeiras fôlhas de palmeiras, difundindo um alarma momentâneo entre as outras, que fogem por algum tempo, gritando como um bando de gralhas. Vendo, depois, tudo tranqüilo, descem novamente ao comedouro. Repete-se a operação — desaparece outra ave através da cobertura da armadilha — e mais uma vez as outras fogem alarmadas. Desta vez, no entanto, demoram mais tempo a voltar ao chão e muitas das mais ariscas e mais velhas vão embora para a floresta. O caçador, entretanto, espreita ocultamente pelos interstícios das fôlhas de seu esconderijo, até que uma ave menos esperta pouse na cobertura. E' assim que êle vai pegando as suas aves, até que, depois do sexto ou sétimo alarma, todo o bando foge para o mato e não volta mais, naquele dia. Está na hora de dar algum descanso à armadilha, ou às araras irão embora para sempre; isto é geralmente feito uma vez por quinzena.

Ao voltar para Jataí, dez dias mais tarde, empreguei um índio coroado para pegar uma dessas aves viva, para mim. Êle o conseguiu e eu lhe paguei 3$000, pelo serviço. Ficou assombrado com tanto dinheiro e se ofereceu para apanhar tantas quantas eu quisesse a mil réis cada uma. Infelizmente, na ocasião eu não quis. A ave que eu assim consegui fugiu um mês depois. Quando tentei comprar uma no aviário do mercado do

Rio de Janeiro, descobri que não se comprava uma por menos de cinco libras.

Na noite do dia 23 de junho, depois de uma viagem de um modo geral agradável e bem sacudida, saímos do Tibagi e entramos no Paranapanema, acampando na ilha que existe no meio dêste rio. Dêste ponto para o lado do ocidente, o rio corre quase sem obstrução no seu curso de 140 milhas, quando, por seu turno, as suas águas se perdem no Grande Paraná, de onde, após se escoar por outras 120 milhas, vão se misturar no Atlântico Sul distante. Eu, entretanto, não teria de seguir mais o seu curso. Ao contrário, devia voltar para o Jataí, e daí fazer uma tentativa final para forçar uma passagem pelas 200 milhas de cataratas, que separavam aquela colônia da cidade de Tibagi — feito que até então não havia sido realizado. (1)

CAPÍTULO VIII

Luta contra as corredeiras ★ Uma grande enchente ★ O desfiladeiro dos Agudos ★ O Salto Grande ★ Índios selvagens ★ Chegada a Tibagi

Ficamos um dia acampados na ilha do Paranapanema, onde matamos duas antas e numerosos jacus. No dia 25 de junho começamos a viagem de volta, debaixo de uma forte chuva tropical. Esta chuva continuou durante três dias e o progresso que fazíamos, subindo as inúmeras corredeiras, era lento e trabalhoso, pois as águas do rio avolumavam-se cada vez mais. Meu receio era ter a nossa viagem atrasada por êsse motivo, pois corríamos o risco de ficar sem comunicação com Jataí por tempo indefinido, pois as enchentes se tornavam cada vez mais assustadoras. Os índios não se queixaram e trabalhavam valentemente durante dez horas todos os dias, com a chuva que caía forte sôbre seus corpos nus. No quarto dia, após sair do Paranapanema, levamos cinco horas para subir uma corredeira de uma milha, devido a fôrça da correnteza do rio. Na manhã do sexto dia, ainda estando a umas vinte milhas de Jataí, eu propus aos índios que parassem, achando melhor que não continuássemos a fazer aquêle tremendo esfôrço. Acamparíamos até que o rio ficasse mais navegável; mas riram-se com a minha proposta e pediram permissão para continuar a viagem. A luta, portanto, continuou por mais dois dias, diminuindo assim, em sete milhas, a distância para Jataí. Parecia, entretanto, que era impossível levar a canoa mais cem jardas à frente, pois a água aumentava com o tributo trazido por milhares de pequenos riachos, que despejavam as suas águas barrentas dos morros adjacentes, ostentando, agora, o rio, uma impetuosa torrente. Três milhas mais acima, aonde conseguimos chegar, havia uma picada que ia da margem do rio, naquele ponto, até Jataí. Num último recurso, estávamos resolvidos a descarregar as cargas e a bagagem da canoa e continuarmos com ela vazia. Foi para êste fim que os índios construíram uma palhoça forte, à prova d'água, onde foram guardadas as tendas e todo o material pesado. Com a canoa assim aliviada de quase todo o pêso morto, embarcamos novamente. Após outras oito horas de luta contra a corrente, que repetidas vêzes nos fazia recuar para pontos já percorridos, atingimos a picada e, ao escurecer, chegamos, mais uma vez, à colônia de Jataí, embora não tivéssemos nem uma peça de roupa enxuta.

Nos sete dias que se seguiram à nossa chegada, o Tibagi subiu mais quinze pés, e uma enorme enchente, como só fôra vista em 1859, lavou as margens, que tinham trinta e três pés acima do nível normal do rio, extravasando-se para a direita e para a esquerda, chegando até à aldeia, como se fôsse um lago de águas turbulentas. Esta enchente continuou por uma semana; o rumor das águas, cheias de árvores grandes e de basculhos da floresta, que haviam sido arrastados pelas torrentes, combinados com o ribombar incessante do trovão no espaço, ecoando entre as montanhas, transformava esta cena tropical e pitoresca em um pandemônio selvagem.

Fiquei detido quase um mês em Jataí, esperando que as águas voltassem ao seu nível normal, para continuarmos a nossa viagem. Durante o tempo que aí permaneci, ocupei-me visitando as grandes colônias índias, que eram constituídas de 500 coroados semi-selvagens, estudando-lhes os vários hábitos e costumes de vida, sôbre os quais não tenho espaço aqui para falar. Fiz uma coleção de artigos diversos de sua fabricação, que incluíam uma camisa lindamente tecida, várias roupas de fantasia e chapéus de pena (cócares)). Na ilustração, mostro uma dessas curiosas roupas enfeitadas de penas, que são feitas inteiramente de fibra de madeira e penas de tucano, araras e outras aves de plumagens brilhantes.

Finalmente as águas entraram em declínio. No dia 25 de julho partimos de Jataí, tendo os seus habitantes vindo, em massa, para o pôrto, a fim de nos desejar boa viagem, com gritos e tiros de garrucha. Abandonamos a canoa que nos havia levado ao Paranapanema e agora viajávamos em duas outras menores, que mandáramos fazer, especialmente, para esta parte da viagem. Além de mim e de Telêmaco, o nosso grupo consistia agora em seis índios caioás e um mineiro brasileiro, que levávamos para nos auxiliar na exploração de ouro e diamantes, que existia, sem dúvida, em muitos pontos do rio.

As nossas dificuldades começaram cedo, pois no dia 27 uma das canoas ficou alagada ao subir uma catarata, perdendo-se tôdas as provisões. Isto nos obrigou a enviar os índios, por terra, de volta a Jataí, a fim de fazerem novo abastecimento. Na semana seguinte, fizemos progresso lento, embora firme, subindo umas intermináveis séries de cataratas. Por tôda parte viam-se os sinais deixados pelas águas da enchente; em alguns lugares as águas haviam varrido tôda a vegetação que ficava numa altura de vinte pés e, em outros, via-se perfeitamente o sinal, nas fôlhas das árvores, marcando a altura a que chegaram as águas, a uns quarenta e cinco pés acima do nível normal do rio.

(Continua no próximo número)

---

(1) Foram feitas duas tentativas, anteriormente, para explorar êste trecho do rio Tibagi: uma por Elliot, no ano de 1846, e a outra, em 1865, pelos dois Kellers, engenheiros alemães, mas tôdas duas foram mal sucedidas.

A PUPILA RUBRA

Por ANTHONY WYNNE

(CONCLUSÃO)

O Sr. Ward — pois assim se chamava o oficial do registro civil — não pareceu apreciar muito a idéia. Apesar disso, convidou o visitante a entrar a fim de partilhar a sua refeição; o médico recusou, aceitando porém uma xícara de chá.

— Imagino — disse êle, instalando-se à mesa, que o senhor tenha registrado estranhas histórias, aqui, em Pensilian?

O outro ergueu os ombros, num gesto indeciso, depois declarou que os velhos registros se encontravam na igreja. Em casa conservava apenas os mais recentes.

— Realmente! Só me interesso por êstes últimos... Particularmente os de 1915. Vejamos... Disseram-me ainda hoje, pela manhã, em Penzance, que naquele ano ocorreu aqui um fato sumamente misterioso...

O Sr. Ward fitou seu interlocutor, agora muito interessado.

— O senhor se refere ao caso do agricultor Robin? — perguntou em tom animado.

— Creio que foi êsse mesmo o nome que ouvi mencionar. Não foi êsse que, se não me engano, desapareceu repentinamente?

— E' a verdade, meu caro senhor... E, desde então, ninguém mais ouviu falar dêsse indivíduo, embora algumas pessoas tenham lá as suas suspeitas.

O Dr. Hailey sacou do bôlso a sua carteira de fumo picado, que ofereceu ao seu interlo-

(RESUMO DA PARTE JÁ PUBLICADA)

Jack Derwick, advogado residente em Londres, era noivo de Miss Estele Armand, filha do jurista Sir William Armand, homem de fortuna e com excelente casa acastelada em Calthorpe, perto da praia. Um dia, com surprêsa, Miss Estele comunica ao noivo que Sir William não queria mais o casamento. Jack procura indagar dos motivos de tão insólita decisão mas a jovem, contristada, lhe responde que nada pode mais adiantar, e que êle considerasse o caso encerrado. Estava disposto a regressar a Londres quando, naquela mesma noite, foi notado o desaparecimento de Sir William Armand. Entregue o mistério ao detective Biles, êste embarca em direção a Calthorpe a fim de avistar Miss Estele. Há suspeitas de que Jack esteja envolvido no caso, embora haja ainda uma terceira personagem, Mr. Sawyer que, na tarde do desaparecimento de Sir William, mantivera com êste uma conferência no albergue local. O comissário Robson está procurando ajudar o enviado de Scotland Yard, mas ainda não se manifestou um indício capaz de produzir uma pista. Miss Armand confessa que apesar de tudo ainda ama Derwick e que não mais o viu depois do rompimento. No Touro Negro, onde alugara um quarto, encontra uma ponta de cigarro de procedência estrangeira e a criada informa que o mesmo pertencera ao Sr. Sawyer, o homem de gôsto refinado e que fazia questão de bebidas da melhor qualidade tendo aberto, pessoalmente, uma garrafa. Examinando essa garrafa, Biles descobre a marca digital revelando uma larga cicatriz. Indo ao bosque, na manhã seguinte, encontra um objeto de forma arredondada, lembrando uma pérola grande, mas de frágil consistência. Resolve procurar seu velho amigo, Dr. Hailey, e exibe-lhe o achado, e o médico imediatamente afirma tratar-se de uma pupila humana e que o homem a quem ela pertence devia ter sido assassinado. Os patologistas da Home Office confirmam a natureza do achado e o Dr. Hailey se oferece para ajudar nas pesquisas. Juntos vão interrogar Derwick e êste declara que, após o rompimento do noivado saiu a passear indo tomar chá com o reverendo Hargreave. Apenas avistara Miss Armand, quando Biles lhes informa que Sawyer viajara para Londres no mesmo trem que êle próprio. Jack estremece e exclama: "O homem da pelerine comprida!" acrescentando que o mesmo usava barba e tinha os olhos amendoados, pequeninos. Novamente no bosque, agora com o médico, êsse descobre, numa árvore, fragmento de pele humana. Deduzem, então, que o corpo devia estar próximo. Medindo o terreno em redor e pesquisando melhor descobrem uma fôlha manchada, aparentemente, de sangue. Depois de minucioso exame do local, o Dr. Hailey conclui que Sir William fôra assassinado e seu corpo escondido no local ideal... no próprio cemitério da aldeia, num túmulo recém-aberto e que por isso mesmo não despertaria a atenção da polícia, com a sua terra ainda fôfa por ter recebido conhecida figura do local. Assim realmente fôra feito pelo assassino.. Quem era êle, porém? Nem Derwick nem Sawyer teriam tido tempo para executar todo o plano. Miss Armand? Porém esta também desaparece, levada em automóvel por um desconhecido, justamente quando a polícia pretendia interrogá-la e prendê-la, juntamente com o ex-noivo, Jack Derwick. Hailey decide vigiar os passos de Blunder, o sócio de Sir William. Descobre que o mesmo tinha relações em Londres, com uma atriz teatral e que, últimamente, deixara de comparecer ao escritório, alegando estar doente. Vai procurá-lo e pouco pode arrancar do solicitador. Pouco depois Biles vem anunciar a Hailey a prisão de Derwick, que não parece satisfeito com a notícia. Na mesma noite vai postar-se à porta do escritório de Blunder. Quando êste sai, já noite, segue-o em seu automóvel. Blunder, após longa viagem, volta a Londres e ali, num arrabalde tranqüilo penetra num velho casarão. Hailey, vai em seu encalço, penetra na casa e ouve gritos de dor ou de agonia. Revólver em punho, penetra num quarto e surpreende Blunder com um médico e uma enfermeira. O advogado afirma que ali estava para salvar Miss Estele Armand que enlouquecera. Afirma que a causa do rompimento do seu noivado com o jovem Derwick fôra imposição do pai, que já tinha sido por duas vêzes vítima da filha que, num dos acessos de loucura, tentara matar o próprio pai. Fôra por piedade que escondera a desgraçada, para que não caísse nas mãos da polícia, que sem dúvida ligaria todos os fatos e lançaria Miss Armand na prisão como assassina de Sir William. O velho fôra assassinado porque intimara Miss Armand a romper o noivado, embora contra os conselhos dêle próprio, Blunder. Porque êle era... Sawyer. Disfarçara-se mesmo a conselho de Sir William, que não desejava que seu drama íntimo chegasse ao conhecimento público. Depois de examinar ligeiramente Miss Armand, Hailey se retira e na mesma noite recebe a visita de Biles, que lhe relata detalhes do inquérito contra Derwick. Hailey tudo ouve como se pensasse noutra coisa e só parece interessado quando o policial declara ter encontrado uma carta de Sir William para Lady Windwest. Armand & Blunder eram os procuradores dessa senhora, que se encontra bastante enfêrma. Então Hailey fica imaginando se Blunder não se apropriara do dinheiro de Lady Windwest para ser gentil com a atriz Poppy de Vere. Por intermédio de uma sua velha amiga, antiga atriz teatral, consegue aproximar-se de Miss

cutor. Com surprêsa viu que o outro aceitava com verdadeiro agrado. Ambos aspiraram, deliciados, enquanto novamente a velha criada enchia as xícaras com excelente chá.

— Seria interessante se o senhor pudesse completar as informações que já obtive sôbre êsse fato misterioso. Afirmo que êsse gênero de mistério me interessa profundamente: são justamente os que procuro para o meu livro.

O funcionário do registro moveu a cabeça em sinal de entendimento.

Não há grande coisa a contar — declarou êle — Robin era homem de certa idade e dirigia uma boa propriedade agrícola. Tinha algum dinheiro, segundo diziam, embora gastasse pouco. Tinha os cavalos mais belos do lugar, e um bonito "cabriolet" em que ia à igreja, todos os domingos. Era geralmente estimado pelos vizinhos e quase não se ouvia falar a seu respeito, pois não dava motivos para isso.

Deteve-se e levou a xícara aos lábios.

— Tinha família? — perguntou o Dr. Hailey.

— Sim. Dois filhos e uma filha. Os rapazes possuem, atualmente, cada um, a sua propriedade agrícola, mas a filha casou e deixou a região, para ir viver em Camborne. Segundo ouvi dizer, não mantém qualquer relação com os irmãos.

— Interessante! Por quê?

— A razão é boa, meu caro senhor. Ela desposou justamente o homem com o qual seu pai lhe havia proibido terminantemente que se casasse.

A essa altura, como se não estivesse muito tranqüilo, lançou um olhar inquieto para a porta e para a janela, parecendo temer que o ouvissem.

"Posso afirmar — continuou, baixando a voz — que, para mim, o patife do marido, um vadio de muito má fama, poderia ter desvendado — se quisesse — o misterioso desaparecimento do velho. E' tudo o que tenho a dizer. E há muita gente que pensa como eu.

O médico tornou a aspirar uma pitada. Esperara mais amplos esclarecimentos e foi por isso que ficou silencioso, como se aguardasse a con-

---

de Vere e verifica que essa jovem atriz está muito aborrecida, porque as representações da peça em que era a primeira figura tinham sido suspensas da noite para o dia (por elevados prejuízos, segundo soube pouco depois). Como quem nada quer, cita o nome de Blunder como principal financiador da peça e Poppy de Vere nega indignada, afirmando que apenas conhece muito levemente o solicitador. Pensando talvez que Hailey fôsse homem rico e amigo de aventuras, convida-o a seguir, insistentemente, para a sua residência, para tomar chá. Hailey imediatamente compreende que Blunder amava loucamente a atriz e que estava de fato arruinado. Restava saber se o desastre tinha ligação com o desfalque da firma e o desvio dos dinheiros de Lady Windwest. Talvez tivesse sido êste o motivo por que Sir William fôra a Londres e depois recebera a visita de Blunder no "Touro Negro" e tanto falara em honra e em decisão suprema. E' que também êle ficaria desonrado pela atitude desonesta do sócio, desonra a que não escaparia sua própria filha... E para não salpicar de lama o nome de Jack Derwick... forçara a filha a romper o noivado com o rapaz... E, caso Sir William tivesse reposto o dinheiro, com sacrifício da sua própria fortuna... a sua morte tudo apagaria e salvaria duplamente a Blunder! Mas era preciso que isso fôsse mesmo verdade. Por isso vai visitar Poppy e tudo se confirma. Blunder está apaixonado pela atriz, já perdera tôda a sua fortuna para sustentar seus caprichos teatrais e tem um ciúme terrível. Mas deve também ter arranjado mais dinheiro, pois anuncia que os espetáculos vão começar. Quando Blunder se retira, ela ouve de Hailey a revelação de que o solicitador talvez fôsse culpado de um grande crime e, então, resolutamente, ela o defende e diz que vai revelar a Blunder tôda a manobra de Hailey contra êle. Na mesma tarde Biles revela ao médico que Blunder era o único executor testamentário de Sir Armand e que êste deixava tôda a fortuna para a filha. Hailey nada lhe diz sôbre o paradeiro de Estele mas assegura não acreditar na culpabilidade de Derwick e que vai ajudar o rapaz. De fato visita-o na prisão e o prisioneiro recusa acreditar no que lhe conta o médico sôbre as razões da ruptura do noivado. Para êle, Estele nunca fôra enfêrma. Horas depois, na aldeia de Calthorpe e no "Touro Negro" os comentários que ouve deixam Hailey desanimado. Todos acreditam que Derwick é o assassino. Voltando a examinar o local do crime, descobre, numa árvore, a marca como a de um ôlho, igual à que já vira no Museu, referente a sinais supersticiosos contra mau olhado. Isto significaria que na região havia ainda quem acreditasse nessas tolices? Algum fanático? Fanático perigoso? E' o que precisa averiguar. Visita várias autoridades no assunto e continua indeciso. Visita igualmente o reverendo Willoughby, pois êste, por certo, poderia indicar algum residente praticante dessas superstições. Nada consegue, sendo mesmo recebido friamente pelo estranho sacerdote. Desanimado Hailey vai visitar Estele... mas encontra a casa vazia. Indagando, sabe que a mansão estava confiada à guarda da firma Armand & Blunder, estando há muito desabitada. Resolve procurar o médico que havia passado o atestado de insanidade de Estele. Não tarda a descobri-lo e êste, surpreendido ao saber que se tratava de um embuste e que a moça em questão estava sendo procurada pela polícia, relata como fôra procurado por Blunder e como fôra ver a enfêrma. Informa também que a moça fôra recolhida a um asilo de loucos, para o qual logo se dirige em companhia de Hailey, que realmente encontra Miss Armand internada... embora de boa-fé, diante do atestado assinado pelo médico de Hapstead. Estele, já livre dos entorpecentes, afirma não ser louca e em vista disso o diretor do asilo, a conselho de Hailey, telefona para a polícia dando o paradeiro da criatura procurada. Antes de se retirar Hailey a tranqüiliza e diz que Jack está prêso, mas que a sua situação era razoàvelmente boa. No dia imediato, é iniciado o julgamento de Derwick, numa sala repleta. Após a fala da acusação e do depoimento de Biles, grande é a emoção do público com a apresentação de Estele Armand, como testemunha da defesa, sôbre a qual acabara de falar o próprio Blunder, reafirmando o estado mental precário da mesma e as razões do rompimento do seu noivado com o acusado. A vista de sua segunda vítima Blunder curva a cabeça. O depoimento de Estele é um tremendo libelo contra o solicitador, inclusive no ponto que revela a sua desonestidade como procurador de Lady Windwest. O promotor ainda tenta confundir Estele, porém esta se mantém firme. A sessão é interrompida pelo suicídio de Blunder, em pleno tribunal, a seus pés um caderninho continha a sua plena confissão. Agredira Sir Armand no bosque e aplicara-lhe forte dose de morfina, para que morresse ao fim de meia hora. Ignorava porém, a respeito dos ferimentos nos olhos e o enterramento de sua vítima no cemitério de Calthorpe, pois o deixara caído no bosque. O tribunal, porém, apreciando o fato, não deixa de condenar Derwick a morte, por ter liquidado bàrbaramente o velho pai de Estele e enterrado o corpo. Sem desanimar Hailey volta ao local do crime e tem ensejo de ouvir um sermão do reverendo Hargreaves sôbre o tema "Não Matarás" e defender a crença no "mau olhado". Foi depois visitar o túmulo de Sir William e descobre, numa árvore próxima ao mesmo, a marca do "ôlho". No dia seguinte, mais animado dirige-se à cidade de Pensilia, a fim de interrogar o funcionário do registro civil.

clusão do outro. O funcionário do Registro, de fato, não tardou a acrescentar:

— Em todo caso, êle já morreu, durante a guerra, e talvez já tenha expiado todos os seus pecados a esta hora. Só Deus sabe... Não cabe a nós, pobres criaturas humanas, julgar os nossos semelhantes. Mas, o que sei é que, tendo ficado viúva e com dois filhos, os irmãos não querem sequer ouvir falar em seu nome. E' que a maldição do pai ainda os separa!!

— Não desejaria o Sr. Robin que a filha casasse com outro? — perguntou o Dr. Hailey.

— Pois claro! E saiba que era mesmo um bom partido, um dos mais ricos agricultores dos arredores de Pensilian. Hoje já não está na região, pois tinha verdadeira adoração por Kate Robin e, ao se ver recusado, engajou-se e foi para a guerra, embora a isso não fôsse obrigado, sendo agricultor. Contaram-me que êle está novamente dedicado à vida do campo, em algum lugar do Devonshire.

— Hmmm! Suponho que êle cometeu o velho êrro de pedir primeiro ao pai, antes de pedir à filha, enquanto que o seu rival, mais sabido, tratou de entender-se, primeiro, com a moça.

O outro, porém, moveu a cabeça negativamente.

— Não foi isso — disse êle — Foi o seguinte: Kate e o homem que a desposou, mais tarde, já estavam noivos, seis meses antes do outro candidato — Mr. Drew — chegar à região. Até então, o velho Robin concordava com o casamento. Depois, um belo dia, discutiu com John Trevanin, expulsando-o de sua casa; jurou, então, que o rapaz jamais teria a sua filha como espôsa. Ninguém soube o verdadeiro motivo dessa briga, mas, naturalmente, tôdas as línguas bateram com entusiasmo e cada qual mais fértil em fantasias. Uns diziam que Robin, desejando genro rico, arranjou pretexto para discutir e brigar com o coitado, só para se ver livre do compromisso. Isso era plausível, pois que Trevanin, de fato, não valia grande coisa.

— Quer dizer: caso o Sr. Robin não tivesse desaparecido, a filha seria hoje a Sra. Drew?

— E' a verdade! Kate não era tímida, mas não deixava de ter mêdo do pai e jamais teria ousado, creio eu, resistir à vontade dêle. Também é verdade que não tornou a ver o noivo, Trevanin, depois da briga já referida... Pelo menos, até o instante em que se viu livre para escolher ela própria! E ouvi dizer que Drew não deixava passar dia sem ir visitá-la.

— Quando ocorreram êsses fatos? Na primavera?

— Não. Era novembro. Recordo-me bem da época, porque minha espôsa morreu exatamente oito dias antes de Robin desaparecer. Ela morreu num domingo e foi no sábado seguinte que viram o pobre homem pela última vez, saindo da estação onde tinha ido comprar um semanário. Tinha por hábito fazer o trajeto, desde a sua propriedade, a pé, todos os sábados, a tarde. Era um grande leitor das notícias de guerra.

Quando a velha criada veio tirar a toalha da mesa, Mr. Ward foi apanhar os seus registros. O médico lançou um olhar sôbre uma ou duas inscrições, inclusive a correspondente à espôsa do funcionário do Registro, ficando sabendo que a mesma morrera de pneumonia, no dia 15 de novembro de 1915. Tornou a fechar o livro e levantou-se para sair, não sem haver deixado uma gorda gratificação na mão bem aberta do funcionário.

— Suponho — disse êle — que, se sucedesse a um homem cair do alto das escarpas desta região, seu corpo seria levado pela maré, ficando para sempre perdido?

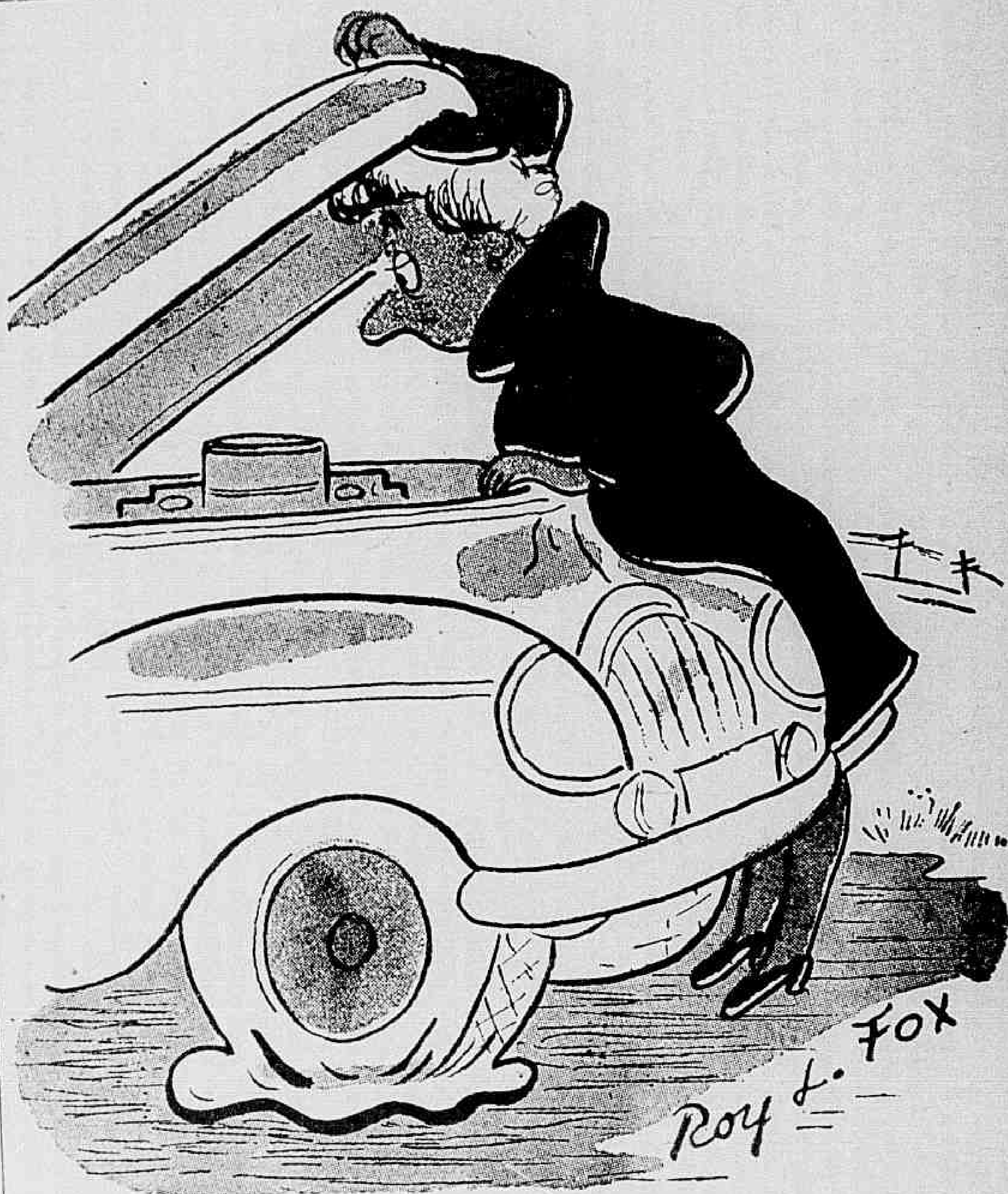
— Sem dúvida! Foram essas as conclusões da Polícia, onde foi declarado que o infeliz havia certamente resvalado, ao caminhar naquela noite... Mas resvalar é uma coisa e é outra, bem diferente...

O funcionário piscou um ôlho de maneira significativa.

Quando o médico saiu do "cottage", caminhou a pé até ao cemitério que, situado numa pequena colina, dominava ligeiramente a aldeia.

Nêle penetrou, iniciando minuciosa inspeção dos túmulos, até chegar a um, que tinha a seguinte inscrição:

À adorada memória de Hanna Grantham, espôsa bem amada de John Ward — Morta em 15 de novembro de 1915 — Assim seja feita a vontade de Deus.



Marcou a posição dêsse túmulo, agora coberto de plantas e bem maltratado; fê-lo com muito cuidado, parecendo querer marcar profundamente em sua memória o local exato, no cemitério. A seguir, avançando até à parte mais alta da pedra tumular, inspecionou-a meticulosamente.

Um ar de profundo desapontamento se estampou em sua fisionomia, como resultado dêsse exame. Teria, depois de tudo, palmilhado caminho errado? Mas não! Recusava acreditar. Voltou ao seu exame, agora com maior atenção.

— Ah!

Parecia haver encontrado o que viera buscar. Os olhos estavam agora cheios de intenso horror. Logo voltou as costas ao túmulo e desceu a ruazinha em ladeira, na direção do seu automóvel.

CAPÍTULO XXXII

Os mortos falam

Dois dias mais tarde, o Dr. Hailey descia do "expresso" da Escócia, em Carlisle. Tendo tomado um ônibus, meia hora depois chegava ao seu destino: Appleby, no Cumberland. Dêsse local desolado, conseguiu condução para Hendred Castle, nas Terras Altas.

Só pôde chegar às treze horas, dirigindo-se logo para a mesa de almôço do George Hotel, sem dúvida um dos melhores da região.

A sala estava deserta, pois que, no inverno, Hendred Castle só pode contar com a visita dos caixeiros viajantes, que se dirigem do Cumberland ao Yorkshire pela estrada de ferro local. Almoçou com excelente apetite, indo, a seguir, para a vasta praça do mercado da pequena cidade, pavimentada com grandes pedras e ostentando um ar de tranqüilidade imemorial.

Atravessou o "square" e subiu pela rua principal até atingir uma residência com uma placa à entrada, indicando que a mesma pertencia a "John Cossar, encarregado do Registro de Nascimentos e Mortes". Bateu para falar com êsse senhor.

Fizeram-no entrar para um pequeno escritório, muito arrumado e limpo, em cujas paredes corriam largas estantes contendo grandes livros negros. Quando o funcionário surgiu, o médico tirou do bôlso um caderno de apontamentos, que imediatamente abriu.

— Desejava consultar os registros do mês de fevereiro de 1915 — anunciou — Os registros de falecimentos... por favor.

O funcionário caminhou para uma das prateleiras e, sem perda de tempo, retirou o livro pedido.

— Há algum nome que o senhor desejava ver, particularmente?

— Não, obrigado. Desejo ver, de preferência, a lista dos falecimentos ocorridos na semana de 4 de fevereiro. Ah! Aqui está!

Curvou-se sôbre o livro e tomou nota dos nomes das quatro pessoas indicadas como tendo morrido na referida semana.

— Foram enterradas, aqui mesmo, neste cemitério?

— Não, senhor; duas pessoas apenas. A primeira e a terceira. As outras duas foram enterradas nas pequenas aldeias onde haviam nascido.

Hailey pagou e saiu do escritório. O tempo havia clareado e a tarde foi soberba. O médico parou, extasiado, para contemplar a beleza da velha cidade, com suas belas igrejas e seus telhados bizarros. Um resto de muralha — que, em certa época, cercara tôda a cidade — erguia-se temível e misterioso, no pano de fundo do panorama.

Dirigiu-se, então, para a igreja, através das ruas desertas, cujo pavimento soava estranhamente sob os seus pés. O portão de ferro do cemitério estava aberto. Hailey por êle passou sem hesitação.

Estêve tôda a hora seguinte entre os túmulos, procurando os dois que havia anotado, no escritório do funcionário. Um dêles parecia ser o jazigo de alguma família abastada da localidade, pois estava protegido por bela grade de ferro e coberto por uma laje de pedra talhada, de belo aspecto. A outra era um túmulo ordinário, marcado com uma pobre cruz, tendo escavadas na madeira as iniciais: **E. A. M.** Era, sem dúvida, o de Elizabeth Ann Martin!

Examinou a cruz, como já o fizera com a pedra tumular, em Pensilian. Sua inspeção não lhe rendeu qualquer resultado, o que não pareceu, entretanto, desapontar o médico.

Terminado o seu trabalho, dirigiu-se para as muralhas da cidade. Dali, tinha uma vista soberba da igreja, modêlo perfeito dos grandes edifícios do século XII. Os altos pinhões do vigariato, de estilo mais moderno, apareciam à esquerda, através de uma cortina de árvores.

Seguiu essa direção, passeando sem pressa. Era possível penetrar no cemitério, partindo do jardim do vigariato, do qual estava separado apenas por um pequenino bosque.

Alcançou novamente a rua e começou a subir a colina sôbre a qual está construída a pequena aldeia, até que atingiu a uma construção alongada e baixa, no centro de um terreno liso, recuado da estrada. Dêsse local, tinha uma vista maravilhosa das colinas do Westmoorland e do Yorkshire. Ali permaneceu, imóvel, contemplando o sol que se escondia no Oeste, além da planície. Massas de fogo e de fumaça pareciam rolar pelos valados. Os flancos das montanhas se envolviam com as primeiras sombras da noite.

Penetrou no edifício e parou num grande hall, cujo centro era ocupado por máquinas de estranho aspecto. Ao longo dos paredões estavam alinhadas numerosas vitrinas, contendo diferentes objetos de todo gênero e de todos os tamanhos.

Ouvira falar, muitas vêzes, dêsse museu — preciosamente conservado pela cidade — e sabia que certos ofícios manuais, de modêlo antigo, que tinha diante dos olhos, eram considerados como os mais belos espécimes em todo o mundo. Mas não fôra, sem dúvida, um interêsse suscitado pela história da tecelagem, o que ali conduzira o médico.

O "Conservador" dêsse museu, homem bastante idoso, de fisionomia grave, saiu do seu escritório ao encontro do inesperado visitante. O Dr. Hailey, após uma profunda saudação, perguntou:

— Fui informado de que o senhor conserva

aqui, uma coleção de "encantos", "mascotes", "feitiços" e objetos semelhantes...?

— Sim, senhor; posso mesmo dizer que se trata da mais bela coleção em tôda a Inglaterra. E ao falar convidou, com gesto largo, o visitante a se aproximar de uma determinada vitrina, no outro extremo do edifício.

"— E quase tôdas recolhidas aqui mesmo, nesta região, pelos arredores... — explicou o Conservador — Mas, é claro, alguns amigos enviam também espécimes de outras regiões... Êste, por exemplo, é do Cornualhes.

Indicava um grosseiro pedaço de ferro, do qual uma das extremidades parecia ter sido modelada. O médico examinou o objeto com atenção, através do vidro da vitrina. Não parecia em nada com os demais objetos que o cercavam.

— Existe uma sociedade de antiquários na cidade, não é verdade? — perguntou.

— Realmente, senhor. De fato, essa coleção pertence-lhe, embora aqui esteja há muito tempo e que, por assim dizer, a consideramos nossa.

Dirigiu-se ao seu escritório e dêle retornou com um pequeno livro que ofereceu ao visitante.

— E' a lista dos membros antigos e atuais — explicou. — Pode ficar com o livro, querendo.

O Dr. Hailey agradeceu e retirou-se. Às seis horas e meia, deixou o hotel e voltou à igreja para ouvir o serviço da tarde. O grande edifício estava quase vazio, embora pudesse ver algumas pessoas espalhadas aqui e ali, na nave escura. A voz do "curate" repercutiu até o alto teto. Hailey escolheu uma cadeira, bem ao fundo, e ali permaneceu até ao fim da prece. Depois, saindo, passou adiante de um velho zelador e, furtivamente, virou à direita, para o cemitério, a fim de visitar novamente o túmulo que havia anotado no correr da tarde. Não foi trabalho fácil.

Quando, finalmente, conseguiu e certificou-se de que estava só, nas sombras daquela noite de inverno, desatarrachou o cabo da pesada bengala que tinha em mão e do interior da mesma retirou um formidável estoque.

Pousou cuidadosamente a bainha junto da cruz de pedra, depois, calculando a distância o melhor que pôde, mergulhou a lâmina na grama que cobria o túmulo.

Cinco vêzes repetiu a mesma operação, antes da sua "sonda" encontrar alguma coisa mais dura do que a própria terra. À sexta vez, porém, sentiu que o aço tocara em algo resistente. Retirou um pouco a lâmina e, a seguir cravou-a com mais fôrça. Calculou então a distância pelo tato, não querendo se arriscar a chamar a atenção, acendendo a sua lâmpada.

Novamente — e à mesma profundidade — encontrou o mesmo obstáculo sólido.

Nova experiência e sempre o obstáculo, no mesmo ponto. Evidentemente, era de tamanho considerável. Apanhou então um pequeno tubo do bôlso do paletó e, tento retirado o estoque de aço, molhou a extremidade com o conteúdo do tubo. Isto feito, tornou a mergulhar a lâmina até encontrar o obstáculo que era objeto de suas investigações.

Retirou-a e limpou o aço com o lenço de que se munira com êsse propósito. Dobrou-o depois, com grande cuidado, guardando-o no bôlso. Recompondo, então, a bengala, atravessou o cemitério, caminhando junto do muro, na direção do jardim do vigariato, até chegar à porta do gradil, que, como já esperava, não estava fechada. Instantes depois, saía do cemitério.

De regresso ao George Hotel, pediu um quarto onde pudesse trocar de roupa antes do jantar. Tão logo se viu só, tirou o lenço do bôlso, abrindo-o sôbre a mesa de **toilette**, sob a luz da lâmpada elétrica. Logo notou a mancha causada pela solução com que molhara a lâmina do estoque. Dois fios de cabelo, brancos, aderiram à superfície úmida.

O horror que enchera os seus olhos no cemitério de Pensilian voltou a aparecer. Dobrou o lenço, que colocou numa bolsinha de couro. A seguir embrulhou cuidadosamente a sua bengala e desceu para a sala de jantar.

Às onze horas, dirigiu-se em automóvel a Penrith, cobrindo as vinte milhas em pouco mais de uma hora, o que lhe permitiu tomar o expresso que ali se detém alguns minutos apenas. Comprara, antecipadamente, um leito, que tratou logo de ocupar, e dormiu quase em seguida, para só despertar na manhã seguinte, bem cedo, no instante em que o comboio atravessava Watford.

Logo após chegar a Harley Street, correu ao seu pequenino laboratório.

Mais tarde, ainda na parte da manhã, dirigiu-se a Scotland Yard, enviando o seu cartão ao inspetor Biles. Não teve que esperar mais que meio minuto para penetrar no escritório do inspetor, que lhe apertou a mão com a alegria de um colegial que encontra um companheiro favorito.

— Mas... Meu caro doutor... Que foi feito do senhor, desde aquela tarde do processo? Procurei-o por tôda parte, pois desejava apresentar as minhas felicitações. O chefão também estava louco para expressar a sua admiração... Foi realmente maravilhoso! Ma-ra-vi-lho-so!

O Dr. Hailey tratou, primeiro, de sentar na melhor poltrona, a fim de recuperar o fôlego perdido ao subir as longas escadarias do edifício da Chefatura.

— Você deve compreender, Biles, que até domingo, tôdas as conclusões a que eu havia chegado a respeito dêsse drama... eram falsas. Absolutamente falsas! Falsas nas circunstâncias como nos fatos. Perseguindo Blunder com tamanha paixão, eu havia perdido de vista a questão principal.

— Lembre-se, doutor, de que já o ouvi falar assim! — declarou êle.

— Mas nunca me viu tão acabrunhado! Se ao menos eu tivesse estudado os detalhes com maior cuidado...

Ergueu-se e caminhou para junto da lareira junto da qual estava o policial.

— Tenho um favor... um grande favor, a solicitar — disse êle.

O rosto de Biles passou de sorridente a muito grave. Sabia que o médico ainda acreditava na inocência de Derwick e receava que lhe fôsse impossível conceder o favor que o médico pediria.

— Quer conseguir para mim uma entrevista com o chefão?

— A...Agora?

— Imediatamente!

Biles se dirigiu com grandes pernadas para uma porta, pela qual desapareceu. A sua ausência foi de apenas dois minutos.

— Acompanhe-me — disse êle.

A sala em que foi introduzido o médico era, como quase todos os escritórios burocráticos, um tanto vazia de móveis... e de aspecto um tanto desolado. E a boa acolhida que teve não foi, assim mesmo, tão cordial como esperara. O chefe do Departamento de Pesquisas Criminais fêz o possível para aparentar agrado, embora Hailey notasse que também êle temia o pedido que seria feito.

— A ajuda que nos prestou — declarou êle — foi realmente acima de qualquer elogio. Sem os seus esforços, segundo Biles me revelou, o mistério Armand ainda seria um mistério.

O médico levantou uma das mãos, para protestar:

— Desculpe-me — disse êle em voz baixa — Mas é justamente o que ocorre ainda agora... O que resta fazer...

— Como assim, meu caro doutor? Quando um júri britânico deu um veredito absoluto e final? O senhor, sem dúvida, está gracejando!

— Jamais falei tão sèriamente, em minha vida! — disse o médico, curvando a cabeça.

A fronte do chefão se enrugou. Não sabia como receber uma tal declaração. Lançou um olhar para Biles, que por sua vez parecia contrafeito.

— O senhor não pretende afirmar que houve... êrro.

— Não **pretendo** nada... **Afirmo** que houve êrro!

O médico falava com tamanha convicção, que os dois homens tremeram. Com outro qualquer, teriam considerado o caso sem importância e a decisão do júri coisa realmente definitiva. Mas tinham aprendido a respeitar o Dr. Hailey mais do que a qualquer outra pessoa neste mundo.

— E... O senhor veio solicitar alguma coisa? — perguntou o chefe, ansioso para levar a conversação para terreno mais prático.

— Sim... Um grande favor, segundo receio!

— De que se trata?

O tom de sua voz era pouco animador.

— Que o senhor... e o inspetor Biles consintam em ser meus hóspedes por uma noite.

— Bem... Isso não é um favor... — declarou o policial com evidente alívio.

— Um instante. Tem que ser hoje mesmo! Esta noite! E previno aos dois que a viagem será um tanto longa.

Novamente os detectives trocaram um olhar. Adivinharam imediatamente que o destino seria Newcastle. E a expressão de alívio, de há pouco, desapareceu.

— Onde? — perguntou o chefe.

— Em Penzance, no Cornualhes.

Nova expressão de alívio. Evidentemente seus temores não tinham sido justificados.

Não era para procurar reabrir o **inquérito-Derwick** que o médico os convidava. Pelo menos não parecia ser para isso. O chefe foi consultar um caderno de apontamentos sôbre a mesa e depois de consultar sua lista de compromissos para as vinte e quatro horas seguintes, ficou um instante pensativo, depois moveu a cabeça afirmativamente.

—Muito bem — disse êle — estou às suas ordens... desde que o senhor me prometa que estaremos de volta amanhã, cedo. E você, Biles?

— Estou nas mesmas condições.

O Dr. Hailey se inclinou gravemente diante dêles. Suas maneiras — segundo mais tarde o chefe comentou com o inspetor Biles — lembravam a época da rainha Vitória.

Tomaram o trem de meio-dia, para Plymouth. Um grande automóvel os aguardava na estação. Às dez horas estavam em Penzance, instalados no hotel, saboreando um excelente jantar encomendado de antemão.

— Até aqui, doutor — disse o chefe — O favor de que nos falou continua um mistério...

— Aguardemos que a noite avance mais.

Mal o médico falara, um porteiro entrou, anunciando que o automóvel estava à porta.

— Você colocou a minha valise grande no veículo, conforme recomendei?

— Sim, senhor.

Voltou-se, então, para seus companheiros.

— Venham, senhores. O tempo vai passando e temos uma longa viagem a fazer.

Saíram, sem trocar palavra. À porta estava um grande automóvel fechado, com o interior fortemente iluminado. Os três homens ocuparam o assento traseiro, protegendo os joelhos com um cobertor. Então o médico desligou a luz e o automóvel seguiu na direção de St. Michael's Mount.

— Onde vamos? — perguntou o chefe.

— Meu caro senhor — respondeu Hailey — nós vamos procurar a resposta para um dos mais tenebrosos mistérios; para o crime que tanto tem enredado a inteligência humana... Nosso destino imediato é um cemitério, onde temos um encontro com os mortos...

CAPÍTULO XXXIII

O segrêdo do túmulo

Uma lua minguante brilhava no firmamento. St. Michael's Mount, a sua passagem, parecia um simples cais avançando para um mar de espelho. O chefe, à medida que o tempo passava, mostrava-se nervoso e agitado. Seria ali, realmente, — perguntava a si mesmo — que encontrariam o objeto misterioso da sua aventura?

Chegaram ao cruzamento de onde parte o caminho que leva a Pensilian.

O automóvel parou finalmente e o **chauffeur** desceu para abrir a porta. Hailey apeou e conversou com êle, enquanto seus companheiros tratavam de descer. O médico apanhou a valise e anunciou que a partir daquele ponto teriam que fazer o caminho a pé.

Chegaram à pequena cidade, que parecia dormir. Nem uma palavra fôra trocada durante a caminhada. A imensa e curiosa paisagem oferecia, com suas luzes e sombras, um aspecto fantástico, que influía poderosamente no estado de ânimo de qualquer indivíduo. O inspetor Biles se surpreendeu ao verificar que os habitantes de tais regiões dormiam **com o sol** e aguardavam,

na cama, que sua luz benfeitora brilhasse novamente sôbre a terra. Mas... Por que **aquêle** local? Biles não conseguia entender. Porém, conhecendo Sir William, sabia que essa viagem tinha qualquer relação com o seu assassinato.

Não tardou a notar que se aproximavam da igreja, cuja tôrre se destacava sôbre a palidez do céu. Na base do edifício, alinhavam-se os túmulos.

— Será prudente, meu caro doutor — observou o chefe — violar a santidade dêste local?

— E' essencial!

Houve um momento de silêncio, depois o chefe, recordando sua promessa, acompanhou o médico, no que foi imitado pelo inspetor. Juntos subiram a ladeira do cemitério.

— Que significa tudo isto? — segredou o chefe, à meia-voz.

— Ignoro — respondeu Biles. — Mas, pelo que sei do doutor, trata-se de negócio sério. Não há dúvida de que êle fêz alguma descoberta importante.

Hailey, caminhando dois ou três passos adiante, chegou junto do túmulo da Sra. Ward. Ali, pousando a valise, esperou que os outros se aproximassem. Então lançou a luz da lâmpada para a pedra tumular, dizendo:

— Está aqui enterrado o corpo da espôsa de um habitante dêste lugar, justamente o homem encarregado do registro dos nascimentos e das mortes. Salvo êsse óbito, o túmulo, como tratei de me certificar, deve estar vazio — pelo menos tanto quanto se pode saber, pelo registro.

Pronunciou essas últimas palavras com voz lenta e deliberada. Embora nenhum dos seus companheiros soubesse o que êle desejava dizer, não esconderam uma sensação de mal-estar. O aspecto dúgubre do local, o silêncio profundo, quebrado por instantes pelo grito discordante de uma ave marinha, a luz pálida e trêmula lhes causava um terror insopitável.

— Que pretende fazer? — murmurou o chefe em voz baixa.

— Solicitar dos senhores que verifiquem **um fato** — respondeu o médico, enigmático.

Ao falar, abaixou-se e abriu a valise. A lua brilhava nesse instante num céu sem nuvens, e os dois detectives puderam apanhar o reflexo de um objeto de metal... O inspetor, que estava mais próximo, pôde ver que se tratava de uma pá novinha. Não conteve uma exclamação de surprêsa. O médico, porém, nada parecendo ouvir, empunhou a ferramenta, dirigindo-se para a cabeceira do túmulo.

— Pelo amor de Deus, doutor! — protestou o chefe com voz ansiosa — Não faça isso! E' horrível!

Voltou-se, como se desejasse sair do cemitério. Biles notou que seu rosto se tornara grave, como se, em seu espírito, aquilo passasse os limites da decência e mesmo da legalidade.

— Não há de ser menos horrível quando o senhor conhecer a verdade — afirmou o médico com a sua voz calma — Permita-me lembrar, caro amigo, que é seu dever, como principal pesquisador criminal do país, enfrentar as mais medonhas realidades humanas. Posso afirmar que a revelação de que vai ser testemunha merecerá êsse nome com justa razão.

Ao falar, enterrou a pá na grama e com um movimento decidido destacou larga porção de terra, que colocou, cuidadosamente, junto ao túmulo. Depois entrou a escavar um círculo maior e que parecia abarcar tôda a parte superior do mesmo. Os dois detectives o fitavam com um horror crescente, enquanto prosseguia nesse macabro serviço. Sòmente os altos serviços prestados anteriormente pelo médico à justiça os levavam a permitir que assim agisse contra a dignidade e a decência do lugar.

— Ah!

O médico se curvou para a frente, lançando o foco de luz da lanterna para o orifício que êle próprio acabara de abrir. Depois, voltou para junto da valise, de onde tirou uma pequena escavadeira de jardineiro. Com ela em punho, ajoelhou-se e continuou a trabalhar, agora mais lentamente, retirando a terra em pequeninas quantidades. Os dois homens, que o observavam, estremeceram, mas não se moveram do lugar que ocupavam à cabeceira do túmulo. O que o médico fazia era coisa sòmente **sua** e não queriam participar dêsse **atentado.** Já era muito ficar ali, de braços cruzados, fiéis à palavra empenhada, de não intervir enquanto tudo não estivesse terminado.

Finalmente, Hailey se ergueu e fêz-lhe sinal para que se aproximassem. Êles obedeceram, um de cada lado do túmulo. Então, calcando o botão da lâmpada elétrica, Hailey iluminou o buraco que acabara de escavar.

— Oh, Santo Deus!

O chefe recuou. Também o inspetor sentiu o corpo todo imobilizado pelo terror súbito. Do fundo do buraco, um crânio humano, lívido, semelhante a um espectro, exibia todos os dentes, num sorriso ou numa ameaça.

O médico calcou novamente o botão, restabelecendo a escuridão. Então segurou fortemente o braço do chefe.

— Isto — insistiu êle, falando entre dentes — não é o crânio da Sra. Ward! O corpo dela se encontra pelo menos um metro mais abaixo, no fundo da cova.

Não obteve resposta. Os dois detectives se sentiam atacados de náuseas, petrificados que estavam por essa medonha descoberta, cuja significação fugia totalmente ao menos a um dêles.

— E' indispensável que os senhores façam uma inspeção mais detalhada — continuou o médico — Desejo chamar a atenção de ambos, em particular, para as órbitas do crânio, que, como poderão ver à luz desta lanterna, foram perfuradas em vários pontos.

Projetou novamente a luz sôbre o túmulo, insistindo para que o chefe examinasse os pontos mencionados.

Baixando-se, o policial olhou na direção indicada. Viu então que as duas órbitas do crânio tinham sido, de fato, perfuradas de lado a lado, em vários pontos! Biles, curvando-se também sôbre o túmulo, deixou escapar um grito de surprêsa:

— Mas é, exatamente, a maneira como Sir Armand foi assassinado!

— Exatamente! O instrumento, punhal ou faca, sei lá! penetrou sem dúvida até ao cérebro. E nos dois casos o assassino enterrou a sua vítima num túmulo aberto de fresco. A Sra. Ward morreu no dia 15 de novembro de 1915. Era um domingo. No sábado seguinte, um agricultor, Robin, que acabara de romper o noivado da filha, deixou a aldeia para regressar a sua casa... e desapareceu sem deixar traços. Os senhores devem admitir, sem dúvida, que os dois casos têm muitos pontos de semelhança...?

O chefe, agora de pé, respirava com esfôrço. Parecia vergado sob o pêso de tremenda responsabilidade.

Hailey tornou a desligar a lanterna e então disse, noutro tom:

— E agora, se concordarem, proponho que retornemos imediatamente ao hotel. E' aos senhores, não mais a mim, que cabe resolver o problema!

Abaixou-se, enquanto falava, e recolocou algumas pás de grama sôbre o túmulo, afim de esconder o macabro conteúdo.

O chefe esperou que êle tivesse terminado, depois disse:

— Creio, meu caro doutor, que ficamos a lhe dever o maior de todos os auxílios entre os muitos que já nos prestou.

Nada mais disse, antes de se instalar novamente no automóvel que os conduziu a Penzance. Declarou então que ia dar ordens para elucidar completamente êsse caso. Depois, acrescentou:

— A desordem daquele túmulo há de ser notada, com tôda a certeza, logo ao amanhecer.

Mas logo, noutro tom e voltando-se para Hailey, prosseguiu:

— Que maravilhoso processo de raciocínio — perguntou em tom respeitoso — levou o amigo a Pensilian?

—Nenhum! Um acidente, apenas. Há poucos dias, o acaso colocou em minhas mãos o **anel** da **cadeia** que eu não pudera até então encontrar.

Tendo falado, Hailey se recostou na almofada do automóvel e fechou os olhos. Alguns instantes depois tornou a abri-los e perguntou:

— Recordam-se do desaparecimento do vigário de Hendreed Castle, no Cumberland?

Falava calmamente, mas às suas palavras, seus dois companheiros soltaram um grito de surprêsa e de horror.

— Hein? O senhor não quer insinuar...?

— Segundo me ensinou a experiência, os crimes como êste são repetidos. Quero dizer que fazem parte de uma série de assassinatos, praticados da mesma maneira, **pela mesma mão.** Talvez aí esteja a minha superioridade de médico. Para chegar a bem compreender tais casos, é preciso haver sondado profundamente as causas primárias da atitude de um homem, normal ou anormal. E' necessário ter um certo conhecimento dessas fontes misteriosas, de onde procedem as ondas do impulso e da emoção. O amor está, de fato, ao fundo de tôda natureza, mas essa fonte primária é fàcilmente contaminada pelas ondas amargas do ciúme, do ódio, da inveja, etc. Assim é que se determinam os caracteres. Ocorre um conflito, para adotar a linguagem da psicologia moderna. Êsse conflito reclama tão imperiosamente uma solução que nem a lei, nem os homens, nem as conveniências — em certos casos — são bastante fortes para impedir um desastre.

Fêz um gesto com a mão, como para significar que o assunto era muito mais difícil para ser assim objeto de uma discussão ligeira.

"De um certo ponto de vista, há uma diferença apenas apreciável entre o amoroso sentimental, que vive sem jamais encontrar a felicidade, e o louco furioso, cuja vida se tornou hedionda pela longa série de crimes. Ambos são desgraçados, escravos e vítimas do amor — a chama divina que pode queimar de uma glória inefável e que, uma vez fora do contrôle da razão, consome e destrói tudo o que toca. Uma coisa mais espantosa, é que, sempre, o mesmo motivo imediato provoca essa sucessão de amores ou de crimes. A expressão de um rosto, o som de uma voz, um sentimento revelado, as válvulas que libertando a violência comprimida do amoroso mal equilibrado, o impelem a lançar-se em novas dificuldades. E' da mesma maneira que o louco homicida fica subjugado pelo acaso e pelas circunstâncias. Cedo ou tarde, ressoará em suas orelhas uma palavra de ordem irresistível, e então êle será como a bêsta furiosa e como tal agirá, como nas primeiras idades do mundo, olhos injetados, cérebro dominado pelo desejo de matar, de derramar sangue. Matará à sua maneira — segundo diversos processos — e satisfará, assim, por um instante pelo menos, o demônio que o possui.

O automóvel chegou a Penzance, parando diante do hotel. Um jantar frio os aguardava. O Dr. Hailey convidou seus companheiros, que aceitaram.

CAPÍTULO XXXIV

Passos na noite

O vento era mais forte, agora, fustigando as velhas árvores da mansão. Hailey consultou o relógio.

"A tempestade — pensou — teria retardado seus visitantes? A estrada que conduz a Calthorpe Hall ficava exposta a todos os ventos, fôsse qual fôsse a direção que se adotasse. Entretanto, estava convencido de que, de qualquer maneira, êles não faltariam ao encontro."

A expressão do seu rosto se mostrava mais dura que de hábito; introduziu em certo momento a mão no bôlso do amplo casaco de lã, que vestia e palpou um pequenino revólver. Não pretendia correr qualquer risco...

Por outro lado estava decidido a tornar a sua demonstração o mais completa possível. Embora não tivesse revelado despeito, sentia-se ofendido pela maneira como a polícia agira depois de ter tôdas as informações que êle próprio havia fornecido. Considerava que tinha sido uma falta de consideração das mais graves. Tinha sido, além do mais, um ato precipitado... Ao passo que êle próprio sempre tivera que agir só, tateando... Mas, ao menos, não ficava devendo favores a quem quer que fôsse!

(Conclui na página n. 100)



VACAS REPOUSANDO — Quadro de Guilherme Frei — Nascido em Karlsruhe a 24-6-1826 — Morto em Mannheim, em 4-2-1911.

(História verídica)

Por JONAS BAYER



UM Bombeiro IRRESISTÍVEL

SOB a ondulada e alva cabeleira postiça, os olhos do juiz que presidia aquêle julgamento estudavam o homem sentado no banco dos réus.

Êste, alto e simpático, poderia ser considerado, por muitas mulheres, apesar dos seus 50 anos, como um homem atraente. Com um ar de desconfôrto e mêdo, olhou em redor... Na primeira fila de cadeiras, no tribunal, estavam sentadas três mulheres, tôdas de belas feições, que olhavam para êle como se o quisessem animar.

O magistrado, no sentido de prender a atenção dos presentes, pigarreou ruidosamente. Disse, em seguida:

— George Clements é acusado de crime de bigamia. O réu se declara culpado ou inocente?

O acusado respirou profundamente, desviando logo o olhar das três belas mulheres que tanto o haviam honrado, tornando-se suas espôsas.

— Culpado, meu senhor! — respondeu.

A partir daquele momento, a tensão baixou sôbre aquêle tribunal de Londres, enlaçando em seus tentáculos, o réu, as três mulheres com quem havia casado, e os demais espectadores, enquanto o juiz, calma e gravemente, estudava a sentença a ser imposta àquele que ousara desafiar a lei e os costumes da conservadora e tradicional Grã-Bretanha!

Pela mente do magistrado, perpassavam as circunstâncias que haviam acarretado a descoberta e conseqüente prisão daquele que cometera o crime de bigamia. Se, ao menos, o homem não fôsse tão confusamente hábil na sua profissão de bombeiro!

Os degraus pelos quais descera o bombeiro, até à situação presente, estavam marcados plenamente pela banheira da casa de Nelly, pela torneira da residência de Ivy e pelo ralo de escoamento do domicílio de Minnie. As três mulheres, apesar do que lhes havia acontecido, aparentavam ainda demonstrar simpatia — ou algo mais que isso — por George Clements.

O juiz, pensativamente, ajeitou com a mão o colar de pano branco que lhe envolvia tradicionalmente o pescoço. Qual a punição que deveria aplicar ao réu, para o fazer expiar por seu crime?

O enguiço a banheira de Nelly dera início, alguns anos antes, à série de acontecimentos que envolveram o bombeiro nas malhas da lei. Após proceder ao consêrto, o simpático bombeiro casou com Nelly e, apesar de haver a noiva ido para a casa de sua mãe, no dia seguinte à realização das núpcias, passaram a encontrar-se freqüentemente. Da união nasceram nove filhos e tudo correu bem... até que George foi chamado a consertar a torneira da residência de Ivy.

Graças à sua habilidade na profissão que abraçara, e também à irradiante simpatia que o caracterizava, o bombeiro ganhou mais uma noiva. Em seguida a uma xícara de chá, logo após reparar a torneira, George Clements propôs casamento àquela que, um ano mais tarde, lhe daria um filho, para consolidar a união.

A partir daí, o bombeiro entrou numa fase de prosperidade. A boa execução de seu serviço ganhou fama, e as mulheres, para as quais efetuava consertos, recomendavam-no às amigas.

Foi assim que George se viu, um dia, a consertar o ralo de escoamento da casa de Minnie, após o que... contraiu matrimônio pela terceira vez! Esta última, com seu excelente modo de cozinhar, e pelo seu gênio bondoso e sereno, cativou o espôso, que, sentindo-se cançado da profissão, resolveu aposentar-se, pois começava a sentir, além disso, o pêso da idade. Decorrido algum tempo, nasceu o fruto dêste casamento: um par de gêmeos!

Logo após esta ventura, que poucos pais, no mundo inteiro, têm experimentado, George Clements recebeu a visita da polícia, que acabava de descobrir, tôda a verdade relativa à vida privada do bombeiro. Acusado de bigamia, Clements não ofereceu resistência, nem tentou ocultar a vida irregular que levava.

E, assim, ei-lo a enfrentar a côrte de justiça, pouco após o dia 25 de abril de 1951, data em que teve início o processo contra êle.

O juiz olhou, com firmeza, para o réu; em seguida, fitou as evidências A, B e C, que eram, respectivamente, Nelly, Ivy e Minnie, sentadas pacificamente no banco das testemunhas. Veio-lhe à mente o conjunto das doze crianças a choramingar: *"Papai! Papai!"* Era uma sentença difícil de estabelecer. Finalmente, após mais alguns segundos de reflexão, o magistrado deixou cair as mãos sôbre a mesa, num gesto de desânimo, e falou:

— George Clements! O senhor parece ter levado uma vida matrimonial muito pouco regular e ascseada. E' tão grande a responsabilidade de que se cercou, procedendo de forma tão baixa, que, segundo penso, será um castigo mais que suficiente, o ter que suportar a mesma situação durante o resto de sua vida!

Em seguida, o juiz encerrou o caso, mandando libertar o prisioneiro!

Ouvindo a sentença, Nelly, Ivy e Minnie, surpreendidas mas encantadas, levantaram-se a um só tempo.

George Clements, desviando o olhar do magistrado, fixou-o sôbre as três espôsas que, refeitas da surprêsa, encaminhavam-se alegremente para êle. Euguliu em sêco, empalideceu, e caiu desmaiado!

36.º Ano — N.º 10 — Março — 1953

MATEMÁTICA

No mundo dos selos, tudo é diferente: tos mil cruzeiros! A filatelia constitui em todo o mundo, havendo milhões de bertas valiosas, nessa imensidão de

Por I. B.

QUE tal parece ao leitor a lucrativa profissão de colecionador de selos? Não lhe agra[illegible]ria trocar uma estampa de um **penny** por um [illegible]que no valor de um e meio milhão de cruzeir[illegible] Ou comprar alguns selos por 14 mil cruzeiros e vendêlos por 3 milhões de cruzeiros? Pois bem: essas transações, que mais parecem obra do "felipeta", são realizadas diàriamente, em inúmeros países, por algumas centenas de pessoas. E afirmam os entendidos que existem ainda inúmeros tesouros, sob a forma de selos, ocultos em livros de velhas bibliotecas ou em envelopes, esquecidos no fundo de gavetas. Como exemplo da ascenção verificada na filatelia, nesses últimos cinqüenta anos, basta dizer que, sòmente nos Estados Unidos, existem 12 milhões de pessoas que se dedicam a êsse **passatempo**, 2 000 negociantes em selos, 100 casas leiloeiras, e 50 revistas de filatelia.

Deve ficar aqui bem claro que **qualquer pessoa** pode enriquecer da noite para o dia, bastando, para isso, que encontre um sêlo antigo, no meio de documentos velhos, o qual, na certa, valerá muitos milhares de cruzeiros.

E se o leitor parece interessado em conhecer pormenores sôbre o mundo dos selos, acompanhe-nos nessa pequena excursão que vamos realizar.

Estamos na Guiana Inglêsa; aqui, o sêlo de um **cent**, de côr avermelhada, tem o valor de um milhão e quinhentos mil cruzeiros. Há não muito tempo, êstes selos estavam sendo vendidos pelo valor que nêles está estampado. Algumas pessoas compravam-nos por algumas moedas, para suas coleções. E, agora, essas mesmas pessoas devem estar fazendo uma viagem de turismo pelo mundo, com a fortuna **inesperada** que lhes veio ter às mãos...

Transportemo-nos agora, para os Estados Unidos. Até o ano de 1857, os selos eram impressos em fôlhas contendo duzentas unidades, cada uma; em seguida, eram cortados com um instrumento afiado. Quando a utilização de instrumentos para picote passou a ser permanente, os colecionadores de selos passaram a verificar, com cuidado, os selos provenientes da grande república, pois eram freqüentes os furos produzidos na estampa, por falhas dos instrumentos de picote.

Alguns anos atrás, dois negociantes de selos adquiriram 40 fôlhas de selos "aéreos", de seis "cents", nas quais faltavam as perfurações horizontais. Imediatamente, colocaram anúncios a respeito, informando que os selos estavam perfeitos, sem a menor ofensa às estampas. Pouco tempo depois, conseguiram vender o lote pela fabulosa importância de **3 milhões de cruzeiros.** Atente-se para o fato de que as 40 fôlhas de selos haviam custado **apenas 14 mil cruzeiros!**

Outro caso interessante, quanto ao valor de alguns selos, foi o ocorrido com uma jovem que, procurando um livro de caráter científico, na biblioteca de seu falecido pai, um professor de Washington, encontrou entre duas páginas do mesmo um envelope, contendo um sêlo de aparência singular; êste sêlo

DOS SELOS

um "penny" vale um milhão e quinhen-
um dos passatempos mais difundidos
pessoas que procuram efetuar desco-
estampas, de tôdas as proveniências

NEER trazia uma reprodução da assinatura do Presidente James Buchanan, e um 10 de dimensões desproporcionais, anexado ao mesmo. Intrigada, a rapariga mostrou o envelope a um membro de sua família, que, imediatamente, classificou a estampa como sendo um dos selos provisórios utilizados antes de 1847, ano em que o Congresso dos Estados Unidos instituiu a selagem oficial. Durante a época que antecedeu a essa resolução, os chefes dos correios de 12 cidades dos Estados Unidos faziam circular seus próprios selos, particularmente. E' desnecessário dizer que o sêlo, achado pela rapariga, tinha um grande valor: 300 mil cruzeiros!

Um comerciante de Washington comprou, certa vez, uma fôlha contendo 100 selos aéreos de 24 "cents", da primeira edição de 1918. Ficou assim, de posse de uma das poucas fôlhas dessa edição, na qual o avião impresso na estampa aparecia, por um êrro de impressão, em posição invertida. Os 100 selos, que lhe haviam custado **700 cruzeiros**, foram vendidos, logo depois, a um negociante de selos, **por 45 mil cruzeiros!**

Façamos agora uma pausa em nossa excursão filatélica, para ouvirmos a opinião abalisada de Edwin Mueller, co-proprietário da "Companhia Filatélica Mercury, editor do "Jornal Filatélico Mercury", e membro do "Comité Especializado Friedl", uma organização independente, que se dedica à verificação da veracidade de selos raros. Nesta última função, o Sr. Mueller tem efetuado pesquisas em tôrno de descobertas importantíssimas para a filatelia, e está convencido de que existem ainda grandes quantidades de estampas que não foram achadas pelos colecionadores em geral.

Diz êle: — "Qualquer pessoa, que mantenha os olhos bem abertos e que saiba alguma coisa a respeito de selos, pode ainda efetuar descobertas bastante lucrativas, a despeito do fato de que a coletânea de selos se desenvolva, sòmente nos Estados Unidos, há mais de um século!"

Para reforçar o que afirma, o Sr. Mueller cita o caso recente de um rapaz de Brooklyn, que comprou, por alguns dólares, uma reprodução de um sêlo austríaco. Consultando posteriormente, em casa, um catálogo de selos, chegou à conclusão de que estava de posse de um sêlo de grande valor. Foi a "Comité Friedl" e, após alguns dias de espera, obteve a confirmação do que supusera: a estampa era um "mercúrio escarlate", existindo, em todo o mundo, cêrca de 30 a 40 cópias do mesmo; seu valor é de cêrca de 60 mil cruzeiros!

Eis agora o que afirma o Sr. Peter G.



Numa coleção pouco dispendiosa de estampas, comprada por 9 mil cruzeiros, o Sr. Warren Du Bois encontrou um sêlo de 1 cent, de côr azul, datando seu cancelamento de 17 de agôsto de 1861, conforme se vê na fotografia da página anterior. Atualmente, êsse colecionador pede a bagatela de 1 e meio milhão de cruzeiros pelo mesmo!

Keller, secretário da Associação Americana de Negociantes em Selos: — "Com conhecimento especializado, qualquer pessoa pode conseguir uma rápida fortuna, procurando selos ainda não descobertos".

Perguntamos agora: — "Existem ainda possui-



Sòmente porque o avião dêste sêlo de 24 cents foi colocado, por um êrro de impressão, em posição invertida, na primeira emissão de selos aéreos, em 1918, o valor do mesmo é de 120 mil cruzeiros, atualmente.

dores de selos que sejam leigos? Não terão as hordas de colecionadores esgotado o mercado de selos?"

Responde o Sr. Keller à primeira pergunta, afirmando que existem ainda inúmeras pessoas, possuidoras de selos de grande valor, que nem ao menos imaginam a fortuna que têm em mãos. E à segunda pergunta, dizendo que o mercado é vastíssimo e inesgotável.

E, como poderemos achar êsses leigos, que nos vendam os selos?

Quem responde a esta pergunta é Bernard D. Harmer, vice-presidente da Companhia H. R. Harmer, uma das maiores organizações filatélicas em todo o mundo, possuindo agências em Nova York, Londres e Sydney. Diz êle:

"Para tornar-se um vencedor, deve o leitor conhecer selos e seus mercados. E' preciso saber o que está comprando, quando adquire algum sêlo; tem ainda que estar familiarizado com os tipos de selos, suas dimensões, as marcas dos correios, os carimbos, as diferenças de papel utilizado na impressão das estampas e assim por diante. Só desta forma estará alguém capacitado a reconhecer selos de real valor.



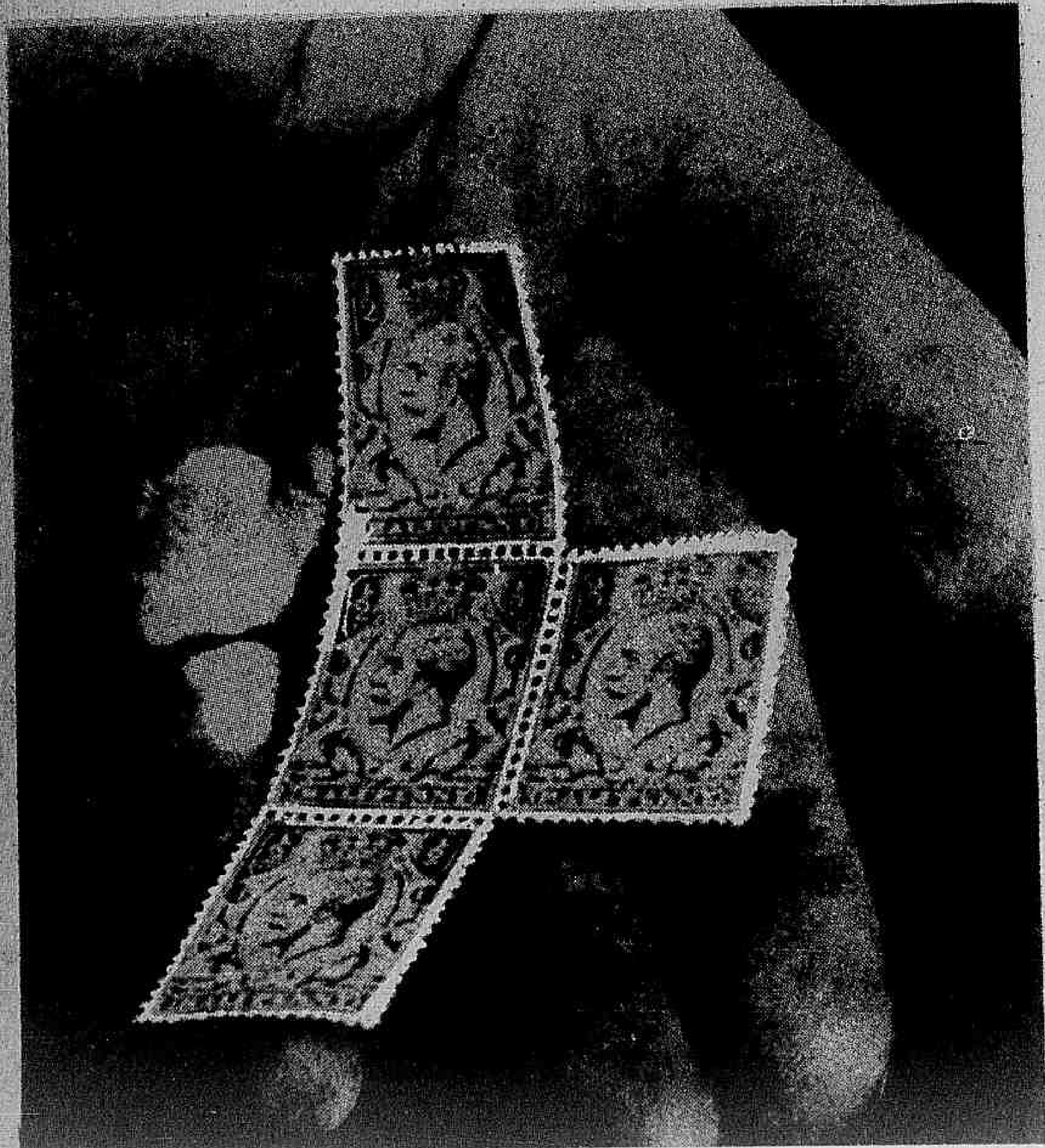
Êste sêlo deu lugar a um incidente internacional, quando foi impresso, apresentando as Ilhas Falkland como pertencendo à Argentina, pois as mesmas fazem parte do Reino Unido da Grã-Bretanha.

Voltamos a perguntar:

— "Não constituirá uma tarefa quase impossível, o ter que conhecer **tudo** a respeito do vasto campo por que se estende a filatelia? Não existe um grande número de livros a respeito do assunto? Não será isto tão difícil de aprender, como as imensas obras de Física?"

E volta a responder o Sr. Harmer:

"Êste é, justamente, o ponto interessante. Ninguém tem que saber **tudo** a respeito de selos! Existe um meio de **iludir** os demais colecionadores; basta que a pessoa se concentre numa só categoria, como, por exemplo, os selos de um país, ou de um grupo de países. Constitui uma excelente idéia selecionar as estampas de pequeno dispêndio, de uma pequena e jovem nação. Neste caso, o indivíduo deve procurar **tudo** que existe a respeito do ramo a que se dedicou: livros, pequenas obras, catálogos, opiniões de autoridades no assunto, e assim por diante. Finalmente, deve o colecionador obter o Catálogo Scott, que constitui a Bíblia dos filatelistas, e por meio da qual êstes ficam a par dos valores atuais das estampas."



E continua a explicar a sua teoria:

"Eis agora o ponto principal, para o colecionador — uma pessoa que lide com selos, por maiores conhecimentos gerais que possua, saberá muito pouco a respeito de **uma categoria particular.** Desta forma, não será difícil propor-lhe uma troca ou uma venda, que pode apresentar perspectivas de lucros para ambas as partes (notadamente para quem propõe a transação...)."

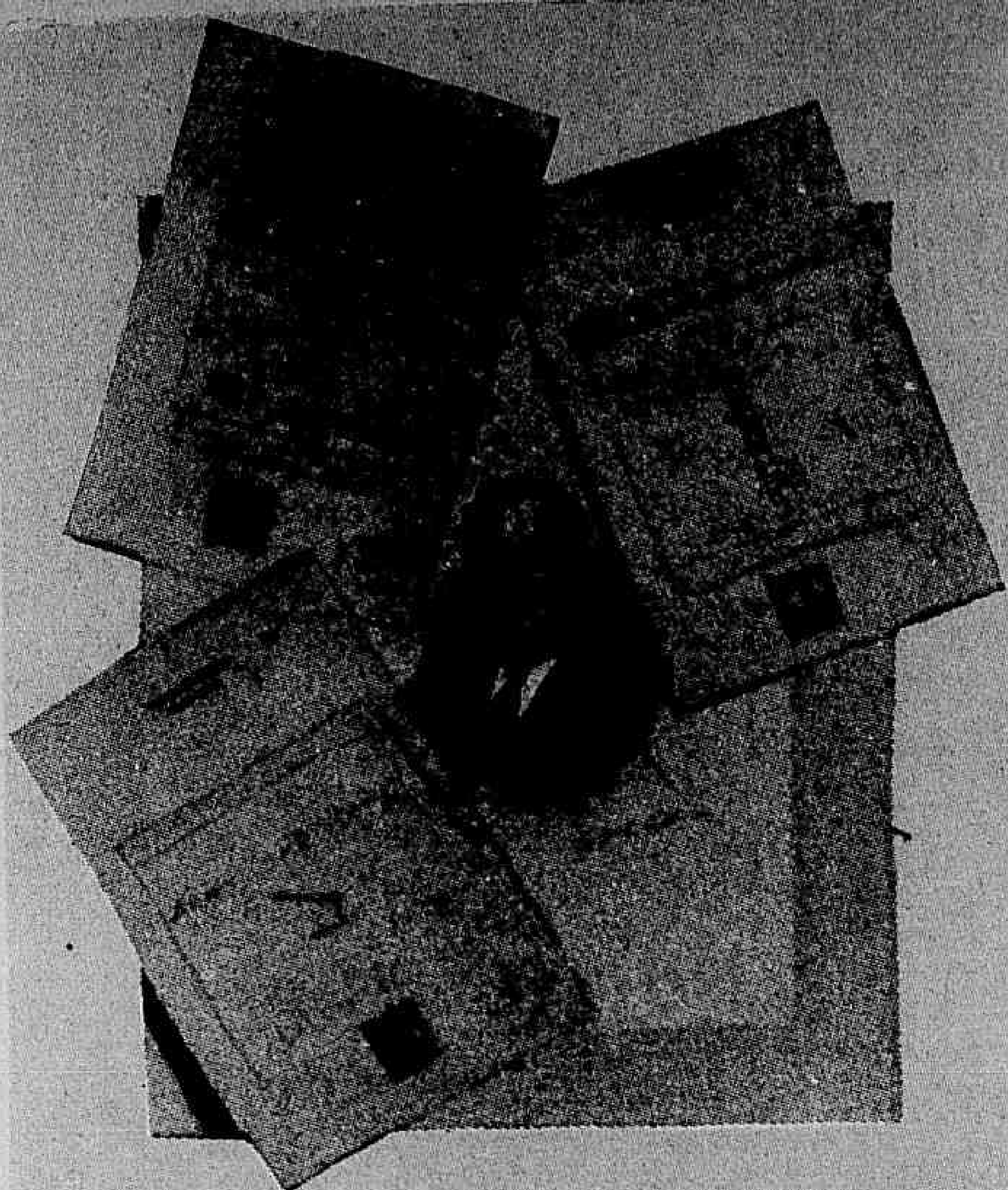
Nova pergunta:

"— E' ainda possível descobrir grande quantidade de selos? Não terão os pesquisadores rebuscado em todos os locais onde pudesse haver uma estampa guardada ou esquecida?"

Nova resposta por parte do Sr. Harmer:

"— De fato, o número de colecio-

Simplesmente porque houve um engano na impressão dos algarismos expressando o valor dêstes selos inglêses de meio "penny", seu valor ascendeu para cento e cinqüenta cruzeiros, cada exemplar



Projetos de selos feitos pelo finado Presidente dos Estados Unidos, Franklin D. Roosevelt, em 1940, foram tornados, mais tarde, em estampas, utilizadas naquele país. Os projetos originais, que se vêem na fotografia, alcançaram atualmente uma preço fabuloso.



O Departamento de Informações de Guerra dos Estados Unidos, na Segunda Grande Guerra, emitiu selos jocosos, representando a morte de Hitler (à direita), enviando-os para a Alemanha, próxima do colapso. Êste material de propaganda anti-nazista foi baseado no sêlo em homenagem ao terrível ditador, que se vê à esquerda, emitido em 1937. Cada um dêles vale, agora, alguns milhares de cruzeiros.

nadores é imenso, mas não poderiam êles penetrar em tôdas as casas, para rebuscar no meio de papéis velhos, documentos, etc. Um exemplo do que afirmo é a descoberta efetuada no depósito de uma casa bancária de Filadélfia, onde, no meio de grande quantidade de papéis sem valor, estavam 42 selos de valor; essa descoberta foi feita 65 anos após a impressão dos selos!"

Voltemos, agora, à nossa excursão; atravessando o Atlântico, chegamos à velha e tradicional Inglaterra. Aqui, no elegante bairro de Mayfair, situado em Londres, uma senhora de idade achou, recentemente, algumas fôlhas de selos, que haviam sido compradas por seu finado espôso, muitos anos antes. O valor original das mesmas era de 21 mil cruzeiros. A afortunada senhora conseguiu vendê-las por 900 mil cruzeiros!

Dessa forma, poderíamos percorrer exaustivamente todo o mundo, apresentando casos semelhantes, colocando sempre em relêvo a **Senhora Fortuna,** que, **casualmente,** bate à porta de certas pessoas...

Passemos, assim, a focalizar alguns esclarecimentos prestados pelos altos entendedores da filatelia. Relação dos selos mais procurados em todo o mundo, todos de alto valor no mercado filatélico:

"Departamento de Correios" de Mauritius — Em 1847, uma estampa de um "penny", de côr laranja, e uma de dois "pence", de côr azul, foram impressas na ilha de Mauritius. Quem as gravou foi

O carro que aqui se vê constitui o único departamento de venda de selos sôbre rodas, que existe no mundo, segundo afirma seu proprietário, Pol Charriaud.

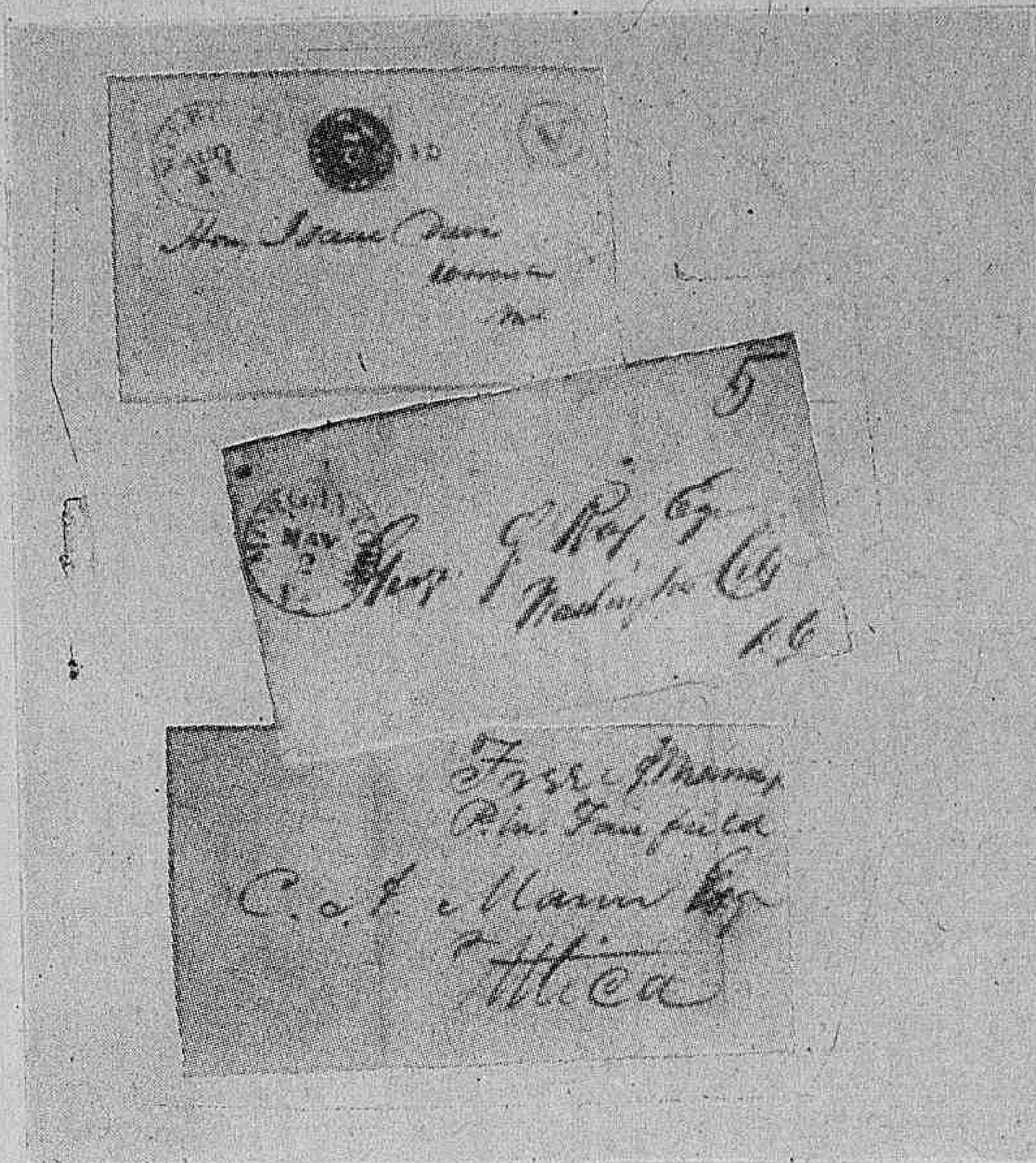


Até os reis colecionam selos. Nesta fotografia, o finado rei George VI, inspecionando sua coleção em companhia de Sir John Wilson, Curador de Selos Reais.



um joalheiro semi-cego, que recebeu dez libras por seu trabalho, e passou a receber dez shillings por milhar de selos que imprimisse. Existem agora, apenas 26 cópias conhecidas, de ambos os selos, variando o valor dos mesmos, na seguinte fórmula: 450 a 600 mil cruzeiros para o de um **penny**, e 450 a 510 mil cruzeiros para o de dois **pence**, dependendo das condições em que se encontrem.

Selos particulares provisórios — Editados num pequeno período de tempo que antecedeu o ano de 1847, nas cidades de Baltimore, S. Louis, Alexandria, Anápolis, Boscawen, Brattleboro, Millbury, New Haven, New York e Providence, tôdas nos Estados Unidos. Alguns dos selos aqui referidos apresentam grande importância. O motivo de sua impressão e o caráter da mesma já foi explicado em outro ponto dêste artigo. Resta dizer que o sêlo proveniente de Alexandria alcança o valor de 450 mil cruzeiros, enquanto outros dessa série atingem os 300 mil cruzeiros.



Estampas improvisadas e utilizadas pelos chefes de correio de 12 cidades dos Estados Unidos, antes de que o Congresso autorizasse a impressão de selos federais, resultaram em envelopes como os que se vêem na fotografia acima, e que, agora, fazem parte das coleções filatélicas.

Sêlo de dois cents, da Guiana Inglêsa — De côr rosa pálido, sem perfurações, datado de 1850. Poderá atingir um valor máximo de 525 mil cruzeiros.

Sêlo hawaiiano, de dois centes — De côr azul, (1851-52); tem o valor de 450 mil cruzeiros.

Sêlo de 15 cents, datado de 1869 — Nas côres marrom e azul, representando o desembarque de Colombo na América. E' interessante notar a variação de seu valor, causada por um êrro de impressão. Se a figura está colocada corretamente, seu valor é de **apenas 830 cruzeiros**; se, no entanto, a figura está colocada em posição invertida (em virtude do referido êrro de impressão), o preço sobe assustadoramente para **300 mil cruzeiros!**

Sêlo de 30 cents, datado de 1869 — Impresso nos Estados Unidos; côres carmim e azul, com as bandeiras invertidas. Alcança o valor de 240 mil cruzeiros.

Sêlo de 24 cents, datado de 1869 — Impresso nos Estados Unidos; côres verde e violeta, com a figura invertida. Vale 180 mil cruzeiros.

Sêlo aéreo de Pinado, representando a Nova Terra descoberta — Editado em 1927, com uma estampa do Rei Henrique VII. Tem o valor de 113 mil cruzeiros.

Primeiro sêlo aéreo, lançado em 1918 — Com a figura representando um avião, invertida, estampada em côr azul, com um fundo rosa-carmim. Seu valor é de 120 mil cruzeiros.

Sêlo da Guiana Inglêsa, datado de 1856 — Se é de 4 cents e apresenta uma côr avermelhada, vale 18 mil cruzeiros. Se é de 4 cents, em côr azul, o preço alcançado é de 120 mil cruzeiros. Se, ainda, é de 4 cents, azul, com o rebordo colorido, alcança 200 mil cruzeiros. E, finalmente, se é o de um cent, de côr avermelhada, seu possuidor pode pedir qualquer preço por êle, pois, até agora, só se conhece uma cópia do mesmo, que constitui a estampa mais valiosa em todo o mundo, alcançando o valor de **um milhão e quinhentos mil cruzeiros!**

Convém lembrar que o estado em que se encontra o sêlo constitui um fator importante, no que se refere ao seu valor. As cópias extra-finas obtêm os melhores preços, enquanto as estampas não usadas, sem goma, ou com a goma parcialmente usada, ascendem a preços menores do que as cópias ostentando a goma original completa. Estampas que se encontram ligeiramente defeituosas, desbotadas, canceladas, manchadas, perdem grande parte de seu valor. Já os selos danificados, mutilados, ou com manchas muito salientes, são recusados pelos grandes colecionadores e apresentam usualmente uma pequena fração do valor que teriam, se estivessem perfeitos ou quase perfeitos.

Na certa, já terá ocorrido ao leitor, o seguinte: — Comprar novas edições de selos, no departamento dos correios, guardá-las durante algum tempo, deixando subir seu valor, vendendo-as posteriormente, para conseguir, assim, algum lucro.

Desta forma, segundo afirmam os entendidos, estará o leitor se expondo a perder o seu capital, pois êsses investimentos em selos oferecem sério risco. Na filatelia, o que apresenta grandes possibilidades de lucro é a compra e venda dos selos de valor.

Segundo Sylvester Colby, presidente de uma das firmas filatélicas mais importantes dos Estados Unidos, isto pode ser feito apenas por pessoas bastante astutas e dotadas de grande sorte. Diz ainda que, algumas vêzes, investimentos de capital em selos produzem ótimos resultados. Cita como exemplo, o ocorrido em 1898, quando apareceu a edição Trans-Mississippi; um cidadão comprou cêrca de 1 000 dólares de selos, em meias

fôlhas, com tôdas as denominações dessa edição. Deixou-os guardados e, alguns anos depois, passou a vendê-los em pequenos grupos. Decorridos 50 anos, êle havia conseguido um lucro de 99 mil dólares, além de haver pago os estudos de dois filhos na Universidade de Harvard.

Exemplos como êsse constituem, no entanto, exceções. Quem quiser guardar selos, que os guarde por divertimento, pois não é aconselhável inverter muito dinheiro em estampas. O melhor, mesmo, é procurar selos valiosos em locais onde se julgue poder encontrálos, ou então, efetuar trocas com outros colecionadores.

Devemos advertir o leitor que, como em todos os demais ramos de arte (sim, porque a filatelia não deixa de ser uma arte), existem os espertalhões e falsários que, a exemplo do que ocorre com a pintura, aproveitam-se da ignorância ou inadvertência de alguns para impingir-lhes selos falsos, quimicamente preparados, conseguindo assim ótimos lucros. Aproveitam-se ainda dos defeitos de impressão, como o caso da figura invertida, e da tremenda confusão que reina no mundo dos selos, com o **picote**, os **cancelamentos**, os **erros de impressão**, e por aí afora. A filatelia requer, pois, uma atenção e cuidado especiais.

Para o esclarecimento de certas pessoas, quanto à validade e importância dos selos que possuem, existe nos Estados Unidos a Fundação Filatélica com o seguinte endereço: 22 East 35 St., N. Y. C. Mediante o pagamento de uma pequena taxa, seus técnicos verificarão se o sêlo é verdadeiro, passando um atestado de exatidão, no caso positivo. Também o Comité Especializado Friedl emite certificados de validade, especializando-se, porém, em selos do exterior. Seu enderêço é: 522 Fifith Ave., N. Y. C.

Para finalizar as explanações que se fazem necessárias ao leitor, para que fique a par da importância que tem hoje a filatelia em todo o mundo, apresentamos abaixo quatro regras, enunciadas por Winthrop S. Boggs, diretor da "Fundação Filatélica", com o propósito de evitar os enganos e ludíbrios, muito dentro do vasto campo dos selos.

1. Compre apenas de um negociante honesto e idôneo.

2. Evite as **pechinchas.** Se o sêlo fôr de valor, não há motivo para alguém o vender por preço baixo, pois para os selos de bom preço existe sempre um mercado interessado.

3. Não tente verificar a validade do sêlo por si mesmo, pois pode arruiná-lo ou destruí-lo fàcilmente. Deixe esta atribuição para os especialistas.

4. Não compre um sêlo muito dispendioso, sem estar acompanhado por um certificado de garantia.

Após estas considerações gerais sôbre a filatelia, é muito fácil compreender o motivo pelo qual tantos milhões de pessoas colecionam selos. Isto tanto possibilita uma distração educativa, quanto uma oportunidade de descobrir alguma estampa de alto valor, que esteja guardada em algum canto da casa ou do escritório. Fique pois o leitor ciente de que, sempre que encontrar algum sêlo que lhe dê a impressão de ser valioso, deve procurar informar-se a respeito, pois a **Fortuna** pode estar rondando o seu lar!



COMO VOCÊ RESOLVERIA ISTO?



A fim de embelezar um hospital que dirigia em Passadena, Califórnia, eu próprio havia plantado cêrca de 250 pés de gerânios, com todos os cuidados requeridos pela melhor técnica, ao longo das aléias que cortavam o grande parque em suave declínio, até ao bosque vizinho. Uma manhã, infelizmente, verifiquei que tôdas as flores e também a maior parte das plantas haviam desaparecido. Veados e gazelas das florestas de Mount Wilson, cêrca de meia milha distante, tinham vindo simplesmente comer o que me custara tanto trabalho. Voltei a plantar outros 250 pés e comecei a pensar num meio de impedir a aproximação dos devastadores. A lei proíbe que se mate ou maltrate êsses graciosos animais. Além do mais, não possuíamos cães que os afugentassem. Da mesma forma, não podia me arriscar a empregar veneno, pois o imenso parque, durante o dia e à tarde, vivia povoado com a graça de várias dezenas de crianças, filhas ou simples parentes dos internados e dos seus visitantes. E, justamente, quando me encontrava em pleno sol, no meio do parque, pensando na resolução do problema, algumas crianças surgiram com seus brinquedos. Observando-as . . . encontrei a solução. Podem descobrir como me arranjei para manter afastados os animais.

(*Resposta na página* 117)

NOS DOMÍNIOS DA GRAMÁTICA

"A palavra, êsse dom celeste que Deus deu ao homem e recusou ao animal, é a mais sublime expressão da natureza: ela revela o poder do Criador e reflete tôda a grandeza de sua obra divina."

JOSÉ DE ALENCAR

QUESTÕES PRÁTICAS

I — EXCEÇÃO

De um documento oficial:

"A lei não admite **excessões.**"

Notamos que se vai generalizando essa cacografia. Do latim **exceptione(m)**, acusativo de **exceptio**, tivemos **excepção**, que hoje se escreve, por fôrça da simplificação ortográfica, **exceção.** Com o **p**, ainda temos o adjetivo **excepcional.**

A forma **excessão** parece resultar de confusão com **excesso** (do lat. **excessus**), ou de **cessão** (do lat. **cessio**).

II — LUSO-BRASILEIRO

De uma revista:

"Sempre defendemos os interêsses **lusos-brasileiros.**"

A flexão dos nomes compostos é realmente matéria difícil e delicada. Não assim, porém, quando se trata de palavras formadas de dois adjetivos: nesta hipótese, a regra geral e invariável é pluralizar apenas o último elemento. Diga-se, pois: interêsses **luso-brasileiros (franco-brasileiros, ítalo-brasileiros).**

III — VERDE-NEGRO

Quanto aos compostos **relativos** a côres não existe disciplina absoluta, embora o mais geral seja conservá-los invariáveis, como nos seguintes exemplos:

Vidros verde-mar — ternos azul-marinho — gravatas azul-marinho.

Há exemplos, contudo, de construções em que o segundo elemento, representado por adjetivo, concorda com o substantivo: **escamas verde-escuras** (Camilo); **pomares verde-negros** (Eça).

IV — DE MANEIRA QUE

De um jornal:

"Tudo foi providenciado de maneira a atender aos seus desejos."

Para os caturras, a construção é galicana. Com efeito, em bom vernáculo, temos **de maneira que,** tal como empregou o nosso Machado de Assis: "...**de maneira que** a narrativa pode fazer-te de um folhetim de periódico semanal."

A verdade, no entanto, é que a expressão **de maneira a** é encontrada em bons escritores. Como **de modo a.**

V — MAIS DE UM

De uma revista:

"**Mais de um leitor acertaram** as respostas."

Não soa bem: **mais de um... acertaram.** Em boa doutrina, porém, não podemos condenar essa construção sumàriamente, eis que encontra defesa nos clássicos.

Exemplos para todos os sabores:

"**Mais de un coração teria** de bater apressado." — Herculano

"**Mais de um observador** devia enganar-se com êle." — Rebêlo da Silva

"**Mais de um escritor** poderiam aprender." — Castilho

"**Mais de um exemplo** lhe asseguram isso." — Herculano

VI — PRECAVER-SE

De um jornal:

"Pecavenhamo-nos:.."

Diga-se:

"Acautelemo-nos..."

O verbo **precaver** é defectivo: só se conjuga nas formas arrizotônicas.

Assim:

Presente do Indicativo

...
...
...
precavemo-nos
precaveis-vos
...

Presente do Subjuntivo

não há

Imperativo

...
...
...
...
precavei-vos
...

Nos demais tempos, é conjugado integralmente.

As formas inexistentes do verbo precaver-se podem ser supridas pelos verbos **precatar-se, acautelar-se** ou **prevenir-se.**

★

CORRESPONDÊNCIA

M. M. (Nesta) — "Li, há dias, num livro de autor muito conhecido: "Morávamos na rua da Passagem." Está correto, Sr. Ricardo Neto?"

Está certo.

Machado de Assis escreveu: *"Morava na rua de D. Manuel."*

Pergunta-se: em que rua mora? Usa-se, na resposta, a mesma preposição: moro na rua...

JOSÉ RICARDO NETO

OS SEGREDOS DA ALTA PERFUMARIA

A MATÉRIA PRIMA DE UM BOM PERFUME PODE SER UM ANIMAL MORTO

Por C. E. IBERO



EM todos os tempos, os perfumes têm tido grande importância. Os egípcios, gregos, árabes e romanos faziam dos mesmos um uso considerável. Os perfumes orientais foram introduzidos na Europa por intermédio da Espanha e, também, trazidos pelos grandes senhores que retornavam das Cruzadas. Ao examinarmos [illegible] textos do século XVI, [illegible] é raro encontramos referências aos mesmos, afirmando que "os perfumes corriam como água". Isto parece um exagêro, mas, na verdade, não é. [illegible] efeito, o garfo não teve seu aparecimento [illegible] a partir do século XVI. Assim [illegible] banque-[illegible] comensais se serviam das mã[illegible] de-[illegible]lavavam com água de rosas ou [illegible] flores de azahar, servidas em grandes jarras. Assim, os perfumes **corriam como água.**

Em meados do século XVI, os perfumistas florentinos introduziram na Eu[illegible] perfumes **especiais**, de preparação ex[illegible] de Médicis, rainha da França, lo[illegible] das luvas perfumadas. Seu per[illegible] ra tão célebre pelos perfumes [illegible] produzia, como pelos venenos que prepara[illegible] não deixavam o menor vestígio, pois consis[illegible] justamente em perfumes. Esta ameaça de **morte perfumada** en-cheu de terror a côrte da França.

No reinado de Luís XVI, os corte[illegible] ainda perfumavam com excesso. Isto, apesar de, Versalhes, por exemplo, as condições de higiene serem, às vêzes, rudimentares. Madamé Pompadour, favorita de Luís XV, gastava, com um só perfume, mais de cem mil francos-ouro, por ano.

A AJUDA QUÍMICA — O SOL, INIMIGO DO PERFUME NATURAL — Na vida moderna, principalmente nestes últimos séculos, os perfumes de[illegible]ram grande importância, devido a vários fatôres. Em primeiro lugar, a química tem representado um papel considerável, vulgarizando o uso dos perfumes ou, melhor dizendo, permitindo a preparação industrial de perfumes baratos ou caros.

Em 1874, Tieman e Hearmann descobriram a preparação artificial da **vanilina**, e, dez anos depois, [illegible] se fabricava a **ionona**, prin[illegible]o odorífero da violeta, que, ainda [illegible] serve de base à fabricação de gr[illegible] quantidade de perfumes baratos.

Os químicos, com seu trabalho eficiente, favoreceram, igualmente, a criação de perfumes **de [illegible]**. Em 1879, inventaram a **[illegible]ropina**, que podia ser obtida **naturalmente**. Mais tarde, passaram a reconstituir outros odores, como o do **cravo** e o do **tabaco**, que não podem ser extraídos das plantas. Sem dúvida, o **tabaco** e a **lavanda** servem de base aos perfumes "masculinos" e que um homem deve p[illegible]o lenço, em determinadas ocasiões.

N[illegible] do século passado, as mulheres elegantes [illegible] perfumavam com flores naturais. Isto é, escolhiam o perfume da flor que mais lhe agradava. A moda dos grandes perfumes, apresentados luxuosamente, em artísticos frascos de cristal, só apar[illegible] ano de 1900.

Não [illegible]des perfumes nos [illegible] não se empr[illegible]essência natural. A essência — extrato p[illegible] perfume natural de uma flor — é extraor[illegible]amente cara. A flor destinada aos perfumes deve ser colhida antes de que brilhe o sol, [illegible] amanhecer, pois em caso contrário perderá, [illegible]essivamente, as suas virtudes [illegible]ríferas, [illegible] que o ar ambiente se aqueç[illegible]. Uma flo[illegible] meio-dia não tem perfume; além disto, [illegible]ecessário saber colhê-la, sem tocá-la nem estropiá-la. Isto constitui uma verdadeira arte! Em Grasse (na Costa Azul, França) que, como Granada, na Espanha, é a cida[illegible] das flores, as mulheres encarregadas dêsse [illegible]viço chegam a colhêr um quilo de jasmin[illegible] cêrca de dez mil flores — em uma hora! Cento e cinco quilos de pétalas de rosas, significando



nhoras ou mocinhas, que são os "manequins" da perfumaria. Felizmente para os perfumistas, muitas mulheres são fiéis, durante tôda a vida, ao perfume que escolheram uma vez, e que faz parte da sua personalidade.

A ESCOLHA DO PERFUME — Os nomes pelos quais são designados os perfumes têm que ser particularmente evocadores e harmonizar com **"um momento"** ou um **"estado d'alma"**. Isto, pelo menos, dizem os grandes artistas do perfume. Por exemplo (para citar três perfumes que não existem): "Noite de Glória" não deve ter a discrição de "Flores de Primavera". Por sua vez, "Tentativa" deve ser, com efeito, **atrevido!** A mulher elegante usa vários perfumes que podem harmonizar mais ou menos felizmente, com as suas "toilettes" e com as ocasiões em que os use. Como regra geral, às louras convêm os perfumes suaves; às portadoras de cabelos castanhos, os perfumes ligeiramente picantes; às morenas, os mais agressivos. E' evidente que um perfume de odor demasiadamente penetrante não é próprio para uma mocinha. Um traje azul pode ajustar-se maravilhosamente com um perfume à base de lavanda; um traje vermelho condiz com um perfume mais forte ou, pelo contrário, um tipo de essência que modere, que suavize a atração representada pela "toilette". O excesso de perfume não é indício de feminilidade. Um tipo de mulher sem estar perfumada, se singulariza em um baile ou banquete de gala. Já um tipo de mulher mal perfumada, carece, indiscutìvelmente, de atrativos. A maior parte das mulheres elegantes e refina-



cinco milhões de flores, cuja coleta representa mais de quinhentas horas de trabalho, são necessárias para a extração de um quilo de essência absoluta. Êste quilo de essência de rosas, de primeira qualidade, é vendido a preços astronômicos.

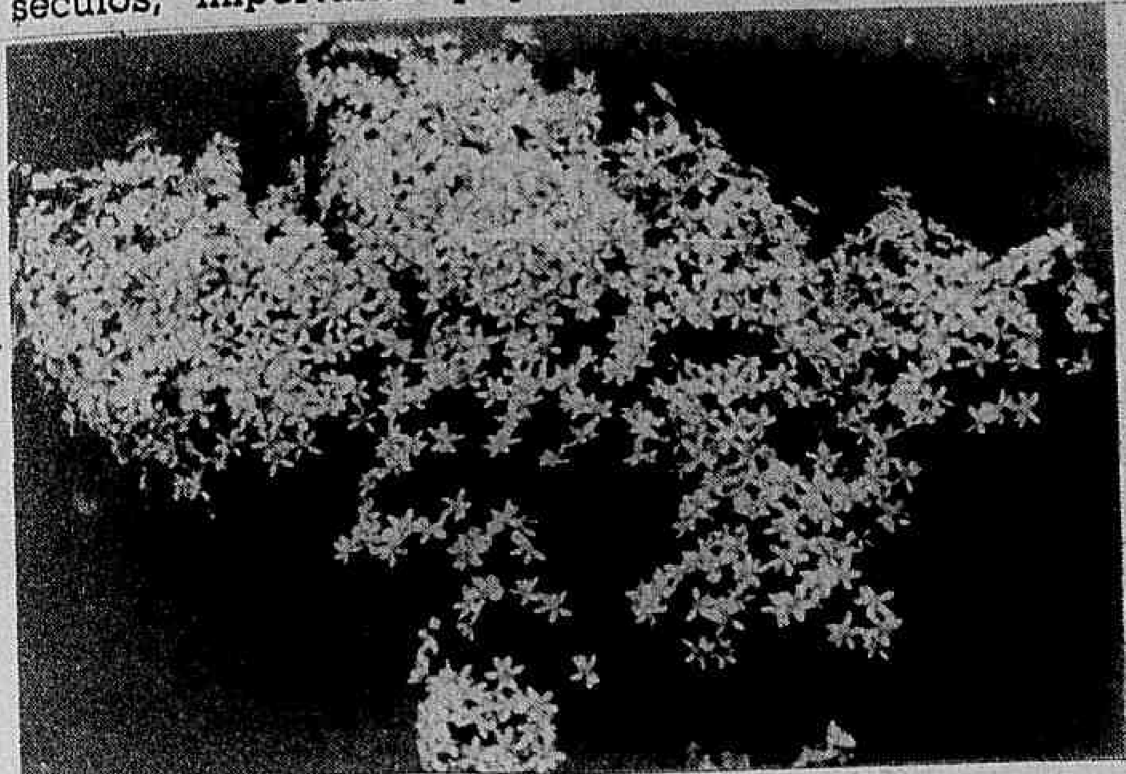
Para a obtenção de um quilo de lavanda, são necessários duzentos e cinquenta quilos de flores, e são precisos três mil quilos de resedá, para a preparação de um quilo de essência.

O PERFUME ANIMAL, MATÉRIA PRIMA INDISPENSÁVEL — A essência é obtida pela distilação das pétalas, ou utilização de um dissolvente como o éter ou a benzina, quìmicamente puros. Tem-se também utilizado um processo de engraxar as flores com uma pomada, que lhes estrai o perfume. Um grande **perfume de composição** se prepara, às vêzes, com ajuda de cinquenta essências ou produtos sintéticos. O criador de perfumes de grande luxo deve dispor de uma gama de mais de duzentos perfumes, entre os quais se encontram, obrigatòriamente, as essências de espécias, fôlhas, grãos e madeiras, como o limão, cânfora, baunilha, cravo, etc., e deve contar também com produtos de origem animal, como o âmbar cinzento, segregado pelo cachalote; o "castoreo", segregado pela fêmea do castor; o "almíscar", que provém de uma certa cabra do Himalaia. E' raro que um grande perfume não contenha perfume animal. O perfume deve harmonizar, em primeiro lugar, com a pessoa que o utiliza. Em si, êle nada significa; mas torna-se **distinto**, de acôrdo com a diferença de pele na qual seja aplicado. Um grande perfume só desprende todos os seus eflúvios quando derramado sôbre a epiderme da pessoa que o elegeu. Êste é o motivo pelo qual as casas especializadas nesta arte criam perfumes para a tarde, para o teatro, para o jantar, para o baile e, também, para certos tipos de mulher. O criador de perfumes deve ser um verdadeiro artista. Às vêzes, trabalha durante anos inteiros no laboratório, para conseguir uma fórmula, que logo ensaia em se



das elegem pessoalmente seus perfumes, e evitam dizer o nome dos mesmos.

A arte dos perfumes data de, pelo menos, dois mil anos A. C. Resinas, especiarias e outros materiais de agradável odor desempenham há séculos, importante papel em nossa vida social



e religiosa. O fragrante incenso e a mirra estavam entre os presentes oferecidos pelos Três Reis Magos.

Nos tempos antigos, o extenso comércio de especiarias, feito por meio de morosas caravanas, era tão importante quanto é hoje o de perfumes e essências sintéticas.

Os perfumes usados atualmente têm como base, na maior parte, óleos naturais extraídos das flores, fôlhas, troncos, cascas, frutos, sementes e raízes de plantas, misturados com compostos aromáticos fabricados pelo químico. Os óleos naturais das plantas são recolhidos de diversas maneiras. No processo conhecido como "enfleurage", lâminas de vidro untadas com gordura são cobertas com flores recém-colhidas, as-



sim permanecendo [illegible] te- sido inteira[illegible] xa. Êste p[illegible] cios, aind[illegible] po[illegible] de certas [illegible] urais são [illegible] conseguidos [illegible] s de vapor através de vasos [illegible] cheios de flores [illegible] outro material [illegible], sendo, então, o óleo escumado do [illegible] assim obtido. E' desta maneira que se consegue [illegible] essência de rosas.

Alguns aromas delicados como o do jasmin e das tuberosas são destruídos pelo calor, quando destilados a vapor, sendo necessário empregar para êles o processo de "enfleurage". Desde que, por um ou outro processo, tornam-se necessárias várias to-



neladas de flores para se obter cêrca de 30 gramas de óleo, não é de surpreender que o preço de alguns dos óleos naturais seja tão elevado.

A guerra européia trouxe uma grande escassez de essências naturais. As substâncias que dantes eram importadas da França ou da Itália, ou não se podem obter, ou existem em quantidades tão reduzidas que os preços se tornaram proibitivos. Os produtos naturais, procedentes de outros países, são agora tão escassos e tão caros como aquelas. Assim, a criação de essências sintéticas pelos químicos veio resolver um sério problema, enfrentado pelos fabricantes de perfumes. Em um perfume tìpicamente moderno, a fragrância é obtida pela mistura de um certo número de óleos naturais e, em muitos casos, um ou mais produtos sintéticos são empregados. A mistura perfeita de vários aromas requer do perfumista um verdadeiro trabalho de arte.

Muitos dos produtos sintéticos usados são quìmicamente idênticos ao produto natural. O delicado perfume da rosa, por exemplo, é, em parte, devido ao álcool fenil-etílico, que é fabricado pelo químico, do alcatrão de hulha, a um preço relativamente baixo.

E como os químicos têm ido longe nesse caminho!



Chegaram ao ponto de criar, sintèticamente, essências que nunca puderam ser extraídas de certas flores! Era impossível obter, por exemplo, o perfume do lilás, porque não se conhecia um meio de extração que desse bons resultados; entretanto, êsse perfume se encontra, hoje, à disposição dos perfumistas — graças à química.

O delicado aroma do lírio do vale também foi reproduzido nos laboratórios, pelo mesmo motivo.

E o ciclame ou violeta alpina, cuja fragrância parece combinar o perfume da açucena e o da violeta, e que lembra o aroma do jacinto — não tinha esperança de que alguém pensasse nas emanações de suas flores depois de murchas, se não tivesse a química reproduzido o seu perfume por meios sintéticos.

No entanto, esta flor já era conhecida antes da era cristã!

O cheiro penetrante do pinheiro, o delicado sabor das uvas, o adorável aroma do jasmim e a delicada fragrância da violeta: tôdas estas essências foram obtidas pela síntese. Importantíssimos produtos naturais, como a bergamota e a alfazema, também foram substituídos, em grande parte, pelos produtos sintéticos. São numerosíssimos os novos aromas que foram descobertos nos laboratórios. Hoje, em vez de 200 dêsses aromas, baseados nas essências naturais que tinham ao seu dispor, os perfumistas dispõem, talvez, de cêrca de um milhar, para a elaboração de uma infinidade de perfumes. E a química orgânica continua aumentando o número de "matizes" odoríferos, criando, para tanto, as bases necessárias.

Por mais cuidaaosa que fôsse a preparação de um perfume, porém, êste desapareceria se não fôsse dotado de uma **âncora**, isto é, de um fixador. Até recentemente, todos os fixadores, que são empregados não só para fixar como para combinar as essências, eram de origem animal, como o almíscar e o âmbar cinzento. O almíscar natural é extraído de certas glândulas de um veado que vive nas altas montanhas do Tibet, e o âmbar cinzento ou virgem, do semen da baleia. Umas 30 gramas dêste custa perto de 6 000 cruzeiros, enquanto que aquêle, quando puríssimo, vale muitas vêzes o seu pêso em ouro.

Para boa sorte do ruminante tibetano e dos fabricantes de perfumes, os químicos conseguiram criar uma substância que possui o cheiro e outras características do almíscar. A nova substância oferece certas vantagens sôbre a essência natural: é de uma intensidade uniforme, está pronta para ser usada em qualquer momento e pode ser adquirida a um preço razoável, ficando resolvido, assim, outro problema com que luta, atualmente, a indústria de perfumes, pois os fabricantes não poderiam satisfazer à imensa variedade de gostos que se encontra em matéria de aromas.

À medida que progride a investigação científica, vão aparecendo novos produtos e processos industriais em que o emprêgo de perfumes é indispensável. Uma das aplicações mais interessantes, ùltimamente dadas aos perfumes, diz respeito ao condicionamento mecânico do ar, tendo-se conseguido, além da renovação constante do ar, da sua purificação e temperatura estável, que o ambiente adquirisse, sob o ponto de vista olfativo, uma amenidade que de outro modo não teria. Mas nem por isso se torna perceptível o menor aroma.

A significação dos processos realizados na fabricação de essências sintéticas ultrapassa, como se vê, a indústria de perfumaria pròpriamente dita e constitui mais uma vitória da Química na grande luta pela conservação dos produtos da natureza.



ATENÇÃO! É PRECISO LER!

AGUARDEM O MAIS SENSACIONAL, MAIS ÚTIL E MAIS EDUCATIVO CONCURSO DE QUE HÁ MEMÓRIA EM NOSSA IMPRENSA! EM COMBINAÇÃO COM A «BRAZÍLIA TURÍSTICA E COMERCIAL S. A.» LANÇAREMOS O INTERESSANTÍSSIMO

ÁLBUM - REVISTA DA SEMANA

Com viagens turísticas pelo Brasil, por terra e por mar, desvendando aos olhos do nosso povo e dos estrangeiros aqui residentes, tudo o que de mais belo possui o nosso país!

O "Álbum-Revista da Semana" é indispensável a pequenos e grandes, estudantes e professôres, homens e mulheres, operários e artistas, historiadores e políticos, médicos e bacharéis, engenheiros e militares, sacerdotes e cientistas, jornalistas e comerciários, pois em suas páginas ficará gravado o retrato do Brasil com tudo o que existe de belo, grandioso, sensacional, nas artes e nas letras, nas belezas naturais, nas obras da inteligência humana, numa empolgante seqüência histórica e artística, tudo caprichosamente colorido e de leitura instrutiva, educacional e atraente!



O ÁLBUM - REVISTA DA SEMANA

E' UM MARAVILHOSO BRINDE QUE A "REVISTA" OFERECE AOS SEUS LEITORES! 244 PRÊMIOS NO VALOR TOTAL DE 208 MIL CRUZEIROS PARA OS LEITORES! AGUARDEM O LANÇAMENTO DENTRO DE ALGUNS DIAS!

NÃO HAVERÁ FIGURAS DIFÍCEIS

BRAZÍLIA TURÍSTICA E COMERCIAL S.A.
Rua Visc. de Inhaúma, 134 - 4.° and. - Rio

REVISTA DA SEMANA
R. Visc. de Maranguape, 15 - Lapa - Rio

A PUPILA RUBRA

(Conclusão da página 86)

Ali estava, de pé, na biblioteca, diante de um bom fogo, que estalava alegremente, em agradável contraste com os sons lúgubres dos elèmentos desencadeados fora.

Suas reflexões foram interrompidas pelo ruído de um automóvel, que cruzava pelo largo portão do parque. A seguir, o veículo se aproximou até à porta de entrada, onde êle próprio se postou, sem abrir, porém, esperando até ao último instante, para evitar a violência do vento. Quando viu, pela vidraça, que os recém-chegados saltavam do veículo, abriu a porta e foi receber o chefe e o inspetor Biles.

— Lamento que tenham apanhado uma noite verdadeiramente abominável — disse êle — Começava a temer que tivessem sofrido algum contratempo na estrada de Bedford.

Conduziu-os para o interior, confiando-os ao mordomo Travers, que os levou aos seus respectivos aposentos. Quando tornaram a descer, o jantar os esperava.

— Estou encarregado de apresentar tôdas as desculpas de Miss Armand por sua ausência — disse o médico em tom amargo. — Como devem compreender, ela não deseja afastar-se de Newcastle, **por enquanto.**

Espreitou com olhar velado o rosto do chefe e notou que êsse homem distinto corava um pouco. O mordomo não tardou a deixá-los e então o chefe levantou a cabeça e, fitando o médico bem de frente, declarou:

— Estamos agora inteiramente às suas ordens, doutor.

A conversação versou sôbre assuntos gerais. Terminado o jantar e afastados os criados, Hailey se levantou, indo colocar-se junto da lareira.

Há dois pontos que desejo esclarecer de maneira absoluta, antes... antes de que **certa coisa** aconteça — disse êle — Porém, antes, gostaria de saber o que fizeram, por seu lado. Suponho que puderam identificar o corpo do velho Robin sem dificuldade?

—Exatamente! — disse o chefe — O relógio e a corrente lá estavam e foram suficientes. O fato causou enorme sensação na região, onde se acredita que o crime foi praticado pelo genro, morto na guerra. Segundo parece, houve séria discussão entre Robin e o noivo da sua filha...

— De fato. O velho começou por romper o noivado da filha, que só pôde contrair núpcias após a morte do pai.

— Naturalmente, a polícia deu ordens severas para que nada seja feito antes de anunciadas as providências apropriadas pela chefatura.

Ao falar, o chefe baixou os olhos para a toalha. Parecia estar "na defensiva", diante do médico. Levou o copo de "Pôrto" aos lábios, num gesto que procurou aparentar natural.

— E de Hendred Castle? — perguntou o médico, implacável — Tem notícias?

— Oh, sim! Um longo telegrama, retransmitido de Londres, que nos alcançou em New Castle, esta manhã — declarou Biles.

— Por Deus, Hailey! — exclamou o chefe, com voz vibrante — E' realmente um homem fantástico! Tudo estava segundo havia previsto. Encontraram o velho vigário no túmulo indicado. Enterrado com o seu acompanhante, segundo havia afirmado.

— E os olhos?

— Também como o senhor havia previsto... Exatamente!

Houve um pesado silêncio entre êles. A tempestade parecia redobrar de intensidade e as grandes janelas tremiam nos caixilhos. Também o embate das vagas contra o paredão rochoso parecia marteladas subterrâneas.

— Os senhores concordam comigo, então? Também pensam que **a mesma mão praticou os três crimes?**

— Deve ter sido assim. Não pode haver coincidência para casos tão numerosos e tão idênticos.

Novo silêncio caiu entre os três homens. Depois o chefe se levantou, com o copo em mão, dirigindo-se por sua vez para a lareira.

— Dentro de dois ou três dias — disse êle — teremos a solução dêste enigma.

Hailey, a princípio, ficou estupefato.

— Não têm, então, nenhuma suspeita? — perguntou, permitindo-se essa pequenina vingança.

— Até agora... nada — confessou o chefe — Mas deve fazer-nos justiça, meu caro doutor, sem esquecer que estivemos agindo em Hendred Castle e que só na noite anterior estivemos em Pensilian... Há a necessidade de formular petições, antes de abrir um túmulo em terreno consagrado. Sabemos, porém, uma coisa — acrescentou êle baixando a voz — E' que Derwick, com absoluta certeza, jamais visitou qualquer dêsses lugares. Era apenas um rapazola, quando desapareceu o vigário de Hendred Castle... Por outro lado, em 1915, servia como soldado, na França.

— Creio que a apelação será julgada amanhã, pela Côrte?

O rosto do chefe assumiu uma expressão muito grave.

— Lamento dizer — anunciou — que à última hora de hoje houve uma mudança do programa e em Newcastle outro telegrama nos preveniu que a apelação tinha sido recusada. Enquanto não terminadas as nossas investigações em Hendred Castle, não acreditamos que uma intervenção da nossa parte possa ser justificada. Apesar disso, lamento não ter agido mesmo antes de terminado o inquérito.

Hailey coçou a ponta do próprio nariz, parecendo refletir, depois perguntou:

— Suponho que amanhã mesmo será feito o pedido de **sursis?**

— Oh, sim! E' absolutamente certo! Num caso assim, em que o romance envolve o crime, a imaginação do público fica profundamente impressionada, principalmente a das mulheres...

Hailey consultou o relógio.

Nesse instante, passos ressoaram no varandim, fora. Instantes depois tocaram a campainha com dedo vigoroso.

— Vamos... Sigam-me — disse o médico aos seus companheiros. Levou-os para a biblioteca, onde se fechou. Nesse instante ouviram o mordomo caminhar para abrir a porta. Por sua vez, Hailey caminhou para uma larga janela, onde

Livros de Bôlso!

UM GRANDE PRAZER POR POUCO DINHEIRO

Edições Segrêdo

RIO AV. RIO BRANCO, 25 - RUA DO OUVIDOR, 150 - RUA MÉXICO, 128 - 1º e ... LOJAS

SÃO PAULO RUA CONSELHEIRO CRISPINIANO, 403

INTERIOR: PEÇA PELO REEMBOLSO POSTAL, ENVIANDO O TALÃO ABAIXO PARA O RIO DE JANEIRO

O Casamento e suas formalidades legais e sociais — 213 - 15.00
Horoscópios para todos — 197 - 15 00
As Chaves de Salomão — 198 - 13.00
Dicionário de Nomes Próprios — 193 - 15.00
Tenha Sangue Frio — 211 - 15 00
A Cozinha Nortista — Nº 86 — 10.00
Nº 85 — 15,00
Aprenda a Dirigir — 141 - 15,00
138 - 15,00
Nº 30 — 15,00
133 - 15,00

A Ortografia Correta — Luiz A. P. Victoria — 168 - 15,00
Fala e Escreve Corretamente a Tua Língua — Luiz A. P. Victoria — Nº 27 — 15,00
Nº 26 — 15,00
200 - 15,00
Modêlos de Cartas — Nº 90 — 15,00
162 - 15,00
Cartas de Amor — Nº 20 — 15,00
Futebol — 190 - 15,00
Basquetebol — 211 - 15,00
187 - 15,00
Rádio

Vigor Sexual — Nº 8 — 20,00
Hábitos Sexuais do Homem — Nº 127 — 20.00
Sexo e Psicanálise — Nº 130 — 20,00
Vença a Timidez — 165 - 20,00
A Conquista Amorosa pela aplicação da psicologia sexual — Nº 92 — 15,00
Como se fazer Amar — Nº 23 — 15,00
A Arte e a Técnica do Beijo — Nº 93 — 15,00

Estimulantes Sexuais — Nº 67 — 15,00
Problemas Sexuais dos Solteiros
A Felicidade Sexual no Casamento — Nº 3 — 15,00
Práticas Sexuais no Matrimônio — Nº 128 — 20,00
Dicionário Moderno de Sexo e Amor — Nº 7 - 15,00
Nº 91 — 15,00
Métodos Científicos e Modernos para Limitar os Filhos — 87 - 20,00
Costumes Sexuais Estranhos — Nº 4 — 15,00
A Educação Sexual dos Filhos — 166 - 20,00
Manual da Vida Sexual — 174 - 20,00

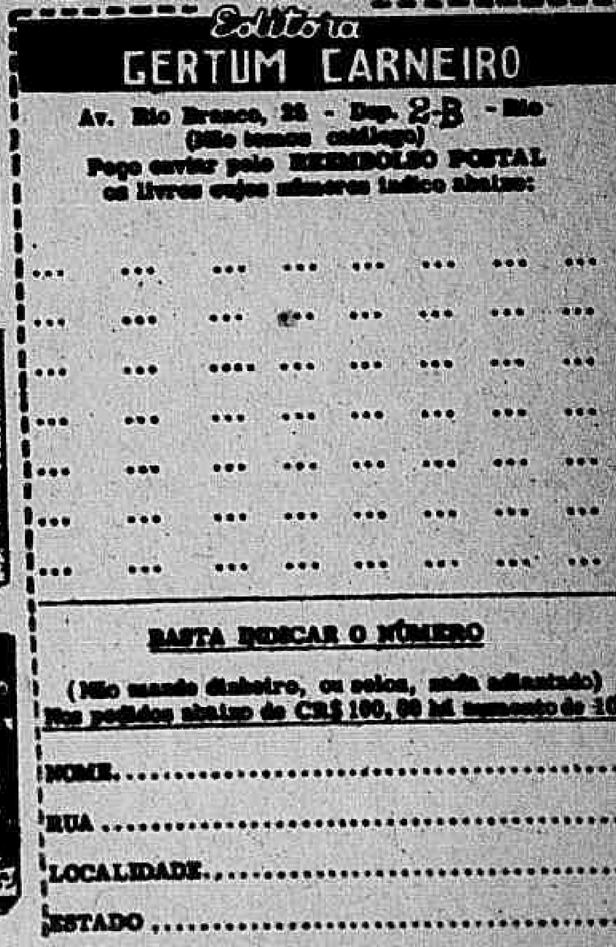
Anormalidades Sexuais — Nº 95 — 20.00
Técnica e Prática Sexual — Nº 2 — 20,00
Enfermidades Sexuais — 190 - 20,00
Psico-Sexualidade — Nº 126 — 20,00
A Cura da Impotência Sexual — 191 - 20,00
Nº 131 — 20,00
165 - 15,00

Jogos de Cartas — 51 - 15,00
Palavras Cruzadas — 157 - 10,00
Aprenda a fazer Mágicas — 158 - 15,00
Anedotas — 169 - 15,00
Curiosidades e Extravagâncias dêste e do outro mundo — 130 - 15,00
Como tirar a sorte — Nº 39 — 15,00
Como ler os pensamentos — Nº 13 — 15,00
Métodos para Hipnotisar — 147 - 15,00
A Santa Cruz de Caravaca — Nº 84 — 15,00
O Verdadeiro Livro de São Cipriano — 184 - 15,00
185 - 15,00

Fórmulas para Ganhar Dinheiro — 153 - 15,00
Saber Emagrecer Comendo — 156 - 15,00
Discursos — Nº 132 — 15,00
1001 — 192 - 15,00
Desenvolva a Memória — Nº 82 — 10,00
Você Sabe Conversar — 188 - 15,00
170 - 15,00
Filosofia da Vida — 167 - 15,00

Personalidade — 183 - 13,00
Conquiste Amizades — 161 - 15,00
Regras para Vencer na Vida — 182 - 15,00
172 - 15,00
Os Três Mosqueteiros — Alexandre Dumas — 155 - 15,00
Aprenda a Fazer Versos — 171 - 15,00
Dicionário de Rimas — 53 - 15,00

Dicionário de Citações ou Frases Célebres Vol. I — Luiz A. P. Victoria — 80 - 15,00
Dicionário de Citações ou Frases Célebres Vol. II — Luiz A. P. Victoria — 144 - 15,00
Dicionário de Citações ou Frases Célebres Vol. III — Luiz A. P. Victoria — 189 - 15,00
Dicionário de Citações ou Frases Célebres Vol. IV — Luiz A. P. Victoria — 196 - 15,00
Os Escravos — Castro Alves — Nº 121 - 10,00
A Cachoeira Paulo Afonso — Castro Alves — Nº 142 — 10,00
As Primaveras — 175 - 10,00
84 - 10,00



Editôra
GERTUM CARNEIRO
Av. Rio Branco, 25 - Dep. 2-B - Rio
(Não temos catálogo)
Peço enviar pelo REEMBOLSO POSTAL os livros cujos números indico abaixo:

... ...

BASTA INDICAR O NÚMERO

(Não mande dinheiro, ou selos, nada adiantado)
Nos pedidos abaixo de CR$ 100,00 há aumento de 10%

NOME.............................
RUA..............................
LOCALIDADE.......................
ESTADO...........................

colocou seus dois amigos, correndo sôbre êles um pesado reposteiro. — E' preciso, por enquanto, que fiquem assim, escondidos do visitante — explicou.

Biles lançou um olhar para o seu chefe, a quem a idéia de ficar escondido por tempo indeterminado não parecia agradar muito, embora parecesse disposto a seguir fielmente os instruções do doutor. Por sua vez, Hailey, depois de assim fazer com os seus dois amigos, caminhou para a poltrona mais próxima da lareira, onde se instalou:

Poucos segundos mais e a porta foi aberta pelo mordomo que anunciou:

— O reverendo Hardgreaves Willoughby.

CAPÍTULO XXXV

O salto do tigre

O vigário de Calthorpe avançou com passo firme e alerta. O vento havia dado mais côr às suas faces geralmente pálidas. Gotas de chuva brilhavam em sua fronte.

Saudou cordialmente o Dr. Hailey.

— Não creio estar atrasado. Que noite terrível! Pensei ser arrastado pelo vento, ao longo da escarpa.

Escolheu um charuto da caixa que o médico lhe apresentou e cortou cuidadosamente a ponta, com um canivete.

— Espero — disse o Dr. Hailey — que o senhor desculpe o meu convite... repentino. Posso apenas afirmar que a urgência do assunto... A Côrte de Apelação, segundo fui informado, repeliu o pedido de Derwick e, assim, não há um minuto a perder! Pensei ser muito importante que o seu nome figurasse na cabeça da lista de assinaturas desta região...

O pastor inclinou a cabeça.

— Estou à sua disposição — disse êle — Pessoalmente, sempre fui contrário à pena capital, que considero bárbara e inútil, absolutamente inútil. Só por êsse motivo assinarei qualquer petição.

— Obrigado. Mas o caso que nos ocupa, na minha opinião, tem outras características que vêm apoiar consideràvelmente nosso pedido de perdão.

A voz do médico, após ligeira pausa, pareceu mais grave.

— Não sei o que pensa, meu caro senhor, mas, para mim, só um louco, no caso de Derwick, podia atacar Sir William. Que motivos podia êle ter para cometer êsse crime?

A pergunta era abrupta. O reverendo Hardgreave não respondeu imediatamente. Dos lábios magros saiu um rôlo de fumaça, que êle ficou acompanhando com o olhar acima da própria cabeça.

— Evidentemente... houve o rompimento do noivado — disse êle, finalmente. — Isto pôde, no máximo, alterar momentâneamente o seu espírito. O amor, segundo observei, não reage em todos da mesma maneira e é possível que a perda do amor se faça sentir mais rudemente nuns que noutros. Pode dar a um indivíduo a ambição sob nova forma, mais tentadora; em outro, pode suprimir todo o desejo de vitória e de progresso. Pode lançar um homem no isolamento ou, ao contrário, no turbilhão dos prazeres e da alegria tumultuosa. Em tudo isto, o que parece a um motivo frágil, assume aos olhos de outro proporções de excesso.

Falava com precisão, um pouco da maneira e com a dição que afetava no púlpito. O Dr. Hailey assentiu com um movimento de cabeça.

— Também tenho encontrado indivíduos e casos assim — concordou — Quanto mais vivo mais me convenço de que a mulher é a verdadeira pedra de toque do caráter. Conhecemos pouco um homem até saber qual é a sua atitude relativamente ao outro sexo.

Levantou-se e atravessou o salão para se aproximar de uma mesinha sôbre a qual se encontrava uma garrafa de água de **seltz.**

— Permita que lhe ofereça um copo — disse êle.

O reverendo Hardgreave se desviou para olhar o copo, enquanto o enchia. Com êsse movimento, seu rosto ficou diretamente iluminado pela lâmpada elétrica. O médico pôde notar que seus olhos brilhavam singularmente, enquanto que ao contrário, as faces tinham perdido tôda a côr. Seus traços de mármore pareciam ter assumido aspecto mais grave. O Dr. Hailey, depois de encher dois copos, pousou-os sôbre o rebordo da lareira.

— Não há muito tempo — disse êle — ocorreu-me ouvir falar de um caso muito interessante e, se eu não conhecesse os fatos, recusaria acreditar. Trata-se de um colega do senhor...

O vigário levantou ligeiramente a cabeça, lançando para o médico um olhar rápido e penetrante.

— Ah! — disse êle — Entre os sacerdotes podem ser encontrados estranhos como nobres caracteres.

Hailey concordou novamente, com um movimento de cabeça.

— Mas no caso a que me refiro — disse êle — o principal ator do drama não tinha espírito mundano. Era um jovem clérigo, de disposições muito ascéticas e que tinha a seu cargo uma grande paróquia no norte da Inglaterra, nos confins dos "moors" do Yorkshire. Tornara-se, mesmo, o ídolo dos seus paroquianos.

Deteve-se, para acender o charuto. O reverendo, que se curvara enquanto êle falava, estava agora sentado, direito. Seu rosto estava imóvel, tão parado que os traços fisionômicos pareciam talhados no mármore. O charuto que tinha entre os dedos queimava num filete de fumaça azul, que subia em linha reta, para o teto, tão longa e regular que dir-se-ia firmada por um cordel.

"— Aconteceu — prosseguiu o médico — o jovem clérigo se apaixonar por uma mocinha. Entenderam-se muito bem e estavam seguros de poder realizar o seu sonho. Entretanto, havia obstáculos. Em primeiro lugar a mocinha era sua parenta, embora afastada; além disso, a história de sua própria família era lamentável. Os pais tinham morrido, os dois, num asilo de alienados! O pai da moça, por certo, não ignorava o fato...

Novamente o Dr. Hailey parou para sugar o charuto. O rosto do reverendo não sofrera qualquer alteração, não parecendo, mesmo, traduzir qualquer interêsse ou enfado.

"— Era inevitável, nessas condições, que o consentimento para o casamento fôsse negado. Mas infelizmente, os enamorados estavam já bastante mergulhados em seus sonhos para ligar a essa oposição. Prometeram que nada os separaria e que, uma vez atingida a maioridade, a moça seria sua espôsa, mau grado a proibição da família. Aconteceu, porém, que a moça não tinha muita firmeza de caráter. A oposição paterna lhe pareceu coisa intolerável e acabou adoecendo gravemente. Enviada para o sul, nos primeiros tempos escrevia diàriamente para o noivo, mas em seguida as cartas se tornaram mais raras, cessando completamente ao fim de três meses, até que um belo dia êle veio a saber que a ingrata ficara noiva de outro, o filho cadete de um casal riquíssimo.

"— O clérigo, coisa estranha, realmente, nada deixou transparecer do golpe que o atingira, continuando como de hábito as suas ocupações. Todos pensaram que êle havia recebido o inevitável, como bom cristão. O reitor foi para êle muito bondoso, a ponto de consentir que o casamento se realizasse em Londres, e não ali, onde, por certo, aumentaria a dor do desprezado.

Parando e dando à própria voz uma entonação mais grave, Hailey prosseguiu:

"— Tenho a impressão de que o clérigo foi atacado de loucura, no momento em que o golpe o atingiu. O intenso egoísmo da sua natureza, a perniciosa hereditariedade dos pais, fizeram nascer nêle a idéia da perseguição. Considerou-se um mártir, sempre sacrificado a motivos perversos e sórdidos. E como quase sempre acontece, acreditou ver desencadeadas contra si as fôrças das trevas.

"— Era pessoa instruída e bem informada sôbre as superstições das passadas idades. Sentiu-se, então, escolhido pela Divina Providência, para combater os inimigos do espírito sagrado do amor. Era um novo São Jorge, um novo São Francisco, com o poder de expulsar os demônios, com o direito de recorrer a todos os meios para atingir êsse objetivo glorioso.

"— Era porém natural que o reino das trevas opusesse tôdas as suas fôrças a um tão temível adversário. A perseguição o cercava. Os espíritos maus se multiplicavam, à noite, como cães sôbre seus passos. Monstros horrorosos povoavam os seus sonhos. O mau olhado, êsse eterno signo de desgraça, lançou sôbre êle sua má sorte e êle acabou por sentir uma imperiosa necessidade de ferir os matadores da sua alma.

O médico levou o copo aos lábios. Seu companheiro, sempre curvado para a frente, conservava a sua imobilidade de mármore...

"— Numa noite de inverno, após a prece da noite, quando o vigário retornava da igreja, o clérigo, que se escondera na sombra do grande edifício, lançou-o ao chão e enquanto o ancião se debatia, dez mil demônios se desencadearam na alma do jovem religioso. Rangendo os dentes, como um cão danado, atirou-se sôbre a sua vítima. O aço brilhou, uma vez, duas vêzes, enquanto a faca assassina buscou os olhos do "mau olhado"... **para os arrancar!**

"— Foi tudo rápido. O louco levantou o corpo de sua vítima e o levou colina abaixo, até a um túmulo recentemente ocupado. Cavou na terra mole um buraco suficiente para conter o corpo frágil do pobre velho. Assim o enterrou...

Repentinamente o Dr. Hailey se levantou, num salto. O reverendo para êle se voltara... **com um olhar como jamais vira outro igual em rosto humano.** Recuou, colocando-se por trás da cadeira que acabava de deixar. Sua mão procurou o interior do bôlso do paletó, onde guardara o revólver.

Biles, que por um ligeiro rasgão da cortina, via o que se passava na sala, percebeu o perigo, ao ver o reverendo Hardgreave se abaixar como um animal selvagem prestes a saltar sôbre a prêsa. Viu quando o mesmo voltou lentamente a cabeça e, apesar de policial desde longos anos e tendo visto muita coisa de assustar, sentiu que lhe faltava momentâneamente a respiração. Os lábios magros, repuxados para os lados, deixavam ver os dentes numa expressão sardônica, sinistra, horrível...

Então, explodiu na sala o riso pavoroso do maníaco.

Viu o médico levantar seu revólver e apontar para o reverendo. O rosto do médico estava muito pálido, porém os seus movimentos eram refletidos.

— Se avançar, aperto o gatilho! — disse êle.

Novamente o riso medonho encheu a sala. O reverendo Hardgreaves se levantou em tôda a sua altura.

— Sua arma — gritou com voz poderosa — nada pode contra mim, que venho em nome e com a fôrça do próprio Deus!

Fêz, rápido, o sinal da cruz e depois, com agilidade superior às fôrças humanas, saltou sôbre o adversário, jogando-o com estrondo ao chão.

O revólver, violentamente lançado, voou até ao outro extremo da sala.

CAPÍTULO XXXVI

Um sonho

Os dois policiais saltaram do seu esconderijo. Lançaram-se sôbre os combatentes que rolavam num abraço mortal. Biles entreviu o rosto do médico enegrecido e inchado, como se lhe faltasse a respiração. Notou, ao mesmo tempo, que os polegares do reverendo penetravam nas órbitas de seu amigo. Imediatamente suas mãos poderosas se fecharam sôbre a garganta do reverendo Hardgreaves, tratando de calcar os dedos no lugar em que as veias principais sobem ao longo do pescoço, até ao cérebro.

Êsse velho e eficiente método de defesa teve seu efeito imediato. As mãos do pastor se abriram, fracassando em sua criminosa tentativa. Os detectives o arrancaram de sôbre o corpo do médico e com movimentos rápidos Biles lhe passou as algemas, das quais nunca se separava.

O Dr. Hailey jazia, estirado sôbre o soalho, no local em que havia caído. O chefe veio em seu auxílio, erguendo-lhe a cabeça. Quando a respiração voltou ao normal, ofereceu-lhe uma dose de **whisky.**

— Graças a Deus, os senhores estavam próximos! Não imaginava que êle fôsse tão forte...

Biles se mantinha, de pé, junto do seu pri-

sioneiro, também estirado no solo, muito pálido e imóvel. Ao fim de um momento, o médico se ergueu, não sem esfôrço, indo juntar-se aos detectives.

— Tive o cuidado de mandar preparar o automóvel, para ir imediatamente a Bedfort... caso assim queiram — disse êle — Creio que, dadas as circunstâncias, é a melhor solução.

Seus olhares se volveram para o belo e frio rosto que estivera tão próximo de o matar. Todo vestígio da fúria demoníaca de há poucos instantes havia desaparecido, como sob a ação de um bálsamo miraculoso. Baixou a cabeça, com um ligeiro gemido. Finalmente abriu os olhos e em seus lábios surgiu um sorriso. Logo, porém, sua fisionomia se alterou; enrugou a fronte e em seus olhos surgiu o espanto e o mêdo. Procurando levantar-se, sentiu o pêso das algemas nos próprios pulsos.

— Onde estou? — murmurou — Que aconteceu? Senhores... Que significa tudo isto?

A surprêsa revelada por seus olhos era sincera. O chefe lançou um olhar penalizado e de consulta para Hailey.

— O senhor acaba de sofrer um ataque — declarou o médico — Por isso tivemos que atar-lhe as mãos... para sua própria segurança. Procure repousar em calma... E, principalmente, não fale.

Mas o reverendo Hardgreaves não estava de humor próprio a seguir êsse conselho. Levantou-se com esfôrço, e sentou na poltrona que o inspetor Biles lhe ofereceu.

— Tive um sonho terrível — disse êle — Positivamente... sonhei que tida sido eu o assassino de Sir William e não êsse pobre rapaz. Eu o encontrei adormecido, no bosque, e furei-lhe os dois olhos com um canivete. Depois retornei ao vigariato a fim de apanhar um dêsses velhos marcadores de ferro, que possuo em minha coleção de antiguidades, e marquei a árvore junto da qual êle cairá com o sinal do "mau olhado". Em seguida, se querem acreditar, transportei o corpo para o cemitério e ali o enterrei no próprio túmulo da infeliz Miss Anderson...

Seus olhos, enquanto falava, se haviam fechado e sua cabeça tornou a repousar contra o peito. Adormecera.

— E' assim que as coisas se passam após um ataque — disse o médico — Assim ficará ainda por várias horas.

Serviu-se de uma boa dose de **whisky** e prosseguiu:

"— Foi o seu sermão de domingo último — explicou — que me deu a pista. Falou do "mau olhado" de uma maneira que me intrigou. Depois, à noite, nesta mesma sala, a verdade surgiu, repentinamente, em meu espírito. Consultei o Anuário do Clero e verifiquei que êle tinha sido cura em Hendred Castle e em Pensilian. Visitei as duas localidades... O resto os senhores já sabem.

CAPÍTULO XXXVII

Livre!

Estele recebera vários telegramas do médico, enquanto duraram as suas últimas pesquisas. Êles lhe levaram a esperança, permitindo mostrar-se mais calma e confiante, quando visitava Jack, na prisão. Quando soube que a apelação fôra recusada, perdeu tôda a coragem. Seria possível que o otimismo do doutor não tivesse base sólida? Foi deitar-se, mas não pôde dormir. Levantou-se mais cedo que de costume, vestiu-se e desceu para a primeira refeição. Mas também não pôde comer. Segundo os jornais da manhã, os juízes pareciam acreditar que os argumentos em favor do prisioneiro já tinham sido expostos... Abandonou o jornal com gesto fatigado. Eram, então, incapazes de ler a verdade no rosto de Jack.

Às oito e meia, entregaram-lhe novo telegrama do médico. Estava datado de Bedfort e dizia:

"JACK INOCENTE. NÃO TENHA MÊDO."

Isto, apesar de tudo, não foi bastante para a convencer — nem mesmo para a consolar. Essa linguagem de esperança já durava uma semana.

Dirigiu-se, como vinha fazendo, para a prisão, onde Jack a esperava, às 10 hrs. Hoje, porém, as formalidades ordinárias para penetrar no presídio pareciam haver mudado. O porteiro a recebeu com deferência e foi logo dizendo que o Governador do Presídio a esperaça imediatamente em seu escritório.

Pouco mais tarde era recebida pelo alto funcionário, que se erguia e vinha apertar-lhe a mão com ar solene. A seguir, indicou-lhe uma poltrona.

— Tenho estranhas notícias a lhe revelar, Miss Armand — disse êle — Prepare-se para recebê-las com calma.

Estele pensou, por um instante, que êle ia anunciar não haver mais qualquer esperança. Mas um olhar do Governador a tranqüilisou. Tocou a campainha e um auxiliar apareceu. O Governador fêz um sinal e, a seguir, levantou-se, dirigindo-se para a porta.

— Um instante só, Miss Armand — disse êle.

Saiu, fechando a porta. Imediatamente Estele tornou a ouvir o ruído do trinco, abrindo-a. Voltou vivamente a cabeça para ver, vestindo a sua própria roupa de sempre, Jack Derwick! Um grito escapou de seus lábios. Num salto, êle atravessou a pequena sala. Ela se ergueu, porém logo cambaleou, fechou os olhos, e teria caído, se êle não a envolvesse em seus braços.

....

Voltaram na mesma noite para Calthorpe, logo que foram cumpridas as últimas formalidades referentes ao relaxamento da prisão. Não trocaram palavra durante a viagem, incapazes de exprimir tudo o que lhes enchia o coração, nessa hora maravilhosa e quase divina.

O automóvel fêz a curva e penetrou na avenida principal. Estela avistou imediatamente o Dr. Hailey, que subia os degraus para vir ao seu encontro. Correu para êle, com as duas mãos estendidas e os olhos brilhantes de lágrimas.

— Meu amigo... — murmurou — Oh! Meu amigo!

FIM

OLHANDO O MUNDO HÁ SESSENTA DIAS

MEMENTO de EU SEI TUDO

OS FATOS OCORRIDOS EM JANEIRO DE 1953

1 — QUINTA-FEIRA — O embaixador norte-americano no Irã conferencia com o Primeiro Ministro Mossadegh, acêrca da questão petrolífera entre êsse país e a Inglaterra ★ Em Londres, divulga-se que um relatório a respeito se encontra em estudos no Foreign Office. ★ O ano de 1953 se inicia com a perspectiva de maior fortalecimento da amizade entre o Brasil e os Estados Unidos, prenunciando-se bem mais amplas as relações comerciais entre os dois países.

2 — SEXTA-FEIRA — O General De Gaulle preconiza o estabelecimento de uma Confederação dos Exércitos Europeus, com a participação da Alemanha, em substituição ao Tratado do Exército Europeu, cuja ratificação, por diversos países, vem encontrando obstáculos. A sugestão do cabo de guerra francês tem como objetivo preparar o ocidente para enfrentar as fôrças comunistas. ★ Pereceram mais de 50 pessoas numa violenta explosão, ocorrida no centro comercial de Valparaíso, em conseqüência de um incêndio verificado nas imediações de um depósito de explosivo. Foram feridas cêrca de 400 pessoas, calculando-se os prejuízos em 14 milhões de pesos. ★ O Sr. Presidente da República sanciona Lei que autoriza abertura de crédito para a conclusão das obras do Monumento ao Imigrante.

3 — SÁBADO — Chegaram a bom têrmo as conversações anglo-americanas sôbre a futura política para o Oriente Médio. ★ O Ministro Radwan declara que o Coronel Nasser define o sentimento geral do Egito, quando disse que os egípcios recorrerão às guerrilhas para forçar os britânicos a abandonar o Canal de Suez. ★ Bandoleiros poderosamente armados atacam a base militar de Palanquero, sendo repelidos pela guarnição local. Do choque resultou a morte de mais de 60 homens de ambos os lados. Falece o pintor belga Emilio Baes. ★ Delegados latino-americanos sugerem à Espanha que êsse país solicite sua admissão na ONU. ★ Quatro emprêsas de navegação marítima desligam-se da Conferência de Fretes. ★ O Sr. Presidente da República comparece ao banquete oferecido pelas Classes Armadas, e profere um discurso. ★ Nomeado o Sr. Almirante de Esquadra Átila Monteiro Aché para o cargo de Chefe do Estado-Maior da Armada. ★ Realiza-se, na Escola Naval, a solenidade de declaração dos novos Guardas-Marinha. ★ Falece, nesta Capital, o escritor Américo Facó.

4 — DOMINGO — Chega a Nova York, sendo festivamente recebido, o Primeiro Ministro Churchill. O Chefe do Govêrno britânico diz, entre outras coisas, que o centro de gravidade da situação internacional não se encontrava na Coréia, mas na Europa, ao longo da "cortina de ferro". Pouco depois de sua chegada, Churchill conferencia com o General Eisenhower. ★ O General Ridgway declara à imprensa ser alentador, mas não satisfatório, o progresso verificado nas medidas de defesa tomadas pelos aliados ocidentais. ★ O "Financial Times" tece comentários em tôrno da lei que instituiu o mercado de câmbio livre no Brasil.

5 — SEGUNDA-FEIRA — Chega a Tóquio o Presidente Synghman Rhee, cuja visita se prende ao reatamento de relações da Coréia do Sul com o Japão. ★ O "Foreign Office" desmente a existência de um plano elaborado pelo Sr. Anthony Eden para solucionar o problema triestino. ★ Nas ruas de Teerã e de Orã, travam-se violentos choques entre grupos comunistas e anti-comunistas. ★ O govêrno persa



O pêlo nas pernas, braços e axilas comprometem a sua presença na rua, nas praias e nas reuniões elegantes. Para eliminar os pêlos supérfluos não use navalha: use RACÉ, o maravilhoso e eficiente depilatório em pó perfumado. Elimina com incrível rapidez os pêlos incômodos.

A venda nas boas perfumarias.

Laboratórios VINDOBONA

Rua Uruguaiana n. 104 - 5.º - Rio

O perfeito destruidor do pêlo

Queira enviar-me o folheto grátis referente ao depilatório «Racé».

NOME ....

RUA ....

CIDADE ....

ESTADO ....

E.S.T. — R

distitui o chefe de polícia e toma diversas medidas de restrições à imprensa. ★ O Sr. René Mayer, após vários dias de consultas com os diversos partidos, declara que pedirá hoje a investidura de Primeiro Ministro à Assembléia Nacional. ★ O Sr. Presidente da República sanciona lei definindo os crimes contra o Estado e a ordem social. ★ O Chefe do Govêrno sanciona lei autorizando o Poder Executivo a realizar estudos definitivos sôbre a localização da nova Capital da República. ★ O Govêrno de Rangoon comunica à Inglaterra que, dentro de um ano, dará por extinto o Tratado pelo qual a Birmânia sòmente poderá adquirir armamento dos inglêses.

6 — TÊRÇA-FEIRA — A Assembléia Nacional aprova a designação do Sr. René Mayer como Primeiro Ministro, autorizando-o a formar o novo Govêrno. ★ Novamente juntos o General Eisenhower, presidente eleito dos Estados Unidos e o Sr. Winston Churchill, Primeiro Ministro da Grã-Bretanha. ★ Um movimento militar, dirigido pelo Chefe do Estado-Maior do Exército, foi sufocado pelo Govêrno boliviano. Efetuam-se numerosas prisões em La Paz e noutros pontos do país. ★ Propala-se nos meios bancários de Nova York que o Banco de Importação e Exportação estaria inclinado a ajudar o Brasil a liquidar suas dívidas comerciais acumuladas. ★ O "Wall Street Journal" difunde a notícia de que vai ser vendida grande parte da colheita de algodão brasileiro de 1952, ainda não entrado no mercado. ★ O Secretário do Exterior Anthony Eden diz, pelo rádio, que se o Marechal Stalin estivesse, de fato, interessado na paz coreana, "teria apenas de encarar imparcialmente a proposta indiana" destinada a encerrar o impasse sôbre o armistício. ★ O vapor espanhol de passageiros, "Monte Urbasa", de 14 500 toneladas, choca-se com o petroleiro dinamarquês, "Rosa Maersk", no canal de entrada do pôrto de Buenos Aires. ★ Falece o Sr. Dr. Gustavo Armbrust. ★ O Sr. Presidente da República sanciona a lei que dispõe sôbre a valorização econômica da Amazônia. ★ Nomeado Chefe do Estado-Maior das Fôrças Armadas o Sr. Marechal Mascarenhas de Morais.

7 — QUARTA-FEIRA — O Sr. René Mayer inicia as consultas a fim de organizar o seu Gabinete. ★ O Sr. Winston Churchill volta a conferenciar com o Presidente eleito dos Estados Unidos, General Eisenhower. ★ Oficialmente restabelecidas as relações diplomáticas e comerciais entre o Chile e o Japão. ★ Cálculos realizados afirmam que os danos causados pelo terremoto na Costa Rica ascendem a um milhão de colones. ★ Falece em Buenos Aires o Chefe da Igreja Ortodoxa Russa, na Argentina, Brasil, Paraguai e Uruguai, Monsenhor Constantini Izrastzoff. ★ Volta a calma a La Paz e ao interior da Bolívia, tendo sido realizadas numerosas prisões. ★ Termina a trégua de Natal e Ano-Bom, reiniciando-se escaramuças a noroeste do rio Ponkhan. ★ O Presidente sul-coreano, Sr. Synghman Rhee, termina sua visita de três dias ao Japão, com um apêlo para solução das disputas entre os dois países. ★ O Presidente Truman adverte solenemente a Stalin, de que os Estados Unidos haviam conseguido fabricar uma super-bomba de hidrogênio, que poderia significar "a ruina de vosso regime e de vossa pátria", no caso de uma terceira guerra mundial. ★ Declara-se em Londres que a disputa entre o Irã e a Grã-Bretanha será solucionada após a posse do General Eisenhower. ★ O Presidente Adenauer manifesta sua confiança em que a França ratificará o Pacto sôbre a Comunidade Defensiva Européia. ★ Os Estados Unidos e o Brasil anunciam um acôrdo que resultará para o primeiro em uma nova fonte apreciável de abastecimento de manganês, que era recebido da Rússia até que esta suspendeu seus embarques.

8 — O novo Presidente do Conselho de Ministros francês, René Mayer, completa a formação de seu Gabinete, no qual o anti-germânico Bidault substituirá Robert Schuman, como Ministro do Exterior. Depois de apresentar a lista de novos ministros ao Presidente Vincent Auriol, Mayer disse que a submeterá à aprovação da Assembléia Nacional. Caso esta a aprove, êste será o 18.º Govêrno de França, desde o fim da guerra. ★ Sob chuva fortíssima, chegou, à tarde, ao aeródromo de Washington, o avião presidencial "Independence", conduzindo, de Nova York, o Primeiro Ministro britânico Winston Churchill. ★ O Govêrno Mossadegh apresenta projeto de lei urgente prorrogando seus plenos poderes por um ano. Vivas manifestações são ouvidas das numerosas bancadas, partindo dos deputados e do público. ★ A rádio de Belgrado informa que o Marechal Tito e os líderes da Igreja Católica na Yugoslávia chegaram a um acôrdo, para formar uma comissão conjunta que prestará informações sôbre as relações entre a Igreja e o Estado. ★ Deixa Nova York, com destino ao Brasil, em gôzo de licença, o Sr. Embaixador João Carlos Muniz, que viaja a bordo do "Argentina" ★ Circula em Nova York a notícia de que o Banco de Importação e Exportação vai conceder um empréstimo de 250 milhões de dólares ao Brasil. ★ O Sr. Presidente da República assina decreto nomeando o novo Embaixador do Brasil na Guatemala. ★ E' eleito e toma posse do cargo de Presidente do Conselho Superior das Caixas Econômicas, o Sr. Dr. José Francisco Bias Fortes. ★ Toma posse do cargo de Presidente do Instituto Brasileiro do Café o Sr. Dr. Mário Penteado de Faria e Silva.

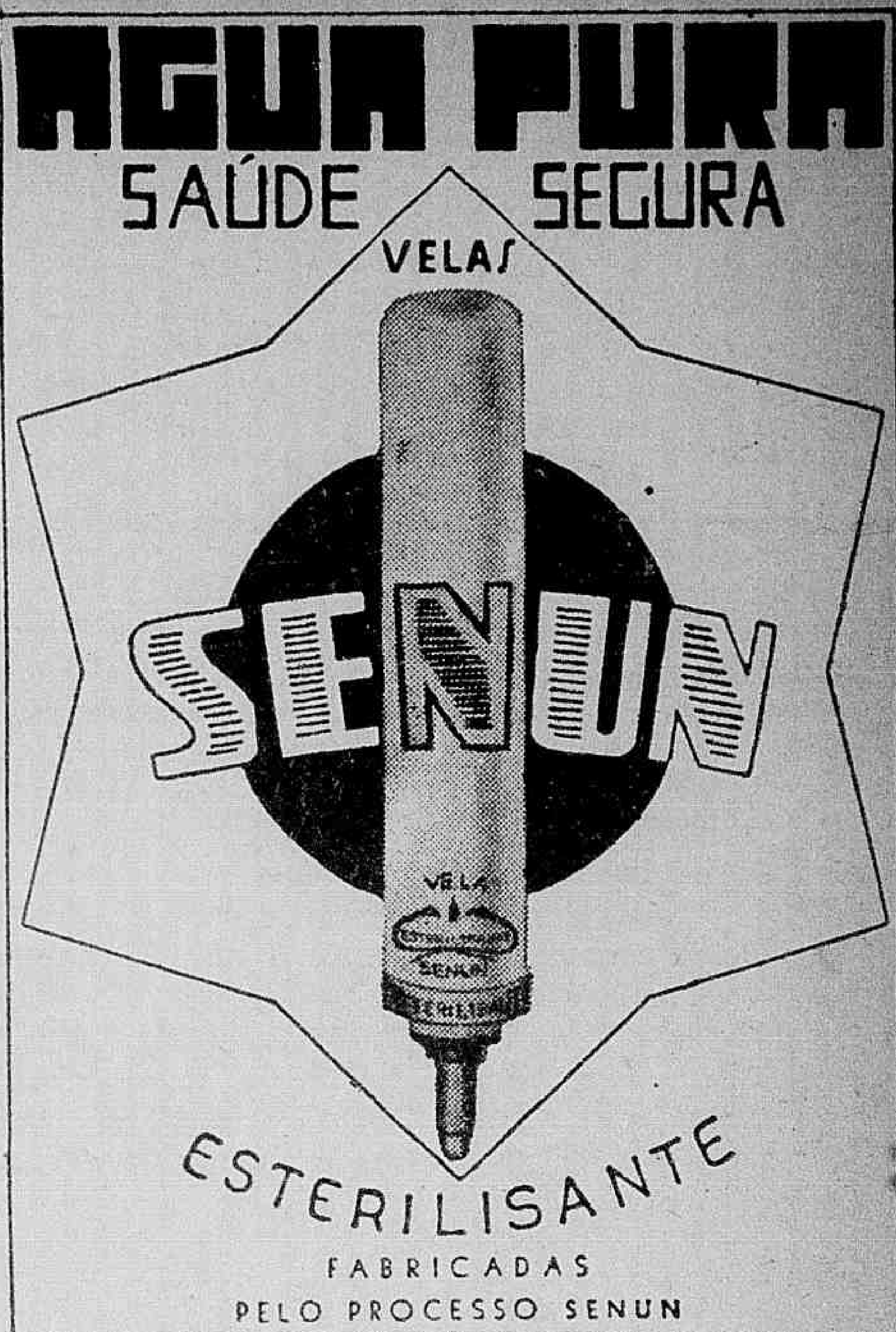
9 — SEXTA-FEIRA — O Presidente Truman apresenta ao Congresso o último orçamento do seu govêrno, que terá vigência até julho de 1954. Está previsto em quase 10 bilhões de dólares o "deficit". O primeiro mandatário declara que o total de ...... $78.600.000.000 de dólares, do projetado orçamento, é "essencial para a segurança e o bem-estar da nação, na atual fase de rearmamento, para fazer face à ameaça soviética". ★ Vários soldados americanos são mortos ou feridos quando os pilotos de uma esquadrilha da Fôrça Aérea dos Estados Unidos bombardeam, por engano, uma bateria anti-aérea, julgando tratar-se de um objetivo comunista. ★ Confirma-se que o General Eisenhower designou o General Bedell Smith para Subsecretário de Estado. ★ O Coronel Marcos Perez Jimenez é eleito Presidente Provisório da República da Venezuela, pela Assembléia Constituinte que celebrou sua primeira sessão. ★ A Panair do Brasil, filial brasileira da Pan-American World Airways, encomenda quatro aviões de passageiros de propulsão a jacto, para serem entregues no ano próximo, tendo a mesma Companhia ainda obtido uma opção de outros dois ("cometas") da série 3, para entrega em 1957. ★ Realiza-se em Londres a primeira venda de café em hasta pública,

nos últimos onze anos. ★ O filósofo inglês Lord Bertrand Russell declara que se está fazendo demasiado alvorôço em tôrno da bomba atômica. ★ O Sr. Presidente da República assina decreto nomeando representante do Brasil na ONU o Sr. General Artur Hescket-Hall. ★ Chega ao Rio o navio-escola francês "Jeanne d'Arc".

10 — SÁBADO — O Chile une-se a outras nove nações latino-americanas, pedindo à Espanha que solicite sua admissão como membro das Nações Unidas. ★ Nove pontes da principal via de comunicações dos vermelhos, desde a Mandchúria até ao noroeste da Coréia, são destruídas por 300 aviões a jacto, tipo F-84, da Fôrça Aérea e da Infantaria de Marinha dos Estados Unidos. ★ Um novo "ferry", com excesso de passageiros, afundou em meio a terrível tormenta defronte das costas da Coréia do Sul, informando-se que, pelo menos 234 passageiros desapareceram, temendo-se que tenham morrido afogados. ★ Anuncia-se em Nova York que o General Crittenberger seria nomeado Embaixador dos Estados Unidos no Brasil, logo após a posse do General Eisenhower. ★ Parte de Lisboa, com destino aos Açores, o navio-escola "Duque de Caxias". ★ Solenemente investido, prestou o compromisso de praxe o Presidente Provisório da República da Venezuela, Coronel Marcos Perez Gimenez. ★ Assinado um tratado de amizade entre a Costa Rica e a Espanha. ★ A Assembléia Constitucional da Europa decidiu, hoje, que o Primeiro Ministro de sua coletividade política de 6 nações seja eleito ùnicamente pelo projetado Senado Unido. ★ O Presidente eleito Dwight Eisenhower escolhe o General Walter Bedell Smith, para Subsecretário de Estado, e para Subsecretário do Trabalho, o Sr. Lloyd A. Massburn. ★ Os espiões atômicos, Julius e sua espôsa Ethel Rosemberg, transmitem uma apelação ao Presidente Truman, pedindo a comutação da pena de morte a que foram condenados, por espionagem em favor da Rússia.

11 — DOMINGO — Sua Santidade o Papa Pio XII procede à nomeação efetiva dos vinte e quatro novos Cardeais; a nomeação e respectiva proclamação se realizaram durante o anunciado Consistório Secreto. A cerimônia se desenrola na sala chamada do Consistório, no segundo andar do Palácio do Vaticano. Vinte e dois cardeais, dos quais doze da Cúria Vaticanense e 10 Arcebispos residenciais, assistem ao Consistório. ★ O Primeiro Ministro Mohammed Naguib expressa seus desejos de que os britânicos abandonem o Canal de Suez. ★ Chega a Buenos Aires o Sr. Ademar de Barros. ★ Os aviadores brasileiros, que se encontram na Inglaterra a fim de exercitar-se nos aviões a jacto, já iniciaram seu treinamento.

12 — 2.ª FEIRA — As três potências ocidentais fazem chegar ao Kremlin notas a respeito do Tratado de Estado com a Áustria. ★ O Sr. Adenauer declara em Bonn que uma ratificação dos tratados deve ser feita, em primeiro lugar. A negociação sôbre os protocolos adicionais sòmente pode ter lugar em seguida. ★ Iniciado em Bordeaux o processo contra oficiais alemães que tomaram parte no assalto à Oradour-sur-Glane, cuja população foi totalmente exterminada pelos nazistas. ★ Suicida-se em Milão o conhecido neurologista italiano Dr. Pietro Varena. ★ O Presidente Truman ordena ao Procurador Geral



que desista da ação criminal contra cinco companhias petrolíferas norte-americanas, "no interêsse da segurança nacional". ★ O Presidente eleito, Eisenhower, nomeia o Presidente da Universidade de Harward, James Connant, novo Alto Comissário dos Estados Unidos na Alemanha. ★ O Sr. Presidente da República assina decreto exonerando o Sr. Ricardo Jafet da presidência do Banco do Brasil e nomeando seu substituto interino, o Sr. General Anápio Gomes. ★ Exonerado o Sr. Roberto Alves das funções de Secretário Particular do Presidente da República. ★ O Chefe do Govêrno assina decreto elevando à categoria de Embaixada as representações diplomáticas do Brasil em diversos países da América Central. ★ No Palácio Itamarati, é assinado o Acôrdo Cultural entre os Brasil e N carágua.

13 — TÊRÇA-FEIRA — O govêrno soviético anuncia a prisão de diversos judeus, acusados de tentar contra a vida de destacados membros do Politburo, ministrando-lhes medicamentos errados. Nos círculos ocidentais interpreta-se a notícia como um pretexto para o início de desenfreada campanha anti-semita na União Soviética. O Departamento de Estado, comentando o fato, disse que êle era mais uma amostra do ambiente de insegurança interna reinante na Rússia. ★ O govêrno japonês, com o apoio dos Estados Unidos, adverte a Rússia que, de agora em diante, serão abatidos os aviões que violarem, pelo ar, o território do Japão. ★ A polícia boliviana prende diversas personalidade políticas como implicadas no fracassado movimento subversivo contra o go-

vêrno. ★ Anuncia-se em Nova York que, brevemente, será construída, no interior de São Paulo, uma fábrica de "DDT", cloro e soda cáustica. ★ O Embaixador do Brasil no Vaticano declara que, no próximo dia 19, será oferecida, na Embaixada, uma recepção em homenagem ao Cardeal D. Augusto Álvaro da Silva. ★ Deixa o pôrto desta Capital o navio-escola "Jeanne d'Arc" e navio escolta "La Grandine", da Marinha Francesa. ★ Falece e é sepultado, nesta Capital, o escritor e diplomata, Dr. Afonso Lopes de Almeida.

14 — QUARTA-FEIRA — Em sua última mensagem ao Congresso, o Presidente Truman passa em revista a política interna e externa de seu govêrno, declarando que não deverão ser reduzidos os auxílios econômico e militar que os Estados Unidos prestam ao estrangeiro. ★ A Câmara dos Deputados italiana debate o projeto de reforma eleitoral, contra a qual se batem os extremistas da esquerda e da direita. ★ O Primeiro Ministro De Gasperi pede um voto de confiança em relação ao citado projeto. ★ O Marechal Tito é eleito, sem concorrente, para primeiro Presidente da República da Iugoslávia. ★ O "Manchester Guardian" tece comentários em tôrno da demissão do Presidente do Banco do Brasil. ★ O Primeiro Ministro René Mayer focaliza a posição da França em relação à política européia e diz que o seu govêrno tomará imediato contato com o novo govêrno norte-americano.

15 — QUINTA-FEIRA — Autoridades britânicas descobrem um "complot" nazista que visava à tomada do poder na Alemanha Ocidental. A notícia foi dada oficialmente pelo Foreign Office, que publicou, ainda, a lista dos chefes da intentona. ★ Em discurso que durou 30 minutos, o Pres. Truman apresenta suas despedidas à nação americana, ao mesmo tempo em que a exorta a colaborar com o novo presidente, General Eisenhower. ★ O Papa Pio XII confere o chapéu vermelho "galero" de abas largas e os anéis de cardeais aos 17 novos membros do Sacro Colégio, durante os dois últimos consistórios, um dêles público e o outro secreto. Calcula-se que 50 mil pessoas encheram a Basílica de São Pedro para aplaudir os cardeais ao receberem os seus chapéus simbólicos no consistório público. Em virtude da baixa temperatura, a Praça de São Pedro estêve quase deserta quando começou o Consistório Público. ★ A Chancelaria do Chile informa que a apresentação de alguns recursos judiciais por parte das emprêsas de estanho, nacionalizadas pelo govêrno boliviano, paralisou totalmente o trânsito de mercadorias de La Paz, para os portos chilenos. ★ Informa a Chancelaria do México que êsse país não dispõe de recursos para a compra de aviões a jacto. ★ O Presidente Peron declara que a Argentina não é contra o ingresso de capitais estrangeiro. ★ O Duque de Edinburgo, espôso da Rainha Elizabeth II, foi nomeado Almirante da Esquadra, Marechal de Campo e Marechal da Fôrça Aérea, assumindo os postos do Extinto Rei Jorge VI. ★ Chega a Francfort o General Ridgway. ★ No Palácio Itamarati, é assinado um acôrdo de assistência técnica entre o Brasil e a Organização Internacional do Trabalho.

16 — SEXTA-FEIRA — As autoridades soviéticas implantaram o terror em sua zona da Alemanha Oriental, prendendo diversos membros do govêrno local, como espiões, inclusive o Ministro do Exterior George Derlinger. Nos círculos ocidentais consideraram-se essas prisões como um sinal de abandono, por parte da diplomacia soviética, da política de unificação da Alemanha. ★ O Chanceler Longe repudia as acusações russas à participação da Noruega no plano defensivo europeu. ★ O Sr. Nehru declara que a Índia deseja manter boas relações com todos os países. ★ Bem encaminhadas as conversações que se realizam em Teerã entre o Primeiro Ministro Mossadegh e o Embaixador norte-americano, visando a encontrar uma solução para a disputa anglo-iraniana. ★ O Presidente Truman declara as jazidas de petróleo localizadas nas terras submersas ao longo do litoral, como reservas petrolíferas da Marinha norte-americana. A decisão de Truman provoca diversos protestos.

17 — SÁBADO — O Presidente eleito Eisenhower designa o Sr. Douglas Dilon, novo embaixador dos Estados Unidos na França. Dillon, de 43 anos de idade, preside atualmente a firma bancária Dillon Read and Company e reside em Nova Jersey. ★ Travam-se vários combates nos céus do noroeste da Coréia, tendo sido derrubado um aparelho de reação vermelho, pelos "Sabres" norte-americanos. Bombardeados dois centros de abastecimento comunistas em Chasan, a 20 quilômetros a nordeste de Pyong Yang. Em terra, a artilharia dos tanques norte-americanos no setor central disparam contra as defesas vermelhas, causando danos importantes. ★ O General Naguib desmente que tivesse havido um "complot" contra o regime. "Devemos ser prudentes, disse êle. Trata-se de medidas de segurança." Declara, também, que "o exército tem provas de que os políticos decepcionados e egoístas tentaram provocar perturbações por ocasião da comemoração do 12 de janeiro, dia dos mártires do Canal de Suez. Seus esforços se dirigiram no sentido de provocar desordens nos meios universitários e operários." ★ O "Premier" Alcides De Gasperi consegue uma grande vitória ao assegurar maioria possível para conseguir um voto de confiança pedido pelo govêrno, com a aprovação da lei reformando o código eleitoral.

18 — DOMINGO — Noticia-se que prosseguiam, em Teerã, as conversações entre o "Premier" Mossadegh e o Embaixador norte-americano, em busca de uma solução para a questão anglo-persa. ★ O Chanceler Adenauer faz declarações acêrca da recente conspiração nazista descoberta na zona britânica da Alemanha. Diz Adenauer que qualquer partido organizado na base do nazismo será fragarosamente derrotado.

19 — SEGUNDA-FEIRA — Divulgando detalhes do programa de posse do General Eisenhower na Presidência dos Estados Unidos, recorda-se que, 20 anos depois, volta a Casa Branca a ser ocupada por um Presidente republicano. ★ Vários incidentes verificam-se na Câmara dos Deputados italiana, que se encontra reunida há mais de 24 horas consecutivas para debater o projeto de reforma eleitoral. ★ O Sr. Marechal Mascarenhas de Morais toma posse do cargo de Chefe do Estado Maior das Fôrças Armadas, que lhe foi transmitido pelo Sr. General Fiuza de Castro.

20 — TÊRÇA-FEIRA — "A Alemanha jamais voltará a ser nacional-socialista", afirma o Chanceler Adenauer, em declaração governamental, perante a Assembléia Federal. ★ 11 pessoas morrem e 21 recebem ferimentos quando uma bomba da "Lufwaffe" explodiu, num aeródromo soviético situado no subúrbio de Berlim. A bomba estava enterrada ali desde a última guerra mundial e sua explosão sacudiu o subúrbio vizinho de Berlim Ocidental, numa extensão de quase seis quilômetros. ★ O Generalíssimo Francisco Franco está disposto a banir de seu govêrno os elementos notadamente subversivos e ineptos. ★ O Presidente Eisenhower e sua espôsa, depois de assistirem ao baile da guarda nacional e ao baile dos cadetes, realizados em Washington, regressam à Casa Branca. — "Foi um longo mas admirável dia", declarou o Presidente dos Estados Unidos, detendo-se por alguns momentos antes de entrar na residência histórica a fim de passar na mesma a sua primeira noite. "Mamie" sacudiu a cabeça para demonstrar o seus assentimento. ★ Eisenhower inicia o seu primeiro dia de trabalho como Presidente.

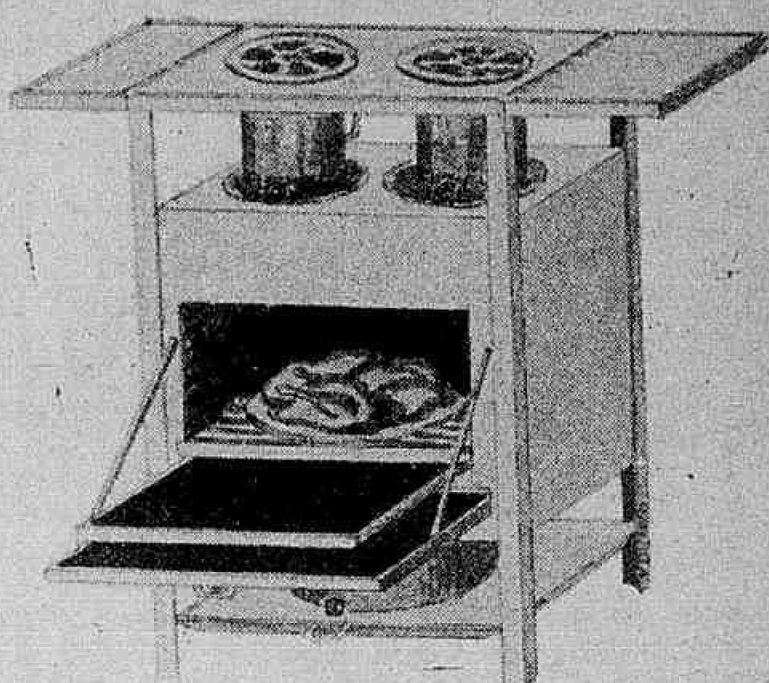
21 — QUARTA-FEIRA — A reforma eleitoral é aprovada pelo Parlamento italiano por 332 votos contra 17. ★ O Chanceler Adenauer declara que pretende ir a Washington, em visita oficial, na próxima primavera, prosseguindo conversações que tivera com o General Eisenhower, quando êste estivera na capital federal, no ano passado, na qualidade de comandante chefe das Fôrças Atlânticas. ★ Morre um dos irmãos siameses separados no transcurso da operação cirúrgica que durou doze horas e quarenta minutos. Desde a operação Roger se encontrava em estado de coma. Era êle o mais fraco dos dois irmãos e os cirurgiões alimentavam pouca esperança de salvá-lo. Melhora consideràvelmente o estado do sobrevivente, Rodney Lee, que apenas permaneceu em estado de coma durante algumas horas depois da operação. Os dois siameses estavam ligados pela cabeça e os próprios cérebros estavam separados apenas por uma fina membrana. Os pais dêsses siameses têm quatro filhos perfeitamente normais. ★ O Sr. Presidente da República assina decreto nomeando subchefe do Estado Maior das Fôrças Armadas o General Emílio Rodrigues Ribas Júnior.

22 — QUINTA-FEIRA — O Sr. Arthur Flemming é nomeado diretor temporário do Escritório de Mobilização para a Defesa. ★ Círculos israelitas declaram que grupos internacionais e anti-semitas estão sendo organizados em diversas partes do mundo com o objetivo de dividir as nações aliadas. Refugiados da zona soviética da Alemanha continuam a chegar em massa à zona ocidental. ★ Oficiais da Fôrça Aérea Norte-Americana declaram ter avistado, em ocasiões distintas, diversas "bolas luminosas" sulcando, a grande velocidade, os céus do norte do Japão. ★ Noticia-se que uma delegação chefiada pelo Sr. Valentim Bouças inicia conversações com os círculos financeiras francesas, a fim de resolver os problemas relativos aos atrasados comerciais do Brasil. ★ Falece o Professor Domingos Fezas Vital, chefe do movimento monarquista em Portugal. ★ Toma posse na Academia Francesa, ocupando a cadeira que pertenceu ao Marechal Pétain, o Sr. François Poncet. ★ Na Embaixada da Itália, realiza-se a cerimônia da entrega da Cruz de Guerra dêsse país, a

FOGÕES E FOGAREIROS

o gás de óleo cru ou querosene

REI



A venda nas boas casas do ramo

INDÚSTRIAS "REI"
RUA DAS MARRECAS, 5

Fabricantes do afamado CHUVEIRO ELÉTRICO "REI"

oficiais brasileiros que se distinguiram na última campanha dos Apeninos.

23 — SEXTA-FEIRA — Durante o ano passado, 166 906 alemães da zona soviética procuraram refúgio na Alemanha Ocidental, segundo o Ministério dos Negócios Estrangeiros da Renânia-Westfalia. Dêsses refugiados, 113 363, ou sejam 75%, foram admitidos como refugiados políticos. De sua parte, a "Land" da Renânia-Westfália, a mais importante da Alemanha pelo número de sua população e de sua indústria, recebeu 75 319 refugiados, dos quais 49 501 são refugiados políticos e 25 818 foram recolocados em suas famílias. ★ O Departamento da Guerra anuncia que o General James Van Fleet, comandante do VIII Exército na Coréia, será reformado a 31 de março próximo. Será substituído pelo General Maxwell Taylor. ★ O Ministério das Relações Exteriores da Grã-Bretanha revela que acusou a Rússia de conivência na expropriação de bens britânicos na zona soviética de ocupação da Alemanha. A acusação é apresentada em Moscou ao mesmo tempo que é dada à publicidade nesta capital. ★ O Papa Pio XII continua recolhido a seus aposentos do Vaticano, atacado de influenza. Seu médico, Dr. Riccardo Galeazzi Lisi, diz que Sua Santidade deverá continuar de cama durante mais alguns dias. ★ O Sr. Presidente da República assina decretos graduando no pôsto de General de Divisão o General de Brigada Manuel Narciso Castelo Branco. ★ Exonerando o Vice-Almirante Carlos Pena Bôto do cargo de Diretor-

Geral de Portos e Costas. ★ Nomeando, interinamente, como substituto, para exercer o cargo de Diretor-Geral dos Correios e Telégrafos, o Tenente-Coronel Gerardo Lemos do Amaral.

24 — SÁBADO — O Presidente Eisenhower nomeia, hoje, o irmão do Secretário de Estado John Foster Dulles, de nome Allen Dulles, para substituir o General Walter Bedell Smith, na chefia da Agência Central do Serviço Secreto. A designação de Allen Dulles, que tem grande experiência na referida Agência, precisará de ser confirmada pelo Senado. ★ Anuncia-se que um destacamento sul-coreano, apoiado por tanques, aviões, e artilharia da ONU, causa a morte a duzentos soldados comunistas chineses no setor central da frente coreana. ★ O Sr. Presidente da República segue, em avião da F.A.B., para o Paraná, onde recebe diversas homenagens. ★ O Gabinete iraquense, presidido pelo General Noureddin Mahmud, chefe do Estado Maior, envia hoje sua demissão ao regente Abdulillat.

25 — DOMINGO — Prêsa de violento incêndio, quando se encontrava no pôrto de Liverpool, o luxuoso transatlântico canadense "Empress of Canada". O navio fica completamente destruído. ★ Noticia-se, em Londres, que estão sendo construídos, com sucesso, foguetes dirigidos pelo rádio, com velocidade várias vêzes superior à do som. ★ Prosseguem na Universidade Rural os trabalhos do Seminário Inter-Americano de Bem-Estar Rural.

26 — SEGUNDA-FEIRA — O Conselho da Organização dos Estados Americanos aprova as normas destinadas à Conferência Inter-Americana a ser realizada na capital da Venezuela. ★ Na Assembléia Nacional são travados debates acêrca de problemas militares. O Ministro da Defesa desmente a notícia de que prometera aos Estados Unidos elevar para dois anos o serviço militar na França. ★ O Tenente-Coronel Gerardo de Lemos Amaral toma posse, interinamente, do cargo de Diretor Geral do Departamento dos Correios e Telégrafos. ★ Tomou posse do cargo de Diretor Geral do Pessoal da Armada o Sr. Vice-Almirante Braz Paulino da França Veloso.

27 — TÊRÇA-FEIRA — A Holanda faz saber aos Estados Unidos que não necessitará da ajuda financeira americana durante o próximo ano fiscal. Essa pequena nação, que já recebeu 966 milhões de dólares como ajuda dos Estados Unidos desde que começou o programa de assistência, tornou-se assim o primeiro aliado dos Estados Unidos a pôr em ordem suas finanças. ★ O Dr. Marcolino Candau, do Brasil, é nomeado Diretor Geral da Organização Mundial de Saúde pela Junta Executiva da Organização. A nomeação do Dr. Candau, que atualmente é Vice-Diretor da Organização nos Estados Unidos, de Saúde, que se reunirá em Genebra. ★ O Brasil deverá ser ratificada pela VI Assembléia Mundial compra 115 000 toneladas de trigo canadense para embarque em fevereiro e março, adquirindo também outras 20 000 toneladas de trigo dos Estados Unidos, para embarque na mesma época. O trigo canadense será embarcado em portos do Atlântico, enquanto que o dos Estados Unidos seguirá de portos da costa do Pacífico.

28 — QUARTA-FEIRA — Um bombardeiro a jacto, britânico, "Canberra" chega a Darwin, cobrindo a distância entre Londres e aquela cidade em menos de 24 horas. ★ O Egito entrega sua resposta às últimas propostas britânicas sôbre o futuro do Sudão. A resposta egípcia é entregue ao Embaixador Britânico no Cairo, Sir Ralph Stevenson. ★ O estado de saúde do Santo Padre continua a ser considerado como satisfatório. Declaram os círculos ligados ao Soberano Pontífice que doravante se pode considerar em convalescença. ★ Derek William Bentley, eletricista, de 19 anos de idade, é enforcado, em Londres, acusado de assassínio, depois de fracassarem os esforços de última hora, desenvolvidos por 200 membros do Parlamento, para salvar a sua vida. ★ O Sr. Presidente da República regressa do Paraná, com sua comitiva, em um avião da FAB. ★ Entregue ao Sr. Embaixador João Neves da Fontoura, Ministro das Relações Exteriores, as insígnias de Grande Oficial da Ordem do Mérito Naval. ★ Entrega das insígnias da Ordem Nacional do Mérito ao Sr. Engenheiro César Rabelo.

29 — QUINTA-FEIRA — O Foreign Office recebe a resposta do govêrno egípcio às propostas britânicas sôbre o Sudão. ★ Reunidos em Londres, os suplentes francês, britânico e americano para o tratado de paz com a Áustria redigiram uma nota conjunta a respeito do mesmo. ★ O General James Van Fleet, que se retira do comando do VIII Exército, aparece em público, pela última vez, diante de uma multidão avaliada em 250 000 pessoas e reunida em sua homenagem diante do Capitólio de Seul. ★ O Primeiro Ministro Winston Churchill regressa à Inglaterra e descreve suas discussões com o Presidente Eisenhower como "informativas, privadas e confidenciais". ★ O projeto de ratificação dos tratados de Bonn e de Paris, aprovado pelo Conselho de Ministros da França, é entregue à Mesa da Assembléia Geral. ★ Embarca em Nova York, com destino ao Brasil, o Sr. Osvaldo Aranha. ★ Noticia-se oficialmente, em Buenos Aires, a próxima visita do Presidente Peron, ao Chile. ★ A Iugoslávia adverte a Bulgária de que deverá garantir que a missão iugoslava, atualmente em Sófia, não será molestada no futuro, sob pena de agir o Govêrno do General Tito expulsando os três membros da missão diplomática que os búlgaros têm em Belgrado. ★ O Sr. Presidente da República assina decreto nomeando o Sr. Major Brigadeiro Vieira Mascarenhas chefe interino do Estado Maior da Aeronáutica. ★ Assinado decreto, pelo Presidente da República, nomeando o Sr. Contra-Almirante Euclides de Sousa Braga para o cargo de Diretor Geral de Portos e Costas.

30 — SEXTA-FEIRA — Parte para a Europa, em companhia do Sr. Harold Stassen, o Secretário de Estado Foster Dulles. ★ A Rússia comunica aos ocidentais que concordaria com o reatamento das negociações do Tratado de Paz com a Áustria, porém sob certas condições. A França, Inglaterra e Estados Unidos respondem negativamente às pretensões de Moscou. ★ Nova leva de judeus chega à zona ocidental da Alemanha, fugindo à perseguição movida aos israelitas na zona soviética. ★ O Chanceler Adenauer concita os alemães a não aban-

donar a Alemanha Oriental. ★ Anunciado que o Presidente Peron visitará o Chile, onde chegará no próximo dia 20 ★ Notícia-se que um grupo de brasileiros conseguiu atingir o pico do Aconcágua, no dia 26 último. ★ Em Quito, verifica-se um choque político, havendo cerrado tiroteio entre os litigantes. ★ Em Paris instala-se, sob a presidência do "Premier" Mayer, uma Conferência de Ministros de Transportes europeus. ★ O Chanceler nipônico declara que o Japão não se manterá neutro em face do comunismo e está se armando para preparar as suas defesas.

31 — SÁBADO — O Presidente Eisenhower decide ordenar a "desneutralização" da Ilha Formosa, posta em vigor por Truman. Com essa decisão, será preparado o caminho para a invasão do território chinês ocupado pelos comunistas, por parte das tropas de Chiang Kai Shek. Essa notícia é recebida com preocupações pelos círculos britânicos. ★ Chegam a Roma os Srs. Foster Dulles e Harold Stassen, iniciando a visita que farão aos diversos países europeus, com recomendações de Eisenhower. ★ Naufraga, prêsa de tempestade, o navio "Princess Victoria", que fêz o serviço diário entre a Escócia e a Irlanda do Norte. Houve numerosas mortes entre as 183 pessoas que viajavam no barco afundado. ★ Registram-se outros desastres marítimos em águas inglêsas. ★ O Sr. Presidente da República profere através da "Voz do Brasil", da Agência Nacional, o discurso comemorativo do segundo aniversário do atual govêrno.

A BELEZA DOS SEIOS BÉL-HORMON

Quando o busto fôr insuficiente ou sem firmeza, use BÉL-HORMON nº 1; e quando fôr ao contrário, demasiadamente volumoso, use BÉL-HORMON nº 2. BÉL-HORMON, à base de hormônios, é um preparado moderníssimo, eficiente, de aplicação local e resultados imediatos. Aquira-o nas farmácias e drogarias ou pelo Correio.



BÉL-HORMON

Distribuidores para todo o Brasil: Sociedade Farmacêutica Quintino Pinheiro Ltda. - Rua da Carioca, 33 - Rio de Janeiro.

Soc. Farmacêutica Quintino Pinheiro Ltda. — Queiram enviar-me pelo Reembôlso Postal um vidro de «BÉL-HORMON» nº ....

NOME ....

RUA .... Nº ......

CIDADE .... ESTADO ....

Preço para todo o Brasil Cr$ 50,00

★

COMO É FÁCIL SABER TUDO

DICIONÁRIO DE NOMES PRÓPRIOS

PEQUENA ENCICLOPÉDIA POPULAR

BIOGRAFIA DE TODOS OS SANTOS E PERSONALIDADES HISTÓRICAS OU LEGENDÁRIAS

Por motivos superiores à nossa vontade, esta seção foi interrompida durante largo tempo, criando assim uma lacuna que, se desagradou aos nossos leitores, não aborreceu menos a esta redação. Hoje, felizmente, podemos reiniciá-la, o que fazemos justamente do ponto justo em que parou, isto é: do nome próprio PÁTREUS. Com isso o nosso Dicionário de Nomes Próprios ficará completo.

PATREUS (Mitologia Grega), herói epônimo da cidade de Patras, na Achaia, que se chamou primeiramente Aroé.

PATRÍCIO ou PATRICK (Santo), primeiro arcebispo de Armagh e Apóstolo da Irlanda, nascido provàvelmente no valado do Clyde, perto de Dumbarton (Escócia), em 377, morto na Irlanda, em 460. Seu pai, Calpurnius, tinha a dignidade de decurião; a mãe, Concessa, era sobrinha de S. Martinho de Tours. Raptado, aos dezesseis anos, pelos piratas, Patrício foi levado para Irlanda, onde ficou seis anos, vivendo como escravo. Regressando a sua pátria, caiu mais duas vêzes em cativeiro. Recuperando finalmente a liberdade, em 399, viajou para Bordeaux e depois para Tours, onde ingressou na vida monástica. Visitou a Gália, as ilhas de Lerins e a Itália. Ordenado padre em 410, partiu finalmente para a Irlanda; não havendo, porém, frutificado a sua pregação, retornou a Roma, a fim de obter do Papa uma missão canônica. Só em 432, retomou o caminho da Irlanda, depois de ser sagrado bispo e ter recebido dos Papas Celestino I e Sixto III, o título de legado. Desta vez sua missão teve pleno êxito. Foi em 454 que estabeleceu a Sé primacial de Armagh; viajou ainda duas vêzes para Roma (445 e 455 ou 456), e morreu cercado da veneração universal. Segundo as opiniões que adotamos dos bolandistas, diversos críticos apontam o ano de 372 como o do seu nascimento, enquanto outros indicam o ano de 373. Quanto à sua morte, são apontadas igualmente datas diferentes, além da já citada, de 460. De fato são indicados os anos de 458, 463, 465 e 493. Além disso, quatro locais disputam a honra de haver possuído a sua sepultura: Armagh, Saul, Donwnpatrick e Glastonbury. Sua festa (17 de março) é na Irlanda, anualmente, solenidade nacional. Dêle restam, em latim, Confissão de Patrício, espécie de autobiografia, além de uma Carta a Carótia, príncipe do país de Gales.

PATROCLO (Mitologia Grega), herói homérico, filho de Menoitios de Oponte e de Sthenelea ou de Polimele, filha de Peleu. Em sua mocidade matou, involuntàriamente, com um golpe de placa do jôgo de malha, Clesônimo, filho de Amfidamas. O pai o enviou para a casa do irmão, Peleu. Patroclo foi criado e educado por Chiron, juntamente com Aquiles, tornando-se seu irmão de armas. Foi um dos pretendentes à mão de Helena. Acompanhou Aquiles a Tróia. Quando êste, irritado contra Agamenon, recolheu-se à própria tenda, consentiu em emprestar suas armas a Patroclo, com a condição de que êste combatesse os troianos, sem avançar, porém, até às muralhas de Tróia. Mas Patroclo esqueceu as recomendações de Aquiles e Apolo o castigou com a imobilidade. Eufórbio aproveitou êsse instante para atacar o herói pelas costas, ferindo-o com sua lança. Heitor acabou de liquidar Patroclo, roubando-lhe as armas de Aquiles. Mas Menelau conseguiu recuperar aos troianos o corpo do herói. Aquiles recuperou suas armas e, para vingar o amigo, matou Heitor. A seguir levantou um túmulo em homenagem a Patroclo, além de solenes funerais, que Homero descreveu.

QUEBRA CABEÇAS

Diretor: DR. LAVRUD — Secretário: DABLIÚ — ANO XXXVI — N.º 10 — MARÇO — 1953
Dicionários adotados nesta seção: Simões da Fonseca — Hildebrando — Gustavo Barroso, Pequeno Brasileiro, 9.ª edição — Papyrassu, Monossílabos — Sylvio Alves, Breviário — Dicionário de Nomes Próprios, de Lidaci — Provérbios Originais, do Dr. Lavrud.
Tôda correspondência sôbre charadas deve ser dirigida para a redação de EU SEI TUDO — Rua Visconde de Maranguape, 15 — e endereçada ao redator desta seção.

PRIMEIRO TORNEIO JANEIRO-MARÇO

LOGOGRIFO

107
Carioca feiticeira,
Morena de olhar pidonho, 3-2-5-6
Flor da "*mulher*" brasileira, 2-1-3-4
Quero amarte só em sonho.

O *fardo* do meu viver 3-4-1-6
Minha fôrça mal *levanta*; 2-1-5-6
Como é que te vou querer
Se minh'alma já não canta?

Vai com Deus, ó tijucana,
Tem "*paciência*" * comigo!
Se evito Copacabana
E' por causa do perigo.
* Planta

Hamer Índio (Nova Iguaçu)

CHARADAS CASAIS

108
Quatro — Vamos ao *assalto*, mas não nos esqueçamos: o objetivo, tem que ser *atacado de improviso*.
Acobar (Maceió)

109
Quatro — O *turbulento* rapaz provocou violenta *paneadaria*.
Adolfo Tuchman (Rio)

110
Três — *Denuncio* à polícia se souber quem quebrou o *alcatruz*.
Bisilva (Manaus)

111
Quatro — No desenfreado *galope do cavalo* e na *arremetida* soberba para agarrar a rês tresmalhada, o vaqueiro nordestino é incomparável!
Conselheiro (S. José de Mipibu)

112
Três — E' peculiar da *pessoa manhosa ou avarenta* realizar tudo de modo *dissimulado*.
Dr. Jofran (Fortaleza)

113
Quatro — Sujeito *baixo* só se dá bem ombreando-se com mulher *grosseira*.
Dr. Zepanta (Alagoas)

MOLÉSTIAS DA BEXIGA

A irritação intolerável e os ardores produzidos pelos distúrbios da bexiga, devem ser combatidos, logo de início. Sendo a bexiga a porta de saída das substâncias tóxicas e impurezas que os rins separam do sangue, sofre-se dores cruciantes quando esse delicado orgão está inflamado, devido ao contacto com tais substâncias. O exagerado desejo de aliviar a bexiga, os ardores e as irritações das vias urinárias devem ser combatidos, tomando, ainda hoje, as Pilulas de Witt para os Rins e a Bexiga. Sua ação calmante e antisética, faz-se sentir logo na bexiga, nos rins e em todas as vias urinárias.

As Pilulas De Witt são fabricadas especialmente para as doenças dos Rins e da Bexiga.

Pilulas DE WITT
para os Rins e a Bexiga
Em vidros de 40 e 100 pilulas
O grande é mais econômico

114
Quatro — E' uma *povoação insignificante em lugar penhascoso*, mas tem um panorama *de excelente aspecto*.
El Principe (Uberaba)

115
Quatro — Tôda pessoa que fala com *grande ruido* é um *desassisado*.
Fusinho (Bangu — Rio)

116
Três — O *rascunho* desta carta é *muito pequeno*.
Fiote (Cuiabá)

117
Três — *Implico* com as pessoas que fazem *debique* de tudo.
Heliotrópio (Pôrto Alegre)

118
Duas — Na *reunião* da Diretoria do C.E.C. sôbre o intercâmbio charadístico, faz Lidaci brilhante *proclamação*.
Sam — C.E.C. (Rio)

119
Duas — O castigo para a *mulher gritadeira*, em Portugal, é um estágio de alguns dias na *mais pequena ilha dos Açores*.
Marcimento (S. Paulo)

120
Três — Tôda pessoa *maldizente*, o que lhe falta é *riqueza*.
Matsuk (Rio)

121
Duas — Numa *canastra em forma de selha* coloquei o *ramo de árvore com frutos*.
Sefton (Rio)

122
Cinco — Por ter *logrado* o marido, a mulher foi *espancada*.
Seamvo (Santos)

123
Duas — Se me deres uma *fatia* de bolo, te darei um *pedaço* de queijo.
Sertaneja (Rio)

ENIGMAS

124
Você que lê duas vêzes
Prestando tôda atenção,
De certo vai achar fácil,
Logo nota a solução,
Se não notar, meu amigo,
Não procure *discussão*.
Jomaque — C.E.C. (Rio)

125
Se a parte que fica atrás
Com subtileza fôr posta
Para a frente ou para o lado,
Fica tudo em boa paz.
Mas se assim não fôr disposta...
Fica tudo *revirado*.
Asclepios (Rio)

126
Onde entre vontade tenaz
Nada existe inoperante;
Pois saber querer é na vida,
Fato assaz importante.
Sefton (Rio)

127
Eu li duas vêzes teu tratado
E não achei a causa do teu mal,
Desconfio que isto é *mau olhado*,
E se fôr, meu amigo, é mau sinal
Jomaque — C.E.C. (Rio)

CHARADAS ANTIGAS

128
Certa mulher bela e rica,
Os corações *mortifica*, — 2
Com seu olhar feiticeiro.
Ela sabe que anda *errada*, — 2
Mas gosta de ser amada,
Até pelo *desordeiro*.
Gil Virio (Andradina)

À Trinca Charrua

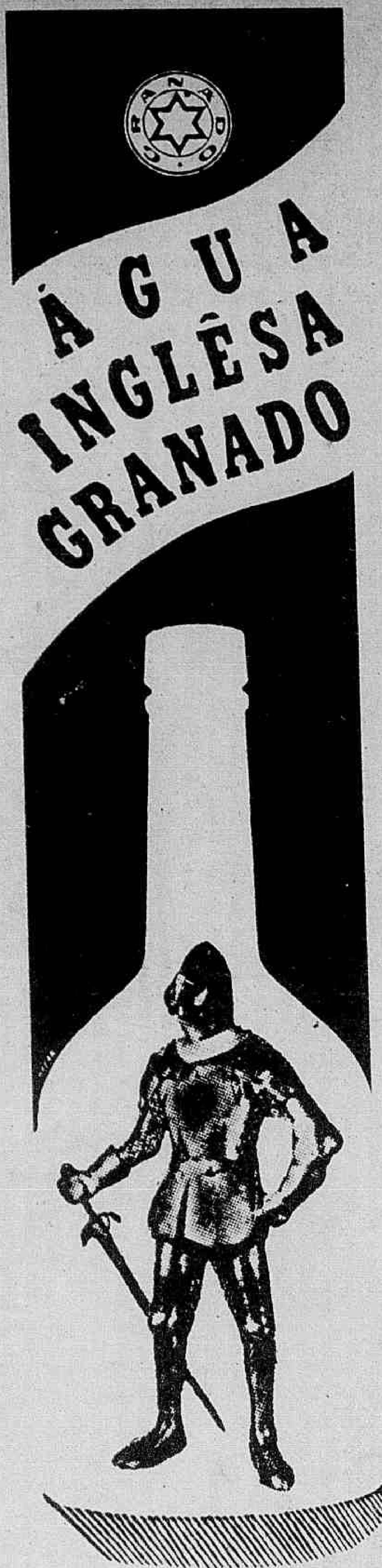
129
Homem sábio, o Padre Chagas - 2
E' tão *grave* que ressalta, — 2
Não teme magos nem sagas,
Nem tão pouco *pessoa alta*.
Heron Silpes (Canavieiras)

CHARADAS NOVÍSSIMAS

130
Três — uma — Na *discussão* êle foi *até* muito *elegante*.
Asclepios (Rio)

131
Uma — duas — Não há *pretexto* que justifique o vício do *jôgo* e da *embriaguez*.
Ed Vep (Maceió)

132
Duas — duas — O *velhaco*, na *entrada da rua* fêz uso do seu *cacete grosso e curto*.
Walter T. Chaves (Rio)



133
Duas — duas — *Suja* sempre os *calçados de couro* o *mau engraxador*.
Dalwa (Rio)

134
Duas — duas — *Excelente* é o modo desta *mulher distinta*.
Roazo (Maranhão)

135
Três — duas — A *prata* tratada por um agente químico *ativo*, torna-se em *azogue*.
Tony (Campo Florido)

136
Duas — duas — Nunca supus pudesse haver tanta *meiguice* num *homem* tão *velhaco!*
Zytho (Rio)

137
Duas — uma — duas — uma — três — Entrei na *fila* dos desempregados por *"causa"* do meu *amo*, homem sem *"caráter"* e sem *habilidade* para nada, devido ao uso da *cachaça*.
Segon (Rio)

138
Duas — duas — No *largo*, o gato briga com o cão e *solta miados* fazendo medonho *ruído*.
José Balsamo (Rio)

139
Duas — uma — Mete a *ripa!* *Aquilo* é contrabando do *Carcamano!*
Eva Dio (Rio)

140
Duas — uma — uma — A dor que sinto no *pulmão, alto lá!* não é fita e o que dizes *chega* até a ser *injúria*.
Iza Abel (Rio)

141
Uma — duas — O *comilão*, depois de empanturrado, imagina ser uma *espécie de arcânjo das macumbas* envoldido em *fogo fátuo*.
Guilherme Tell (Rio)

CHARADAS SINCOPADAS

142
Três (duas) — Nem todo *sujeito simplório* é *ingenuo*.
Edur G. Monteiro (Cuiabá)

Torne seu busto
MAIS FIRME
MAIS JOVEM



Pasta Russa

Conserva e dá aos seios firmeza, perfeição e encanto. PRATICO, DISCRETO, EFICIENTE. Garantia absoluta, comprovada em famosos institutos de beleza. Nas drogarias, farmácias e perfumarias.

Dist. Araújo Freitas & Cia. Não encontrando no local, enviem antecipado Cr$ 35,00 para Lab. Jardim, End. Tel. Mendelinas, Rio, que remetemos.

143
Segue o homem
[pr'o *trabalho.*
Pega no ferro ou
[no malho
Numa constante la-
[buta.
Tem transformado
[o seu *rosto.*
Peleja até o sol
[*pôsto,*
Quando descança
[da luta.
Apolônia Vilar —
(Campina Grande).

144
Para o mestre Bisilva, prometendo abolir as "quilométricas.

Três (duas) — O ponto sorteado foi a *oscilação aparente da lua,* tendo os dois candidatos discorrido com igual *erudição.*

Conselheiro (S. José de Mipibu — Ba.)

145
Três (duas) — Se há *barulho* é por causa de um raio.

Gomes Júnior (Maceió)

146
Três (duas) — Por *ordem* da polícia, não será permitido nenhum *agrupamento.*

Gil Virio (Andradina)

147
Três (duas) — Quem não tiver *ânimo* para o trabalho, não terá também *energia* para mais nada.

Heron Silpes (Canavieiras)

148
Três (duas) — Quem leva *vida dissoluta* não entra em *lugar onde se discutem altas questões.*

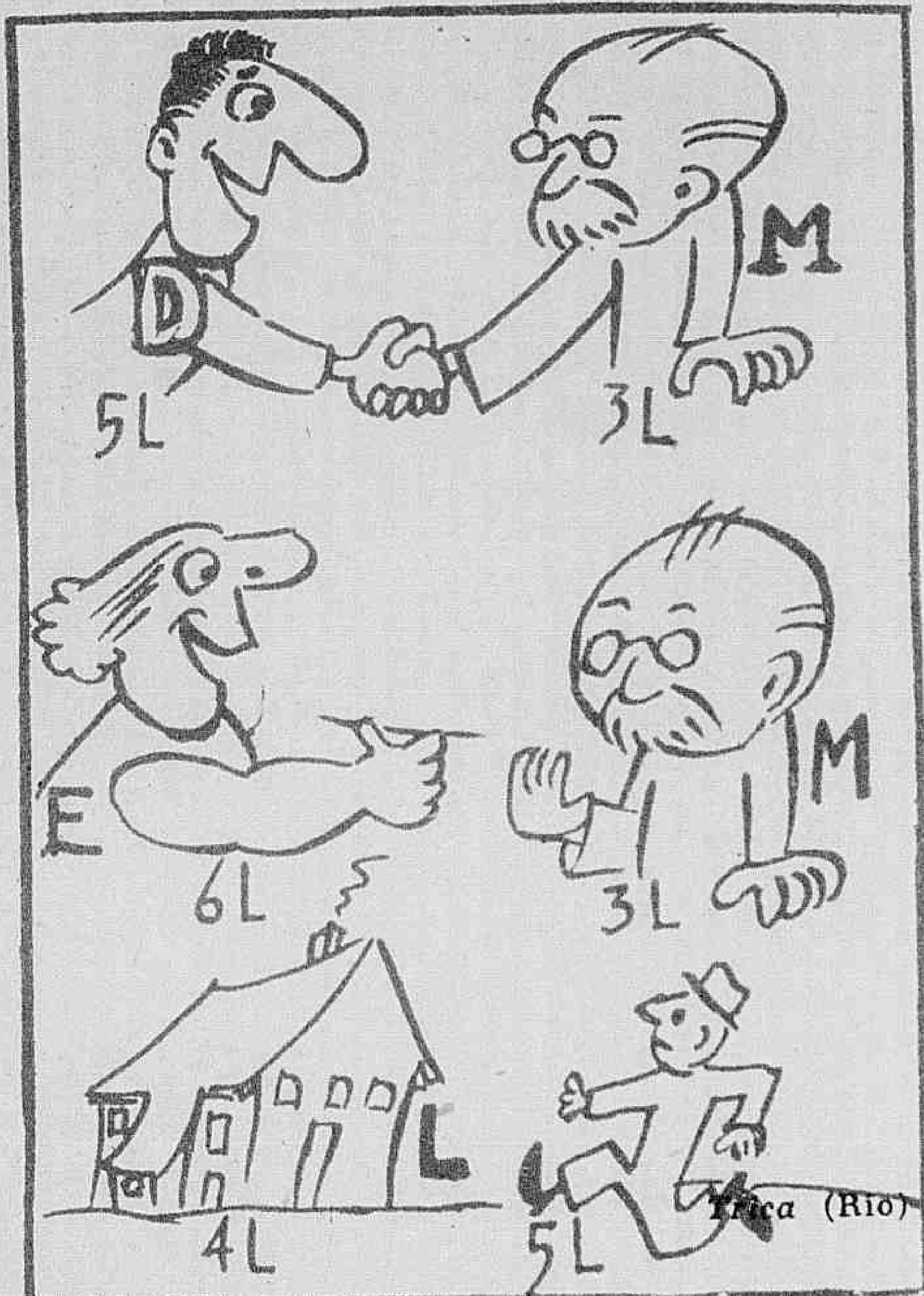
Jomaque — C.E.C. (Rio)

ENIGMA FIGURADO — 158



Jomaque — C.

ENIGMA FIGURADO — 1



Trica (Rio)

149
Três (duas) — *Ordinário* é aquêle que utilisa tôdas as *indolências.*

K.T.Q.Z (S. Paulo)

COMO APRENDER A DANÇAR



4ª EDIÇÃO AMPLIADA

Com a nova dança, «Baião», Samba liso, e os últimos passos de Bolero, Rumba, Swing, contendo 120 gráficos, 830 passos, facilitando as senhoritas e cavalheiros a aprenderem em suas próprias casas em 10 dias apenas, no princípio sem companheiro ou companheira. Método de rítmos modernos pelo Prof. do «CURSO PRATICO DE DANÇAS RITZ». Aulas particulares, rua da Liberdade, 120 — Preço: Cr$ 45,00 — Pedidos pelo reembôlso postal — com o autor — Caixa Postal, 649 — São Paulo.

A venda também nas livrarias do Rio e Livrarias e Casas de Música de São Paulo.

150
Três (duas) — A *corisa* cura-se com inalação de arruda com *cachaça.*

Malba Tantan — P.S. — C.E.S. (Santos).

151
Três (duas) — E' realmente uma *surprêsa dolorosa* o desprêso daquela *mulher encantadora.*

P. Del Debbio (S. Paulo)

152
Três (duas) — Todo sujeito *amalucado* tem *falha* de memória.

Sertanejo II (Lavras)



EVITE A OBESIDADE

Com o uso diário do ENO. Elimina as toxinas do organismo, combate a prisão de ventre, a azia e a acidez... Laxante ideal, alcalinizante e estomacal.

"SAL DE FRUCTA"

ENO

Mais de 70 anos de uso no Mundo inteiro!

153

Três (duas) — A *cova* é a liberdade da *miséria*.

Velo Vela (Rio)

154

Três (duas) — A *rapasiada* do Vasquinho se prepara para a folia, já deu o primeiro passo, escolhendo a *fantasia*.

Carlinhos — C.E.C. (Morro Agudo)

155

Três (duas) — O *paladino das damas* fêz trapaça no jôgo; arranjou um *barulho preparado para dar ganho a um dos parceiros*.

Edur G. Monteiro

156

Três (duas) — Pessoa rica só é *esquecida* quando lhe advém a *ruina*.

Ed Vep (Maceió)

157

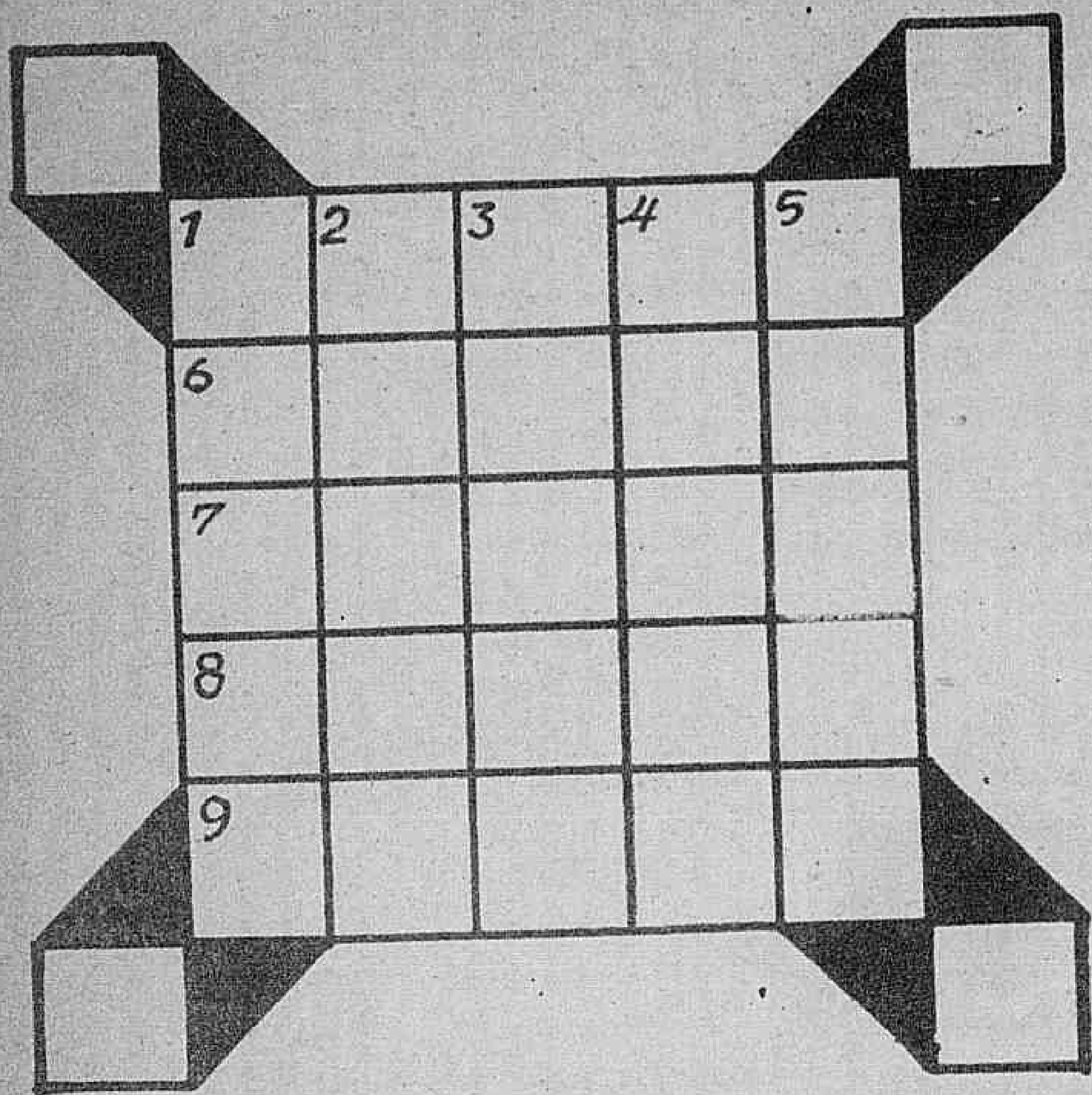
Três (duas) — *Repórter antigo* nunca *erra*.

Fiote (Cuiabá)

SOLUÇÕES DO 2º TORNEIO DE 1952

1 — Pedarquia; 2 — Prosperidade; 3 — Tempo quente; 4 — Trasflor; 5 — Arataca; 6 — Bocório; 7 — Matraca da quaresma; 8 — Pelado; 9 — Ferropeia; 10 — Espanta lôbos; 11 — Bolacha; 12 — Doente; 13 — Menoscabo; 14 — Corta-bôlsas; 15 — Gozado; 16 — Catênula; 17 — Naturalmente; 18 — Tiorega; 19 — Vuvu; 20 — Apisto; 21 — Neblina; 22 — Pindonga; 23 — Sédulo; 24 — Direito; 25 — Veleta; 26 — Logreiro; 27 — Narrado; 28 — Fradesco; 29 — Pacoca; 30 — Corrente; 31 — Fórnice; 32 — Tafulão; 33 — Concêrto; 34 — Treloso; 35 — Gravatinha; 36 — Sarambelada; 37 — Medonho; 38 — Roda/o; 39 — Luta/o; 40 — Balbucia/o; 41 — Refresca/o; 42 — Converso/a; 43 — Irrita/o; 44 — Apega/o; 45 — Tamancuda/o; 46 — Canta/o; 47 — Ensombra/o; 48 — Avêsso/a; 49 — Referta/o; 50 — Ponta/o; 51 — Estalecida/o; 52 — Aberto/a; 53 — Chucho/a; 54 — Graça de graça não tem graça; 55 — Tôda bôda é rica; 56 — Transitei; 57 — Pai-Gonçalo; 58 — Manho/a; 59 — óbvio/a; 60 — Partido/a; 61 — Finco/a; 62 — Sêlo/a; 63 — Sêco/a; 64 — Baixo/a; 65 — Enguiça/o; 66 — Morro/a; 67 — Revôlto/a; 68 — Tabaqueiro/a; 69 — Apertada/o; 70 — Corrido/a; 71 — Aberto/a; 72 — Capango/a; 73 — Esporo/a; 74 — Busilhão; 75 — Samica; 76 — Namorada; 77 — Estatuto; 78 — Evasão; 79 — Bagaço; 80 — Motreco; 81 — Gaivota; 82 — Faquino; 83 — Pocema; 84 — Pároco; 85 — Sabuga; 86 — Petegar; 87 — Preciso; 88 — Precito; 89 — Digito; 90 — Fiota; 91 — Bofetão; 92 — Cascavel; 93 — Compenetrado; 94 — João-Grande; 95 — Manjolinho; 96 — Armador; 97 — Alfageme; 98 — Britado; 99 — Ganha-dinheiro; 100 — Cabeludo; 101 — Quérquera; 102 — Sulaque; 103 — Moleque; 104 — Mocambo; 105 — Insólido; 106 — Descaramento; 107 — Carreador; 108 — Remontado; 109 — Antes ter sarampo que variola; 110 — Um prêto à noite parece dois; 111 — Mancipio; 112 — Nica; 113 — Chama; 114 — Facultoso; 115 — Catenula; 116 — Morre-morrer; 117 — Acalenta-menino; 118 — Serafico; 119 — Voadura; 120 Descompasso; 121 — Desarrima; 122 — Folacho; 123 — Escravadura; 124 — Balsamar; 125 — Matadouro; 126 — Lardo; 127 — Maleva; 128 — Quinta essencia; 129 — Noivado; 130 — Lesão; 131 — Direção; 132 — Enxerga; 133 — Maceta; 134 — Nolição; 135 — Beneque; 136 — Madrinha; 137 — Colmado; 138 — Animo; 139 — Refrega; 140 — Morgado; 141 — Cabeiro; 142 — Pasmoso; 143 — Corumba; 144

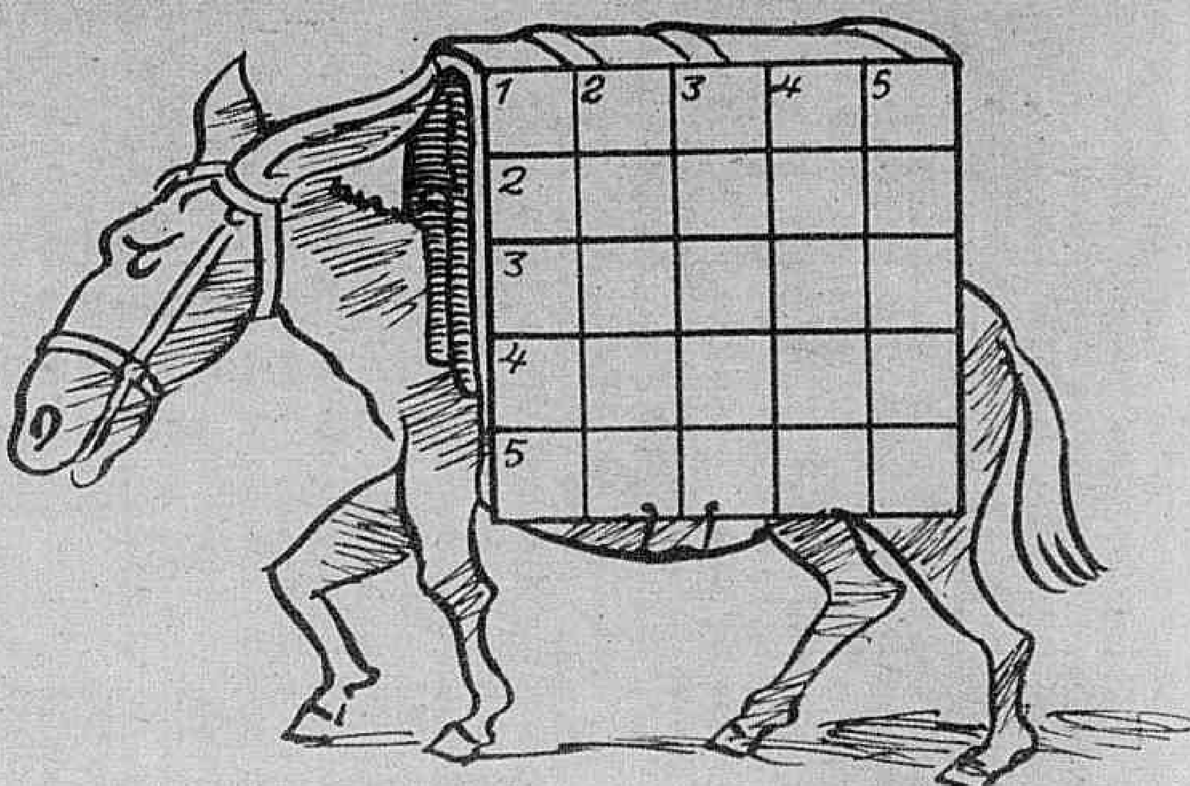




Agagêcê (Rio)

Horizontais — 1 — Largo planalto nos baixos Vosges; 6 — Nome que no Amazonas dão ao canindé; 7 — Animação; 8 — Acumulo patológico de líquido proveniente do sangue, em qualquer tecido ou órgão; 9 — Nivelas.

Verticais — 1 — Oração que os mouros fazem a Deus antes do nascer do sol; 2 — Aradura; 3 — Energias; 4 — Rio que nasce nos Alpes do Delfinado e desemboca no Rhodano; 5 — Filetes.



Bisilva (Manaus)

Horizontais e *Verticais* — 1 — Clamor; 2 — Nome dado a rochedos que se encostam à terra firme e interrompem a linha arenosa das praias; 3 — Inalterável; 4 — Aguardava; 5 — Filetes em um ornato oval de capitel.

Domino; 145 — Plano; 146 — Pelanco; 147 — Surro; 148 — Petisqueiro; 149 — Indigesto; 150 — Piririco; 151 — Mescla; 152 — Fuseiro; 153 — Farrusco; 154 — Guilho; 155 — Atrofia; 156 — Secio; 157 — Ambiesquerdo; 158 — Estimulo; 159 — Soçobro; 160 — Afogo; 161 — Inferno; 162 Duas mulheres e um homem um só amor; 163 — Há mãe sogra e sogra mãe.

Palavras Cruzadas

Nº 1 — *Horizontais* — 1. midas, 6. parecis, 8. atilada, 9. caráter, 10. agitara, 11. sabores, 12. laras.

Verticais — 1. matagal, 2. iririba, 3. delator, 4. acatara, 5. sideres, 6. pacas, 7. saras.

Nº 2 - Horizontais - 1. nababa, 7. amatar, 8. matuta, 9. oraram, 10. ratada, 11. amaros.

Verticais — 1. namora, 2. amaram, 3. batata, 4. aturar, 5. datado, 6. aramas.

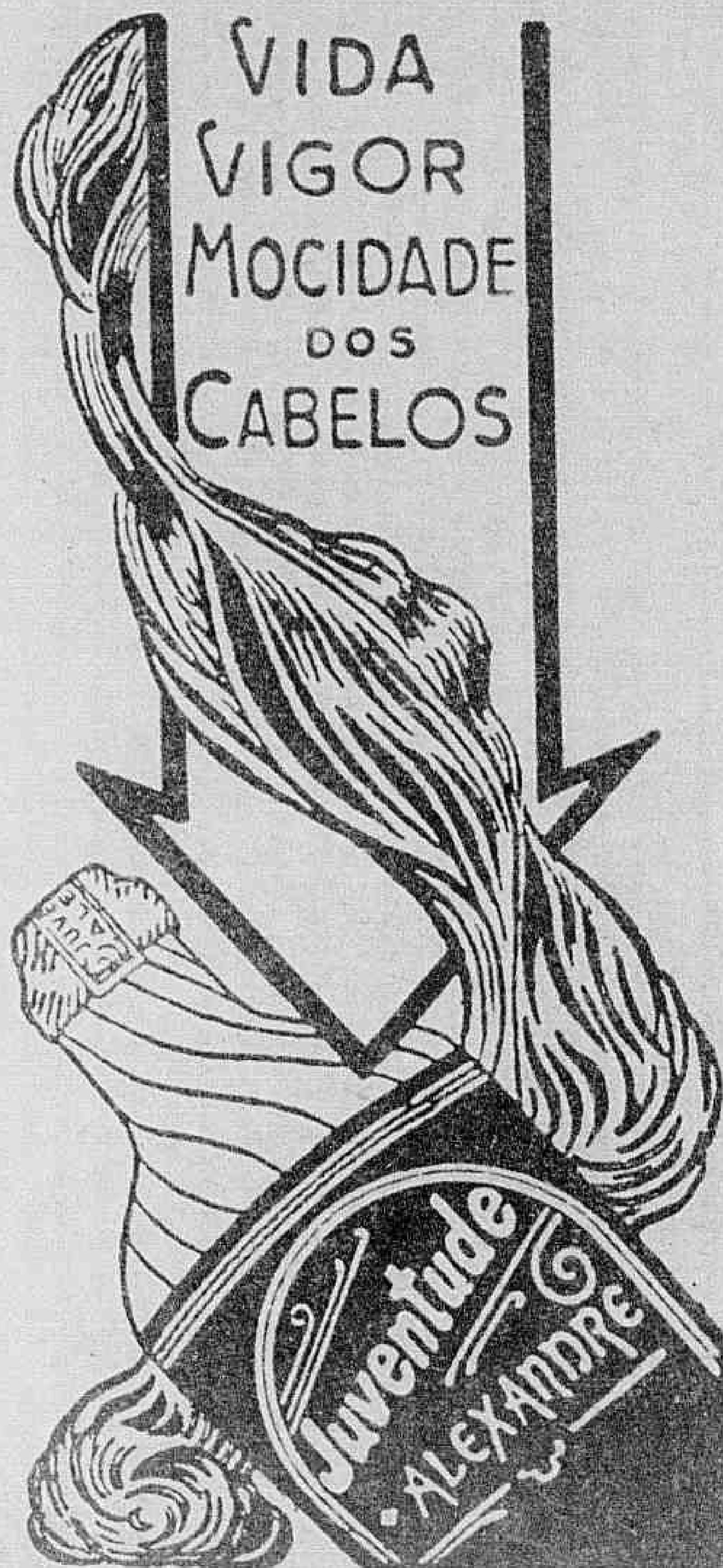
EFEITO SENSACIONAL NA
ASMA
remédio do dr. REYNGATE
«A salvação dos asmáticos»
As gotas que dão alívio imediato nas tosses rebeldes, bronquites crônicas e asmáticas, coqueluche, sufocações e ânsias, chiados e dores no peito.
Dist. Araújo Freitas & Cia. Não encontrando no local, enviem antecipado Cr$ 35,00 para Lab. Jardim, End. Teleg. Mendelinas, Rio, que remetemos.



É TÃO FÁCIL GANHAR
CR$ 1.000,00
Não deixando de ter em casa o melhor para os móveis
Óleo de Cedro
Se a senhora ainda não experimentou êste produto, experimente-o que jamais deixará de usá-lo, estamos absolutamente certos.
RESULTADO DA «VISITA-SURPRÊSA» TODOS OS DOMINGOS NO «RADICAL» E AS SEGUNDAS-FEIRAS NO «CORREIO DA NOITE»



JUVENTUDE
ALEXANDRE



Nº 3 — *Horizontais* — 1. apa, 4. aleta, 6. ra, 7. ob, 8. c, 9. a, 10. as, 12. el, 13. sócio, 15. bas. *Verticais* — 1. ala, 2. re, 3. ato, 4. arcas, 5. abalo, 11. sob, 12. eis, 14. ca.

Nº 4 — *Horizontais* — 1. confrade, 9. aparatos, 10. fico, 11. ruc, 12. una, 13. sar, 14. cariocas, 16. araruama. *Verticais* — 1. cafuca, 2. opinar, 3. nacara, 4. fro, 5. ra, 6. atraca, 7. douram, 8. escusa, 13. sou, 15. ir.

Nº 5 — *Horizontais* — 1. salto, 2. atura, 3. batos, 4. ocapi, 5. rosas. *Verticais* — 1. sabor, 2. ataco, 3. lutas, 4. tropa, 5. oasis.

Nº 6 — *Horizontais - Verticais* — 1. socava, 2. ominar, 3. citola, 4. anojar, 5. valada, 6. araras.

CORRESPONDÊNCIA

Juca Pirolito (Pôrto Alegre) — Com grande satisfação recebemos as listas da turma. Vamos trabalhar. Recebemos e logo agradecemos.

Conselheiro (S. José de Mipibu — Ba.) — O confrade tem direitos adquiridos e é sempre com o melhor agrado que aceitamos os seus bons trabalhos.

Hamer Indio (Rio) — Inscrito para todos os efeitos.

FALECIMENTO

Faleceu nesta capital, no dia 29 de janeiro, a Exma. D. Carmen Arozo, espôsa do nosso velho amigo e colaborador do Maranhão, Amadeu Arozo (*Roazo*) a quem apresentamos as nossas condolências.

General Antônio Homem de Almeida — Foi promovido a general do Exército o nosso antigo colaborador *Major Agá*.

Parabéns.

VISITAS

Estiveram em nossa redação os seguintes confrades: *Janota* (Almirante Escolápio de Paiva, de Santos); *Lidaci* (Coronel Leandro José da Costa); *Trica* (Antônio Trica); *Coringa* (Onofre Santos).

★

COMO VOCÊ RESOLVERIA ...?

(*Resposta da pág.* ..)

Fui direto a uma loja de brinquedos e comprei cinquenta "cataventos" de finissima fôlha de madeira, que tratei de pintar com tinta fosforescente. A seguir, coloquei-os ao longo das alamedas, protegendo as minhas plantas. Girando a noite tôda, sob a brisa fresca, êles não consentiram que os devoradores de plantas se aproximassem.

VELHOS e MOÇOS

FRACOS E SENIS

A época atual, agitada, febril e enervante, exige do homem grande fôrça de vontade para vencer tôdas as dificuldades que se lhe deparam na árdua luta pela existência. Quando um homem tem o sistema nervoso descontrolado, quando sofre de insonia e falta de memória, êle não pode, de forma alguma, firmar a sua vontade, candidatando-se, assim, a inteiro fracasso no exercício da sua profissão. Em tais casos, torna-se imprescindível o uso de um tônico poderoso, que combata rápida e eficazmente o mal. Êsse tônico só poderá ser "Gotas Mendelinas", o surpreendente restaurador do sistema nervoso, o remédio que faz maravilhas pelo seu poder curativo.

Dist. Araújo Freitas & Cia. Não encontrando no local, enviem antecipado Cr$ 35,00 para Lab. Jardim, End. Teleg. Mendelinas, Rio, que remetemos.

Alivio rápido para

HEMORROIDES



Man-Zan é a pomada que alivia, *na hora*, as dôres e os pruridos causados pelas hemorroides. Man-Zan acalma e refresca. MAIS ATÉ: Man-Zan é antisséptico suave para os tecidos, mortal para as bactérias. Por isso, Man-Zan também previne as infecções e outros graves males consequentes das hemorroides.

Um produto De Witt - à venda em tôdas as farmácias.

Coadjuvante para Hemorroides

Pomada ManZan

Aprovado pelo Depto. Nacional de Saúde, sob n. 77, em 12/2/41.

EU SEI TUDO

N.º 430 — Ano XXXVI N.º 10 — Março de 1953

SUMÁRIO:

Frontispício — O Papai atrapalhava (conto) 5
Pequenas confidências 9
Seria realmente a bomba de hidrogênio? 11
Excursões... e amolações rodoviárias 14
Novo processo de construção 14
Esterilidade 14
Exposição de rosas (conto) 15
O salto do "Diácono" (Episódio real) 19
São loucos os pintores modernistas? 21
Terror party 26
O lado risonho da vida 28
Por que fracassam certos casamentos? 29
O lôbo das 17 horas e 15 minutos... ou O conquistador logrado 33
A "Boa Resposta" do mês 34
A fôrça de um juramento (Romance — Continuação) 35
Breve repouso (Quadro de Jules Montigny — Policromia) 43
Sempre devemos tentar 45
As viúvas são perigosas (Conto) 46
A Justiça não se compra 49
Os sete ruídos mais irritantes da metrópole 50
Alarma no mundo das jóias 53
Um perigo latente sob os nossos pés 57
Um que vem de muito longe 61
Indiscretos 61
Chorar lágrimas de diamantes! 61
Luvas de lã, para a "velha" 61
Os grandes erros judiciários (VIII) — A grande aventura de Zoé Mabille 62
Vetado o casamento do Rei 65
Mãe artificial 65
Por que você me matou? (Conto) 66
Explorando o Brasil Meridional 69
A pupila rubra (Romance — Conclusão) 77
Vacas repousando (Quadro de Guilherme Frei — Policromia) 85
Um bombeiro irresistível (Episódio real) 87
A matemática dos selos 88
Como você resolveria Isto? 93
Nos domínios da Gramática 94
Os segredos da Alta Perfumaria 95
Memento EU SEI TUDO — O mundo há 60 dias — Jan. de 1953 105
Dicionário de nomes próprios 110
Quebra-cabeças, charadas, etc. 111

A CAPA — Duas coisas realmente preciosas: uma mulher bonita, dêsse tipo bem brasileiro, que entra pelos olhos e incendeia o coração... e água! Água boa, para beber e para o banho! Mulheres assim, graças a Deus, temos muitas, da Gavelândia aristocrática, passando pelos demais bairros da zona sul, até ao outro extremo desta encantadora cidade, sem esquecer Caxias e os morros de nomes pitorescos. Água, infelizmente, SÓ ÀS VÊZES...

CORRESPONDÊNCIA



Fermata do Brasil (Editôres de músicas) — Agradecemos a gentileza da remessa, recebida com muito agrado.

Sérgio Luís Dieguez — Uberaba — Muito apreciamos a sua carta; a sua reclamação, muito justa, coincidiu (Oh, as surprêsas do acaso!) como reinício da seção, no presente número. Não pôde ainda ser em página inteira, o que será, com certeza no seguinte número. Quanto ao segundo item, com v a g a r será atendido. Creia, porém, que essas interrupções foram devidas a motivos superiores à nossa vontade.

Edson A. Ribeiro — Rua Pereira da Silva, 536, D. Federal — Não podemos responder como desejaríamos, ao seu pedido de informação. Simplesmente aconselhamos escrever à revista norte-americana "Life", a qual, possìvelmente, fornecerá todos os detalhes desejados.

Waldemar Pessoa de Albuquerque — Olinda — Estado de Pernambuco — Impossível, no momento. Não deve esquecer que outros assuntos exigem páginas... e não as temos em tal número que permita atender a êsses pedidos.

No próximo número: **novo romance policial — POR TRÁS DA PORTA AMARELA** — do grande novelista Valentim Williams — Intriga, emoção, mistério. — Tudo para prender a atenção do leitor num desafio à sua argúcia de «Sherlock amador». Aguardem!